



Cornélio Pires
(esquerda), escritor
que retratou
a cultura caipira e
criou tipos
como Joaquim Bentinho
(na ilustração acima)

Sem reedições, o centenário do cronista Cornélio Pires

ERNANI SILVA BRUNO
Da nossa equipe de articulistas

Chega-se amanhã ao centenário do nascimento de Cornélio Pires (ele nasceu na cidade de Tieté a 13 de julho de 1884) e seus livros continuam, como há várias décadas, esgotados e sem qualquer perspectiva de reedição. Escritores e jornalistas relembram todos os anos — como eu mesmo estou fazendo neste momento — a curiosa figura desse contador de histórias caipiras. E procuram avaliar a importância literária ou documental de seus trabalhos. Mas na verdade, para o público leitor de hoje — que não encontra suas obras no mercado livreiro — Cornélio vai se transformando em uma vaga figura, quase mitológica, que pôs no papel umas “conversas ao pé do fogo” e deu vida a um personagem infinitamente criativo e mentiroso chamado Joaquim Bentinho.

Não se ignora que sua carreira literária começou no início do século, estimulada por Amadeu Amaral, escritor de prestígio que, lendo em uma revista um soneto de inspiração caipira, de CP, teria dito ao autor: “Muito bem! Você descobriu um filão a explorar e que está inteiramente abandonado. Continue, escreva um livro”. Cornélio escreveu e publicou “Musa Caipira”. Isso foi em 1910. Seis anos depois aparecia seu primeiro livro de prosa, “Quem conta um conto...” E em 1921 “Cenas e paisagens de minha terra”, em uma daquelas simpáticas edições da Revista do Brasil, então dirigida por Monteiro Lobato.

Seu propósito era principalmente literário, mas acabou documentando (nesses e em outros livros) o viver do roceiro paulista, a cultura caipira tal como se configurava de fins do século passado ao começo do atual. As técnicas de construção e a habitação, em cuja cozinha se atravessava o infalível varal com couro de porco no fumeiro. A indumentária, expressa na eterna

calça de riscado e nos sapatos de vaqueta. Costumes e superstições, que impunham o uso dos rosários de conta de capim e o patuá envolvendo uma oração e uma pedra do Bom Jesus de Pirapora. E o lazer, marcado pela moda de viola (crônica da vida local) e o cateretê, cujos dançadores saltavam com agilidade incrível “em gente aparentemente tão molença”. Tudo registrado com tamanha autenticidade que algumas décadas depois o professor Roger Bastide, para que seus alunos da Faculdade de Filosofia tivessem nítida idéia da cultura caipira, recomendava-lhes a leitura de “Conversas ao pé do fogo”.

Curiosamente, Cornélio Pires achava que não era um intelectual, sentia-se como um corpo estranho no meio literário de São Paulo. Talvez se considerasse, ele próprio, um caipira, o que na realidade não ocorria. O caipira autêntico não veria, nele, um dos seus. E dessa situação é bem eloquente — e no fundo, doloroso — o episódio ocorrido em uma ocasião em que o criador de Joaquim Bentinho procurava obter recursos para desenvolver uma olaria que montara no interior, com os cachês que arrecadava em espetáculos em que, na capital de São Paulo, contava anedotas roceiras. Um irmão de Cornélio, indo procurá-lo na olaria, recebeu de um dos homens que ali trabalhavam a comovente infor-

mação: “Não tá. Foi em São Paulo arremedá nós pra mode ganhá dinheiro”.

Por vários modos e em diferentes escalas de valor, seus contos e poemas caipiras se impuseram à atenção e à admiração de intelectuais do porte de Silvio Romero, Monteiro Lobato, Mario de Andrade, Tristão de Ataíde, Luis da Câmara Cascudo. Entretanto, quem o definiu melhor, a meu ver, foi o crítico Antonio Candido, ao escrever: “Cornélio Pires foi uma extraordinária figura de ativista cultural. Meio escritor, meio ator,

meio animador: generoso, combativo, empreendedor, simpático — a sua maior obra foi a ação nos palcos, nas palestras, na literatura falada, que perde bastante quando é lida”.

Porisso mesmo Macedo Dantas — que foi quem mais detidamente estudou a figura de Cornélio e fez o mais completo levantamento de suas obras (incluindo colaborações em revistas e jornais, gravações, filmes) — sugeriu que, de seus

livros, deveriam ser reeditados apenas “Cenas e paisagens de minha terra”, “Conversas ao pé do fogo”, “Quem conta um conto...”, “Tragédia Cabocla” e as aventuras de Joaquim Bentinho, esta última obra incluindo um vocabulário de cerca de 670 brasileirismos, arcaísmos e corruptelas expressivos da linguagem caipira. Os livros fundamentais, em suma, e de interesse permanente do ponto de vista da documentação social e da documentação literária.

No momento em que passa seu centenário, mais avulta — perante os nossos órgãos culturais, oficiais ou não — o desafio que é o da reedição desses livros mais significativos de Cornélio Pires. Não é possível que o recado dele — contido em obras publicadas há pouco mais ou há pouco menos de sessenta anos — só possa chegar hoje a uma minoria de bibliófilos, configurando-se seus livros, para a grande maioria dos leitores em potencial, como vasqueiras peças arqueológicas.

Cornélio Pires foi ainda conferencista muito festejado. Reproduzia n'aperfeição o modo de falar caipira, e como humorista ambulante percorreu tudo quanto foi teatro do interior. Ainda achou tempo de publicar outros livros, sempre no mesmo estilo caboclo: "Quem Conta Um Conto"; "Patacoadas"; "Tarrafeando"; "Só Rindo"; "Meu Samburá"; "Estrambóticas Aventuras de Joaquim Bentinho"; "Sambas e Cateretês"; "Enciclopédia de Anedotas e Curiosidades"; "Onde Estás, Ó Morte"; "Coisas do Outro Mundo", e uma dezenas de outras.

Todos êstes livros constituem hoje raridades bibliográficas, pois estão há muito esgotados.

O amargo fim

Cornélio Pires foi um pouco de tudo na vida. Houve tempo em que abriu loja de curiosidades em São Paulo, vendendo bolsas de cascas de tatu, cintos de cobras, pássagens de asas de borboletas. Depois fundou um circo, o "Teatro Ambulante Gratuito Cornélio Pires", para funcionamento em praças públicas, vivendo à custa de propaganda comercial. Assim percorreu boa parte do País.

Afinal, já na velhice, voltou à terra natal, a sua Tietê, sempre presente em todos os seus trabalhos. Em 26 de outubro de 1957, três meses antes de morrer, pressentindo o fim, escreveu: "Em qualquer tempo em que eu deixe êste corpo que tanto me serviu para minha estada na terra, desejo que êle seja sepultado, descalço e de pijama. Não por vaidade, mas que se aproveitem (alguns pobres) das roupas e calçados que usei. Nisso não há caridade. Como não fosse usá-los, os dou..."

Cornélio Pires é nome quase desconhecido na nova geração. Mas os mais antigos lembram-se ainda dêle. E sabem que, como nenehum outro escultor, êle fixou o caipira verdadeiro de botina ringideira, camisa de pano riscado, cigarro de palha e coração bondoso. Poderia ter ficado milionário. Mas além de boêmio, era caridoso em extremo. Dêle, ficou-nos também a admiração pelo homem que sabia fazer rir, sem descer à pornografia ou à ofensa moral.



Cornélio Pires, o grande revelador do Brasil caboclo, conheceu como poucos, as usanças e o dialeto caipira.

J. Martins Veiga, estudou-lhe a vida e a obra, publicando um livro delicioso, em cuja capa há êste desenho — o "Caipira e o Coronel".

Cornélio Pires e o ideal do caboclo

RENATO JORGE MAGALHÃES

TIETÊ — Monteiro Lobato nunca escondeu sua admiração pelo poeta caipira que, com seu linguajar simples, sintetizava em verso e prosa a alma da gente paulista do interior, como um dos seus intérpretes mais fiéis: "Tu, Cornélio, és um dos pouquíssimos que vão ficar. Há tanta verdade nos teus tipos; tanta vida; tanto humanismo em tua obra; tanta beleza e originalidade em teu estilo, que estás garantido. Estás à prova do tempo — que varre, impiedosamente, tudo o que é mediocre".

Voltava Lobato, frustrado em sua tentativa de obter o mais recente livro de CP, deixando ao poeta um bilhete, na portaria de "O Estado de S. Paulo" — onde ele trabalhava como revisor. E frisava, comovido: "Vim para dar-te um abraço e, ao mesmo tempo, confirmar a minha imensa admiração pela tua obra, ainda não bem compreendida".

O significado de "Semanas" se acentua na justa proporção em que, derivando dos vaticínios de Lobato, não avalia o Brasil de hoje — por puro e simples desconhecimento de sua obra — o tesouro regionalista que Cornélio deixou.

Dizem os seus admiradores mais pessimistas que "isto, afinal — este profundo silêncio que se abateu sobre sua obra — não seria de se estranhar, pois, "como bom e caricato caboclo, Cornélio entrou no mundo aos tropeços, a começar pelo escorregão de sua mãe, d. Nicota, num dia 13, que lhe valeu o nascimento prematuro. Isto não bastasse, trocaram-lhe o próprio nome, ao pé da pia batismal, por problemas de acuidade auditiva do velho pároco do lugar. Ele que seria Rogério, acabou ficando Cornélio, na hora do "ego te baptisur".

Filho de Raimundo Pires de Campos Camargo e da Ana Joaquina de Campos Pinto, de tradicionais famílias de Capivari, nasceu em Tietê — no bairro do Garcia, sítio de Nhã Belizeu — em 13 de julho de 1884.

Seu primeiro contato com a escola não se pode dizer que foi um sucesso. Matriculado no recém-instalado Grupo Escolar — um antigo casarão da máquina de beneficiar algodão, no largo da matriz velha — o endiabrado Cornélio durou ali o tempo suficiente para deixar os mestres de cabelos brancos. Foi expulso no 3.º ano. Recebeu apoio do professor Herculano de Moraes Silveira e assim pôde melhorar os estudos.

O PRIMEIRO LIVRO

Em 1901, mudou-se para São Paulo, residindo com sua tia Belisária Ribeiro — viúva do escritor Julio Ribeiro. Procurou então estudar mais um pouco, voltando-se para a carreira jornalística. Entrou como redator em "O Comércio e passou a conviver com o taubateano Monteiro Lobato e outros escritores, poetas, e artistas mais evidentes à época, em seguidas reuniões no café "Guarani". Pouco mais tarde, já no "Cidade de Santos", volta a estabelecer contato com "O Tietê", onde estampa os seus primeiros versos vasados em "dialetto caipira", os primeiros ensaios, narrando caçadas, e o primeiro conto — a que denominou "Mandinga", mais tarde rebatizado de "Passe os Vinte" — e que fez parte de seu livro "Quem Conta um conto..."

Reunindo os versos publicados em "O Tietê" — escritos em sua terra natal e em Santos — Cornélio lançou em maio de 1910 o seu "Musa Caipira", editado pela livraria Magalhães, "de saudosa memória, pelas suas edições de livros populares e preços ao alcance da bolsa".

Em uma carta, que se encontra transcrita na segunda edição de "A Musa Caipira", Silvio Romero — o mais temível crítico brasileiro, do seu tempo — cumprimentou CP pelos versos.

Humberto de Campos, em sua obra "Conceito e Imagem na Poesia Brasileira", citou-os três vezes, com um acento respeitoso que, por si só, sintetizava tudo o que, até então, fora dito sobre o autor de "A Musa Caipira". Lembre-se, a propósito, que Humberto não respeitou, sequer, a pena sagrada de Machado de Assis.

GINASTICA

Criada a Escola Normal de Botucatu — em 1911 — e que, segundo dizem, destinava-se a Tietê, mas, foi de lá desviada por hábeis cordéis políticos — abre-se nova perspectiva para o poeta que, em tendo sido aprendiz de tipógrafo, caixeiro de loja, mestre-escola, feitor de limpeza pública, revisor, repórter, transformar-se-ia no início de 1912 — num dinâmico e antipático professor de ginástica.

Consta que teve de adquirir, às pressas, o manual "Meu Sistema", de J.P. Muller, para habilitar-se, o mais rapidamente possível a assumir o cargo e a defender aqueles 250 mil réis — um bom ordenado para o poeta que, a despeito do sucesso, ainda fazia certa "ginástica" para sobreviver de sua arte.

Durante três anos, CP saiu-se airoso como professor de ginástica, mas, com a eclosão do "Movimento Civilista", apaixonado pela causa de Rui Barbosa, apoiou a candidatura deste à Presidência da República, em veemente oposição ao outro candidato, o marechal Hermes da Fonseca.

Ficariam famosas suas intervenções em comícios pró-Rui onde, entre uma e outra palavra em favor do seu candidato, pintava uma imagem ridícula do marechal, fazendo, com suas piadas irreverentes, a platéia explodir em sonoras gargalhadas. Foi demitido, "a bem do serviço público".

O CONFERENCISTA

Mas, do desemprego às suas "palestras caipiras" foi apenas um passo. Convidado pelos alunos do antigo Mackenzie College — hoje Universidade Mackenzie — fez sucesso e os convites começaram a surgir. Com eles a aflorar e a se firmar sua nova faceta, que o acompanharia até o fim de seus dias.

As "palestras caipiras" o levaram por todo o Brasil, sempre com indiscutível sucesso. Veio a moda das conferências literárias e humorísticas e, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, os poetas se reuniam nos salões do "Jornal do Comércio" e do Instituto Nacional de Música. Data dessa época uma "Sociedade de Homens de Letras" — onde apenas para lembrar — o poeta Anibal Teófilo — de "A Cegonha" — foi abatido a tiros, durante uma tertúlia literária, pelo escritor Gilberto Amado, figura de expressão e realce na literatura e na diplomacia brasileira.



Parte do acervo de Cornélio Pires.



Monumento para o artista numa das praças de Tietê.



A casa onde ele nasceu, no bairro de Garcia, sítio de Nhá Belizeu.

Em várias oportunidades temos feito reparos a esse inexplicável, injustificado e imerecido esquecimento em que deixamos escritores,

CORNÉLIO PIRES

R. de C.

romancistas ou poetas, a ponto de suas obras se tornarem, absolutamente, desconhecidos das novas gerações. E quando alguém as procura, por necessidade ou curiosidade, desanima, pois, só por milagre as encontra.

De uma feita, querendo eu um dos livros de Coelho Neto, só consegui encontrá-lo, depois de muito procurar, numa livraria de Salvador, capital da Bahia, livro que, infelizmente, um de meus amigos, sem cerimônia, surriprou...

Muitas vezes, quando entro numa livraria, tenho indagado, inutilmente, de "Ementário", do são-pedrense e poeta de real merecimento, que conheci, pessoalmente, nos idos de 1910, lá mesmo em São Pedro de Piracicaba, na sua tocante simplicidade — Gustavo Teixeira — o segundo grande poeta que vi, pois, o primeiro foi Amadeu Amaral. Não me conformando com isso, já lembrei que a Academia Brasileira de Letras bem poderia estudar essa questão e conseguir que se reeditassem essas obras esquecidas — obras de real valor — para que os novos, apreciadores de bons livros, os tivessem ao alcance das mãos. As próprias editoras, que bem conhecem a preferência dos leitores e que não ignoram a capacidade de absorção do mer-

cado de livros em nossa terra, poderiam arcar com essa tarefa, na quase certeza de que seriam bem sucedidas. Em nossos dias, edições de bons livros esgotam-se do dia para à noite...

Em fins do ano passado, remexendo em velhos livros, o que faço quase sempre, topei com dois de Cornélio Pires: "Versos" e "Conversas ao pé do fogo". O primeiro, "Versos", numa edição velhíssima de 1912, da Empresa Gráfica Moderna, de São Paulo. Do segundo, nada pude esclarecer quanto à idade e edição, pois, já faltam ao livro as primeiras páginas até as de número quatro, inclusive.

Cornélio, na ocasião, residia em Botucatu, e já batizado e crismado pelo austero mestre Sílvio Romero, que em carta, dizia: "Apreciei imensamente o chiste, a côr local, a graça, a espontaneidade de suas produções, que, além do seu valor intrínseco, são um ótimo documento para o estudo do brasileiro da nossa linguagem".

Em "Versos" estão reunidos cenas e paisagens da minha terra, esclarece o vate caipira e que abre com "Meu ideal" em que escreve:

Quero um sítio retirado
com uma casinha modesta,
e de outro lado a floresta;
um terreirinho varrido
com flôres! quase um jardim...
e um velho tronco partido,
feito banco! Eu quero-o assim.

Viceje ao fundo a hortalica
suba do teto a fumaça!
Casa de porta inteiriça,
com janelas sem vidraça.

Na sala apenas a mesa,
meia dúzia de cadeiras,
o pote, o banco, a marquesa,
a rede e umas estaqueiras..

E dando lá para o rio,
sem quadros e sem tapete,
ora alegre, ora sombrio,
meu quarto e meu gabinete.

Cães mansos, bons e leais,
que me sigam no trabalho...
As pombas pelos beirais
e gatos pelo borralho.

Despensa farta e modesta;
na cozinha a caçarola
chiando como que em festa,
enquanto o fumo se evola.

E completando o que aspiro,
carinhosa e dedicada,
será a luz do meu retiro,
minha mulher muito amada.

E seguem pequeninas joias como
PROSA FIADA

Fio de porco é leitão!
Fio de bode é cabrito!
Festa no sítio é função!
Berro de gente's que é grito!

Cavaleiro cuéra é pião!
Brôto de coco é parmito!
Gordura podre é sabão!
Santo preto é Benedito!

Assim gritava num truque,
o Jéca do Chico Rosa,
na festa, ao som do batuque...

Olha-o de lado o Barbosa,
E diz sem mostrar o muque:
— "Que cabocrinho mais prosa!"

A BIQUINHA

Pelo trilho tortuoso,
que liga a casa à Biquinha,
vai cantando a caipirinha
com um andar todo dengoso...

Talvez vá fruindo o gôzo
de recordar a modinha,

que um dia de tardezinha
ouviu de um moço formoso.

Vai cantando satisfeita
— como quem nunca tem mágoa —
de corôte à mão direita,

Levando à cabeça o pote,
nem sente escorrer-lhe a água
pelo trigueiro cogóte.

RIFÃO CAIPIRA

Compadre, a fia da Chica,
que tá morano na vila,
tá limpa, sem piririca,
e esperta que nem curruila!

Inté tá e-vê moça rica...
Vi na purcissão, nua fila,
tudo cheia de titica;
— que é coisa que me inquizila!

Cum soberbia, intojada,
c' os mandí nem qué falá,
por se vê tudo infeitada...

Atrais dela, sem pará,
tá na vila a rapaziada
"que nem chupim no arrozá..."

Nesse mesmo excelente livro, dá-nos sonetos que nos fazem pensar. "Saber viver" por exemplo, é um Vejamos:

Assim como a alegria pouco dura,
a tristeza também pouco persiste;
vão é o prazer, efêmera é a amargura,
e vai-se, assim, vivendo alegre ou triste.

Não nos fascine o gôzo que fulgura,
nem nos assombre a dor de lança em riste;
se existem sofrimento e desventura,
em recompensa sempre o gôzo existe.

Gozar! — Saber gozar é o que é preciso.
Sofrer! saber sofrer... Pois nada é eterno
neste existir terreneo, tão conciso!

Viva-se assim: — será o viver mais terno;
muito melhor será este paraíso,
e será menos tétrico este inferno.

E vem "Luta íntima", "A vida", "Morte" e muitos outros... Coisas sérias, que fazem pensar... ao lado de coisas alegres, que fazem sorrir, rir ou mesmo gargalhar...

Graças a Deus, agora, ao que tudo indica, as obras de Cornélio Pires vão ser reeditadas e poderemos manuseá-las e, assim, sentir-lhes a beleza, desconhecida de muitos, porém, beleza mesmo... E depois, — espera-se — outros esquecidos e desconhecidos, venham à tona e possam justificar, plenamente, o esforço de ressuscitá-los.

Em São Paulo, a Sociedade de Cultura Artística exibia os grandes nomes da época: Amadeu Amaral, Armando Prado, Gárcia Redondo, Alfredo Pujol e Oliveira Lima. Pois, o nosso Cornélio, com aquele seu jeito característico e despretenso; sua inimitável indumentária, grande chapéu de abas largas e gravata "borboleta" de retrós — como os poetas e pintores do passado — chegou e disse ao que viera.

Veio aprovação unânime dos críticos teatrais e literários: "Há, na arte de Cornélio Pires, uma função em que ele se sente num triunfante isolamento. É quando, deixando a pena de conteur impressionista e de poeta de impedernido nacionalismo, se aboleta na cadeira de palestrador caipira e, inspirado no que viu, ouviu e sentiu, no seu longo convívio com os matutos paulistas, nos leva através de caçadas e pescarias, alegres muchirões, derrubadas fragorosas, nas ferras audazes, a todo o universo da vida sertaneja".

FEIO, MAS POETA

Este retrato autobiográfico figura num dos seus contos, onde Cornélio se intromete na pele de um tal poeta Tibúrcio, quando fala sobre a própria feiúra: "O poeta era feio; de testa curta; cabelos à Gorki, nariz pequeno e arrebitado; maxilar inferior saliente, beicudo e de olhos muito azuis — olhos de criança. Dizem que era puro de alma e limpo de coração e algibeira".

A certa altura, depois de abordar, num misto de ficção e realidade, o seu próprio drama sentimental, afirma: "Não deixarei filhos, mas, deixarei livros". Por quê?

Ele conta: "Um belo dia as coisas tomaram outro rumo e fui nomeado para um bom lugar no interior. Deixei a extravagância, pois, ia estar, afinal, em condições de me casar. Belinha estava a cada dia mais firme e mais linda. Nosso amor, torturado e contrariado, crescia e com ele a esperança para tanto sofrimento".

"Instalei minha casinha; comprei uma mobília de casal, para o melhor quarto da casa, que dava para as lindas paisagens do Capão Bonito. Guarde algum dinheiro e, animado, escrevi ao pai de Belinha, pedindo-lhe a filha em casamento. Fiquei sonhando mil vezes com a felicidade alcançada, com o meu lar organizado — a minha amantíssima Belinha".

A resposta veio, terrível, fatal e fulminante: "Sinhoiri Tibúrcio, recevi a bôça. Tanho a dizer-lhe q. a rapariga não tãin grêre, eu sou o donçã da família e não tanho q. dar-lhe satisfações. Porque, quando não gremos — eu e a Jarônima — ninguém tem mais grêre. Fasça seus berços e trate de procurar oitra q. não tãinha qnaina selle. Quem berços faz, na mizéria morre. Biba (ass) J. Jusé Joaquim Preira".

"De modo que minha vida, agora, é isto — disse CP. Escrever, lutar, andar feito judeu errante, de cá para lá, morando em cima das botinas e embaixo do chapéu, e toca pra frente. Vivo folgadoamente. Dentro em pouco, se Deus quiser, não deverei a mais ninguém. Estou satisfeito da vida. Não terei filhos, mas, deixarei livros..."

MAU COMERCIANTE

Um dos maiores expoentes do folclore brasileiro, com 22 livros publicados, fundador de uma revista — "O Saci" (1927) — 10 mil exemplares que se esgotavam em algumas horas, produtor de dois filmes (Brasil Pitoresco e Brasil de Norte a Sul), Cornélio, que gravou 108 discos de poesia e textos folclóricos e se dava ao luxo de escolher "o pior horário" para fazer na rádio Difusora os seus programas, era, como assinalou seu sobrinho, o radialista Mauro Pires, uma pessoa sem o menor tino comercial.

Entre 1929 e 1930, foi campeão absoluto de venda de discos no Brasil — uma posição que não só lhe garantia o direito de exigir que a Columbia editasse sua obra em "selo vermelho" (30% mais caro que qualquer outro, de cunho popular).

Todos o procuravam e a todos atendia. Foi ele quem, pela primeira vez, trouxe para os palcos iluminados da paulicéia grupos de cantadores sertanejos, promovendo apresentações de cateretê, fandango, cururu, cana verde, passapachola, roda morena e são-gonçalo.

CRIANÇAS

É Mauro Pires, seu sobrinho, quem conta: "Sempre adorou as crianças, sem, no entanto, adotar alguma, por duas razões: ser solteiro e não ter residência fixa. Passou quase meio século viajando e, onde quer que se hospedasse, exigia o quarto ou apartamento n.º 13. Nascera num dia 13 e — segundo entendia — este era o seu número de sorte".

Cristalizava seu instinto paternal fazendo donativos aos orfanatos — aos quais, frequentemente, comparecia para contar piadas e fazer imitações. Quando sentiu que o seu fim estava próximo, fundou a "Granja de Jesus", em Tietê, para as crianças órfãs ou abandonadas.

Achava que todas as crianças deveriam ter a sorte "daquele menino endiabrado, que cabulava as aulas para mexer com a natureza: as plantas, o gado, as aves e os peixinhos ariscos de qualquer córrego sossegado".

As previsões, de Monteiro Lobato, de Humberto de Campos e tantos outros, infelizmente, jamais, se concretizaram. A obra do "bandeirante do folclore paulista — como o definiu o poeta Hermes Fontes — foi barrada em sua trajetória. Os direitos autorais, foram vendidos e ninguém se preocupou mais com os livros e discos.

Mauro Pires — garante que todo o acervo, que se constituiu, talvez, no primeiro elo de uma corrente literária que envolve e prende a atenção de milhões de brasileiros, em todo o território nacional — a alma cabocla — encontra-se nas mãos dos colecionadores Rui Arruda e Victor Wanschell — a quem tem dirigido constantes apelos.

Talvez, às crianças órfãs da "Granja de Jesus" — herdeiras universais dos bens de Cornélio Pires — jamais venham a se beneficiar com o produto da reedição de tais obras:

Talvez, o museu "Cornélio Pires" seja fechado, devido à mais completa falta de amparo governamental — ou porque a quase totalidade da obra do poeta se encontra esparsa em mãos de amigos e admiradores, a quem as "Semanas" não têm conseguido sensibilizar.

"Conversas ao pé do Fogo"

Cornélio Pires - "Conversas ao Pé do Fogo"

Falando do caipira, a' pag. 51: "Nascidos fora da cidade, criados em plena natureza, infelizmente tolhidos pelo analfabetismo, agem mais pelo coração que pela cabeça. Tímidos e desconfiados ao entrar em contacto com os habitantes da cidade, no seu meio são expansivos e alegres, folgagões e francos; mais francos e folgagões que nós outros, os da cidade. De rara inteligência — não vai misto exagero — são, incontestavelmente, mais argutos, mais finos que os camponeses estrangeiros. Compreendem e apreendem com maior facilidade, fato, aliás, observado por estrangeiros que com elles tem tido occasião de privar.

É fato: o caipira pupador de enxada, com a maior facilidade se transforma em carpinteiro, ferreiro, adornador, tecedor de tapeta-
ras e queimbé, ou construtor de pontes. Basta-lhe uma só explicação bem clara; elle responderá

Se o outro fais.... porque não hi de fa-
zê!..... Não agaranto muito, mais vô ex-
perimenta!

Eulides da Cunha, construindo a gran-
de ponte metálica de São João do Rio Pardo,

com o material da ponte derribada pela água, grandes vigas de ferro contorcidas, instalou vin-
te ou trinta forjas, transformando simples ro-
ciros em hábéis forjadores e ferreiros.

pag 157

"Abusões"

"Queimá estrume de gente fais secá o orgo"

"Barre de noite e' siná de morte"

Andá fastano e' incerta' a vida.

Casca laranja de fita, sains a casca
vorteando cumo searvisia, inleia a vida
e trais atrazo.

Urina' n' ana e' a merma coisa que
boca da madrinha, porque a ana e'
que serve pra latissá

1) Penteá cabelo de noite, trais doença e morte.

Remexê furniguero in tempo de chuva, fais ferruá o tempo.

Mata' sapo, trais peca grande.

Marrá pito parrento dentro d'ana do reberão, trais chuva.

Atira' anum, deixa a espingarda na riana."

"Espeta' laranja num mastro do terreno, tropela a peste

"Mirié da um nó na saia quando vê cobra, a cobra num pode fugi.

Marrá na paia no dedinho do pé, cura a solugo".

"Cumê c'o chapéu na cabeça é cumê c'o diabo"

"Botá a vagona c'o barredô pra riba, atrais da porta, tropela visita".

"Ponha um ramo de vagona no cóis das carga, libra da gente panhá carapato na ~~pa~~ capoeira".

"Vira' chanela de brugo, fais cachorro para' de mira"

"Corta' unha na sexta-feira, cura mer-
vaglia de dor de dente"

"Miti a roupa no aresso, libra de cachorro
lôco.

"Buli nos cabelo, fais esqueí os pontos"

"Mosquito caceteando a gente, sentano nas orelha, que' dizê que arquem tá quereno
conversa' a parti"

"Galinha cantá que nem gato..... É
preciso corta' um dedo: é sinal que o dono
da casa vai morrê".

"Durmi cós pé pra porta — é defunto

"Quando a gente tá ficando velho, mo

lengão, perna mole, a gente tira um nó
de pinho, fais um Santo Antônio, põe
num fio e depindura no pescoço, de-
kanda o santo inforcado na cacunda...
Pra vacê ficar forte como um rapão, ba-
ta rezá:

Santo Antônio, nó de pinho
da-me força nas cadera como porco no fucintu.

depois assombraçeis e reusos

pag 198: " Quando gente pobre morre,
vae gozá la nas artura.
O rico vae pare os quinto,
ferren~~to~~ na ferredura.



Lévi-Strauss: dedicando 'Tristes Trópicos'

A cultura também tem moda

NORMA COURI
Da Reportagem Local

Uma platéia embevecida de quinhentas pessoas se divertiu como nunca com o espetáculo programado para o palco do auditório do Museu de Arte de São Paulo (Masp) na semana passada. Não havia atores em cena, apenas um conferencista de 48 anos falando durante duas horas sem efeitos especiais. Mas o resultado inesperado garantiu sua atuação durante as sete noites das terças-feiras seguintes — e todo mundo achou pouco o preço pago pelo ingresso. O sucesso do "show" era um só: a Antropologia. Este, o tema escolhido por Roberto DaMatta para seu curso que provou por que o brasileiro abusa dos amigos, teme os incestos, chora nos enterros, se torna vítima, malandro ou herói.

A popularidade de sua ciência não chegou exatamente a surpreender o antropólogo DaMatta, que acaba de lançar seu décimo livro, "A Casa e a Rua", pela editora Brasiliense. Eles tratam de temas cotidianos, como o fenômeno de Dona Flor, de Gabriela, do futebol ou do complexo de autoridade de cada brasileiro ao perguntar "você sabe com quem está falando?". DaMatta tratou também do Carnaval. "Imagine, quando lancei esse ensaio em 1971 todo mundo da área de Ciências Sociais me olhou envidado e o livro enalhou". O antropólogo se congratulava por não ser mais necessário iniciar suas conferências fazendo uma crítica à sociedade ou à estrutura de classes, mesmo que o tema fosse a música popular brasileira — e, ao mesmo tempo, se vingava: "Hoje a Sociologia está condenada a falar sociólogos e se Marx em pessoa aparecesse no Brasil agora ia estudar o Carnaval, o futebol, a umbanda — faria um estudo parecido com o meu."

O velho Marx

Há pelo menos uma década e meia a Sociologia, através de seus representantes mais destacados, vem acusando a Antropologia de alienada, desprovida de contexto social e inimiga frontal do velho barbudo Karl Marx. "Nesse período vários antropólogos foram marginalizados graças ao marxismo", diz Gilberto Velho, ex-presidente da Associação Brasileira de Antropologia, que viveu

esse clima bem no início da carreira: "Levou tempo para a Antropologia valorizar seu trabalho de campo, sua observação participante, e para os cientistas sociais entenderem que não é só porque a nossa ciência trata de homossexualismo, umbanda, tóxico, mediunidade que ela é anti-marxista. Mesmo porque sem esses temas é impossível entender o Brasil."

Partindo de Gilberto Freyre — autor de "Casa Grande e Senzala" (1933) — e passando por Sérgio Buarque de Holanda com "Raízes do Brasil", a Antropologia ganhou força com a visão estruturalista de Claude Lévi-Strauss, na década de 50, quando o etnólogo francês — que foi professor na Universidade de São Paulo, em seus primeiros tempos — escreveu "Tristes Trópicos". Mas como diz Velho, levou tempo para este tipo de saber — envolvido com bons selvagens, homens-elefantes, elos perdidos, descobertas de ossos de ancestrais remotos ou de índios devorados em festins — chegar ao estudo da cabeça chata do cearense ou da insistência do brasileiro em considerar otário todo aquele que cumpre as leis — e com isso virar moda.

Sem sociólogos

Hoje a Antropologia é uma estrela editorial. Só a editora Zahar lançou uma dezena de títulos que se esgotaram nos últimos cinco ou seis anos — alguns já ultrapassando a quinta edição. É hoje Jorge Zahar, 65 anos, que iniciou sua carreira em 1957 lançando um "Manual de Sociologia", não edita nada nesta área. "Sociologia não vende", afirma categoricamente. Ele inaugura a Jorge Zahar Editor com três títulos em Antropologia, o primeiro, um estudo sobre prostituição e propaganda; o segundo, sobre o movimento punk e o terceiro, sobre a identidade do homem.

A Brasiliense não faz por menos. Tem uma infinidade de estudos antropológicos nas mais diversas áreas — circo, psicanálise, cinema, magia. "Mas não consigo lembrar de um título em Sociologia lançado aqui nos últimos tempos", diz o diretor editorial Luis Schwarcz, 29 anos. "A Sociologia ficou rígida, enquanto a Antropologia alargou seu campo, partiu do particular para o geral,

estudou o cotidiano. Acabou aquela fase da década de 70 quando os editores publicavam qualquer tese desde que o tema fosse Ciência Social. Eles começaram a perceber que livro é uma coisa, tese é outra."

Neoconservadorismo

É assim que a Antropologia, depois da Sociologia e da Psicanálise nos últimos vinte anos, virou moda. "Tenho medo da vulgarização", diz Gilberto Velho, sem citar nomes: "Hoje, antropólogo fala sobre qualquer coisa, de bonecas a Papai Noel, é requisitado para qualquer programa de televisão, atrai alunos." Velho, que é professor de um dos núcleos responsáveis pela expansão da ciência, o Museu Nacional do Rio de Janeiro, recebe anualmente cem alunos para suas parcas cinco vagas, que excepcionalmente crescem para dezessete.

O diretor do Departamento de Sociologia da PUC do Rio de Janeiro, Gisálio Cerqueira Filho, 39 anos, vê com tristeza professores — que aos 20 anos eram sociólogos de grande prestígio — se fazerem passar por antropólogos para atrair platéias. "E atraem. Os jovens de hoje têm medo do geral, correm para a particularização da Antropologia." Por isso mesmo Cerqueira Filho lança sua tese "um tanto abusada" em cima dos antropólogos. "Trata-se de uma boutade mas afirmo que a Antropologia configura-se como o mais articulado discurso antimarxista. Cheguei à esta conclusão lendo ensaios de gente como Roberto DaMatta, que trata sua ciência como filha do colonialismo e do funcionalismo, mas nega a filiação, negando junto o historicismo e o método interpretativo do social ligado ao marxismo." Para o sociólogo, o discurso da Antropologia recai no neoconservadorismo, enquanto cristaliza a oposição ao marxismo.

Cariocas vs. paulistas

O sociólogo paulista Sérgio Miceli, 40 anos, reforça a tese do colega carioca e vê na briga entre as duas ciências um confronto à hegemonia sociológica paulista (engloba nomes como Otávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes que fincaram as pontas mais profundas da ciência na década de 50). Depois analisa a ajuda dada à

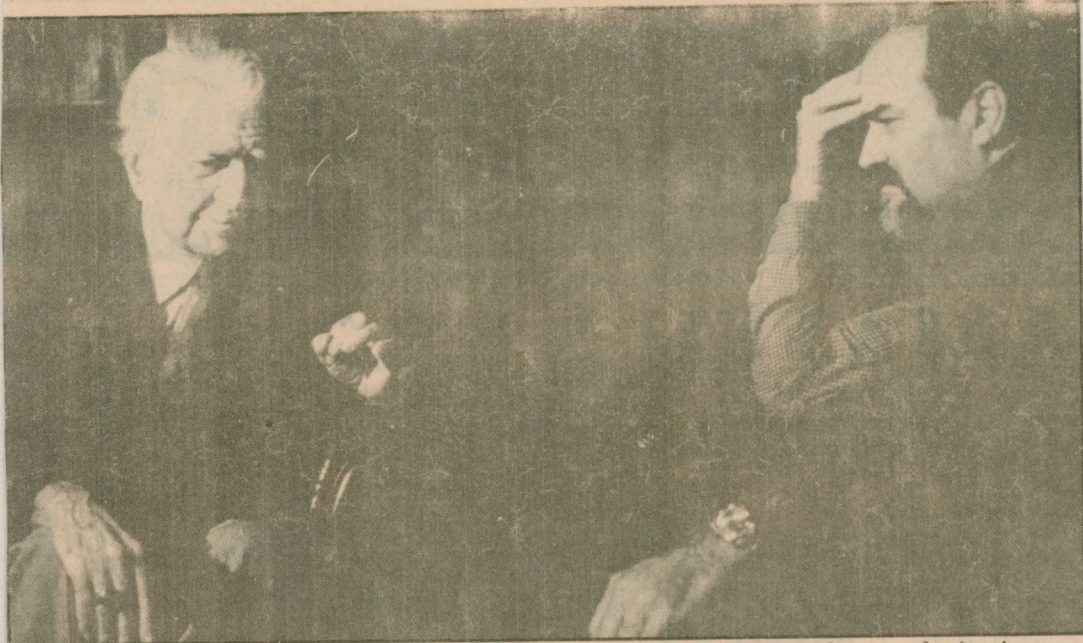
Antropologia através de fundações como a Ford ou órgãos como a Finep (Financiadora de Estudos e Projetos). A Antropologia, se firmando na USP, em Campinas (Unicamp), mas principalmente no Iuperj (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro) e no Museu Nacional, definiu para o Rio a prioridade e reavivava velhas diferenças. "A Antropologia estudou objetos cada vez mais relegados pela Sociologia — mulheres, desvios, o dia-a-dia —, se transferiu de seu objeto clássico que eram os índios e invadiu o campo da ologia. Mas nessa abordagem esqueceu alguns ganchos da estrutura social. Pode levar seu estudo ao delírio de não considerar que o indivíduo em estudo além de índio é pobre, não pode comer", diz o sociólogo.

Charme do momento

Miceli acredita que chegou a hora — na "Nova República" — de a Sociologia retomar seu papel: "Na redemocratização será preciso equacionar uma política social". Mas este não é o problema que afeta outra antropóloga carioca, Alba Zaluar, 42 anos. Ela acaba de lançar pela Brasiliense um estudo sobre as organizações populares e o significado da pobreza ("A Máquina e a Revolta"). "Essa separação só se dá no Brasil e a concorrência não leva a nada. É uma guerra artificial que confunde as questões. A Sociologia mais marcada pelo marxismo deveria ler os clássicos da Antropologia como complementação, a exemplo da Antropologia que já utiliza técnicas da Sociologia para seus estudos. E assim acaba o problema de demarcação de fronteiras."

Enquanto isso não ocorre a Antropologia vai trilhando seu caminho de glória e expansão. O professor de História, Nicolau Sevcenko, 32 anos, sabe que se nos anos 60 a História trabalhou com modelos econômicos da sociedade, nos anos 80 busca o lado imaginário. Os movimentos de ampliação da História se dão através da Antropologia. Sevcenko, que encara a Sociologia ("embora marcada por grandes estudos") como a ciência da miséria e da carência, homenageia a Antropologia, esta festa do excesso e da fantasia. "A Antropologia", diz sem hesitar, "é a ciência mais charmosa do momento".

Folha de S. Paulo V - 26-V-1985



Gilberto Freire, pioneiro no País, é entrevistado por Roberto DaMatta, o *showman* da ciência

Wanderley Pinho

Odilon Nogueira de Mattos

José Wanderley de Araújo Pinho, literariamente conhecido apenas por Wanderley Pinho, que é como assinava seus trabalhos, foi uma das mais expressivas figuras da historiografia brasileira, notadamente no que se refere à Bahia, seu estado natal. Nascido em 1890, transcorreu, portanto, neste ano, o centenário de seu nascimento. Descendente de tradicionais famílias, era neto, pelo lado materno, de João Maurício Wanderley, Barão de Cotegipe, uma das maiores figuras da Monarquia. Bacharel em Direito, advogou na Bahia e no Rio de Janeiro, tornando-se posteriormente ministro do Tribunal de Contas da Bahia, cargo em que se aposentou. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cuja vice-presidência ocupou por muitos anos. Como político, foi deputado federal em várias legislaturas e prefeito da capital baiana. Faleceu no Rio de Janeiro em 1967.

Seus primeiros trabalhos de investigação histórica datam de 1930: "Política e Políticos do Império" e "A Sabiada". Em 1933, num dos primeiros volumes da preciosa e conceituada coleção "Brasiliiana", da Companhia Editora Nacional, reuniu as cartas de D. Pedro II ao Barão de Cotegipe, prefaciando-as e anotando-

as. A esta mesma coleção pertence também um dos seus mais importantes trabalhos: "Cotegipe e seu tempo", publicado em 1937. Biografando seu antepassado, não fez simples biografia, mas excelente estudo da época em que viveu Cotegipe. Pena não houvesse completado a obra. O livro cuida de Cotegipe até 1867.

Ora, desta data e até as vésperas da proclamação da República, que foi quando faleceu, é que se situa a mais destacada atuação do estadista baiano no cenário político nacional. É desta fase, por exemplo, sua ação como plenipotenciário no Prata e como presidente do Conselho, cargo em que teve de enfrentar dois dos mais graves problemas da Monarquia: o Abolicionismo e a Questão Militar. Mas, mesmo incompleta, "Cotegipe e seu tempo" é obra indispensável para o estudo do Segundo Reinado.

De 1942 data sua obra, sob certos aspectos a mais importante, "Salões e Damas do Segundo Reinado", de grande interesse para a história social e, a bem dizer, livro único em nossa bibliografia histórica. De 1946 é a "História de um Engenho do Recôncavo", obra resultante de um concurso promovido pelo Instituto do Açúcar e do Alcool. Trata-se de exaustiva monografia sobre um dos mais impor-

tantes engenhos baianos, alicerçada em sólida e variada documentação, especialmente de arquivos de família. Oliveira Viana, que integrou a comissão julgadora do concurso em que a obra foi premiada, exarou sobre ela o seguinte parecer: "Não conheço em nossa literatura histórica nada que se compare a este trabalho pela densidade da documentação e pela vivacidade da exposição e do comentário. É um mergulho dos mais fundos até hoje realizados nas fontes de nossa história local e regional". Desta obra, publicou-se em 1982 uma reedição, abundantemente anotada, integrando a já citada coleção "Brasiliiana".

Haveria muito mais que dizer da obra do historiador baiano. Creio, porém, que o relatado é suficiente para mostrar o caráter e o sentido de sua produção e, especialmente, recordá-lo neste ano de seu centenário, uma das mais significativas efemérides de nosso calendário cultural.



"diário do Povo" 23 XI-1990

GUERRA JUNQUEIRO

O eminente escriptor da Patria Portuguesa, que ora se acha entre nós, deu-nos para esta pagina a recordação de um dos seus derradeiros encontros com o genial poeta da Patria e de Os simples, cuja morte recente envolve, em seus de luto a nossa bellissima lingua commun. E, como todas as outras de Julio Dantas, uma pagina vigorosa e fulgurante, que entregamos, sem quaesquer recommendações pretenciosas, á cuidadosa attenção dos leitores.

— "Tinha-me mandado, havia dias, o seu ultimo folheto — *O Monstro Alemão*. Encontrei-o hontem na rua do Ouro, á hora do chá, e apertei num abraço esse thorax franzino de criança que supporta, orgulhoso, a cabeça dum semi-deus. Papá Junqueiro (posso chamar-lhe assim, porque elle tem sido em Portugal, no Brasil, na propria Hespanha, o pai espirital dalgumas gerações de poetas) vestia, sem preocupações olympicas, um vulgar casaco amarelo e um chapéu mole inglez; trazia na mão um guarda-chuva, que não é, de modo algum, um attributo jupiteriano; e teria de certo, no meio da multidão, o ar apagado dum *petit bonhomme de pain d'épice*, se a sua estúpida máscara, a sua cabeça divina e hirsuta, adunca e profetica, mixto paradoxal das velhices de Shylock e de Pan, não irradiasse genio de todos os relevos ossos, de todas as arestas cortantes, de todos os pêlos eriçados, no maximo de inquietude, de coruscante espiritalidade que pode revestir a argila da face humana. Perguntei-lhe onde ia. Elle olhou-me com affecto; o seu forte nariz semita tremeu, inflando as narinas num sorriso; por detraz das lunetas, uns olhos infantis, uns olhos redondos de passar, metallicos, fulgurantes, assombrosos, levantaram-se para mim, percorreram-me, perscrutaram-me, — e o grande Junqueiro, o Junqueiro aquilino, o Junqueiro ciclopico, o Junqueiro formidavel, egipan divino coroado de rosas que modula o seu canto pelos crótales de bronze dos aedos e pela flauta tirrénia de Anacreonte, respondeu-me lento, sibilando as palavras, a mão pousada sobre o meu hombro: — Vou isolar-me.

— Para que? — Para continuar a minha obra. Senão, morro inédito! Falámos muito tempo. Na atmosphera doirada da tarde, indifferente á multidão que passava, que formigava, que nos olhava curiosa, o poeta gesticulando como um gnomo barbado e minúsculo, orando mais do que conversando, disse-me — elle, que muitos affirmam candidato á presidencia da Republica — as suas opiniões sobre o momento politico. Agora sim... respirava-se. A monarchia do Porto, posta em fuga como um bando de velhas de capote e lenço; ia succeder a melhor das republicas, uma republica asséada, governada e burgueza, mamando bom leite na teta duma vacca suíssa, uma republica ideal,



Guerra Junqueiro, segundo o seu retrato predilecto.

dianete duma ceira de figos; era um novo Junqueiro, um Junqueiro da terceira maneira, hieratico, solenne, formalista, fazendo politica astral, inspirando situações, esboçando planos de governo, Bluntchli transcendental e metaphisico, especie de comadre da Republica, que aspira e muito bem, á mais alta magistratura da nação.

Eu, por mim, não sei qual será, amanhã, o destino do grande poeta. Ignoro se o esperam os vinhedos de Barcad'Alva ou a Sala-doirada do paço de Beém. Mas, se realmente elle quer isolar-se, não me parece que o Vaticano da presidencia possa proporcionar-lhe aquella esplendida solidão tão necessaria ás congeminções do seu genio."



O grupo dos Vencidos da Vida, pequena academia romantica, formada por onze dos vultos que mais brilharam nas letras portuguezas: a contar da esquerda, na escada, Guerra Junqueiro, Conde de Arcoz, Carlos Lobo d'Avila e Eça de Queiroz; e sentados, Carlos Mayer, Oliveira Martins e Ramalho Ortigao. Desta valiosa photographia ha a que illa Raphael B. rdallo Pinheiro, o ultimo vencido pela morte foi o genial poeta da Oração á Luz.

Guerra Junqueiro

O LIVRO DA POESIA

A LÁGRIMA

GUERRA JUNQUEIRO

1850-1923

Manhã de junho ardente. Uma encosta escalvada, Sêca, deserta e nua, à beira duma estrada.	"Nesta c'roa orgulhosa, olímpica, suprema, Vendo o globo a meus pés do alto do teu diadema!"
Terra ingrata, onde a urze a custo desabrocha, Bebendo o sol, comendo o pó, mordendo a rocha.	E a lágrima celeste, ingênua e luminosa, Ouviu, sorriu, tremeu, e ficou silenciosa.
Sôbre uma fôlha hostil duma figueira brava, Mendiga que se nutre a pedregulho e lava,	Couraçado de ferro, épico e deslumbrante, Passa no seu ginete um cavaleiro andante.
A aurora desprende, compassiva e divina, Uma lágrima etérea, enorme e cristalina.	E o cavaleiro diz à lágrima irisada: "Vem brilhar, por Jesus, na cruz da minha espada!"
Lágrima tão ideal, tão límpida que, ao vê-la, De perto era um diamante e de longe uma estrêla.	"Far-te-ei relampejar, de vitória em vitória, Na Terra Santa, à luz da Fé, ao sol da Glória!"
Passa um rei com o seu cortejo de espanto, Elmos, lanças, clarins, trinta pendões ao vento.	"E à volta há de guardar-te a minha noiva, ó astro, Em seu colo auroreal de rosa e de alabastro.
— "No meu diadema, disse o rei, quedando a olhar, Há safiras sem conta e brilhantes sem par.	"E assim alumiarás com teu vivo esplendor Mil combates de heróis e mil sonhos d'amor!"
"Há rubis orientais, sangrentos e doirados, Como beijos d'amor a arder, cristalizados.	E a lágrima celeste, ingênua e luminosa, Ouviu, sorriu, tremeu, e ficou silenciosa.
"Há pérolas que são gotas de mágoa imensa, Que a lua chora e verte e o mar gela e condensa.	Montado numa mula escura, de caminho, Passa um velho judeu, avarento e mesquinho.
"Pois brilhantes, rubis e pérolas de Ofir Tudo isso eu dou, e vem, ó lágrima, fulgir	Mulas de carga atrás levavam-lhe o tesouro, Grandes arcas de cedro abarrotadas d'ouro.

PSYCHOLOGIA

JULIO DANTAS

POLITICA

Não me parecem destituidas de interesse algumas notas de psychologia politica em que rapidamente lhe dê a impressão da mentalidade, das tendencias e dos costumes politicos em Portugal. Eu bem sei que a psychologia politica — ou seja dos individuos ou das multidões organizadas — é, dum modo geral, por toda a parte a mesma. Como dizia Alphonse Karr, — "plus ça change, plus c'est la même chose". As leis continuam a fazer-se nas Camaras e os ministros nos corredores. Entretanto, essa psychologia tem, em Portugal, características que lhe são proprias, — e talvez não deixe de ser curioso, para os meus leitores brasileiros, comparal-a com a de outros paizes. Para escrever as poucas paginas que seguem, esqueci-me de que era politico tambem, e colloquei-me na situação dum observador desapassionado e imparcial. Não procurei definir caracteres pessoais, como fez ainda ha pouco o sr. Barthou; occupei-me apenas dos aspectos geraes. E' natural, portanto, que algumas das minhas observações tenham applicação facil á politica doutras nações da Europa e da America.

Proclamada a Republica e aprovado pelas Constituintes o estatuto fundamental do Estado, as forças politicas do regimen, primitivamente reunidas num unico partido historico, distribuíram-se e organizaram-se em tres partidos differentes: o democratico, o evolucionista e o unionista. Como foi feita esta distribuição de forças? Como se constituíram os tres novos partidos? Em volta de idéas de principios, de programmas nitidamente differenciados? Não. Em volta de homens. Os tres parlamentares mais combativos e de mais marcada individualidade, os "leaders" naturaes — Affonso Costa, Antonio José d'Almeida, Brito Camacho, rodeados pelos seus amigos — constituíram desde logo centros de atracção politica nucleos de partido, em volta dos quaes se distribuíram e agruparam, não só quasi todos os membros da Constituinte, mas quasi toda a massa republicana e néo-republicana da nação. Esses tres chefes representavam, porventura, tres correntes de opinião, tres modalidades definidas e divergentes da ideologia republicana, tres criterios, irreductiveis sobre o complexo de problemas da administração publica? Não. Todos elles vinham do mesmo partido historico, commungavam nas doutrinas do mesmo programma politico, pensavam pouco mais ou menos da mesma maneira. O que era neles

differente, e o que, por conseguinte, os afastava, não eram as idéas; eram os feitos, os caracteres, os temperamentos, as mentalidades. Os futuros correligionarios desses tres homens tão diversos, tendo de agrupar-se, não em volta de idéas, mas em volta de pessoas,

determinaram-se, á falta de razões de intelligencia, por motivos de sympathia e de afinidade pessoal. Os homens de acção, rectilíneos, violentos, audaciosos, procuraram Affonso Costa; os românticos, eloquentes, generosos, sentimentaes, escolheram Antonio José d'Almeida; os intellectuaes, "blagueurs", ironistas, demolidores, dotados de mais agudo e mais penetrante espirito critico, aproximaram-se de Brito Camacho. Cada um dos tres agrupamentos ficou com a psychologia do seu chefe, e sem outra individualidade politica senão aquella que a forte personalidade desse chefe lhe imprimia. As forças politicas do regimen estavam, de facto, divididas, não em "democraticos", evolucionistas e "unionistas", mas em "affonsistas", "almeidistas" e "camachistas". Hoje — coisa curiosa — os tres primitivos chefes encontram-se fóra de toda a actividade partidaria. Affonso Costa vive em Paris; Antonio José d'Almeida está doente, gottoso, fatigado de quatro annos de tormento no Vaticano da presidencia; Brito Camacho entrega á literatura os ocios do seu espirito brilhantissimo.

Uma das consequências da formação defeituosa dos primitivos partidos é o demasiado personalismo na politica portugueza. O que mais interessa, em Portugal, não são os principios, nem as doutrinas, nem mesmo os factos: são os homens. E' raro que numa assembleia politica os oradores se mantenham no campo das idéas; caem sempre na discussão apaixonada das pessoas. Não é propriamente de politica que o portuguez se occupa: é dos politicos. A sua aspiração é saber o que faz Cunha Leal, o que diz Affonso Costa, o que quer Antonio Maria da Silva, o que pensa o hospede illustre da "Sala-Doirada" de S.ºm. Este

excessivo personalismo — que existe, embora mais attenuado, noutros paizes néo-latinos — é um dos nossos maiores defeitos. Quando as idéas não interessam e só interessam os homens, a politica deixa de ter elevação: não se discute, intriga-se; não se faz politica de opiniões, faz-se politica de paixões. O caracter violento que por vezes reveste, entre nós, a eloquencia parlamentar; o habito da injuria politica; a frequência do conflicto pessoal; o espirito de aggressão e de desordem que tantas vezes inutiliza e perturba o trabalho dos governos, — provém do facto de se encontrarem permanentemente em conflicto não os problemas, mas as pessoas.

* * *

A tendencia para personalizar creou entre nós um estado de opinião politica que nos levou, na sua forma optimista ao "messianismo", e na sua forma pessimista á "guerra aos politicos". Em Portugal — como, ainda recentemente, na Hespanha, na Italia, na Grecia — ha uma grande facilidade em acreditar que a salvação do paiz depende, em dados momentos, da acção providencial de certos homens. Já tivemos um Primo de Rivera, um Mussolini, — e ainda não estamos livres de que nos venha de Paris um Venizelos. Mas entre nós, não existem apenas os "grandes messias", que exerceram a dictadura violenta, como Pimenta de Castro e Sidonio Paes, ou pensaram, como o sr. Affonso Costa, na formula mais suave. Uma dictadura consentida pelo Parlamento. Ha tambem os "pequenos messias", os messias constitucionaes, de quem tola a gente espera, quando os vê subir ao poder, que no prazo de oito dias resolvam todos os nossos grandes problemas e façam, fulminantemente, a felicidade da nação. Mas — é evidente — os problemas derivados das perturbacões financieras e economico-sociaes, creadas pela guerra, submetido nos paizes que entraram nella, só se resolvem com tempo, com a ordem nas ruas e nos espiritos, e com aquillo precisamente que tem faltado em Portugal, que é a estabilidade do poder e a continuidade da acção governativa; os oito dias passam sem

que os messias tenham salvo o paiz, — e a opinião publica, que descre os homens com a mesma facilidade com que acredita nelles, e cujo maior prazer, em Portugal (já o dizia Eça de Queiroz) é ver cahir o governo, derruba os idolos da vespera, proclama a fallencia dos politicos, pede a dissolução immediata dos partidos republicanos, uma Saint Barthelémy dos estadistas responsaveis pelas desgraças da nação (foi assim que se preparou o sangrento 19 de outubro!), e grita nas ruas, nos comícios, nos cafés, nos jornaes: "abaixo os politicos! venha um governo nacional! venha um governo de competencias technicas!"

* * *

A ligeireza com que, em todos os paizes de politica mais ou menos personalistas, se attribue aos politicos a responsabilidade de situação que elles não crearam, que muitas vezes nem podiam prever, e que são a consequencia natural dos phenomenos economicos do "après-guerre", fez nascer, com o descredito dos politicos profissionaes, a idéa dos "governos de technicos". Quer dizer: a idéa de dictaduras apoiadas na força militar ou em qualquer outra força organizada e exercidas por especialistas alheios á politica. A Austria, fortemente abalada pela ultima guerra, lançou, num dado momento, mão desse recurso. Em Portugal, já os inimigos dos partidos o aconselharam, como a unica solução pratica do nosso problema nacional. Eu discordo. E discordo, não apenas quanto ao caso especial de Portugal, que, evidentemente, não esgotou ainda a reserva de consequencias que lhe offerecem os dois partidos do regimen ou, pelo menos, um delles; mas, dum modo geral, quanto ao exercicio do poder por technicos. Eu antes quero o meu paiz governado por um máo politico do que por um bom tecnico; pela simples razão de que os technicos sabem tudo — menos governar. Para governar povos são precisas qualidades e aptidões especiaes: experiencia dos negocios publicos, conhecimento dos factos e dos homens, acção rapida, percepção prompta, malleabilidade de espirito, univer-

salidade de cultura, eloquencia, dom de communicabilidade poder de persuasão, um sexto sentido profissional que se chama "sensibilidade politica", — uma formação mental, enfim, absolutamente opposta á formação mental do tecnico, que, como todos os especialistas, é um localizado, um limitado, enkystado na sua especialidade, como um horizonte intellectual de objectiva de microscopio, vendo nitidamente mas apenas num campo de millimetros, e possuindo a psychologia especial de todos os homens costumados á serenidade e á penumbra dos gabinetes, que se encandeiam e se atarantam quando os levam para a luz viva do sol. Os politicos são — para empregar a expressão de Nietzsche — os homens da praça publica, os sabios e os pensadores, timidos e sensiveis, são creanças que é preciso conduzir pela mão. Quer isto dizer que os technicos devem ser postos á margem no governo dos povos? De modo nenhum. Os technicos são instrumentos necessarios e indispensaveis do poder, — mas dentro da sua função propria; como accessores, como consultores, como inspiradores até, se quizerem, como cabeças desse grande corpo do Estado, de que o politico é o braço e a acção. Fóra disso, dão pouco. Elles mesmos o confessam — ás vezes duma maneira pittoresca — como aquelle mathematico eminente, professor de uma Universidade portugueza, pobre philosopho dos numeros que um dia fizeram ministro das Finanças e que, no seu primeiro contacto com as realidades do poder, rodeado de processos, de directores-geraes, de problemas que exigiam acção prompta, providencias rapidas, soluções concretas, gritava, com as mãos na cabeça:

— Deixem-me! Eu não sou um politico eu sou um sabio, eu não sei nada!

* * *

Fóra da politica, os politicos portuguezes são, em geral, pessoas bem dispostas que, quando não riem, sorriem, e que pelo menos alguns delles parecem sentir, em toda a sua plenitude, o prazer de viver. Logo, porém, que assumem o governo, esses homens alegres tornam-se sombrios, taciturnos, a-

zados pessimistas, reservados, impenetraveis. Apenas pela fadiga e pelas preocupações que traz, naturalmente, o sentimento da responsabilidade? Não. Porque o poder é, e foi sempre em Portugal, mysanthropo e triste. Tem sido esse um dos nossos grandes defeitos. Ha em Portugal uma neurasthenia do poder, que ataca todos aquelles que se sentam nas cadeiras do governo. Em vez de actividades expansivas, de grandes animadores, de convicções em marcha, de forças transmissoras de energia e de fé, — os ministros têm o ar desalentado de prophetas da desgraça, chorando a proxima ruina da nação. As proprias declarações ministeriaes parecem elogios funebres. Ora isto não pode ser. Este vicio da nossa psychologia politica tem de ser corrigido a tempo. E' preciso ser optimista e ser forte para governar; eu não concebo o poder pessimista, negativista e doente. Quem está neurasthenico vae-se embora e deixa governar os outros. A situação do paiz não justifica, de modo algum, esta politica de carpideiras. Portugal está soffrendo, evidentemente, as perturbações economico-sociaes e as difficuldades financeiras de todas as nações que entraram na guerra; mas é um paiz rico, com magnificas possibilidades e recursos inesgotaveis, possuindo um vasto imperio colonial — o terceiro do mundo — e dispondo de capacidades de reconstrução e de condições de prosperidade economica que uma administração por vezes defeituosa não conseguiu diminuir. Temos tudo quanto é preciso para fazer uma grande nação: vitalidade de raça, tradições brilhantes e seculares, uma grande arte, uma literatura, admiravel, espirito constructivo, ansia renovadora, todos os valores moraes que provêm duma forte consciencia e duma indestructivel unidade nacional. Donde vem, então, o nosso nistros isolam-se da sociedade — pessimismo e o nosso desalento? Por que é o poder neurasthenico e triste em Portugal? Porque se isola. Porque não convive. Porque não communica com o sentimento da nação. Porque se mette no Terreiro do Paço, como um bicho dentro dum casulo. Os mi-

e não a frequentam; os governos isolam-se da opinião, — e não a procuram. O isolamento é um dos grandes erros do poder, em Portugal. Um governo — dizia-o ha tempo, num discurso notavel. o sr. Mussolini — tem de ser uma força em acção, um corpo com alma, um organismo vivo em que se sinta, a cada hora, latejar a energia communicativa duma idéa. Entre nós, pelo contrario, o poder, essencialmente fechado e taciturno, da-nos (embora não seja assim) a impressão da estagnação, da vacuidade e da immobildade. E, entretanto, hoje não se governa sem uma constante vibração de vida, sem um permanente contacto com a opinião publica, — que é a melhor arma dos estadistas, e do que elles precisam saber servir-se, não só para receber d'elle, as inspirações que ella pode dar, um sentimento mais vivo das realidades, uma mais segura consciencia da sua acção, mas para a orientar, para a captar, para a dirigir, para a suggestionar, para a manter como o seu mais forte instrumento de apoio politico. — "Oh! L'opinion publieue! C'est moi qui la fais!", — dizia um estadista francez do seculo XVIII. Ainda hoje, como estão, são os politicos que a fazem: mas é preciso fazel-a. — e, sobretudo, sabel-a fazer.

Precisamente porque não tem sido cultivada a opinião publica, em Portugal, é caracterizadamente opposicionista. Passada a lua-de-mel dum messianismo tão facil como ephemero — toda a gente está contra o governo. Uma educação defeituosa, uma indisciplina evidente, uma certa anarchia mental e moral que a guerra gerou, e que não é apenas portugueza — porque é europeia — entretém aqui, como em toda a parte um espirito de irreverencia e de demolição que não tem poupado homens, nem instituições, nem crenças, nem ideaes. Queixamo-nos de que não temos homens de prestigio, e todos nós fazemos o que podemos para os demolir. Queixamo-nos de que não temos governos estaveis, — e ninguem descansa enquanto não cahe o governo. Nos ultimos tempos, porém, — justo é accentual-o — modificaram-se sensivelmente as tendencias negativistas da opinião portugueza. Ha uma verdadeira ansia constructiva e renovadora na consciencia da nação. Sente-se que o periodo de demolição vaç passando, e que a politica esteril dos odios e das violencias tem de seguir-se uma politica fecunda de obras e de realizações.

(Extrahido do "CORREIO DA MANHÃ")

"Revista da Semana"

O embaixador da intellectualidade portugueza



O fulgurante escriptor da *Patria Portuguesa*, trazendo ao Brasil as altas expressões do affecto e da intelligencia de Portugal, chegou ao Rio segunda-feira ultima, entre homenagens significativas da mais nobre e estreita cordialidade. As gravuras desta pagina reproduzem aspectos da chegada do sr. Julio Dantas, quando o eminente homem de letras era acolhido no Cães do Porto, por escriptores brasileiros e portuguezes e por numerosa multidão. Ao alto, á direita, destaca-se o primoroso poeta do *Nada*, em companhia do sr. contra-almirante Gago Coutinho, nos seus aposentos do Palace-Hotel.

"Revista da Semana"



Recebido em sessão solenne da Academia Brasileira de Letras, o eminente presidente da Academia de Sciencias de Lisboa, como emissario da intellectualidade portugueza, expoz no luzido auditorio, terça-feira ultima, as suas opiniões e os sentimentos dos seus illustros collegas lusitanos sobre as finalidades communs das duas patrias irmãs. A nossa gravura reproduz suggestivo aspecto daquella solemnidade.

Preço. 1\$000

A Ceia dos Cardeaes



Quero Santos.

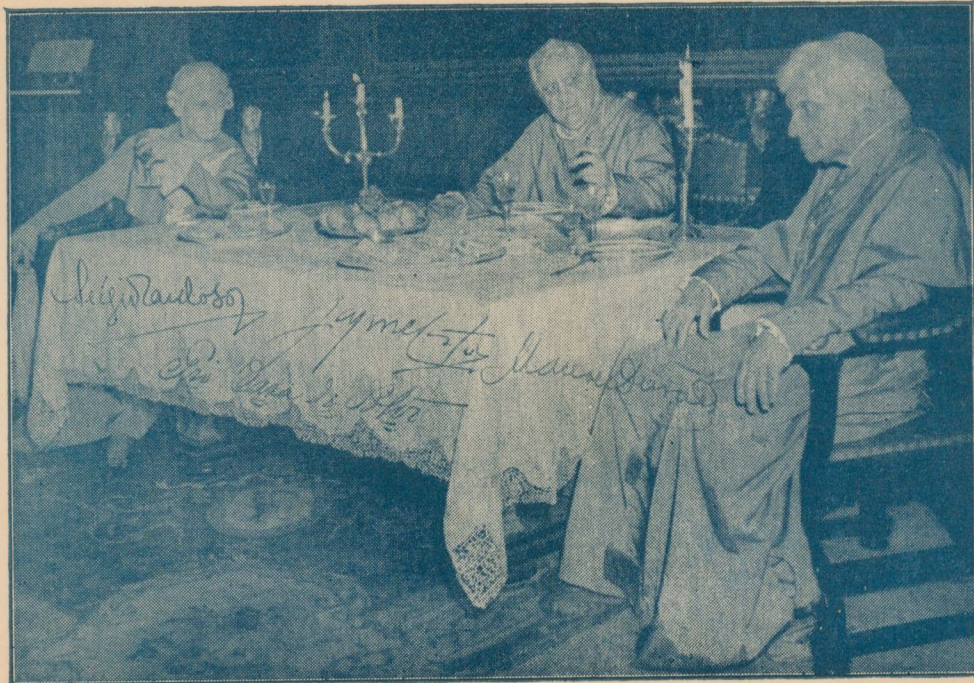


Celso de Mello Pupo.
Camp. 6-V-1920

A CEIA DOS CARDEAES

PEÇA EM UM ACTO, EM VERSO

Representada pela primeira vez no antigo Theatro D. Amelia,
em 24 de Março de 1902



JULIO DANTAS

A CEIA DOS CARDEAIS



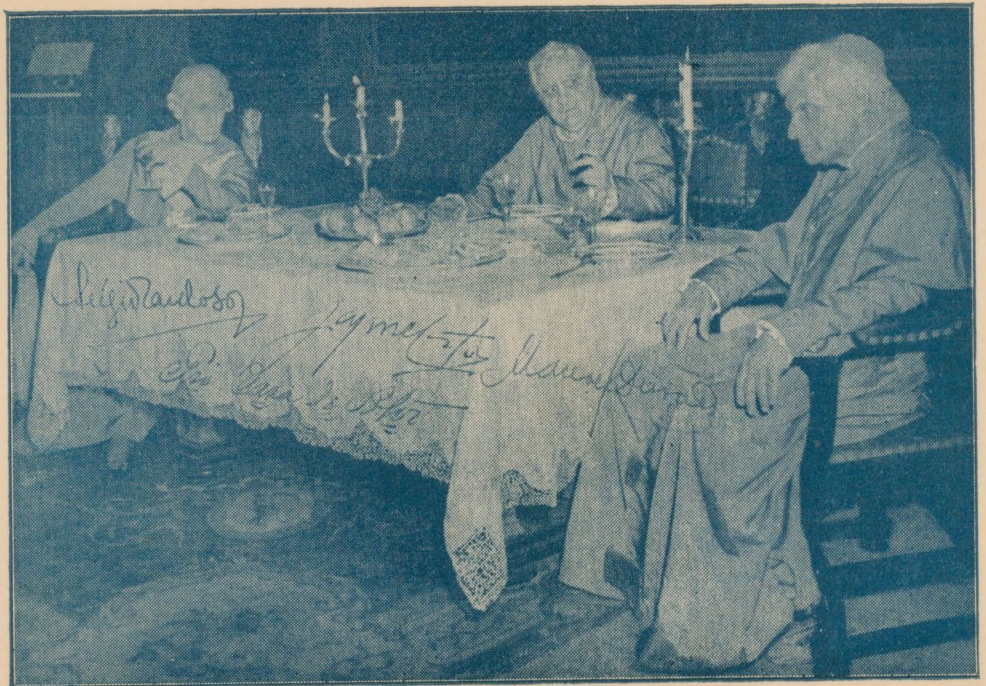
LISBOA

1920



To Illustre Poeta

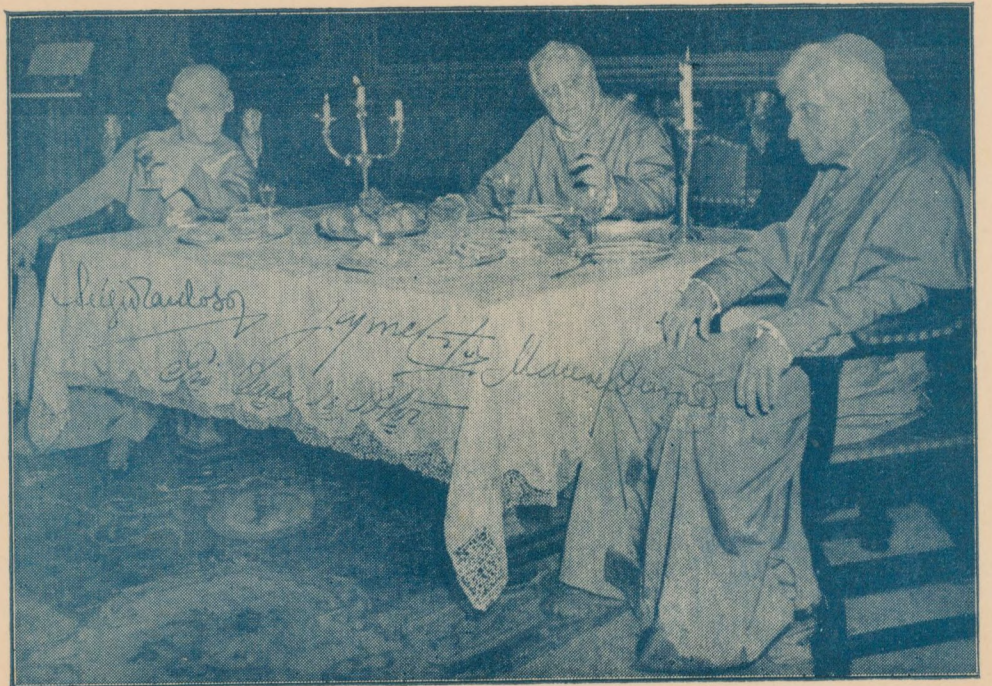
Conde de Monsaraz



FIGURAS (*)

<i>Cardeal Gonzaga de Castro</i> , bispo de Albano e camerlengo	JOÃO ROSA.
<i>Cardeal Rufo</i> , arcebispo de Ostia e deão do Sacro-Collegio	EDUARDO BRAZÃO.
<i>Cardeal de Montmorency</i> , bispo de Palestrina	AUGUSTO ROSA.
Em Roma. Vaticano — Durante o pontificado de Benedicto XIV. — Seculo XVIII.	

(*) Foi esta a distribuição primitiva, no antigo Theatro D. Amelia.
— No antigo Theatro D. Maria II soffreu alterações (epoca de 1904-1905), desempenhando o actor Eduardo Brazão o seu papel e os actores Ferreira da Silva e Fernando Maia, respectivamente, os papeis creados por João Augusto Rosa. — Na ultima *reprise* no Theatro da Republica (epoca de 1911-1912), os actores Brazão e Ferreira da Silva mantiveram-se nos seus papeis, tendo Augusto Rosa cedido o «Cardeal de Montmorency» a Chaby Pinheiro. — Até a época actual (1913) a distribuição tem-se mantido a mesma.



A Ceia dos Cardeaes

Uma grande sala no Vaticano.—Paredes cobertas de pan-
nos de Arrás.—Amplios tectos de Caixão, com apai-
nelamentos de talha dourada.—Um retrato de car-
deal, vermelho, sobre o fogão.—A' D. baixa, o cra-
vo, o violoncello e o violino d'um tercetto classico.—
Estantes altas, fradesças. Luzes.—Ao fundo, largo
tamborete onde ropousam as capas, os chapéus, os
bastões.—A' E. baixa, grande armario pesado de
baixella d'ouro e prata batida.—Quasi a meio, bu-
fete onde ceiam os tres cardeaes: toalha de hollandi-
lha picada de rendas; serviço de Sèvres, em branco
e ouro; cristaes. Luzes.

CARDEAL GONZAGA, CARDEAL RUFO, CARDEAL MONT-
MORENCY,

sentados ao bufete, ceiando;
os famulos, vestidos de verde e prata, servem-n'os de joelhos.

CARDEAL RUFO, visivelmente agastado

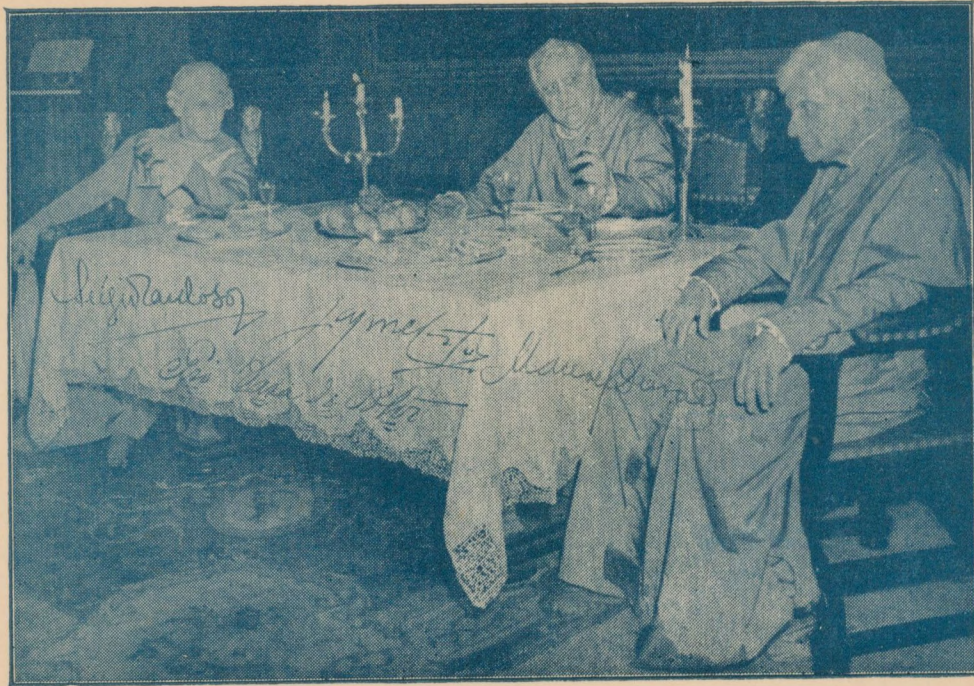
Será já amanhã!

CARDEAL GONZAGA, ao CARDEAL RUFO, apontando uma
travessa de Sèvres

Eminencia, o faizão.

CARDEAL RUFO

Como arcebispo d'Ostia e cardeal deão,
Cumpre-me receber o embaixador de França!
Dir-lhe-hei...



CARDEAL DE MONTMORENCY, *interrompendo*

Eminencia, a humanidade avança!
Não é justo cerrar-se ao pensamento humano,
Como uma porta d'ouro, o velho Vaticano!
Dir-lhe-ha!... Que poderá dizer Vossa Eminencia?

CARDEAL RUFO, *vehemente*

França é a Encyclopédia!

CARDEAL DE MONTMORENCY

E Roma a intransigencia

CARDEAL GONZAGA, *intervindo conciliador*

Eminencias, então!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *a um famulo que curva os joelhos servindo os vinhos*

Velho-Rheno

CARDEAL RUFO, *a outro famulo*

Xerez.

Continuando a DE MONTMORENCY

Roma! Roma que viu, pela primeira vez,
Benedicto XIV, um papa, a receber
Conselhos de Inglaterra e cartas de Voltaire!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *grandioso*

As cartas de Voltaire, honram!

CARDEAL RUFO, *n'um sorriso de desdem*

E' natural,

Fala como francez.

CARDEAL DE MONTMORENCY, *com dignidade*

Falo como cardeal!

CARDEAL GONZAGA, *intervindo de novo*

Mas, perdão... Não será politica de mais
Para uma ceia alegre? Emfim, tres cardeaes
Não salvam Roma...

CARDEAL RUFO, *n'uma grande attitude*

Pois, em minha consciencia,

Basta um só para a salvar!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *com ironia*

Vossa Eminencia?

CARDEAL GONZAGA, *conciliando, docemente*

Deixemos isso a Deus. E na divina mão
Roma repousará.

CARDEAL DE MONTMORENCY, *n'um sorriso*

Vamos nós ao faizão?

Trinchando com galanteria

Se permittem, eu sirvo. E' um faizão doirado,
Mão politico, sim; mas todo embalsamado
De trufas. Nunca fez encyclica nenhuma;
Não usou solidéo por sobre a aurea pluma,
Nem discutiu Calvino em pleno consistorio,
Mas é superior, por certo, a S. Gregorio.

Ao CARDEAL RUFO

Eminencia, não acha?



Ao CARDEAL GONZAGA, *servindo*

A perna? A aza? O peito?—
Muito superior, sobre tudo em direito
Canónico.—Uma azinha, Eminencia? Talvez
A possa amaciar, regando-a de Xerez.
A ave é rija de mais para velhinhos doentes...

CARDEAL GONZAGA, *muito formalizado*

Eminencia! Inda tenho uns quatro ou cinco dentes.

CARDEAL RUFO, *provando o faizão*

Benedicto talvez não ande muito mal
Se dêr ao cosinheiro o chapéo de cardeal!

CARDEAL DE MONTMORENCY a D. RUFO

Inda agora, a Eminencia agastou-se commigo...
Confesse...

CARDEAL RUFO

Eu?

CARDEAL DE MONTMORENCY

Agastou.

CARDEAL RUFO, *desculpando-se*

Voltaire é um inimigo...

CARDEAL DE MONTMORENCY

E nós amigos. São discordancias fugaces,
Eminencias...

CARDEAL RUFO, *abraçando-o com ternura*

Depois...

CARDEAL DE MONTMORENCY, *beijando-o*

Vem o «osculum pacis...»

CARDEAL RUFO

Sobre um beijo outro beijo e sobre um anno outro anno!
Como envelhece a gente, o velho Vaticano!
A politica... O mal que se faz e desfaz...
No mysterio subtil d'estes panos de Arraz...
A intriga na sombra... Os passos sempre incertos...

CARDEAL GONZAGA, *olhando a estante de musica*

O que nos vale...

CARDEAL DE MONTMORENCY

Ah, sim... São os nossos concertos.

CARDEAL RUFO

Musicas d'uma uncção espiritual tão grande!

CARDEAL GONZAGA, *n'um extase*

Como a alma sobe a Deus, nas fugas de Lalande!

CARDEAL RUFO, a DE MONTMORENCY

Depois, o seu violino... Eminencia é artista...

CARDEAL DE MONTMORENCY, a D. RUFO

E o seu violoncello...

CARDEAL RUFO

Oh! A perder de vista!

N'um sorriso de beatitude

Só com tres cardeaes, Roma era um ceu aberto!



CARDEAL DE MONTMORENCY, *tristemente*
Tão longe, a mocidade...

CARDEAL GONZAGA, *n'uma lagrima*

E o tumulto tão perto! — Já tenho oitenta e um.
Caiu-nos sobre a fronte a neve dos caminhos...

CARDEAL RUFO

Envelhecemos tanto!

CARDEAL GONZAGA a D. RUFO

Estamos tão velhinhos... — Já fez sol, para nós... Sol! Pois não é verdade?

CARDEAL RUFO, *como n'um sonho*

Sol!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *a um dos famulos*
Mais Champagne...

CARDEAL GONZAGA

Sol! — Inda aquece, a saudade
O pensar que se amou, que se viveu... O amor!
— Um tronco envelhecido a cuidar que deu flôr!

Depois d'um instante, n'um embevecimento

Mysterioso montê é neste mundo a vida!
Todo rosas abrindo ao galgar na subida.
E a velhice ao descer, toda cheia de espinhos...
— Ai, tão velhinhos!

CARDEAL RUFO, *tristemente*

Tão velhinhos!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *olhando os dois, com ternura*
Tão velhinhos!

CARDEAL RUFO

Relíquias. Devo ter setenta e tres, já feitos.

CARDEAL GONZAGA

CARDEAL DE MONTMORENCY, *sorrindo, a olhal-os*

São dois velhos perfeitos!
Tres... Tres velhos sem côr, que a saudade aviventa...

CARDEAL RUFO a DE MONTMORENCY

Vossa Eminencia tem, quantos?

CARDEAL DE MONTMORENCY

Tenho sessenta.

CARDEAL RUFO ao CARDEAL GONZAGA,

olhando DE MONTMORENCY com uma inveja infantil
Sessenta, só!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Sessenta. E a vida já me cança.

CARDEAL GONZAGA

Vossa Eminencia está ainda uma creança!

CARDEAL RUFO, *olhando embevecidamente DE MONTMO-*
RENCY

Tambem já fui assim! E que rijo que eu era!
Sessenta annos! Ainda em plena primavera!
Tal qual assim... Tal qual!

CARDEAL GONZAGA

E eu! O que direi eu!



CARDEAL RUFO

Então, ainda eu compunha ao espelho o solidão
E via, com amor, sob a seda vermelha,
Uns fios d'ouro, a rir por entre prata velha!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *sorrindo*

Mas, Eminência... Não! Com sessenta annos feitos,
Não sou precisamente, uma creança de peitos...
Sou um velho também... Um velhinho, com o ar
De quem viveu feliz e envelhece a cantar...

CARDEAL GONZAGA

E'. E' uma creança. Em tendo a nossa idade,
Verá que o recordar coisas da mocidade
E' o prazer maior que podem ter os velhos...
Para nós, recordar é cahir de joelhos...

CARDEAL DE MONTMORENCY

Eu sei... Eu também sei... Recordar é viver,
Transformar n'um sorriso o que nos fez soffrer,
Ressurgir dentro d'alma uma idade passada,
Como em capella d'ouro ha cem annos fechada
Onde não vae ninguém mas onde ha festa ainda...
Se eu não hei de saber como a saudade é linda!
Se eu não hei de saber!—E' curioso, Eminências.
Não fizemos ainda as nossas confidencias,
E somos como irmãos... Tão amigos!

CARDEAL RUFO

E' certo!

CARDEAL GONZAGA

Confidencias?

CARDEAL DE MONTMORENCY

Então... A morte vem tão perto...

Olhemos para traz... lembremo-nos da vida...
A saudade d'um velho é uma estrada florida!

CARDEAL RUFO

Confidencias d'amor!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Porque não ha de ser?
Em toda a mocidade ha um riso de mulher...
Contemos esse riso uns aos outros... Nós tres...
Recordar um amor é amar outra vez!
Ninguém nos ouve...

CARDEAL GONZAGA

Mas, Eminência!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Amor da nossa vida!

O maior

CARDEAL GONZAGA, *num sincero pudor, tapando a cara*

Oh!

CARDEAL RUFO, *como quem sonha*

O maior amor!

CARDEAL GONZAGA, *querendo protestar*

Mas nós somos cardeaes!

CARDEAL RUFO, *entusiasmando-se*

O sentimento humano

Em toda a parte vive, até no Vaticano!

C. dos Cardeaes — 2



E esta purpura—ai não, seria crueldade!—
Póde matar o amor, mas não mata a saudade!

CARDEAL MONTMORENCY ao CARDEAL GONZAGA

Principie o mais velho... Eminencia...

CARDEAL GONZAGA

Por Deus!

CARDEAL RUFO a DE MONYMORENCY

Seja o mais novo!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *escusando-se polida-*
mente um gesto

Oh!

CARDEAL RUFO, *tomando uma grande attitude*

Pensando um instante

Que lhes hei de contar?

Erguendo a cabeça, os olhos brilhantes, como quem encontrou

Uma aventura linda,

Cheia de coração! Ai, não ter eu ainda

Mocidade na voz para a saber contar!

Eminencias, perdão se eu acaso chorar...

Se uma lagrima... Emfim, são tudo impertinencias

De velhos...

CARDEAL DE MONTMORENCY *convidando-o a principiar*

Eminencia...

CARDEAL RUFO, *depois d'um ligeiro cumprimento a ambos*

Eu começo, Eminencias.—

Os vinte annos ou vinte e dois, proxíamente,
fui eu por gentileza a um fidalgo parente,
Com minha capa negra e minha volta branca,
Per cónones e leis na douda Salamanca.
Era então um pequeno, espadachim e ousado,
O feltro ao vento, o manto ao hombro, a espada ao lado,
Tendo o instincto da phrase e a intuição do gesto,
—Um Velasquez no trajo, um Quixote no resto,
Que seria talvez, por suprema façanha,
Capaz de desafiar o proprio rei da Hespanha!
Nem póde calcular, sequer Vossa Eminencia,
Como o meu buço loiro irradiava insolencia!
Não matei em duello o sol, pelas alturas,
Só para não deixar Salamanca ás escuras!
A respeito de amor, como essencia divina
Fiquei-me no *Don Juan* de Tirso de Molina:
O amor para mim, por mais alto que fosse,
Morria, ainda em flor, como a primeira posse!
Detestava a mulher, depois de conquistada:
A conquista era tudo! o resto, quasi nada.
Não podia soffrer aventuras serenas:
Para mim, o amor era o duello apenas!
Batia-me ao acaso, emfim por qualquer cousa,
Um beijo, uma mulher, uma pedra preciosa,
Uma flor que se atira, aza d'oiro pelo ar,
A esmola d'um sorriso, a graça d'um olhar...
Já não tinha valor para mim, nenhum bem,
Se não fosse preciso ir disputal-o a alguém.
Luctar, vencer, rasgar, ardendo de desejo,
Com a ponta da espada o caminho d'um beijo,
Tomar d'assalto o amor, ao sol de mil perigos,
Como um rubro estandarte entre mãos de inimigos!



Assim vivia eu e os outros estudantes,
Lendo pouco Platão, lendo muito Cervantes,
Quando entrou de jornada em Salamanca um dia,
Sobre carros de bois, a maior companhia
De comicos que vi ainda em toda a Hespanha!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *num sorriso*

Se visse a de Mollière... Oh!

CARDEAL RUFO, *sem se desmanchar*

Nem tão rica, por certo. Ah! foi uma loucura
Na Universidade! A primeira figura
Do bando era uma viva e linda rapariga,
Um Rubens precioso, um belleza antiga...

CARDEAL GONZAGA, *tapando a cara*

Oh!

CARDEAL RUFO

D'um loiro flamengo, a cabecita airosa,
Toda n'um garavim de seda côr de rosa,
Como um beijo de luz, rescendia innocencias...

CARDEAL DE MONTMORENCY, *estranhando a palavra*
Oh!

CARDEAL RUFO

Eu peço perdão se me excedo, Eminencias,
Mas aquella mulher era um anjo dos ceus!
Se Deus a pretendesse,—eu desafiava Deus!

er um anjo a dizer-me ó natureza cêga!
versos de Calderon e de Lope de Véga!
representação foi sobre um páteo velho,
todo armado á fidalga em damasco vermelho,
num tapete real de capas de estudantes!

Num desfallecimento, escondendo uma lagrima

Ai, o que eu sou agora! Ai, o que eu era d'antes!
Quanta luz, quanto fogo a velhice nos rouba!—
representaram, não sei bem se a *Niña Bôba*,
Um poemazinho leve onde a graça esvoaça...
Mas sem ella, sem ella onde estaria a graça?
Nisto, em meio talvez da representação
Ouvi ao pé de mim, dentre um bando folião
De escolares, dizer em voz rouca e sumida:
O rapto será logo, hein? Será á sahida,
Na porta dos Brazões. Quando a linda *Bobinha*
Entrar na sua rica e leve cadeirinha
Nahiremos sobre ella, e...» Não ouvi mais nada
Nda desembainhei meio palmo da espada,
Mas contive-me. «Não. Logo é melhor.»—disse eu.
Quando acabou a peça era noite. Desceu
Uma tapeçaria. A cadeirinha fóra
A porta dos brazões, para sua senhora,
Era um ninho infantil de lúcido brocado.
Nerto, o bando escolar aguardava, embuçado.
Occultei-me tambem nas sombras da viella,
Desembainhei a espada, e... N'isto, assomou ella,
Diz-se: espada e anel, na mão em que estiver!
Mas sempre é forte a mão, quando é linda a mulher!
Atirei-me d'um salto e em rapidos instantes.
Bósinho contra vinte e tantos estudantes,
Contra uma Faculdade inteira, expondo a vida.
A capa ao vento, a espada em punho, a pluma erguida,
Alhei, ensanguentei, feri, numa violencia...



Esgrimindo com o bastão, por sobre a mesa

Assim! assim!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *defendendo a louça e o seu
viço riquíssimo*

Por Deus! E' Sèvres, Eminencia!

CARDEAL RUFO, *sentando-se, n'um grande gesto fanfarrão*

E se não os matei a todos, em verdade,
Foi p'ra não se fechar a Univeridade!

CARDEAL GONZAGA, *profundamente admirado*
Sósinho contra vinte! Uma lucta sangrenta!

CARDEAL RUFO

Vinte?—Trinta! Ou talvez, contando bem, quarenta!

CARDEAL DE MONTMORENCY

E então... a cadeirinha?

CARDEAL RUFO

Ah! Desappareceu.

CARDEAL GONZAGA

E a comica?

CARDEAL RUFO

Sei lá!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Quê! Não a seguiu?

CARDEAL RUFO

Eu

CARDEAL DE MONTMORENCY

Não a tornou a ver?

CARDEAL RUFO, *tristemente*

Não. Nunca mais a vi.

Foi por isso que a amei,—porque a não possuí!

CARDEAL DE MONTMORENCY

No seu caso, Eminencia, eu...

CARDEAL RUFO

Diga...

CARDEAL DE MONTMORENCY

Se o consente...

CARDEAL RUFO

Seguia a cadeirinha?

CARDEAL DE MONTMORENCY

Immediatamente.

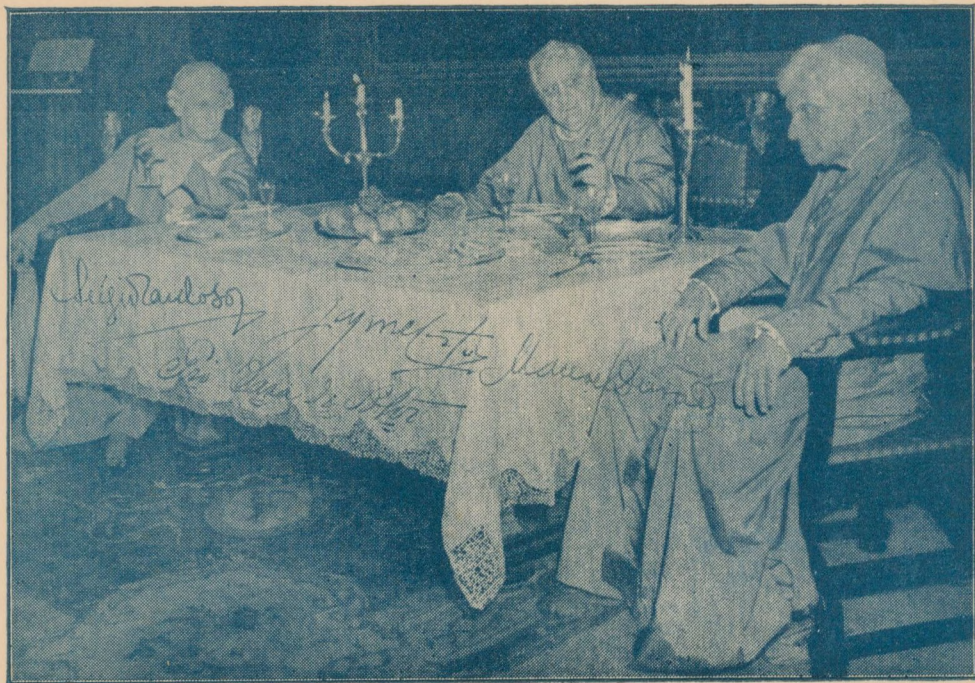
E ao attingil-a, então curvaria o joelho,
Tiraria o chapéu em grande estylo velho,
E postando-me junto á portinha dourada,
De corpo ajoelhado e d'alma ajoelhada,
Diria n'um olhar cheio de sonhos loucos:
«Senhora, perdoae, bater-me... com tão poucos!»

CARDEAL RUFO

Linda phrase!

CARREAL DE MONTMORENCY

Não é?



CARDEAL RUFO

Pena não me occorre...

Com grande tristeza na voz

Agora é tarde já para eu lh'a dizer!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Tinha espirito... Emfim, o amor, pensando bem,
Não é só a bravura, é o espirito também,
Essa força subtil e tenuissima quasi,
Que é a alma do gesto e a nobreza da phrase,
Qualquer cousa de fino, e flexuoso, e ardente,
Que nos faz ajoelhar irreflectidamente,
Perturba, vence, infiltra e, mal aflora á bocca,
Veste de seda e oiro a confissão mais louca...
Que seria o amor sem espirito, Eminencia?
Uma paixão brutal ou uma impertinencia,
Sem pureza, sem tudo aquillo que resume
O coração num beijo e a alma num perfume!
Com uns punhos de renda, até a offensa é linda!
Póde ser fina a espada; a phrase é mais ainda!
Uma escola subtil de esgrima delicada:
Procura o coração a phrase, como a espada,
E desfaz-se, ao ferir, em pedras preciosas,
Como os raios de sol quando ferem as rosas...
Se ao homem vence a espada e se é bello vencer,
O espirito faz mais, — porque vence a mulher!
No meu tempo, no tempo em que amei e vivi,
Fui o que ainda hoje são os de Montmorency,
O grande espirituoso, o leão da nobreza,
Cabelleira em anneis e golla á Genoveza,
Passeando, todo em seda, orgulhoso e solemne,
Pelas salas feudaes da duqueza de Main.

Ah! Como já vae longe essa vida d'amor!
Como vae longe! — Um dia, o velho Philidór
Tocava sobre o cravo um lindo minuete,
Um mimo, o que ha de mais seculo XVII...

Querendo recordar-se e cantando

Lari, lara, lari...

Suspendendo, tristemente

Já não me lembro bem...

Tudo passa!

Tentando de novo recordar-se

La-ri-la... Nesse instante, alguém,
Uma linda mulher que eu já tinha encontrado
Nas ruas de Versailles, em seu coche dourado,
A Embaixatriz d'Austria, uma deusa, um assombro,
Poisou, num gesto lindo, a mão sobre o meu hombro
E disse, n'uma voz desdenhosa: «Marquez,
Detesto-o.» Sorri. N'isto, segunda vez:
«Aborreço-o.» Ri ainda. Ah, Eminencias!
Uma mulher bonita a dizer insolencias
E a coisa mais galante e mais deliciosa
Que póde imaginar-se! E' como se uma rosa
Boltasse imprecações, vermelha e melindrada,
Contra as azas de sol d'uma abelha doirada...
N'isto, terceira vez: «Marquez, tenho-lhe horror.»
E não ri. Junto ao cravo, o velho Philidór
Tocava o seu minuete ingenuo e palaciano...

Querendo ainda lembrar-se

La-ri, lara, la... Não... Lari...



N'uma grande expressão dolorosa

Ha já tanto anno !
Não me lembro... A velhice !

Vendo de repente o velho cravo fradesco, e erguendo

Ah, talvez, sim... Talvez
O consiga tirar n'este cravo hollandez.

*Ferindo as teclas com a mão esquerda, de pé, e continuando
a fallar para os dois cardeaes enquanto vae tocando.*

La-ri, la-ra...—Então, decidi-me, Eminencias.
Compuz a cabelleira e em duas reverencias,
O pé atraz, a mão na espada, á moda antiga,
Curvei-me ante essa linda e fidalga inimiga
E disse: «A sua mão. Venha, minha senhora.
Não me detestará d'aqui a meia hora.»
Dançamos o minuete. Ella era singular!
Dava-me a impressão d'uma renda a dançar,
Uma renda ligeira, um Saxe transparente,
Onde se iam poisar, perturbadoramente,
Como um enxame d'oiro, espirituoso e leve,
Desde a breve ironia ao epigramma breve,
A phrase á Marivaux, ardente e complicada,
O eterno quasi tudo,—apenas quasi nada,
O espirito-mesura, o sorriso-eloquencia...

Ao CARDEAL RUFO, que está mais proximo

Não sei precisamente o que disse, Eminencia,
Mas devia ter sido um requinte de graça,
Galanteio que vôa ou perfume que passa,
Poema todo em rosa, apaixonado e brando,
Que nós dá a illusão de-que se diz sonhando,

Eloquencia d'amor que perturba a mulher,
E vence quando ajoelha, e beija quando fêre !
La-ri-la... Terminou o minuete, por fim.
Meia hora depois, nas sombras do jardim,
A Embaixatriz d'Austria, apaixonada, louca,
Unindo á minha bocca a pequenina bocca,
Dizia-me a sorrir: «Como o adoro, marquez !»
—O espirito vencera ainda mais uma vez !
E enquanto Philidór, junto ao cravo...

Tocando, á procura, n'um desespero

Não sei...

La-ri-la...

*Depois, n'uma explosão subita d'alegria, sentando-se ao cravo
a tocar*

O minuete ! Achei ! Achei ! Achei !

La-ri-la, la-ri-la, la-ra...

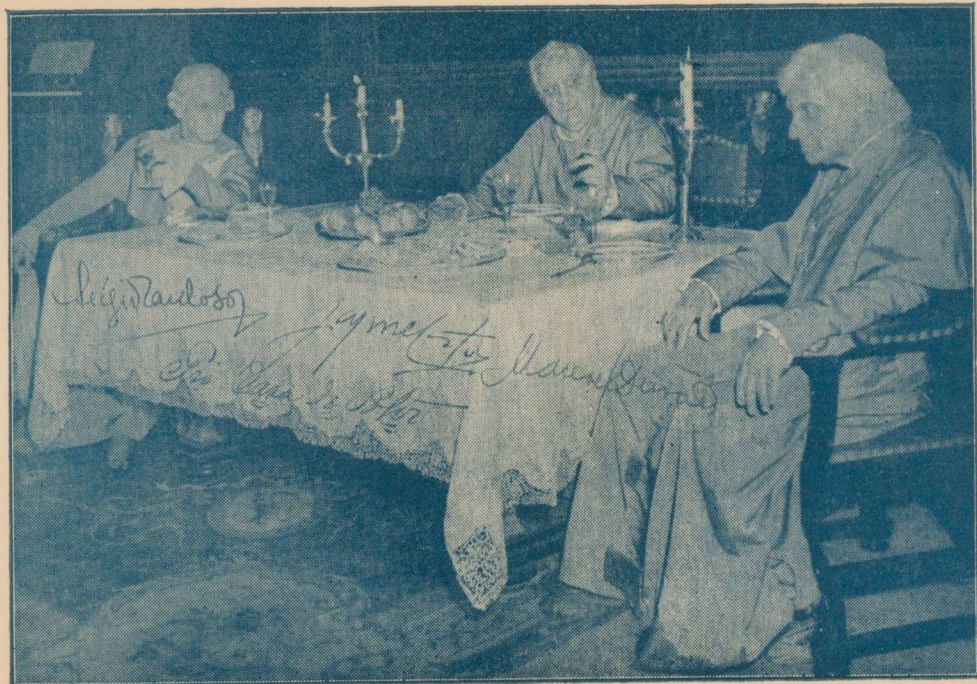
CARDEAL RUFO, *erguendo-se e approximando-se do CAR-
DEAL DE MONTMORENCY*

Vossa Eminencia
Perdoa-me, talvez, mais uma impertinencia...

CARDEAL DE MONTMORENCY, *levantando-se do cravo*
Era lindo, o minuete !

CARDEAL RUFO, *sorrindo*

E' que para vencer
Nesse jogo floral uma simples mulher,
Parece-me de mais a sua meia hora...



CARDEAL DE MONTMORENCY

Oh! Pois acha, Eminencia?

CARDEAL RUFO

O espirito demora!
Trinta e tantos brigões fortes e resolutos
Venci eu, a poder de espada, em dois minutos!

CARDEAL DE MONTMORENCY ao CARDEAL RUFO

Seguisse a *Nina Boba*. A Eminencia veria...
Passava a meia hora e não a venceria!

Ao CARDEAL GONZAGA, *que, pensa, n'uma attitude de extase*

A Eminencia que diz?

CARDEAL RUFO, *acercando-se tambem do CARDEAL GONZAGA*

Em que pensa, cardeal?

CARDEAL GONZAGA, *como quem accorda, os olhos cheios de brilho, a expressão transfigurada*

Em como é diferente o amor em Portugal!
Nem a phrase subtil, nem o duello sangrento...
E' o amor coração, é o amor sentimento.
Uma lagrima... Um beijo... Uns sinos a tocar...
Um parsinho que ajoelha e que se vae casar.
Tão simples tudo! Amor que de rosas se inflóra:
Em sendo triste, canta; em sendo alegre, chora!
O amor simplicidade, o amor delicadeza...
Ai, como sabe amar, a gente portugueza!

Tecer de sol um beijo, e desde tenra idade
Ir n'esse beijo unindo o amor e a amizade,
N'uma ternura casta e n'uma estima sã,
Sem saber distinguir entre a noiva e a irmã...
Fazer vibrar o amor em cordas mysteriosas,
Como se em communhão se estendessem as rosas,
Como se todo o amor fosse um amor sómente...
Ai, como é diferente! Ai, como é diferente!

CARDEAL RUFO

Tambem vossa Eminencia amou?

CARDEAL GONZAGA

Tambem! Tambem!
Póde-se lá viver sem ter amado alguém!
Sem sentir dentro d'alma—ah, podel-a sentir!—
Uma saudade em flor, a chorar e a rir!
Se amei! Se amei!—Eu tinha uns quinze annos, apenas,
Ella treze. Um amor de creanças pequenas,
Como uma nuvem d'ouro ao abrir de manhã...
Era minha priminha. Era quasi uma irmã.
Bonita não seria... Ah, não... Talvez não fosse.
Mas que profundo olhar e que expressão tão doce!
Chamava-lhe eu, a rir, a minha mulhersinha...
Nós brincavamos tanto! Eu sentia-a tão minha!
Toda a gente dizia em pleno povoado:

«Não ha noiva melhor para o senhor morgado,
Nem em capella antiga ha santa mais santinha...»

E eu resava, baixinho: «E' minha! E' minha! E' minha!»
Quanta vez, quanta vez, cançados de brincar,
Ficavamos a olhar um para o outro, a olhar,
Todos cheios de sol, offegantes ainda...



N'uma grande expressão de dor

Era feia, talvez, mas Deus achou-a linda...
E uma noite, a minha alma, a minha luz... morreu!

N'uma revolta angustiosa

Deus, se m'a quizes tirar, p'ra que foi que m'a deu?
Para que? Para que?...

CARDEAL DE MONTMORENCY, *ao vel-o erguer-se, am-
parando-o*

Oh! Eminencia...

CARDEAL RUFO, *curvando-se tambem para o amparar,
commovido*

Então!

CARDEAL GONZAGA

Ai! Pois não via, Deus, que eu tinha coração?

CARDEAL RUFO

Eminencia!

CARDEAL GONZAGA, *cahindo sobre a mesa, a soluçar*

Não via! Ai, não via! Não via!
Cuidou que d'um amor outro amor reffloria
E matou-me... E matou-me!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Eminencia...

CARDEAL GONZAGA

Afinal...

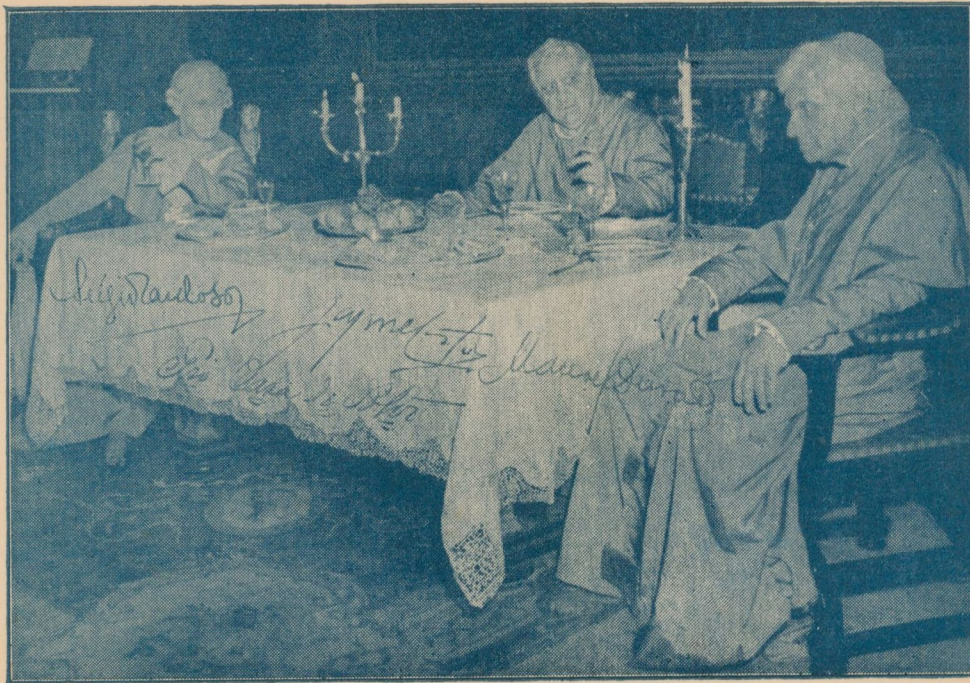
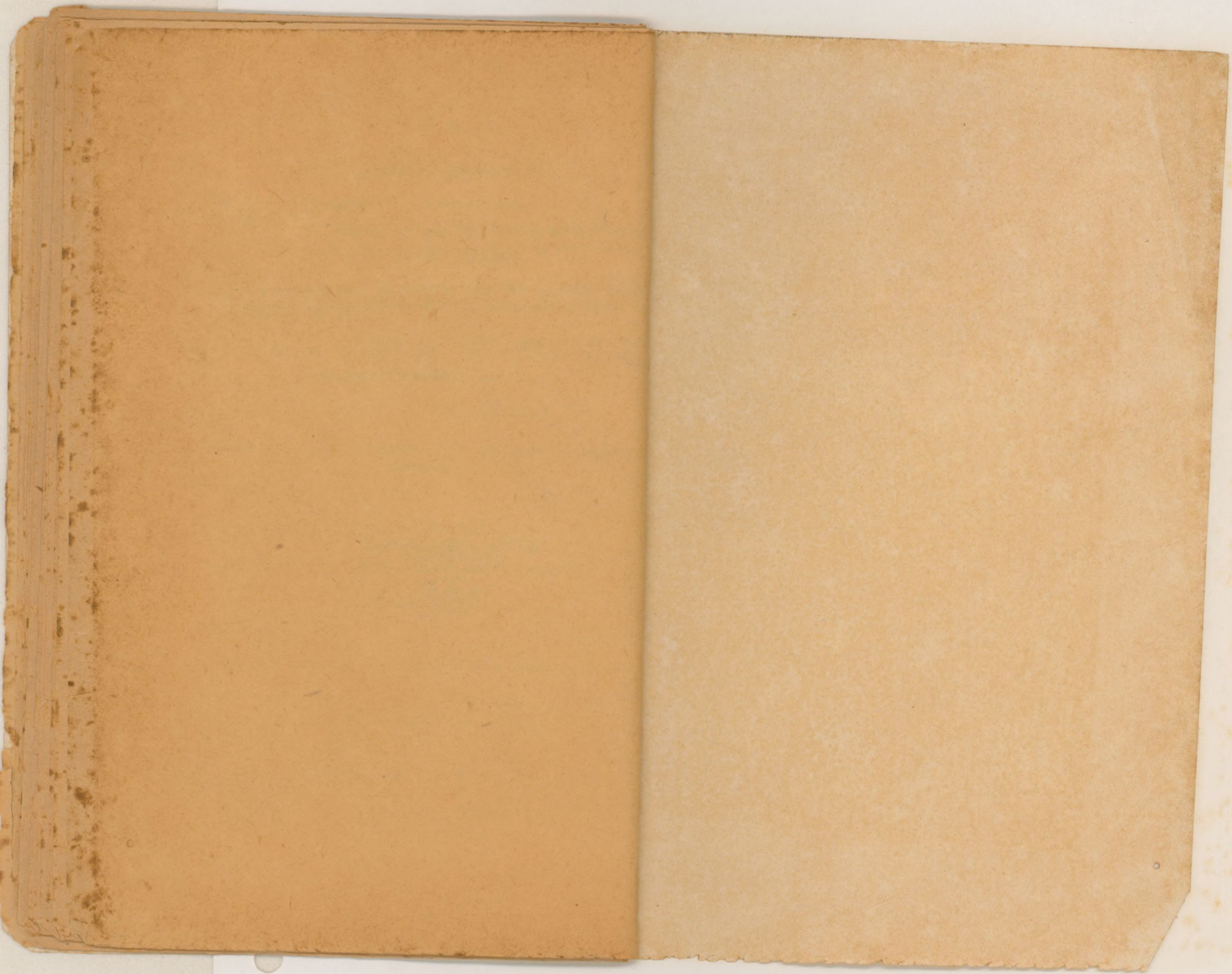
oi esse anjo ao morrer que me fez cardeal!
eu hoje sirvo a Deus, a Deus que m'a levou...

CARDEAL RUFO a DE MONTMORENCY, *limpando uma la-
rima fugitiva, enquanto ao onze horas soam no Vaticano*

oi elle, de nós tres, o unico que amou!

Cae o panno, lentamente.





Morreu Júlio

Dantas

"Correio Popular"



Júlio Dantas

LISBOA, 25 (France-Presse) — Júlio Dantas, Presidente Emérito da Academia Portuguesa, falecido à idade de 86 anos após uma longa enfermidade em sua residência de Lisboa, ocupava nas letras portuguesas e nos meios intelectuais portugueses um lugar dos mais proeminentes.

Nascido em Lagos, extremo sul de Portugal, a 19 de maio de 1876, fez sua entrada no mundo das letras com um livro de poesias bem a gosto do fim do século: "Nada", com a idade de vinte anos. Médico, orientou-se para a psiquiatria e se notabilizou por uma tese: "A loucura e a arte".

Oficial médico do exército em 1902 não foi contido através da medicina que se tornou notável, mas pelas letras e principalmente pelo teatro. Duas das mais importantes, senão as mais importantes peças da alta comédia portuguesa: "A Ceia dos Cardeais" e "Severa", que, impresso, se constituía em um estudo romântico de uma época. No cinema, tornou-se igualmente uma opereta de sucesso.

Mas, as obras em prosa e teatral de Júlio Dantas, escritas todas em estilo elegante e brilhante, não poderão ser esquecidas, eis que algumas delas, como "A Pátria Portuguesa", entraram na Antologia Portuguesa.

Sempre ligado aos problemas da alta cultura lusobrasileira, Júlio Dantas deu sua colaboração para o fortalecimento das relações culturais entre os dois países. Entrou na política em 1908, ao tempo da monarquia, época em que foi eleito deputado por Coimbra. Republicano, vêem-se a ele confiados, pela República, várias altas missões tanto culturais como políticas. Por duas vezes foi Ministro dos Assuntos Estrangeiros (1921 e 1923). Tornou-se depois senador. Abandonou a política ativa quando ao advento do "Estado Novo".

Dantas foi, de 1940 a 1959, Presidente da Academia de Letras e Ciências de Portugal, posto que abandonou em razão do cansaço ocasionado pela sua idade. Mas, em seguida, foi eleito Presidente Emérito da Academia. Fundador da Academia Brasileira da História Titular de Condecorações Portuguesas, Brasileiras, Francêsas (Legião de Honra com o título de Grande Oficial), Espanholas, Belgas, Britânicas, etc.) foi membro honorário de várias academias estrangeiras.

Casado com Maria Pia Dantas, não deixou filhos.

CONSERVOU TODA A LUCIDEZ

LISBOA, 25 (France-Presse) — O corpo do grande escritor português Júlio Dantas, presidente de Honra da Academia Portuguesa, será colocado em câmara ardente na sede da Academia Portuguesa.

Pode-se, entretanto, precisar que Júlio Dantas expirou às cinco horas da madrugada, após uma longa enfermidade do coração. Até os seus derradeiros momentos, conservou toda a lucidez. Duas horas antes da sua morte, ouvia uma transmissão de rádio estrangeira com as primeiras notícias mundiais do dia, do que era verdadeiramente apaixonado.

"Folha de S. Paulo"

19-V-1976

Há um século nascia Júlio Dantas

No dia 19 de maio de 1876, há exatamente um século, nascia em Lagos o escritor português Júlio Dantas, que morreu em Lisboa a 25 de maio de 1962.

Jornalista, poeta, dramaturgo, cronista e historiador de grande talento, Júlio Dantas inscreveu-se ainda na história de seu tempo por sua participação na política.

Depois de frequentar o Colégio Militar, formou-se em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, e a partir de 1902 atuou como oficial médico do Exército.

Foi professor e diretor do Conservatório de Arte Dramática, e comissário do Governo junto ao Teatro D. Maria II. Como político, foi senador e deputado em vários mandatos e quatro vezes ministro de Estado, duas vezes na pasta da Instrução Pública e duas na dos Negócios Estrangeiros. Foi ainda presidente do diretório nacional do Partido Nacionalista e líder desse partido no Senado.

Representou seu país na Comissão de Cooperação Intelectual da Sociedade das Nações, e, a partir de 1908, tornou-se membro da Academia de Ciências de Lisboa. Como acadêmico, destaca-se o seu trabalho em prol do fomento de relações e intercâmbio entre entidades culturais portuguesas e estrangeiras. Nesse sentido, deixou registrada a sua atuação junto à Academia Brasileira de Letras.

No teatro, suas peças mais famosas são "A Ceia dos Cardeais" e "A Severa". Na poesia, seu trabalho mais conhecido é o livro "Nada", surgido em 1896, sendo também bastante popular "Figuras de Ontem", de 1916.

Além de inúmeros outros trabalhos em prosa e verso, deixou ainda crônicas, muitas das quais publicadas em jornais. Para a imprensa, o ponto considerado mais alto de seu trabalho foram os escritos de caráter político. Como jornalista, tornou-se conhecido não só do público português, mas também do brasileiro e argentino.

Júlio Dantas, porém, não se dedicou apenas à ficção, revelando-se ainda um escritor de talento no campo do levantamento histórico. Nesse terreno, tornaram-se famosas as obras em que ele faz reviverem, à luz da perspectiva histórica, vultos notáveis da história lusitana.

Correio Popular - 26-V-1962

Juó Bananere e a caricatura verbal

TRAJANO VIEIRA

Muitas obras escritas no Brasil do começo do século 20, mas hoje esquecidas, poderiam ser resgatadas por uma leitura que lhes restituísse o caráter da "belle époque"

Desde que o período literário compreendido entre 1900 e 1920 foi batizado por Tristão de Ataíde como pré-modernismo, historiadores têm estado de acordo quanto à seleção de obras, embora com opiniões frequentemente divergentes: o regionalismo, que para alguns antecipa o nacionalismo modernista, é criticado por outros pelo maniqueísmo com que certos autores aplicam um moralismo xenófobo ao homem do interior. Fala-se em parnasianismo, e Bilac é elogiado como artesão, motivo por que outros o rechaçam. Assim costuma-se prosseguir, até a apreciação unânime sobre o neoparnasianismo e neo-simbolismo: fazem o que outros já fizeram melhor, o que justifica não serem citados ou incluídos em antologias. É lamentável que a consideração sobre autores, no lugar de textos, tenha provocado o esquecimento de obras de Emílio de Menezes, Bastos Tigre, Barão de Itararé e Juó Bananere. Parte dessa produção, entretanto, pode ser resgatada por uma leitura que lhe restituía o caráter da "belle-époque".

Um dos motivos que possibilitaram o aparecimento do "art-nouveau" no Rio de Janeiro foi, segundo Brito Broca ("A Vida Literária no Brasil-1900", p. 20-45), a abertura da avenida Central, que forçou a alteração na postura da boêmia, acostumada aos "cafés" de vielas e becos, com seu deslocamento para os amplos salões, cujos rebatimentos espelhados denunciavam desregramentos de mau tom. Os arabescos dos entalhes naturalistas com frequências orientais, a moda das casacas coloridas com que João do Rio percorre sob vaías o Municipal, indiciam o bom gosto das conversas entre os partidários da última moda literária. Os remanescentes parnasianos não esca-

pam a essa situação, e muitos se aplicam à poesia satírica e à então nascente publicidade. É pela negatividade de uma estética que lhes ensinara traquejos de composição que podem ser lembrados.

Autores esquecidos

Quando se lêem, por exemplo, certas crônicas de Agripino Grieco, observa-se o prazer que o encasacado duelo repentista causava entre a boêmia, em que o fraseado era um verdadeiro arabesco "art-nouveau", a velar a idiossincrasia saudosista frente à urbanização, dispondo a agonia em ziguezagues de aporia estimulada. É de Bastos Tigre, que tinha uma "disciplina quase científica do sarcasmo" (Grieco, "Evolução da Poesia Brasileira"), a paródia aos repetidos "vãos" metafísicos de então:

Quem sou eu? De onde venho e
onde, acaso, me leva
O destino fatal que os meus passos
conduz?
Ora sigo, a tatear, mergulhado na
treva,
Ou tateio, indeciso, ofuscado de
luz.

Grão, no campo da vida onde a
morte se ceva?
Semente que apodrece e não se
reproduz?
De onde vim? Da monera? Ou vim
do beijo de Eva?
E aonde vou, gemendo, a sangrar
os pés nus?

Nessa esfinge da vida a verdade se
esconde;
O espírito concentro e consulto a
razão
E uma voz interior, sincera, me
responde:
— Quem és tu? — Operário
honesto da nação.

— De onde é que vens? — De casa.
— Onde é que estás? — No bonde.
— Para onde vais? — Não vês? —
Para a repartição.

Bastos Tigre pertenceu à primeira leva da publicidade brasileira, sendo responsável, entre outros, pelo "slogan" "se é Bayer é bom", expressões como "credíário" e "ducal", além da paródia camonianiana para o remédio contra tosses "Bromil", cujo primeiro verso, "os homens de pulmões martirizados", exemplifica a conjugação de humor e coloquialismo. Quanto a Emílio de Menezes, o próprio Oswald de Andrade, numa palestra sobre a sátira no Brasil, chegou a criticar Manuel Bandeira por tê-lo excluído de sua "Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana", e cita um de seus poemas, calcado no "topos" dos "impossibilia", em que o humor negro culmina na informação de que o protagonista, um guarda-livros surrado pelo marido ultrajado, portava orelhas de "tamanho descomunal":

Morreu depois de uma sova
E como não tinha campá
De uma orelha fez a cova
E da outra fez a tampa.

A condição sócio-econômica da São Paulo do início do século não

permitia que se reproduzisse por aqui a homogeneidade da "belle-époque" carioca. O relevo da ornamentação projetada por arquitetos como Carlos Ekman e o mobiliário do Liceu de Artes e Ofícios conviviam com a massa de imigrantes que representavam 25% da população do Estado em 1900. Entre 1882 e 1914, são publicados em São Paulo 140 títulos de jornais em italiano. Na verdade, o exotismo de personagens como Freitas Vale, promovendo jantares com cardápios inspirados por Huysmans e campeonatos de pingue-pongue nos salões de sua vila Kyrial (Brito Broca, op. cit., p. 30-32), aparece como folclore.

"Macarronismo"

É nesse contexto que o estudante de engenharia Alexandre Ribeiro Marcondes Machado substitui Anibale Scipione (Oswald de Andrade) no jornal "O Pirralho", em 1911, para ficar famoso como Juó Bananere. Escreveu em macarrônico, termo com que se denomina a mistura de dois ou mais idiomas para fins paródicos: "a artografia moderna é una maniera de scrivê, chi a genti scrive uguali come dice" ("O Pirralho", 1912). O acúmulo de desvios gramaticais só não torna sua linguagem entrópica devido à sintaxe extremamente

simples e redundante com que articula uma dicção normalmente exclamativa. Sua expressividade estética aparece pelo contraste dessa língua estropiada com a seriedade dos assuntos sócios-políticos comentados, ou ainda pelo diálogo mantido com personagens de outro estrato, o que o leva a uma alteração de seu próprio registro, aproximando-o muitas vezes da eloquência de certos personagens oswaldianos: recebido com entusiasmo na “Cademia de Cumerço du Braiz”, assim inicia um emocionado discurso de agradecimento: “io stó intirigno impegnorato com ista magninifica rocepiçó chi vuceis acaba di afazê inzima di mim. É moltos onra p’run pobri marqueiz! (Tuttos munno grita: nó apuiado! nó apuiado!)” (“O Pirralho, 1915).

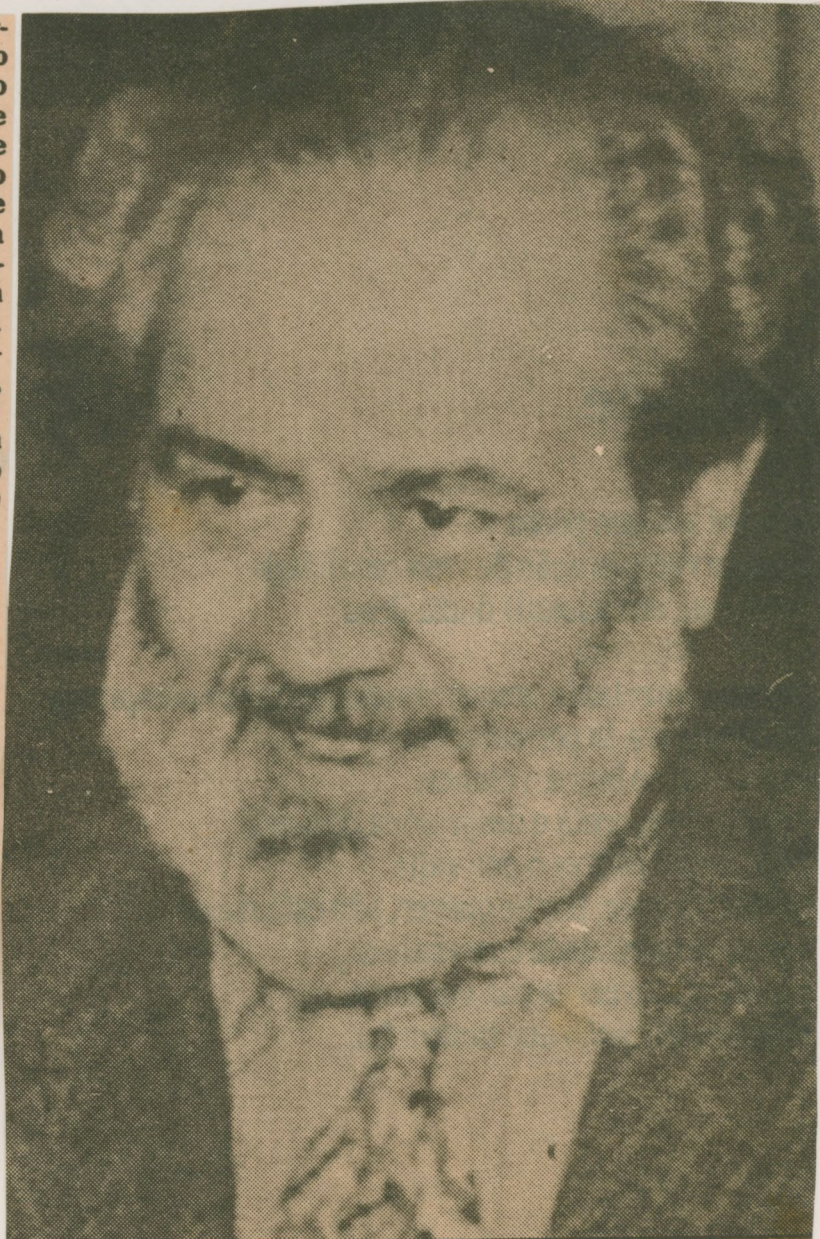
Germes antropofágicos

Juó Bananere mantém certo grau de parentesco com o personagem pícaro, seja pelo realismo ingênuo com que propõe soluções aos problemas político-sociais, seja por sua mobilidade entre os figurantes dos diversos estratos, procurando muitas vezes somar dividendos junto aos poderosos, em suma, pela malandragem

aprendida na experiência epidérmica do acaso, que costuma dar o caráter de tortuosidade barroca ao destino do pícaro: recusa o convite de um amigo para uma festa de aniversário “pur causa che o Rodrigos Alveros mandô dizê che mi vem avisitá oggi di tardi inda a gaza mia giunto co Artino Arantesso. Vucê é genti impurtante, eh só Juó? — Si fá quel que si puó... dissi con una brutta modestia. — Ma faccia o favore, vegna lá oggi, sô dottore! Uh! porca miséria! podi mi dizê o che quizé io non s’impreziona, ma mi xamano co dottore, io non arisisto.” (“O Pirralho, 1913).

Alcântara Machado sintetizou de certa forma a importância de Juó Bananere, notando-lhe o caráter de produtor de “modelos de estilo” (“Cavaquinho e Saxofone”). Suas crônicas, de qualidade desigual num período de mais de vinte anos de jornalismo, exibem a “ingenuidade” corrosiva do germe antropofágico, emblematicamente na descrição que faz do próprio braço:

“as bananera di lado só pr’a aripresentá u migno nomino i també pr’a dá fruta pr’us troxa. Nu centro stó io chi só u dono du ‘brazó’ di giunto cumigo stó u Piedadó i o Capitó chi só as duas principale figura du Juó Minhoca



Barão de Itararé (Aparício Torelli), um dos satiristas esquecidos pelas antologias

político andove stó io o imprezario,
i també pur causa chi furo illos chi
serviro di scada pr'a mim subi
pr'a groria du giurnalismo indige-
na! Non cutuca! é a migna
indivisa, pur causa chi io sô molto
camarada, ma buliu cumigo é a
mesima cosa chi mexê con una
caza di marimbondi!! Dô u strili-
mo!" ("O Pirralho", 1917).

Paródias expressionistas

A maioria dos textos do principal livro de Juó Bananere, "La Divina Incrência" (10 edições entre 1915 e 1966), são paródias de conhecidos poemas da literatura brasileira, que deslocam pelo contraste o "pathos" do original, liberando modulações dos interstícios de sua dicção. Desmitificando a aura de perenidade da elocução dramática de certos poemas e os hábitos do público leitor, Bananere foi co-autor de um ambiente propício ao modernismo. Essas paródias podem também ser lidas como traduções expressionistas, na medida em que são uma ampliação deformadora de procedimentos do original. Um bom exemplo é o seu "Amore co Amore si paga", sobre o soneto "Nel mezzo del camin..." de Bilac, em que dissemina por todo texto os quiasmos da primeira estrofe do poema parnasiano. Bananere rebaixa a alegoria "pombas/ilusões" estabelecida por Raimundo Correia em "As Pombas", para relatar a desventura de um aviador "qui pigó o tombo". A leitura conjunta retrata bem a luta travada nos bastidores das correspondências estilísticas: a substituição do preciosismo existencialista parnasiano pela contradição da técnica emergente:

As Pombas

Vai-se a primeira pomba desper-
tada...

Vai-se outra mais... mais outra...
enfim dezenas

De pombas vão-se dos pombais,
apenas

Raia sanguínea e fresca a madruga-
gada...

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais, de novo, elas,
serenas,

Ruflando as asas, sacudindo as
penas,

Voltam todas em bando e em
revoada...

Também dos corações onde aboto-
am,

Os sonhos, um por um, céleres
voam,

Como voam as pombas dos pom-
bais;

No azul da adolescência as asas
soltam,

Fogem... Mas aos pombais as
pombas voltam,
E eles aos corações não voltam
mais...

As Pombigna

P'ru aviadore chi pigó o tombo

Vai a primeira pombigna desper-
tada,

I maise otra vai disposa da
primiera;

I otra maise, i maise otra, i assi
dista maniera,

Vai s'imhora tutta pombarada.

Passano fora o dí i a tardi intera,
Catano as formiguigna ingoppa a
strada;

Ma quano vê a notte indisgrazia-
da,

Vorta tuttos in bandos, in filera.

Assi també o Cicero avua,
Sobi nu spaço, molto alê da lua,
Fica piqueno uguali d'un sabiá.

Ma tuttos dia avua, alegre, os
pombo!...

Inveis chi o Muque, desdi aquilio
tombo,

Nunga maise quiz avuá.

Mestre da sátira

O sucesso de "La Divina Incrência" não foi apenas editorial; seus poemas foram encenados em 1917, num total de 36 apresentações. Sua fase mais criativa antecede a década de 20. Já em 1912, por exemplo, num artigo intitulado "A Storia do Futurismo", este cronista, considerado por Oswald de Andrade um "mestre da sátira no Brasil" (Boletim bibliográfico, "A Sátira na Literatura Brasileira"), traduz postulados do manifesto de Marinetti — "non si pode butá divérbio, né digettivo; os verso tê quantas sillaba a genti vulevo" — para depois satirizar o uso metafórico do termo: "lá longe vê vindo una piquena muntata ingoppa un lió. Ella stá pillada, pur causa che ista storia é futuristte, i co futuro tuttos munno tê di andá pillado".

Bananere não escapa do limite expressivo da própria caricatura, que, encravada na contradição do fenômeno cultural, consegue um resultado primário, de superfície grotesca, que estanca diante da dedução lógica. Instantânea, a caricatura deixa paralisado no ar o equívoco, faz do tipo um protótipo, revelando seu anarquismo pela sugestão de um horizonte plural. Pode não ter sido nosso melhor cronista, mas foi, sem dúvida, quem melhor verbalizou a caricatura no jornalismo paulistano, gesticulando sua linguagem burlesca.

Cornélio Pires: Revelador do Brasil Caboclo

C. Siqueira FARJALLAT

Há anos atrás estiveram em grande voga os discos de Cornélio Pires. Nesses havia modinhas, cantorias caipiras e humorismo sadio, tudo temperado ao som de viola, ou no gostoso sotaque do paulista de certas zonas interioranas. De Tietê, por exemplo. O artista era então figura conhecidíssima: Cornélio Pires. Caipira autêntico, ele representou mais do que qualquer outro paulista, a arte ingênua e simples, o humorismo, os costumes, do roceiro do interior do Estado.

Sabe-se que descendia de estirpe ilustre, trazendo em seu nome a conciliação das famosas lutas entre Pires e Camargos, cuja rivalidade impeliu para a morte diversos membros das duas históricas famílias. A informação é de J. Martins Veiga, que lhe traçou com maestria o perfil num livro delicioso. Sabe-se também que Cornélio Pires, pelo lado materno descendia de uma filha do Piquerobi, que foi batizada por Anchieta, e que se casou mais tarde com o naufrago português Antônio Rodrigues. Outro de seus antepassados foi o fundador de Santos, Brás Pires Cubas, seu sétimo avô.

Os verdes anos

Cornélio Pires nasceu num frio domingo deste mês de julho, em 1884, na chácara de sua tia Nha Bé, no bairro de Sapopema em Tietê. Ali, onde o lendário Rio Tietê emoldura férteis terras, decorreu-lhe a infância descuidosa entre caçadas com outros garotos, pescarias e bons mergulhos. A noite, ele se reunia aos primos e irmãos, para ouvir histórias de fadas e de almas de outro mundo, cantadas pela preta Serafina. Assim ia armazenando rico cobedal folclórico, que extravasaria mais tarde.

Menino ainda, improvisou um espetáculo de circo em benefício da Santa Casa, sentindo pela primeira vez a atmosfera emocional dos aplausos. O primeiro professor de Cornélio era ambulante, e passava temporadas nas fazendas e sítios para alfabetizar os garotos. Logo mais, coube ao intelectual tietêense Herculano Silveira, a tarefa de ensinar o futuro humorista. Depois, no Grupo Escolar, tais foram as travessuras do menino que o expulsaram. Na verdade, pouco ou nada aprendeu, apesar da vara de marmelo e da palmatória.

Nem o sábio dinamarquês Alexandre Humel, que não se sabe como apreceu em Tietê, conseguiu ensinar o pequeno rebelde. Mais tarde, as simpatias do menino voltaram-se para seu professor particular Francisco de Assis Medeiros, o único que lhe tolerava as traquinagens.

Juventude

Quinze anos. Cornélio, que a esta altura já fora aprendiz de tipógrafo, transforma-se em aprendiz de caixeiro, ou "vassourinha", na loja do sírio João Salomão. Ali aprendeu um pouco de árabe, que mais tarde, em suas andanças pelo interior, gostava de usar em engraçados bate-papos com outros "turcos".

Em 1901, Cornélio partiu para São Paulo para estudar Direito, hospedando-se na pensão de Dona Belisária, viúva do escritor e filólogo João Ribeiro, e prima do escritor Amadeu do Amaral. A casa ficava na rua da Quitanda, n.º 11, e ali residiam vários tietêenses e alguns estudantes, além de um mineiro muito culto, Lúcio Brandão. Este orientou-o nos estudos, encaminhando-o à redação de "O Comércio de São Paulo". O novo "foca" redigia mal e tinha letra péssima. Mas amparado pelo amigo tornou-se repórter aceitável, com o ordenado de setenta mil réis por mês. Tinha então vinte anos, e bons amigos: Monteiro Lobato, Ricardo Gonçalves, Godofredo Rangel...

"Causos" de caboclos

Cornélio Pires começa a frequentar a roda destes intelectuais, sendo ouvido com agrado pelos seus "causos" de caipiras. Seu jeito simples, a fala mansa, o sotaque característico, a bondade, o coração aberto conquistaram todo mundo. Cornélio Pires era, principalmente, um homem bom. E bom continuou a ser a vida toda.

Nomeado professor de Educação Física da Escola Normal de Botucatu, passava as horas livres a conversar com os roceiros da rendondeza, dos quais adquiriu primoroso material linguístico e poético. Observava e anotava tudo, descobrindo raridades sobre usos e costumes

caipiras. Resumiu os anseios do matuto nestes versos que ficaram célebres:

IDEAL DE CABOCLO

"Ai, seu moço, eu só quiria
pra minha felicidade
um bão bandango por dia,
e uma pala de qualidade.

Pórva, espingarda e cutia,
um facão fala-verdade
e uma viola da harmunia
pra chorá minha sôdade

Um rancho na bêra dagua,
vara de anzó, pôca mágua
pinga boa e bão café...

Fumo forte de sobejo...
Pra compretá meu desejo
cavalo bão... e muié."

Musa caipira

Em fevereiro de 1910, Cornélio Pires publicou seu primeiro livro "Musa Caipira", bem aceito pela crítica por seu conteúdo tipicamente brasileiro. Não é fácil a reprodução do dialeto sertanejo: só um verdadeiro escritor é capaz de transportá-lo para o papel, sem parecer artificial. Por isso, esta obra, que todo brasileiro, deveria conhecer, e que foi uma das primeiras no gênero, teve influência muito grande e outros escritores, que também procuraram interpretar a singeleza e a argúcia do caipira.

Na segunda década de 1900 esta arte caipira começou a difundir-se numa reação contra a fala e os modos estrangeiros. Foi a época de uma eclosão de nacionalismo genuinamente caboclo, e nos salões estavam em moda os violeiros com suas canções sertanejas, suas histórias comoventes de saudades e de amores. Em São Paulo, forte reduto de modernismo, apareceram figuras importantes da arte caipira: Waldomiro da Silveira, Paulo Setúbal, Amadeu do Amaral, Menotti del Picchia, Benedito Calixto e outros.

Boêmio

Da boêmia incorrigível de Cornélio Pires muito se tem falado. Mas pouco se tem dito de seus esforços heróicos, dois períodos de pobreza e de fome, quando chegou a

prestar serviços a pequenos comerciantes, sapateiros e vendeiros, como despachante fiscal. Houve época em que chegou a trabalhar como rábula, cobrando quarenta mil réis para cada defesa, e defendendo com humorismo. Mas dinheiro que lhe entrasse no bolso não esquentava lugar. Saía depressa em bebidas e noitadas que se tornaram famosas.

Índice

- E Euclides da Cunha - 1 - 20-I-1966
 L Luís Gama - 5 - 13-V-1925
 E Engênis Gudine - 15 - 20-X-1986
 A Alceu Amoroso Lima - 17 - 11-XII-1986
 J Justão de Azeite - 19 - 29-VIII-1954
 A Alexandre Macondes Machado - João¹ - 24 - 2-VII-1979
 L Luís Murat - 26 - 1-VII-1929
 F Francisco Sotero dos Reis - 27 - 20-VI-1920
 Z Zilho Ribeiro - 28 - 20-VI-1920
 S Guimarães Rosa - 29 - 19-XI-1977
 Jm. Inácio Ribeiro Saraiva (Lins) - 30 - 30-X-1929
 P. Paulo Setúbal - 32 - 5-V-1937
 P. Pedro Tagueo - 34 - 8-II-1953
 J Us Tannay - 37 - 10-VIII-1930
 L Leão Nicolaiévitch Tolstói - 55 - 29-VII-1928
 F Francisco José de Oliveira Vianna - 61 - 18-V-1983
 A Padre Antônio Vieira - 62 - 19-I-1995

Há cem anos nascia Euclides da Cunha

ADO...
Campinas - SP

O Brasil comemora hoje o centenário do nascimento de um dos seus maiores escritores, do primeiro sem dúvida, que procurou exprimi-lo através de uma epopeia: EUCLIDES DA CUNHA. Seu livro maximo, OS SERTÕES, chamado de Bíblia da nacionalidade; "a mais alta interpretação do Brasil feita em termos de arte" (Franklin de Oliveira); "mensagem de profeta preocupado com o destino de sua gente e com as dores do seu povo" (Gilberto Freyre), transformou-o em um dos nomes da patria brasileira, em uma das figuras tutelares da terra que lhe foi berço e lhe serve de tumulo.

Autor apaixonante graças ao dominio verdadeiramente escultorico da palavra, mestre da lingua, primeiro sociologo do país, visionario e realista, escritor realmente genial, Euclides da Cunha tem sido, ao lado de Machado de Assis, a figura mais estudada de nossas letras. Sua obra traduz como nenhuma outra o clima cultural e espiritual do seu tempo e esse fato, aliado ao sentido nacional e nacionalista que a enforma, à grandiosa magnificencia do estilo, aos episodios dramaticos e profundamente representativos do nosso substrato cultural que retrata, a transformaram num dos titulos basicos, fundamentais, da biblioteca ideal de altos estudos brasileiros.

BIOGRAFIA

Nasceu EUCLIDES Rodrigues Pimenta DA CUNHA a 20 de janeiro de 1866, na fazenda «Saudade», em Santa Rita do Rio Negro, municipio de Cantagalo, então provincia do Rio de Janeiro, filho de Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha e de d. Eudoxia Moreira da Cunha, ambos naturais da Bahia e de ascendencia lusa. Seu pai, pertencente à geração romantica de Castro Alves e dos condoreiros, fazia versos de inspiração humanitaria e social. Em 24 de novembro do ano de seu nascimento, Euclides é batizado na igreja de Santa Rita do Rio Negro. Aos três anos, em 1869, fica orfão de mãe. É então levado para Teresopolis, juntamente com uma irmã menor, Adelia, e nessa cidade fica aos cuidados de uma tia, d. Rosinda Gouvêa. Dois anos depois, em 1870, falece a tia, sendo o menino confiado à guarda de outra parenta, d. Laura Moreira Garcez, residente em Ponte Nova.

Em 1871 cursa, em São Fidelis, as aulas do professor Francisco José Caldeira da Silva, indo no ano seguinte para a Bahia, a fim de matricular-se no Colegio Carneiro Ribeiro. Regressando ao Rio em 1876, frequenta varios estabelecimentos — o «Anglo-Brasileiro», o «Vitorio da Costa», o «Menezes Vieira». Termina o curso de humanidades no Colegio «Aquino», onde é discipulo de Benjamin Constant e publica suas primeiras produções no pequeno jornal estudantil «O Democrata», por ele fundado com outros companheiros de estudo. É nesse jornalzinho que Euclides, adolescente, estréia como poeta, publicando as composições liricas das «Ondas», curioso caderno de 84 poesias, em que seu genio nascente balbucia as amarguras e angustias de uma infancia e de uma adolescencia pobres de alegria e carinho.

ESCOLA POLITECNICA E ESCOLA MILITAR

Em 1884, com 18 anos, matricula-se na Escola Politecnica do Rio de Janeiro. Dois anos mais tarde assenta praça na Escola Militar da Praia Vermelha. Estava-se às vespuras de 89, e a Escola Militar vivia momentos de vibração libertaria e de ardente republicanismo revolucionario. Os trabalhos publicados a essa epoca na «Revista da Família Militar» (orgão da Sociedade Literaria da Família Academica, fundada em 1886) revelam em sua justa medida as aspirações destemerosas da mocidade estudiosa nesses anos derradeiros da monarquia.

É em novembro de 1888, que Euclides, cadete da Escola Militar, cria rumoroso incidente da insubordinação frente ao então ministro da Guerra. Este, o conselheiro Tomás

Coelho, querendo dar ao país a impressão de que o governo imperial era fonte de disciplina no Exército, visita a Escola, passando em revista o corpo de alunos. Euclides, vendo em tal revista uma humilhação para o Exército, ao invés de prestar continencia com a espada, tenta quebrá-la, atirando-a por fim aos pés do ministro. Em consequencia desse ato, foi recolhido como doente à enfermaria da Escola Militar, onde é tratado com grande humanidade por Francisco de Castro. Submetido a Conselho de Guerra, torna-se, por seu ato de indisciplina, desligado do Exército.

JORNALISMO EM SÃO PAULO

Muda-se então para São Paulo, iniciando, a convite de Julio de Mesquita, uma serie de colaborações para «A Provincia de S. Paulo». Assinava seus artigos com o pseudonimo de «Proudhon», e os submetia ao titulo geral de «Questões Sociais». Suspensa, logo depois de iniciada, essa serie, passa a escrever outra, «Atos e Palavras», comentarios acerca dos acontecimentos do dia. Regressa em janeiro de 1889 ao Rio, onde continua seus estudos na Escola Politecnica. Com a proclamação da Republica, seus antigos colegas da Escola Militar, todos como ele republicanos, vão, por iniciativa de Candido Rondon, a Benjamin Constant e solicitam a reintegração de Euclides no Exército. E' de 19 de novembro de 89 o ato de sua reintegração, e de 21 o de sua promoção a alferes-aluno. Passa então a cursar a Escola Superior de Guerra e em abril de 1890 é 2.º tenente.

Concluido o curso e promovido a 1.º tenente, Floriano manda chamá-lo e pergunta-lhe o que deseja da Republica. Euclides pede um ano de pratica na Estrada de Ferro Central do Brasil. E-lhe concedida essa designação e ele tem realmente um ano de pratica em São Paulo e em Caçapava. Dali, em 1893, regressa ao Rio, onde toma parte saliente na repressão da revolta armada.

CANUDOS

Em 1894, pelo jornal «O Tempo», o senador João Cordeiro pede a pena de morte para os sediciosos do ano anterior. Euclides escreve, na «Gazeta de Noticias», duas cartas de veemente protesto contra a idéa. Essa circunstancia, juntamente com o fato de ser genro do general Solon, preso por Floriano, torna-o suspeito à situação. Afastam-no por isso de cargos de responsabilidade.

Cessada a luta armada é enviado a Campanha, em Minas, para construir um quartel. Em 1896 deixa o Exército e volve à engenharia civil. E' nomeado engenheiro-ajudante de 1.ª classe da Superintendencia de Obras do Estado de São Paulo, quando irrompe o movimento de Canudos. São Paulo colabora com o país na repressão do conflito e envia para o teatro da luta o Batalhão Paulista. Euclides acompanha essa unidade como redator de «O Estado de S. Paulo» para observar a guerra. Em 1.º de outubro está em Favela e logo depois no arraial de Canudos. Ali assiste aos ultimos dias da luta do Exército com os fanaticos de Antonio Conselheiro.

«OS SERTÕES»

Em 1898, parte para São José do Rio Pardo, a fim de construir uma ponte. Nessa cidade vai encontrar um dos grandes estimulos que teve na conturbada existencia: a amizade carinhosa e solida de Francisco Escobar. Inicia então, nos intervalos dos trabalhos preliminares da construção da obra, a composição do seu livro magistral, que a principio deveria chamar-se «A Nossa Vendéia», mas que recebeu mais tarde o batismo de «Os Sertões». São José do Rio Pardo conserva, cada vez mais vivo, num culto reverente e assiduo o respeito e a veneração pela figura do grande escritor. Foi no seu meio que Euclides encontrou condições propicias para a redação da sua obra-prima e a cidade paulista, hoje meca do euclidismo, lhe ofereceu o convívio de homens como Valdomiro Silveira, Adalgiso Pereira, Lafaiete de

Celso Maria de Mello Pupo

Rua Barreto Leme, 2449

13.020 - Campinas - SP

ARQUIVO
Colso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.



Bibliografia

I — OS SERTÕES, 1.ª edição, Rio, «Laemmert & Cia.» dezembro de 1902. (Atualmente na 30.ª edição. «Livraria Francisco Alves»).

II — RELATORIO DA COMISSÃO MISTA BRASILEIRO-PERUANA DE RECONHECIMENTO DO RIO PURUS. «Imprensa Nacional», 1.ª edição, Rio de Janeiro, 1906.

III — CASTRO ALVES E SEU TEMPO, conferência em São Paulo, «Imprensa Nacional», 1.ª edição, Rio de Janeiro, 1907.

IV — PERU VERSUS BOLIVIA, publicado em parte pela «Livraria Francisco Alves» e em parte pelo «Jornal do Comercio», 1.ª edição, Rio de Janeiro, 1907.

V — CONTRASTES E CONFRONTOS, 1.ª edição, Porto, «Empresa Literaria Tipografica», 1907.

VI — A MARGEM DA HISTORIA, 1.ª edição, Porto, «Livraria Chardron», de Lelo & Irmão, 1909.

VII — CANUDOS (DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO), 1.ª edição, Rio de Janeiro, «Livraria José Olimpio Editora», 1939.

Toledo, José Honório de Sylos, e tantos outros, que souberam admirá-lo e respeitá-lo.

Trabalhando como engenheiro e como escritor, Euclides terminou concomitantemente os dois trabalhos: ao concluir a ereção da ponte, colocava o ponto final em «Os Sertões», livro escrito num barracão de madeira, conservado como reliquia pela cidade.

«Os Sertões» foram passados a limpo pelo sargento de polícia do destacamento local, José Augusto, dono de uma limpa caligrafia. De São José, Euclides transfere-se para São Carlos do Pinhal e para Lorena, levando consigo os originais do grande livro. Tenta inutilmente publicá-lo em São Paulo e no Rio. Afinal, portador de uma carta de Garcia Redondo a Lucio de Mendonça, consegue, por influencia deste ultimo, publicar, em 1902, pela Casa Laemmert, no Rio, a primeira edição do livro magistral.

«Os Sertões» obtiveram, de início um êxito até então sem precedentes em nossa literatura. A critica o consagrou imediatamente como uma obra-prima. A primeira edição esgota-se em poucos dias e no ano seguinte, 21 de setembro de 1903, o autor é eleito na vaga de Valentim Magalhães, para a cadeira n.º 7, cujo patrono é Castro Alves, da Academia Brasileira de Letras. Com Euclides concorrem Domingos Olímpio (4 votos), Silvino Amaral (2 votos) e Xavier Marques (1 voto).

ULTIMOS ANOS

Em fins de 1903 vai residir em Santos, fazendo parte da comissão de saneamento da cidade. Deixa esse cargo em 1904, por desinteligencia com o chefe do serviço. José Rebouças de Oliveira Lima apresenta-o a Rio Branco, então ministro das Relações Exteriores, e este nomeia o escritor para chefe da Comissão Brasileira no Alto Purus. Parte para o Amazonas. Em Manaus é hospede de seu velho amigo e companheiro dedicado, Alberto Rangel. Segue para o local a que se destina e atinge com a Comissão Mista, a foz do Pucani, as ultimas vertentes do Purus. Realiza assim um esforço audaciosissimo de penetração de nosso territorio, um dos atos de bandeirismo mais destemidos que nossa patria já viu. Regressando a Manaus redige o «Relatorio» da Comissão. Ao chegar ao Rio é recebido na Academia, pronunciando o discurso de saudação o critico Silvio Romero.

Em 1907 passa a trabalhar no Itamarati. É dessa fase o seu «Peru versos Bolivia», livro escrito em um mês, o que para um escritor como ele era verdadeiramente um imprevisto. No mesmo ano publica os «Contrastes e Confrontos» e faz, em dezembro a sua conferencia sobre «Castro Alves e seu Tempo».

Em 1908 inscreve-se no concurso para a cadeira de Logica, do Colegio Pedro II. A banca examinadora compunha-se de Raja Gabaglia, Paulo de Frontin e Paula Lopes. Concorrem com ele Farias Brito, Roberto Gomes, Graciano das Neves, monsenhor Rangel e Ribeiro de Almeida.

Em 17 de maio de 1909 faz Euclides prova escrita sobre o ponto «Verdade e Erro». No dia 25 responde à prova oral sobre o tema «A Idéia do Ser». Após a arguição, é classificado em segundo lugar, atribuindo-se o primeiro ao filosofo Farias Brito. Em julho é nomeado e recebe a segunda cadeira de Logica do estabelecimento. Como professor, porém, dá apenas 19 aulas, de 21 de julho a 13 de agosto de 1909.

Na manhã de 15 de agosto daquele ano, na casa n.º 214 da Estrada Real de Santa Cruz, estação de Piedade, no Rio de Janeiro, tomba, ferido por uma bala de revolver, para morrer numa sarjeta de rua, aquele que se tornou, por unanime escolha da alma da nacionalidade, o genio representativo por excelencia da nossa terra, da nossa gente, do que o Brasil tem de mais alto e de mais puro no terreno da inteligencia, da dignidade e da cultura. (Arquivo da FOLHA)

'Os Sertões' ganha edição crítica

LEÃO SERVA

Da Reportagem Local

A professora Walnice Nogueira Galvão, titular da cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP), dá à luz, na próxima semana, a sua mais nova criação, após uma gestação prolongada de nove anos de intensos trabalhos: a primeira "Edição Crítica de 'Os Sertões'" (Brasiliense, 736 páginas, Cr\$ 183.600) — que chega às livrarias na quinta-feira e tem noite de autógrafos marcada para o dia 5 de dezembro, na livraria Brasiliense (r. Oscar Freire, 561, Jardins, zona Sul de São Paulo). O livro traz novos detalhes para os estudiosos da obra clássica de Euclides da Cunha (1866-1909) sobre a guerra de Canudos (1896-1897), que reuniu, no sertão baiano, quase seis mil soldados (na batalha final, em setembro de 1897), para esmagar a rebeldia de uma vila de sertanejos, seguidores do "anacoreta sombrio" (segundo Euclides) Antônio Conselheiro, que se acreditava ser monarquista.

O livro foi publicado pela primeira vez em 1902, pela editora Laemmert e Cia., do Rio de Janeiro, causando ampla repercussão nos meios literários e vendendo, em poucas semanas, toda a sua tiragem. No ano seguinte, quando a editora lançava a segunda edição, corrigida, Euclides era eleito para a cadeira número 7 da Academia Brasileira de Letras. Atualmente, o livro se encontra na 32ª edição (Francisco Alves), tendo sido publicado também em várias edições avulsas.

A edição crítica custou nove anos de trabalho a Walnice Galvão, socióloga formada pela turma de 1960 da USP, doutorada em Teoria Literária em 1970, com a tese "As Formas do Falso" (Perspectiva, 1972, 135 páginas) sobre o livro "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa (1908-1967). Em sua tese de livre-docência, a ensaísta já se debruçava sobre "Os Sertões" e Canudos. "No Calor da Hora" (editora Ática, 1974), reúne os relatos de Euclides e outros jornalistas na frente de luta.

"Euclides, para mim, é um encosto", diz a estudiosa que, em 1975 viajou pelo rio São Francisco a bordo de uma "gaiola" (como são chamados os barcos que sobem e descem o rio). Do alto do barco, ela lia os dois únicos livros que levou: "Os Sertões" e "Grande Sertão: Veredas". Ao todo, diz ter lido a obra de Euclides "umas cinquenta vezes". Já é o bastante para citar frases inteiras de memória. Obsessiva ao estudar a obra, Walnice diz ser uma personagem de Borges, a escrever livros e mais livros sobre um único e primeiro "Os Sertões".

Questão de estilo

A edição crítica reúne, ao todo, dez mil variantes do texto, numa soma das alterações propostas por Euclides para as três primeiras edições e

mais as correções gráficas e ortográficas. Para chegar até esse número, Walnice trabalhou com quatro textos: exemplares da primeira, da segunda e da terceira edição e um exemplar da terceira edição arquivado na biblioteca da Academia Brasileira de Letras, que reproduz as emendas feitas por Euclides, objetivando a impressão de uma futura edição.

A edição da Brasiliense reproduz o texto desse exemplar, com a ortografia modernizada. Ao final do livro, 145 páginas reúnem as dez mil variantes, indicando página por página, linha por linha, as diferenças entre os exemplares examinados, restaurando, já no texto do livro, os defeitos causados por erros gráficos.

Curiosamente, poucas foram as alterações de maior porte no texto final, apesar do grande número de emendas, o que demonstra o empenho e a preocupação do autor em corrigir detalhes do texto. "Não há acréscimo sequer de uma frase inteira, e só encontramos a supressão de uma única frase inteira, ainda assim curta", afirma Walnice, na introdução do livro. Cuidadoso com o estilo da obra, Euclides não o foi tanto com as informações objetivas. Segundo Walnice, a correspondência recebida pelo autor indicava vários erros de informação, com os quais ele não revelou preocupação a ponto de alterar o texto do livro. Só duas vezes, uma das quais para corrigir o número de dois batalhões, citados erradamente (correção feita da primeira para a segunda edição).

Canudos

Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, líder espiritual da vila de Canudos, nasceu em Quixeramobim (Ceará), em 1828. Na infância, estudou português, francês e latim, e aprendeu o trabalho do pai, comerciante. Casou-se aos 29 anos, trabalhando em diversas cidades e profissões.

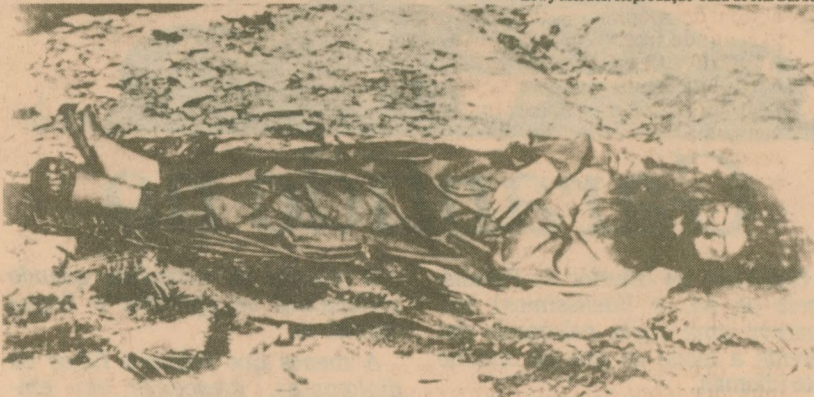
Poucos anos após o casamento, em 1857, a mulher foge com outro homem, quando Maciel era advogado na cidade de Ipu (Ceará). Angustiado, o marido passa a vagar pelo sertão, ganhando dinheiro na construção de muros e torres de igrejas, arrebanhando seguidores e fama de místico. Seus hábitos estranhos (veste-se como um "Cristo" e usa longos cabelos) e de seus seguidores provocam, porém, conflitos e perseguições. Decide, então, fundar uma cidade para refúgio.

Em 1893, começa a ocupação da fazenda Canudos, abandonada, à margem do rio Vaza-Barris, que, quatro anos depois, se tornaria palco de um dos episódios mais violentos da história republicana e tema de um dos maiores clássicos da literatura brasileira neste século. O discurso monarquista de Conselheiro e os conflitos regionais em que se envolve chamam a atenção da Nação e a intervenção do Exército, que destrói, em cerca de um ano, a vila que reunia então vinte mil sertanejos.

A
C
O
L
E
O
N
A
R
I
A
D
E
M
U
L
O
P
U
O
C
A
M
P
I
N
A
S
-
S
P.



O Monte Santo (base de operações), de onde chegavam bandos de foragidos
Lewy Moraes/Reprodução-Casa de Rui Barbosa



Corpo exumado do "líder espiritual de Canudos", Antônio Conselheiro

A autora, digna de Borges

Folha - Euclides da Cunha não estava em Canudos no começo da luta e por isto não assistiu uma batalha importante como a que aconteceu em 18 de julho (de 1896). Em que ele se baseou para escrever os capítulos sobre o início da luta?

Walnice Nogueira Galvão - Eu gostaria de saber como ele descreve uma batalha tão bem se ele não estava lá. Eu ainda quero fazer um trabalho sobre as fontes que ele usou para escrever o livro.

Folha - O livro "No Calor da Hora" (editora Ática) não é mais ou menos isso?

Walnice - Não. Na época eu achei que deveria primeiro pegar as reportagens, porque eu conclui que ele devia ter lido outras reportagens, já que a dele é tardia, ele chega bem tarde, quase no fim. Comecei a levantar as reportagens e daí pensei: "Bem, isso aqui fica um trabalho independente". Mas ainda não é o das fontes.

Folha - Esse outro trabalho, sobre as fontes que Euclides usou para escrever "Os Sertões" será feito ou não?

Walnice - Não sei, até hoje eu não consegui fazer.

Folha - Não conseguiu por quê?

Walnice - Porque eu não poderia fazê-lo sem fazer os anteriores.

Folha - Agora já dá?

Walnice - Eu acho que já está quase dando. Eu tenho a impressão de que, antes, eu ainda terei que editar a correspondência dele, ativa e passiva. Pois como eu posso fazer o trabalho das fontes se eu não examinar as cartas (ri do círculo vicioso). Uma parte das cartas já está publicada, mas outra não. Você vê? O Euclides é um encosto! Ele me persegue, não me deixa em paz.

Folha - Você diz "encosto" num sentido...

Walnice - De macumba, mesmo...

Folha - As edições críticas costumam resultar em variantes bastante drásticas (há livros que mudam aspectos radicais, como a ordem de

capítulos etc.). Esta edição, com variantes pequenas, embora exaustivas, não será fundamental só para os estudiosos?

Walnice - Com certeza. É só uma coisa de maníacos de textos. Mas é uma coisa curiosa. Antes de fazer esse trabalho, eu não sabia que as emendas eram numerosíssimas, mas minúsculas. Pensar que o livro tem dez mil emendas, todas pequenas... Depois que esse trabalho terminou, quando eu fui fazer a análise das variantes, é que eu percebi que a única preocupação dele era estilística, estética. Ele corrigia e recorrigia, emendava e reemendava, sempre de olho na estética. Realmente, ele era uma grande personalidade literária, e não outra coisa. Ele corrige informação só duas vezes, e havia outras informações erradas.

Folha - Você não acha curioso que um mesmo livro obrigue você a formular tantos outros?

Walnice - Eu acho "borgeano" isso, saber disso, ele morreu antes desse

não? Como diz o Mallarmé, "a história do mundo existe apenas para ser um livro". Eu acho que sou um personagem do Borges (o escritor argentino Jorge Luis Borges). Esse trabalho todo foi tão demorado, tão cansativo, que quando eu estava terminando eu disse assim: "E se aparecer uma outra versão do livro?" Ou então: "E se Euclides não tivesse morrido?" Aí eu pensava: "Se ele não tivesse morrido, eu o matava, para impedi-lo de escrever uma nova versão."

Folha - O livro tem aspectos curiosos, como o fato do capítulo "Terra" (primeira parte do livro, seguida de "Homem" e "Luta") ser árido como a terra do Nordeste e os capítulos sobre a guerra darem a impressão de terem como fundo o rufar dos tambores. Você acha que o autor estava consciente desse efeito?

Walnice - Algumas coisas são conscientes. Por exemplo, a montagem do livro é, evidentemente, consciente. Ele estava seguindo um roteiro determinista, segundo as idéias do historiador francês Taine, que exercia grande influência no Brasil; algo naquelas bases de Raça, Meio e Momento. Certamente ele quis criar uma estrutura desse tipo.

Folha - Você vive no Brasil hoje. Onde estão "Os Sertões"?

Walnice - Na periferia das grandes cidades.

Folha - As favelas se parecem com a Vila de Canudos, em termos arquitetônicos?

Walnice - Aí tem mais coisas do que isto: a origem da palavra favela é da guerra de Canudos. Favela é uma planta da região, típica de caatinga, uma daquelas plantas que Euclides diz que "se recolhem aos seus mínimos para poder vier". Por causa da planta, um dos morros onde os soldados faziam acampamento em torno de Canudos, era chamado "Morro da Favela". Quando os soldados voltaram da guerra, o governo doou a eles, no Rio, lotes de terra como prêmio por terem vencido a guerra. Eram terrenos em lugares que não tinham valor, nos morros ao redor da cidade. E o primeiro dos morros ocupados pelos soldados foi chamado "Morro da Favela". Depois veio outro morro com o mesmo nome, e outro e outro... Quando chegou ao enésimo, já tinha virado substantivo comum, com outro significado: favela. Não é "borgeano"? um mesmo livro obrigue você a Borges não é nada perto da realidade brasileira. O Euclides não chegou a formular tantos outros?



Walnice Galvão gastou nove anos preparando a edição crítica de "Os Sertões"

fenômeno.

Folha - Que segurança você tem das padronizações que adotou no texto final da edição crítica?

Walnice - Eu não tenho nenhuma, quem tem é o Euclides. Quando ele usa sistematicamente duas versões para uma mesma palavra, eu respeitei, pois é uma opção dele e uma determinação da língua. Quando ele usa uma vez dois e outra vez dous,

ele provavelmente indica que, na época, não se sabia que rumo a língua iria tomar. Então, eu mantive. Agora, quanto a modernizar a ortografia, não há outro jeito.

Folha - Qual é o principal mérito que você vê numa edição crítica?

Walnice - Eu acho que ela te permite melhorar o texto definitivo de um livro como "Os Sertões", do qual já existem boas edições, corrigindo possíveis erros gráficos.

Folha - Como você explica a revolta de Canudos?

Walnice - É uma coisa complicada. É uma revolta de camponeses, certamente milenarista, pois estávamos no fim-de-século, era messiânico

(eles chegam a mencionar dom Sebastião, embora pouco). O Conselheiro não fazia com que pudessem confundi-lo com d. Sebastião, com Santo Antônio ou com Cristo, mas os seguidores iam lá em busca disso. Então, ele era um "messias". Não para ele mesmo, coitado. Parece que ele era um cara muito direito e nunca quis assumir figura santificada.

Folha - O que você acha que determinava o potencial de revolta?

Walnice - A infelicidade. Eu tenho a impressão de que, nessa época, estava havendo uma reorganização do capitalismo internacional, de tal forma que muita coisa estava sendo destruída. E eu acho que uma das consequências desse fenômeno tocou na região de Canudos, eu não sei ainda como. Mas tem que ver, certamente, com a segunda Revolução Industrial, da máquina, da tecnologia. A revolta de Contestado, no Paraná, é provocada pela construção da primeira estrada de ferro na região, por uma empresa inglesa, que expropria a terra dos posseiros para construir a estrada. Ali você vê melhor a relação. Em Canudos é mais difícil.

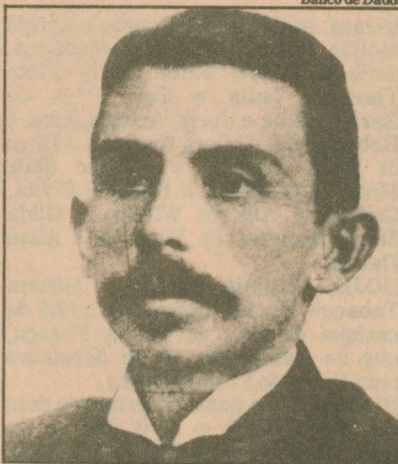
ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Euclides, infância infeliz e morte trágica

Da Redação da Folha

Como acontece frequentemente com os autores de grandes obras, o escritor e engenheiro fluminense Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, que assinava Euclides da Cunha ou os pseudônimos "Proudhon" e "José D'Ávila", teve uma vida infeliz desde a infância. Nascido em 1866 na Fazenda da Saudade, em Santa Rita do Rio Negro, município de Cantagalo, na então Província do Rio de Janeiro, Euclides perdeu a mãe aos três anos de idade. Foi então criado por uma tia, à qual se apegou como se apegara à mãe, porém dois anos depois a tia também morreu. Ele acabou sendo criado por uma segunda tia.

Aluno, no secundário, no Colégio Aquino do Rio de Janeiro (modelo do romance "O Ateneu", de Raul Pompéia), Euclides foi conquistado para as idéias republicanas por um de seus professores, o teórico republicano Benjamim Constant. Matriculado em 1884 na Escola Politécnica, o entusiasmo político o levou, em 1886, a assentar praça na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio. Entretanto, foi desligado do Exército por ter, numa manifestação republicana,



Euclides também foi engenheiro

jogado seu espadim de cadete aos pés do ministro da Guerra.

Voltou ao Exército após a proclamação da República, porém novamente se afastou ao se opor à execução de rebeldes na revolta de 1893. Estabeleceu-se como engenheiro em Descalvado (SP), mas em 1896, levado por seu republicanismo, aceitou convite do jornal "O Estado de S. Paulo" (então, "A Província de S. Paulo") para cobrir a revolta de

Canudos, no Interior da Bahia (norte do Estado, a aproximadamente quinhentos quilômetros da capital, Salvador), que julgava obra de monarquistas. Ele chegou ao teatro de operações militares em setembro de 1897, pouco antes do Arraial de Canudos ter sido totalmente arrasado, com a morte da quase totalidade de seus defensores.

Vendo de perto os acontecimentos, Euclides pode notar que a revolta não era de monarquistas e sim proveniente de fatores sociais e econômicos, principalmente a não integração dos sertanejos na cidadania. Assim, cercou-se de obras teóricas e descritivas e produziu "Os Sertões", sendo editado pela Laemmert em 1902, com êxito tão grande que, no ano seguinte, Euclides foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Como engenheiro do governo, Euclides trabalhou em vários pontos do País, o que o levou a escrever, sobre a Amazônia, os livros "À Margem da História", "Contrastes e Confrontos" e "Peru vs. Bolívia". Em 1909, aos 43 anos, o fim: foi assassinado a tiros no bairro carioca de Piedade pelo então coronel Dilermando de Assis, amante de sua mulher, Ana Emília, com a qual o escritor se casara em 1890.

UMA PAGINA ANTIGA

LUIZ GAMA

Os republicanos brasileiros, a toda hora abocanhados pela recordação injuriosa de meia dúzia de apostasias, das que negrejam na chronica de todos os partidos, se quizessem com um nome só, que é um alto exemplo de honrada perseverança, tapar a bocca aos detractores, podia lançar-lhes o bello e puro nome que corôa esta pagina.

Quantos outros iguaes offerecem por ventura, desde o começo de sua existencia, os nossos velhos partidos monarchicos?

Faz-se em duas palavras o elogio deste homem verdadeiramente grande, grande neste tempo em que só o podem ser os amigos da humanidade; nascido e criado escravo até a primeira juventude tem depois alcançado a liberdade e mais de quinhentos escravos!

A nobre provincia de S. Paulo, que hoje o estima entre os seus melhores cidadãos, e que elle preza com o enthusiasmo que lhe inspiram todas as grandezas democraticas,

presumo que ha de ser grato lér, em um livro que é particularmente seu, a biographia, já hoje gloriosa, deste bom republicano.

Se chegar a cumprir-se, como eu espero e desejo, o seu elevado destino, possam ser estas linhas obscuras fiel subsídio para chronistas de melhores dias!

II

Nasceu Luiz Gonzaga Pinto da Gama na cidade de S. Salvador da Bahia, á rua do Bangla, em 21 de Junho de 1830, pelas 7 horas da manhã; e foi baptisado, oito annos depois, na igreja matriz do Sacramento, da cidade de Itaparica.

É filho natural de uma negra, africana livre, da costa de Mina, da nação Nagô, de nome Luiza Mahin, pagão; recusou esta sempre baptisar-se e de modo algum converter-se ao christianismo.

Era mulher baixa de estatura, magra, bonita, de um preto retinto e sem lustro; tinha os dentes alvissimos; era imperiosa, de genio violento, insoffrida e vingativa; de

..... olhos negros, altivos,
.....
No gesto grave e sombria.

Era quitandeira, muito laboriosa. Mais de uma vez, na Bahia, foi presa, por suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram effeito. Em 1837, depois da revolução do dr. Sabino, naquella provincia, veio ao Rio de Janeiro, e nunca mais voltou. Procurou-a o filho em 1847, em 1856 e em 1861, na Corte, sem que a pudessem encontrar; em 1862 soube, por uns pretos minas, que a conheciam e della deram signaes certos, que, ananxada com malungos dasordeiros, em uma "casa de dar fortuna", em 1838, fôra posta em prisão, e que tanto ella como os companheiros desapareceram. Era opinião dos informantes que os amotinadores houvessem sido deportados pelo governo, que nesse tempo tratava rigorosamente os africanos livres, tidos como provocadores.

Nada mais, até hoje, ponde Luiz alcançar a respeito de sua mãe. Naquelle mesmo anno de 1861, voltando a S. Paulo, e estando em commissão do governo, na então villa de Caçapava, consagrou á mãe perdida os saudosos versos que se lêem, como nota de um sentimentalismo dissonante, no risinho livro das "Trovas Burlescas", que deu a lume com o pseudonymo de Getulino.

Vê-se que é hereditario em Luiz Gama o profundo sentimento de insurreição e liberdade. Abençoado sejas, nobre ventre africano, que deste ao mundo um filho predestinado, em quem transfundistes, com o teu sangue selvagem, a energia indomita que havia de libertar centenas de captivos!

O paé de Luiz — outra analogia deste com Spartacus — era nobre, fidalgo, de uma das principaes familias bahianas, de origem portugueza. Foi rico, e, nesse tempo, extremo para o filho: criou-o nos braços. Foi revolucionario em 1837. Era apaixonado pela pesca e pela caça; gostava dos bons cavallos; jogava bem as armas, e melhor as cartas: comprazia-se em folguedos e orgias: esbanjou uma boa herança, ha-

vida de uma tia, em 1836. Reduzido á pobreza extrema, em 10 de Novembro de 1840, em companhia de Luiz Candido Quintella, seu amigo inseparavel, que vivia dos proventos de uma casa de tavolagem na Bahia, vendeu o filho, como seu escravo, a bordo do patacho "Saraiva".

Não sei se o desgraçado ainda vive, nem lhe conheço o nome, que Luiz occulta generoso aos amigos mais intimos; mas, ainda que jogador e fidalgo, a recordação da monstruosa infamia deve ter-lhe esbofetado, em todo o resto de seus dias, a velhice deshonrada.

III

Remettido, dias depois, para o Rio de Janeiro, no mesmo navio, que partiu carregado de escravos, foi Luiz, com muitos outros, para a casa de um cerejeiro portuguez, de nome Vieira, estabelecido com loja de velas á rua da Candelaria, esquina da do Sabão. Era um negociante de estatura baixa, circumspecto e energico, que recebia escravos da Bahia, á commissão. Tinha, além de um filho peralta que estudava em collegio, umas filhas já crescidas, muito compassivas e meigas; a senhora de Vieira era uma perfeita matrona, cheia de piedade. Tinha então Luiz 10 annos. Todas as mulheres da casa se lhe afeiçoaram immediatamente. Eram 5 horas da tarde quando lhes entrou em casa; mandaram-o lavar, vestiram-lhe uma camisa e uma saia da filha mais nova, deram-lhe de cealar, e mandaram-o dormir em boa cama.

Ainda hoje Luiz Gama, que é um dos melhores corações que eu conheço, lembra-se commovido daquella boa gente que o recebeu com tanto affago.

Mas foi por poucos dias: dalli sahio logo depois, chorando amargamente e deixando as suas boas amigas chorosas tambem de o verem ir.

Era em 1840; foi vendido, naquella casa, ao negociante e contrabandista alferes Antonio Pereira Cardoso, o mesmo que, ha oito ou dez annos, sendo fazendeiro no municipio de Lorena, da provincia de São Paulo, no acto de o prenderem, por haver matado á fome, alguma escravos em carcere privado, já velho de setenta annos, suicidou-se, atravessando o cráneo com uma bala de pistola.

O alferes Cardoso comprou Luiz em um lote de cento e tantos escravos, e levou-os todos, pois tal era o seu commercio, a vender para a provincia de S. Paulo.

A pé, com 10 annos de idade, fez Luiz toda a viagem de Santos até Campinas. Escravo, sahido de uma infancia tragica, desamparado, faminto, subiu entre um bando de escravos aquella aspera serra do

Cubatão, por onde, annos depois, não ha muitos annos, lembra-me que passamos juntos os dois, eu estudante que voltava para as aulas, elle advogado que voltava da Corte, abastado, jovial, e forte, com um cesto de frutas para a familia, repoteado no assento macio de um dos ricos vagões da companhia ingleza.

Foi escolhido por muitos compradores, na capital paulista, em Jundiáhy, em Campinas, e por todos rejeitado, como se rejeitam as coisas ruins, pela circumstancia de ser "bahiano".

O ultimo que o anjeitou, foi o respeitavel ancão Francisco Eglydio de Souza Aranha, paé do sr. conde de Tres Rios. Depois de o haver escolhido, affagou-o, dizendo:

— Está um bom pagem para os meus pequenos.
E perguntou-lhe:
— Onde nasceste?
— Na Bahia.

— Bahiano!... exclamou, admirado, o excellento velho. Nem de graça! Já não foi por bom que o venderam tão pequeno!

O sr. conde de Tres Rios que esteve a ponto de ter Luiz para pagem, tem-n'o hoje como um de seus amigos mais considerados.

Enjeitado como "refugo" com outro escravo bahiano, de nome José, sapateiro, voltou para a casa de Cardoso, na cidade de S. Paulo, á rua do Commercio n. 2, sobrado, perto da igreja da Misericordia.

Alli aprendeu a copeiro, a sapateiro, a lavar e engommar, e a

costurar.

Em 1847, tinha Luiz 17 annos, quando para a casa de Cardoso veio morar como hospede, para estudar humanidades, o menino Antonio Rodrigues do Prado Junior, hoje doutor em direito, o qual já foi magistrado de muito merito, e reside agora em Mogy-Guaçu, onde é fazendeiro.

Travaram amizade estreita, de irmãos, e com o estudante entrou Luiz a aprender as primeiras letras. Em 1848, sabendo ler, escrever e contar alguma coisa, e havendo obtido ardilosa e secretamente provas inconcussas de sua liberdade, retirou-se, fugido, da casa do alferes Cardoso, que aliás o tinha na maior estima, e foi assentar praça. Termina aqui o periodo do seu captivo.

IV

Serviu como soldado até 1854, seis annos; chegou a cabo de esquadra graduado, e teve baixa do servico, depois de responder a conselho, por actos de supposta insubordinação, quando limitara-se a ameaçar um official insolente, que o insultara, e que soube conter-se.

Esteve preso, o cabo de esquadra Luiz Gama, de 1.º de Julho a 9 de Agosto, trinta e nove dias, que passou em leitura constante.

Durante o seu tempo de praça, nas horas vagas, fez-se copista; escrevia para o cartorio do escrivão major Benedicto Antonio Coelho Netto, que se tornou seu amigo; e dali, sem duvida, lhe nasceu a inclinação para o fóro.

Serviu tambem como amanuense no gabinete do conselheiro Francisco Maria de Souza Furtado de Mendonça, que por longos annos exerceu na capital de S. Paulo altos cargos administrativos, e é ainda hoje cathedratico na Faculdade de Direito. Luiz foi sempre seu ordenança, e pelo seu vivo talento, pela sua actividade e bom proceder, mereceu-lhe toda a estima e protecção, e delle recebeu proveitosas lições de letras.

Em 1856, depois de haver servido como escrivão perante diversas autoridades policiaes, foi nomeado amanuense da secretaria da policia, onde esteve até 1863, época em que, por "turbulento e sedicioso", foi demittido, "a bem do servico publico", pela reacção conservadora.

A portaria de demissão foi lavrada pelo dr. Antonio Manuel dos Reis, seu dedicado amigo e ainda mais dedicado catholico, então secretario da policia, e assignada pelo dr. Vicente Ferreira da Silva Bueno, que, por este e semelhantes actos, foi escolhido desembargador da Relação da Corte.

A turbulencia de Luiz Gama consistia em ser liberal exaltado e militante, em promover pelos meios judiciais a liberdade de pessoas livres reduzidas a criminosos captivos, e auxiliar alforrias de escravos, na medida de suas posses, e, ás vezes, além dellas, na medida de sua dedicação á causa santa dos opprimidos.

V

Nesse anno de 1868, conheci Luiz Gama. Vi-o, se bem me lembra, a primeira vez, na typographia do diario liberal "O Ipiranga", de propriedade e redacção de meu irmão Salvador de Mendonça e do dr. José Maria de Andrade. Alli era eu revisor de provas, e empregava os olhos do estudo em aprender a arte typographica; tambem Luiz Gama era aprendiz de compositor, praticante do fóro e collaborador da folha, onde assignava com o pseudonymo "Afro".

No anno seguinte, lembro-me delle entre os redactores do "Radical Paulistano", que eram Ruy Barbosa, Bernardino Pamplona de Menezes, o dr. Eloy Ottoni e outros, e entre os oradores do Club Radical. Foi aplaudidissima uma conferencia sua no salão Joaquim Elias, á rua Nova de S. José.

Os radicaes foram, nos nossos ultimos annos politicos, os precursores dos republicanos. A excepção de meia dúzia de estacionarios ou retrogrados, entre os quaes Silveira Martins, Silveira da Motta e Ruy Barbosa, em fins de 1869 e começo de 1871, os radicaes declararam-se abertamente pela Republica.

Por esse tempo, ou proximoamente, fazia Luiz Gama a todo transe a propaganda abolicionista; a sua advocacia era o terror dos senhores de escravos. Sei que teve a cabeça posta a premio por fazendeiros de S. Paulo, e tempo houve em que não poderia ir da capital a Campinas sem risco de vida.

Ha 8 ou 10 annos, foi Luiz Gama

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP

VIRE

à barra do jury de S. Paulo, processado por crime de injurias contra uma autoridade judiciaria; defendeu-se por si mesmo, brilhantemente; teve de referir grande parte de sua vida passada; a sala do tribunal, apinhada de assistentes, onde estava quasi toda a mocidade da Academia de Direito, a todo o momento cobria de applausos a voz do reu, a despeito da campainha do presidente; o jury o absolveu por voto unanime, e foi Luiz levado em triumpho até à casa.

Como defensor de escravos perante o jury, foi mais de uma vez chamado à ordem pelo presidente do tribunal, por pregar francamente o direito da insurreição: — Todo o escravo que mata o senhor, affirmava Luiz Gama, seja em que circunstancia fôr, mata em legitima defesa!

Em uma causa celebre no fóro de Santos, em que o advogado contrario era ninguém menos que o seu grande amigo José Bonifacio, ganhou Luiz Gama a liberdade de mais de cem escravos.

Recordo-me, como testemunha presencial, de outra solenne occasião em que o nobre vulto de Luiz Gama destacou-se à toda a luz. Estava reunido em S. Paulo, num palacete da rua Miguel Carlos, em 2 de Julho de 1878, o primeiro Congresso Republicano, da provincia, presidido pelo austero cidadão dr. Americo Brasiliense.

Era uma assembléa imponente. Verificados os poderes na sessão da vespera, estavam presentes vinte e sete representantes de municipios. — Agricultores, advogados, jornalistas, um engenheiro, todos os membros do Congresso, mocos pela maior parte, compenetrados da alta significação do mandato que cumpriam, tinham na sobriedade do discurso e na gravidade do aspecto, a circumspcção de um Senado Romano.

Lidas, discutidas e approvadas as bases offercidas pela "Convenção de Itú" para a constituição do congresso, e depois de outros trabalhos, foi por alguns representantes, submettido ao congresso, e afinal approvado, um manifesto à provincia relativamente à questão do estado servil. No manifesto, em que se attendia mais às conveniencias politicas do partido do que à pureza dos seus principios, annunciava-se que, se tal problema fosse entregue à deliberação dos republicanos, estes resolveriam que cada provincia da União Brasileira realisaria a reforma de accordo com seus interesses peculiares "mais ou menos lentamente", conforme a maior ou menor facilidade na substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre; e que, "em respeito aos direitos adquiridos" e para conciliar a propriedade de facto com o principio da liberdade, a reforma se faria tendo por base a indemnisação e o resgate.

Posto em discussão o manifesto, tomou a palavra Luiz Gama, representante do municipio de S. José dos Campos.

Protestou contra as idéas do manifesto, contra as concessões que

nelle se faziam à oppressão e ao crime; propugnava ousadamente pela abolição completa, immediata e incondicional do elemento servil.

Crescia na tribuna o vulto do orador; o gesto, a principio frouxo, alargava-se, accentuava-se, energico e inspirado; estava quebrada a calma serenidade da sessão: os representantes, quasi todos de pé, mas dominados e mudos, ouvião a palavra fogaça, vingadora e formidavel do tribuno negro. Não era já um homem, era um principio que falava... digo mal: não era um principio, era uma paixão absoluta, era a paixão da igualdade que rugia! Allí estava na tribuna, envergonhando os timidos, verberando os prudentes, allí estava, na rude explosão da natureza primitiva, o neto da Africa, o filho de Luiz Mahini!

A sua opinião cahiu vencida e unica; mas não houve tambem allí um coração que se não alvorogasse de entusiasmo pelo defensor dos escravos.

Dir-te-hei sempre, meu nobre amigo, que não estás isolado, no partido republicano, na absoluta affirmação da liberdade humana. Tambem como tu, eu proclamo que não ha condições para a reivindicacão deste immortal principio, que não ha contra elle nem direitos nem factos que se respeitem. "Pereat mundus, fiat justitia"! E é ignorar essencialmente a natureza das "leis de instituicão", querer que ellas respeitem "direitos adquiridos". Não é para Victor Hugo, nem para Castelar que appellamos: é para Savigny, o historico.

VI

Ahi está, em meia duzia de polidos traços, o perfil do grande homem que se chama Luiz Gama.

Filho de uma provincia que, com razão ou sem ella, não é sympathica aos brasileiros do sul; emancipador tenaz, violento, inconciliavel, numa provincia inundada de escravos; sem outra familia a não ser a que constituiu por si; sem outros elementos que não fossem o seu forte caracter e o seu grande talento; atirado só a todas as vicissitudes do destino, ignorante, pobre, perseguido, vendido como escravo por seu proprio pae, enfeitado pelos proprios compradores de negros, Luiz Gama é hoje em S. Paulo um advogado de muito credito e um cidadão estimado. E mais do que isso: é um nome de que se ufana a democracia brasileira.

O seu passado é, como se viu, dos mais interessantes: o seu futuro, se se der em vida sua o grande momento politico desta terra, ha de lêr-se — sem a menor duvida o vaticinio — nas laudas da nossa historia.

Seja como fôr, e ainda que mais não faça, é já um nome que merece um lugar, na gratidão humana, entre Spartacus e John Brown.

S. Gonçalo, Minas, 21 de Agosto de 1880.

Lucio de Mendonça.

LUIZ GAMA

O NEGRO GENIAL

Sylvio Romero, em critica ao drama de Castro Alves em que ha suggestiva figura de preto, observou: "O escravo Luiz parece-me falso, é muito eloquente e instruido para a sua condição". (Hist. da Lit., II, 601).

Com a condição desse, tão negro e tão escravo quanto o do "Gonzaga", foi mais instruido e mais eloquente o outro Luiz. Macedo, Bernardo Guimarães, Meilo Moraes Filho idealizaram, num virtuoso peccado de fantasia que estalou as cadeias ao captivo, perfis agoniados de escravos que recor-taram, em graciosa moldura romantica, a tragedia da raça. Pois a vida desse Luiz verdadeiro desfia mais pungente enredo na trama de uma instituição escabujante, de uma sociedade amolecida e de tres gerações inconfundíveis: a geração conservadora de 1840, a geração literaria de 1860, a geração demolidora de 1880. Acode-nos a lei artistica de David d'Angers: "La contemplation de la vie réelle suffit". Elle viveu, numa synthese prodigiosa, a dor, a energia, o sarcasmo, a resignação e a revolta dos antepassados, sua gente, quasi nossa gente. Resurtiu, para cantar, da vaza onde a alimaria chafurdava: e crystalizou em verso a lagrima que chorou com os pulsos algemados de moleque vendido. A sinceridade é a reputação do apostolo. Luiz Gama poudé ser o bardo e o tribuno dos captivos porque soffreu os mesmos ferros. O liberto fez-se libertador. Rimando e declamando, atirou nos ares parados da sua epoca, antes de ser caudal a corrente abolicionista, a aza do protesto. Mas é extraordinario que não se limitasse a soluçar, como os vates redemptoristas na campanha sonora de 70 a 88. Teve animo, superioridade e força para rir. Assemelha-se nisto a Gregorio de Mattos, seu emulo longiquo, como elle dicaz, irreverente, a captar na brandura bohemia um raio olympico. No intervallo das lutas, entre a sua banca de amanuense e a tribuna politica, alforriou captivos. O retrato de Luiz Gonzaga Pinto da Gama pôde ser bosquejado com estes traços violentos. Uma fatalidade e uma emoção que o idealismo orientou. Sobretudo a rebeldia hereditaria, moldada em indignação na intelligencia allumiada de genio, que obstinadamente se lhe queimou, como pyra, no altar de um sonho, que era seu e de todos os seus.

Nascera na Bahia, em 1830, filho de bella africana e de sujeito fidalgo e opulento, a quem o jogo e os deboches arruinaram. Da mãe, maravilhoso typo de mulher, herdou a ingubmissão instinctiva, o orgulho de si mesmo, o amor dos desgraçados; ficou-lhe do pae, certo, um resaiço de benevolencia civilizada que era amargura e timidez plasmadas em bravía organização de lutador. Primeiro contraste nessa biographia singular: a delicadeza moral do poeta lhe veio da mãe negra, não do pae morgado. Este nobre fol um villão, aquella escrava uma heroína. Nem se sabe o seu fim, como sumiu, onde morreu. Repousa todavia no mausoleu sumptuoso de uma poesia, que lhe perpetuou a linha harmoniosa e firme de rebelde e martyr: "Minha mãe". A piedade filial não pudé enriquecida de bens, erguer mais alto monumento á memoria da pessoa querida:

"Era mui bella e formosa,

Era a mais linda pretinha,
Dá adusta Lybia rainha,
E no Brasil pobre escrava:
Oh, que saudade que eu tenho
Dos seus mimosos carinhos,
Quando co'os tenros filhinhos
Ella sorrindo brincava.

.....
Escuro e ledó o semblante,
De encantos sorria a fronte
— Baça nuvem no horizonte
Das ondas surgindo á flor
Tinha o coração de santa:
Era seu peito de archanjo,
Mais pura n'alma que um anjo
Aos pés do seu creador".

As virtudes, que o filho lhe louvou, não impediram fosse Luiza Mahin (era seu nome) uma teimosa agitadora das senzalas da Bahia.

O MEIO

Difficilmente é possível imaginar o que valia então a habil politica de uma conspiradora africana na cidade negreira de 1830-40. A prosperidade economica, campartida pelos escravos, permittira a milhares delles libertarem-se; todos esses pretos forros mantinham um entendimento suspeito — que era o laço de sangue, de idioma, de religião ou de vicio — com a população captiva que se cifrava em mais de metade da população da Bahia. O arcebispo Monteiro da Vide, no começo do seculo XVIII, contara, ahi 2 mil escravos; Alcide d'Orbigny, no decennio seguinte ao da Independencia, calculou 80 mil. Cincoenta corvetas ou sumacas transportavam todo o anno, nos porões horrendos, carga completa — tão rendoso negocio que, escrevia ao naturalista Vandelli o nosso José da Silva Lisboa: "Uma boa sumaca de 10 mil cruzados e uma corveta de 20 dá occasião de achar dinheiro a risco a 18 por cento..." (Annaes da Bibl. Nac., 32, 504). Um phenomeno imprevisito no terreno do escambo marcava o interesse deste: á medida que entravam negros boças, o valor delles subia, nem, jámais, se declarou a crise da super-produção. Crescia o Brasil desdobravam-se as suas culturas, as suas cidades se alargavam — e o preço do trabalhador equilibrado, até á invenção das minas centraes, em cotações moderadas, passou a augmentar de safra a safra. A intervenção ingleza no infame commercio, dobrando o perigo, multiplicou-lhe o lucro. Outros brigues negreiros se armaram nos estaleiros coloniaes e conduziram á costa da Mina, pelo litoral da Cabinda, até Moçambique, em viagens demoradas, a astucia e a ganancia do traficante. Quando, assim, devia estancar-se o enxurro, elle entumecia em golfada. A lei que prohibiu o trafico, deparou, na Bahia principalmente, com a questão racial definida. Complicava-se com a questão religiosa, desconhecida até então. Sobre o mosaico dos povos africanos — *negôs* de cara tostada, *igê-chás* barbudos, *iurubês* de bochechas retalhadas, *tapas* ladinos e fúlos — a contenda dos credos. Mussulmanos aussás, contaminados pelo islamismo berbere, robustos e serios negros das fronteiras afro-arabicas feiticelras minas, christãos cabindas ou congolezes para quem o Senhor do Bomfim era "Ochalá" e o diabo, seu contrario, da diarchia commun aos povos primitivos, "Echu" — misturados e isolados na promiscuidade das senzalas e no instincto barbaro. Aguçava a sensibilidade hostil dessa gente transplantada a saudade do sertão natal, que era, vago, o amor da liberdade selvagem. As rebelliões servis boiaram como espuma na onda dessas paixões, fundamentalmente mysticas. E em todas ellas, a substi-

tuir o conductor energico, houve a mulher arremangada e de saia sonora — geralmente a igêchá bonita, de pelle setinosa, dentes puros, e estatura reduzida — sacerdotiza guia, instrumento.

A PRINCEZA NEGRA

Luiza Mahin, que pretendia ter sido princesa no seu mato nativo, foi dessas mulheres, que governavam homens. Não importa que o filho, já illustre, a evocasse:

"...Junto á cruz penitente,
A Deus orava contricta
Tinha uma prece infinita
Como o dobrar do sineiro..."

Na sua autobiographia, constante da carta que, em 25 de Julho de 1880, escreveu a Lucio de Mendonça, esclarecia Luiz Gama: "Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvissimos como a neve, era muito altiva, geniosa, insofrida e vingativa. Dava-se ao commercio — era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram effeito". Somente o respeito filial, portanto, lhe distinguiria "coração de santa", "peito de archanjo." Era, nos "candomblés", ao som do atabaque melancólico, que a policia da era da Regencia prendia escravos sediciosos, libertos revolucionarios; ahi, em torno de um S. Jorge equestre ou de uma "mãe d'agua" de cajazeira, "chô" e "ochun" na lingua ritual se agitavam rythmicamente os desesperados em dança lithurgica, antes de sahirem a matar... Foi a zoadá de um baile desses que fez D. Francisco Manoel de Mello maldizer o Brasil, onde o desterraram. — Alimentava Luiza Mahin a chamma da desordem que lavrava em socavões e alfurjas, para clarear, em Janeiro de 1835, o perfil montuoso da cidade. Nesse anno o conflicto desencadeou-se, brutal; uma conjura, religiosa, de aussás mahometanos, politica, de nagôs insurgidos, racial, de africanos vingativos, foi descoberta a tempo de se salva, da hecatombe imminente, a Bahia; e afogou-se numa chicana a aventura. Reunindo-se poucos mezes depois a Assembléa Provincial, que se installava, a sua primeira resolução attendeu ao alarma da revolução negra. Um deputado, Assis Coelho, futuro ministro, reclamou a restricção á entrada de escravos. Os corpos militares adoptaram medidas de praça sitiada; a violencia, o castigo, julzes inflexiveis, a lei sem clemencia, processos summarios, o terror dos lares prolongado aos tribunaes, completaram, irracionalizaram, a exterminação da revolta. Desapareceram os "malês". Mortos a tiro, com os seus calções amarelos, armados de catanas e pistolas como salteadores, empennachados como fantoches, ou no tronco do supplicio em cumprimento da pena de agoite pedida pelo joven promotor publico, Angelo Muniz da Silva Ferraz — depois um dos estadistas mais notaveis do paiz. Ao corpo de delicto bastava um papelucho garatujado em arabe. Coisa estranha: por não dispor a policia de traductor, nem reconhecer interprete, a autoridade não se deu jamais ao trabalho de verter a portuguez a escripta mysteriosa. Tão somente se fazia a juntada; era exhibida como prova do crime; em regra quatrocentas vergastadas apagavam a mente rebelde empestada de arabescos — não havia revisão possivel. O erro, monstruoso, está reconhecido, com esses processos, minutados em estylo forense, no Archivo Publico da provincia. Fizemos ler os gregotins de um dos documentos funestos: era uma ingenua e velha invocação a Allah, juiz dos mortaes. Certamente o ra-

biscara um "derviche" a sombra triste da palmeira do deserto, na hora da partida da caravana, consolo de infelizes, seu perdão... Seguiu-se-lhe, em cursivo galante, o libello de Ferraz: á morte.

A INFANCIA DO POETA

Foi este ambiente de odios radicaes que envolveu a infancia risonha de Luiz Gama, no largo da Palma, em casa á direita de quem desce, pela ladeira ingreme, que a igreja barroca dos agostinhos domina, com o solar cor de rosa dos Ferreira França á sinistra.

A esplanada, entre o "sobrado da rua do Bangala" e o convento, é um balcão sobre a scisura profunda da Valla, duas encostas cobertas de edificios e os elevados telhados da cidade velha. Fronteira á Sé, que desata, na outra lomba, o risco esteril das cumieiras, dá-nos a impressão do mirante levantado sobre muros e beccos historicos: os paredões desbotoados de um paço portuguez, acima da ribanceira do Thesouro, desenvolvem um traço aggressivo de fortaleza, empinam-se campanarios tijolados, cuja picarra se veste de sol como de uma capuz de oiro, e as sombras do casario emmolduram o ceo. E' um retalho de paisagem pesado de tradição, como o friso de um monumento. Transcende tudo ao tempo dos vice-reis. A riqueza dos engenhos de aqucar solidificou-se naquellas massas de architectura nobre. O zelo dos bispos suspendeu tão alto aquelle cruceiro mergulhado na fluidez do espaço. Daquella janela de batentes verdes o principe regente, ao lado de Silva Lisboa, olhou o mar, distante, que acabava de franquear ás nações. Daquella outra, quadrada(aberta sobre o despenhadeiro onde outrora acachovavam as aguas de S. Bento, alcades de cabelleira vigiaram quintaes. Depois desta, da outra banda prosperaram frades, agostinhos e habitos brancos, os jesuitas, com tres casas, os franciscanos. A Independencia achou povoados esses logares so-branceiros, e a Sabinada encheu-os do fumo dos incendios, em hora de pavor...

Ahi conheceu Luiz Gama, além do carinho materno, cuidados de pae extremoso. A curiosidade da Historia volta-se em vão para esse homem, que lhe mereceu a tremenda severidade destas palavras, implacaveis: "Meu pae, não ousou affirmar que fosse branco; porque, taes affirmativas, neste paiz, constituem grave perigo perante a verdade, no que concerne á melindrosa presumpção das côres humanas: era fidalgo e pertencia a uma das principaes familias da Bahia, de origem portugueza. Devo poupar á sua infeliz memoria uma injuria dolorosa, e o faço occultando o seu nome. Elle foi rico, e nesse tempo muito extremoso para mim: criou-me em seus braços. Foi revolucionario em 1837. Era apaixonado por a diversão da pesca e da caça, muito apreciador de bons cavallos; jogava bem as armas e muito melhor de baralho: amava as sucias e os divertimentos; esbanjou uma boa herança, obtida de uma tia, em 1836, e reduzido á pobreza extrema..." fez dinheiro vendendo o filho, livre, como escravo.

ESCRAVO

Foi a primeira, a maior desillusão. Des-enraizando-o do seu chão, do seu lar, da sua vida, cortava-lhe o fio aos affectos — e tinha dez annos só. Começou a chorar muito cedo — na coberta do patacho "Saraiva", a 10 de Novembro de 1840, quando se viu levado, pelo oceano além, entre gente rude, numa viagem triste negociado como uma rez,

ARQ. 1111 O
Calco Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

desprezado e negado, á mercê de um corrector de negros. Criança mimada, a brutalidade do captivo desesperou-o; mas toda a sua fraqueza foi toda a sua força. Atirado á loja de um marchante do Rio de Janeiro, achou tolerancia, brandura, acolhimento, onde esperára tormentos. Nunca os esqueceu: "Eram 5 horas da tarde quando entrei em sua casa. Mandaram lavar-me, vestiram-me uma camisa e uma saia da filha mais nova, deram-me de ceiar e mandaram-me dormir com uma mulata de nome Felicia, que era mucama da casa. Sempre que me lembro desta boa senhora e das suas filhas vêm-me as lagrimas aos olhos; porque tenho saudades do amor e dos cuidados com que afagaram-me por alguns dias". tornou-se decisiva, na existencia de Luiz Gama, a antithese que o destino, amargamente, lhe apresentou. Para a infamia, que o fazia irremediavelmente desgraçado, o lenitivo da caridade christã. A pairar, sobre a miseria de um pae perdido, a virtude de uma familia bemfazeja. Dôr que a ternura mitiga... No fundo, a sua biographia se formou destas impressões iniciaes, que mudaram em philanthropo o revolucionario, dando-lhe, á energia dissolvente, o alento reconstructor final. Causas mesquinhas resolvem-se em consequências formidaveis. A benevolencia daquelle burguezia rica que meteu o menino captivo em salas de moçoila espalhou pela vida em fóra do poeta um tapete de flores. Convenceu-o de que a maldade é circumscripta, o odio é transitorio, só a bondade fructifica. Abandonado a si mesmo em tenra idade, entre escravos, degradado, pudera fazer-se um bandido; foi um santo.

E cresceu, padecendo.

EM S. PAULO

A simplicidade com que o narrou dispensa frases. Venderam-no para S. Paulo, que importava, ás grandes levas, braços para a lavoura. Mas em S. Paulo não encontrou facilmente dono. Era "bahiano", ou por outra, madraço, astuto, quezilhento. "O ultimo recusante — continuava a carta para Lucio de Mendonça — foi o venerando e sympathico ancião Francisco Elpidio de Souza Aranha, pae do Exmo. Conde de Três Rios, meu respeitavel amigo. Este, depois de haver-me escolhido, afagando-me, disse: — ha de ser um bom pagem para os meus meninos; disse-me: onde nascentes? — Na Bahia, respondi eu. — Bahiano?... exclamou admirado o excellente velho. Nem de graça o quero. Já não foi por bom que o venderam tão pequeno". E recambiaram-no, refugado, para a capital da provincia, a servir na copa do contrabandista de escravos que o passeara, etiquetado, pelas cidades paulistas. Teve a fortuna de aproximar-se do hospede do seu senhor, Antonio Rodrigues do Prado Junior, estudante de humanidades, natural de Campinas, moço intelligente e generoso. O rapazinho sympathizou com o molecote. Admirou-lhe a vivacidade, o seu gosto de aprender, a scentelha de um espirito superior que falscava na humildade paciente. Estreitaram-se numa amizade de irmãos. O estudante ensinou ao pretinho ler, escrever e contar. Soffregamente, numa assimilação gulosa, de areia que absorve a agua, em sede feroz — instruiu-se. E succedeu o inevitavel. O pequeno copeiro fugiu.

DE COPEIRO A AMANUIENSE

Criara uma consciencia. Desenvolvera-se-lhe a personalidade. Sentira-se capaz — e envergonhado. Alistou-se na tropa de linha. Ao contrario do italiano, que dissera: "Vendé

la libertà, si fê soldato". Foi soldado entre 1843 e 1844 e chegou a capitão de esquadra. Desengajou-se por indisciplina, que era altivez. Um official insolente ameaçara-o; repellira, e o prenderam. O acto, que o tirou das fileiras, encartou-o na Historia. Passou a ser, até o fim, o indisciplinado genial. Lia muito, já então. Applicara-se ao estudo, auxiliava, como escrevente, a copiar autos, o cartorio do Major Benedicto Antonio Coelho Netto, aprimorára a letra, profundara conhecimentos. Poude, destarte, deixar o covado e meio pela banca de uma escrivania policial, onde pouco tempo mofou; um arremesso feliz da sorte, que evidentemente lhe sceria, deu com elle na cadeira de amanuense da secretaria de policia. Cinco annos mais tarde estava celebre. Era poeta, era rabula, era politico liberal, era abolitionista. Publicou, em 1861, as "primeiras trovas burlescas de Getulino", que S. Paulo leu com delicia, que a corte saboreou com escandalo e as anthologias, cedo, destramaram. A geração indianista e sentimental que a Academia formava julgou ver, em segunda edição (sem primeira) Gregorio de Mattos. Burlão, chocarreiro, despejado — e negro. Um flagello que despertava o riso.

DUAS SATYRAS

O burocrata da secretaria de policia, como o conterraneo setecentista cuja guitarra levantou do pó das bibliothecas, como um guerreiro que descobrisse no cemiterio velha espada encantada — não temeu o Estado, severo, as classes consolidadas, o preconceito dominante. Pendurou-se do postigo da imprensa, de onde se vê, na intimidade prosaica, a sociedade, para surpreender-lhe a perlice e a idiotia. Confundiu, numa chalaga juvenalesca, Ministro, Deputado e Barão. E pôl-os a berrar, que era tudo bode.

Vale as melhores poesias do precursor bahiano do seculo XVII esta, que vem nas "Trovas", e é o caso de um recoveiro que perdeu o seu asno.

"Olá, senhor meu amo, lhe pergunta
O pobre go matuto, agoniado:
"Por aqui não passou o meu burrego
Que tem russo o focinho, o pé calçado?"

Responde-lhe o tratante, em tom de mofa:
"O seu burro, senhor, aqui passou
"Mas um guapo Ministro fel-o presa,
"E num parvo Barão o transformou".

"Oh Virgem Santa! (exclama o tabaréu
Da cabeça tirando o seu chapeo)
Se me pilha o Ministro neste estado,
Serei Conde, Marquez e Deputado!..."

A "Bodarrada", de uma insolita violencia, feriu os melindres da aristocracia contemporanea, da mesma forma que, na Bahia de duzentos annos antes, irritára a zurzidela aos fidalgos descendentes de Caramuru.

"Não sei onde acabou ou em que guerra:
Só sei que deste Adão de massapé
Procedem os fidalgos desta terra".

A versalhada de Luiz Gama despede as mesmas farpas:

"Marram todos, tudo berra,
Nobres condes e duquezas,
Ricas damas e marquezas,
Deputados, senadores,
Gentis homens, vereadores...

.....

Cesse, pois, a matizada,
Porque tudo é bodarrada!"

O GRANDE DEFEITO

Nelle, allás, persistiu a obsessão desseovelamento, que impunha a todos. Homem compassivo, affectava entretanto o prazer

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Puga
Campinas - SP

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

malevolos de frisar quanto cabelo loiro, de pintar quanta cara branca conhecia. Não lhe escapou o proprio pae: era nobre e bem nascido, mas não apostava que fosse branco. Quem o seria, nesta terra? perguntava, maldizente. Generalizava, perversas, o seu estigma; consolava-se, dir-se-ia, attribuindo-o a toda a especie humana; e vingava-se, numa gargalhada, do seu povo, da sua infancia, da sina... De facto, paiz do origem economica, onde o dinheiro abria os braços e illuminava os pergaminhos, havia aqui uma unica distincção de classes, real: era a cor. Luiz Gama, sceptico, ridicularizou-a. Era vaidade malferida; tambem o pendor humanitario do seu espirito insubmisso. Foi o seu grande defeito, que não chegou a diminuir-o, porque o fez divertido. A aggressão, transformada em satyra, não offendeu.

VAIDOSO

Foi vaidoso. E tinha por que ser. Os outros, todos nós, guiamos a nossa liberdade pelo caminho de uma vocação. Elle, antes de poder adivinhar uma vocação, teve de conquistar aquella liberdade e fazer-se homem, dom de Deus, que lhe negava a lei. E não somente, redimindo-se, fizera-se homem, como a subir na escala das forças preponderantes se projectára, semi-deus creolo, no mundo barbaro dos seus irmãos.

Fulgara-se, como José do Patrocínio, a expressão suprema de uma raça, de um ideal, de uma epoca. Entre os de sua cor podia soffrer a accusação, que a Saint-Simon endereçou Marmontel: "Saint-Simon ne voyait dans la France que l'aristocratie, dans l'aristocratie que les ducs, dans les ducs que lui-même". Apenas, torcendo a malicia da sua imperfeição, dedicou-a, obstinado, ao bem do proximo. Nem só chefiou, batedor que precedia exercitos, um movimento abolicionista; viveu-o. Palpitou, sentiu, padeceu, como o coração escravo, que fôra o seu coração. Adaptou-se ao jornalismo de propaganda, guindou-se á tribuna popular, alapardou-se na senzala, desceu ao carcere, resurgiu na praça publica, caçador de escravos, novo capitão do matto, porém de negros oprimidos a quem abriu o horizonte da liberdade. Um amplo horizonte que o sol do Brasil doirava.

MESTRE

Escreveu de uma feita, perto já da sepultura, a seu filho de 14 annos, uma carta, que era destinada tambem á mocidade brasileira. São trechos della:

"Dize á tua Mãe que a ella cabe o rigoroso dever de conservar-se honesta e honrada;

que não se atemorize da extrema pobreza que lhe lego, porque a miseria é o mais brilhante apanagio da virtude.

Tu, evita a amizade e as relações dos grandes homens; elles são como o oceano que se approxima das costas para corroer os penedos.

Sê republicano como o foi o homem Christo. Faze-te artista; erê, porém, que o estudo é o melhor entretenimento, e o Livro — o melhor amigo.

Faze-te o apostolo do ensino, desde já. Combate com ardor o throno, a indigência e a ignorancia. Trabalha por ti e com esforço inquebrantavel para que este Paiz em que nascemos, sem lei e sem escravos, se chame — Estados Unidos do Brasil".

"Trabalha e sê perseverante.

Lembra-te de que escrevi estas linhas em momento supremo, sob a ameaça do assassinato. Tem compaixão dos teus inimigos, como eu que compadeço da sorte dos meus".

O APOSTOLO

A autobiographia do abolicionista acaba com esta confissão: "Agora chego ao periodo em que, meu caro Lucio, nos encontramos no Ypiranga, á rua do Carmo, tu como typographo, poeta traductor e folhetinista, principalmente, e eu como simples aprendiz compositor, de onde sahi para o fóro e para a tribuna onde ganho o pão para mim e para os meus que são todos os pobres, todos os infelizes e para os miseros escravos, que em numero superior a quinhentos tenho arrancado ás garras do crime".

E quando era crime combater a escravidão. Antes do verso de Castro Alves, do discurso de Jeronymo Sodré, da lei de Rio Branco, da corrente de opinião que se despenhou num fragor de alude, dos cimos da barbarie e do fundo do passado — na era pre-abolicionista das aspirações vagas, em que a missão, incompreendida, lhe prolongou o martyrio da mocidade sem ventura. Por isso, na caligem desse tempo, engrandeceu-se o vulto singular de Luiz Gama, feio, grizalho, uma barba espessa e larga deformando-lhe o mento quadrado, olhos vivos, ampla testa caucasica, e nos braços, que o trabalho aspero encordou de musculos, o instincto divino de um abraço extensivo, num milagre de solidariedade, a todos os escravos... E' verdade que as campanhas civicas, como as religiões, sagram os seus santos, nas linhas avançadas do heroismo moral. Aquella fronte intelligente e alta resplandece de aureola semelhante.

Pedro Calmon.

CENTENARIO DE LUIZ GAMA

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

O BRASIL COMEMORA HOJE O PRIMEIRO CENTENARIO DO NASCIMENTO DO ILLUSTRE ABOLICIONISTA — UM POUCO DA SUA VIDA E DA SUA OBRA — A CONSTERNAÇÃO CAUSADA EM SÃO PAULO NO DIA DA SUA MORTE, AOS 52 ANOS — ALGUMAS OPINIÕES DE CONTEMPORANEOS

Na data de hoje o Brasil comemora o primeiro centenario do nascimento de um de seus filhos mais illustres. Chamou-se Luiz Gama. Era negro, mas como certos diamantes. E o seculo passado que o viu e ouviu, neste recanto do Continente, guardou delle o pollen de ouro do mais puro idealismo, que devia florir e fructificar alguns annos depois da sua morte.

Por uma predisposição mysteriosa da Historia ou, talvez, graças á intuição daquelle homem de vontade superior, tendo nascido na Bahia e vogado á mercê dos comboieiros, veio fixar em S. Paulo o seu campo de acção. A Corte brilhante e cheia de possibilidades não o tentou, nem mesmo no enthusiasmo das primeiras conquistas. O pretinho que se recordava de não ter sido accellto nem mesmo para pagem de crianças, não se embebedou com o poderio da sua intelligencia, que abria caminho na sociedade daquelle época, ainda cheia dos mais duros preconceitos de casta, de classe, de tudo. Preferiu a capital provinciana. E' que S. Paulo já era o fundamento da riqueza nacional e obras como as de Luiz Gama não poderiam nunca visar o rosto ou os membros da nacionalidade, visava o coração.

Foi o incorruptivel. Uma vida que foi uma obra de arte. Qualquer pormenor da sua tumultuosa existencia trazia o cunho dos homens raros. Era filho natural de um homem branco, poderoso, que o houvera de uma preta liberta chamada Luiza Nahir, uma alma cheia de grandezas d'Africa, que nunca accellára o captivo sem protesto, insurgindo-se contra tudo que lhe impunham, até mesmo contra o Deus dos Brancos. Por esse motivo, chegou a ser presa e perseguida.

No entanto, o filho assim a descrevia:

"Era mui bella e formosa, Era a mais linda pretinha, Da adusta Lybia rainha, E no Brasil pobre escrava! Oh, que saudade que tenho Dos seus mimosos carinhos, Quando c'os tenros filhinhos Ella sorrindo brincava."

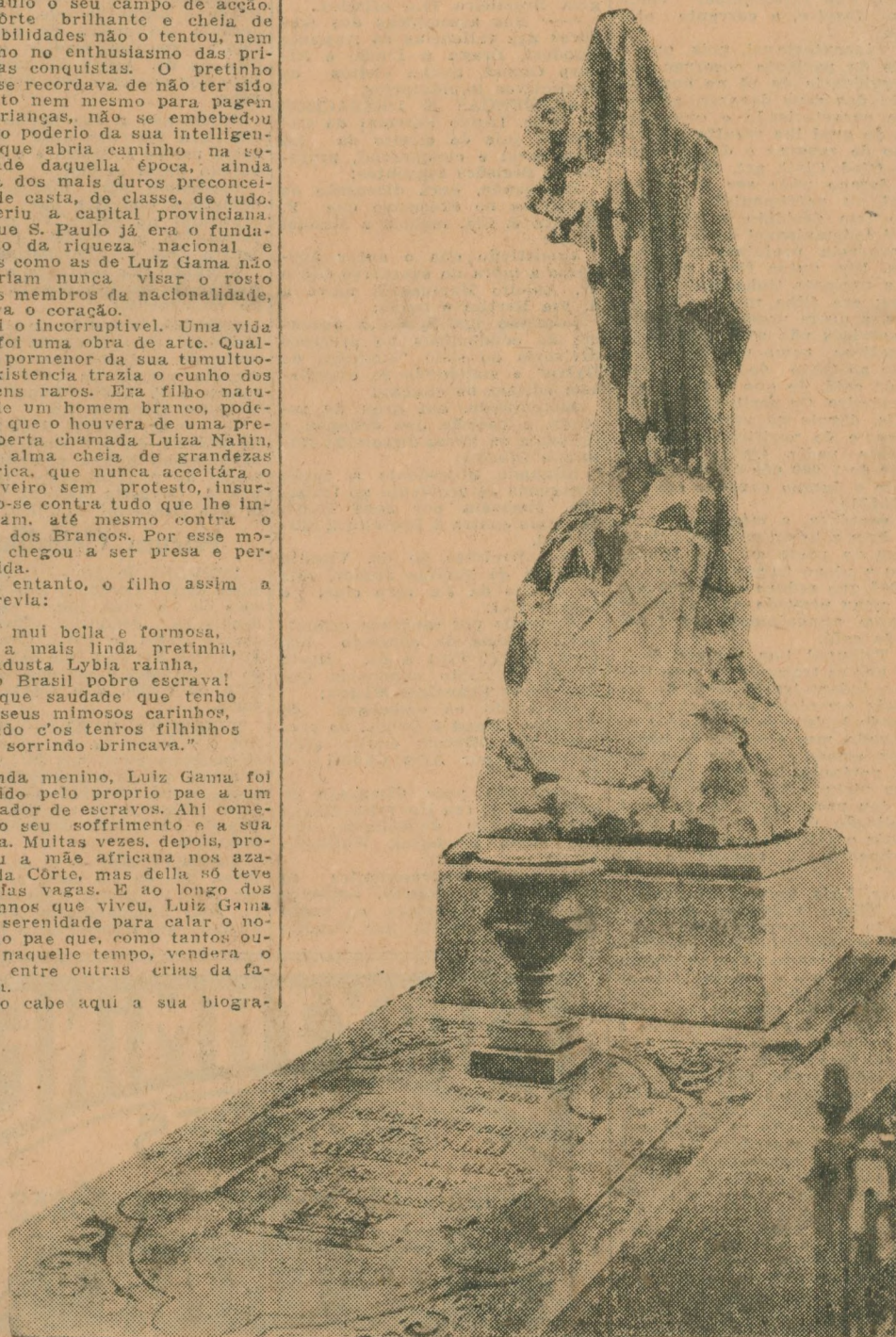
Ainda menino, Luiz Gama foi vendido pelo proprio pae a um mercador de escravos. Ahi começou o seu soffrimento e a sua gloria. Muitas vezes, depois, procurou a mãe africana nos azules da Corte, mas della só teve noticias vagas. E ao longo dos 52 annos que viveu, Luiz Gama teve serenidade para calar o nome do pae que, como tantos outros naquelle tempo, vendera o filho entre outras crias da fazenda.

Não cabe aqui a sua biogra-

trihunaes. dava guarida aos escravos fugidos, atacava os senhores que se excediam nos castigos, empregava todos os meios para libertar a carga dos navios negreiros que conseguiam atravessar com o sinistro contrabando os mares policiados pela Inglaterra.

De uma só vez libertou Luiz Gama a cento e tantos escravos, triumphando num pleito em que teve por adversario o grande orador José Bonifacio, tambem elle com serviços em prol da abolição.

Trabuzanas, xaropadas, E mil outras patacoadas, Que, sem pinga de rubor, Diz a todos, que é DOUTOR! Não tolero o magistrado, Que do brio descuidado, Vende a lei, trae a justiça — Faz a todos injustiça — Com rigor deprime o pobre Presta abrigo ao rico, ao nobre, E só acha horrendo crime No mendigo, que deprime. — Neste dou com dupla força, Té que a manha perca ou torça, Fujo ás leguas do logista, Do beato e do sacrista —



O tumulo de Luiz Gama, no cemiterio da Consolação, é de modesta apparencia e de uma simplicidade enternecedora. Em cima, ao pé do emblema maçonico, lê-se esta phrase: "Tributo fraternal da Loja America". Em baixo, na lousa, ainda se consegue encontrar a inscrição: "A' memoria do benemerito cidadão Luiz Gama, fallecido na idade de 52 annos, a 24 de Agosto de 1882".

phia. Deixamola a Lucio de Mendonça, seu amigo de todas as horas, que a traçou com felicidade na pagina que em outro lugar publicamos, datada de Agosto de 1880, isto é, ha meio século. Traz a impressão de um tempo em que o popular "Afro" dos jornaes abolicionistas enchia com o seu anseio de liberdade esta então pequenina capital paulista.

Toda a aspiração de uma raça visceralmente livre rugia-lhe no sangue. A sua subida não foi colleante como a dos ambiciosos que fazem concessões para elevar-se. Elle, ao contrario, soffreu vexames para não abrir mão de nenhuma das suas mais nobres idéas. Suas convicções foram-lhe outros tantos estorvos no caminho. Sirva de exemplo a sua curta trajectoria como amanuense da secretaria da policia. "Pelas suas idéas avançadas, pela sua constante propaganda contra a escravidão, e por se collocar sempre ao lado dos escravos nos conflictos que se travavam entre estes e os senhores, foi, em 1856, demittido do cargo."

Quantas outras vezes a sua conducta áspera, recta, não o prejudicou na escalada vertiginosa do pretinho que um dia foi rejeitado como pagem e que, annos depois, deveria passar muitas vezes pela rua da Princeza, de braço dado com José Bonifácio, o Moço, como das figuras mais importantes da nossa politica naquella época, que se sentia honrado com a amizade do abolicionista.

Mas a sua propaganda não era feita só pela palavra. Aquelle seu escriptorio da antiga travessa da Sé valia por uma fortaleza de onde a instituição da escravatura recebia os mais pesados golpes. Elle processava libertações em massa perante os

Em 1873, verificando que os republicanos preferiam contornar a atacar de frente a questão da escravatura, recusou-se a acompanhá-los, declarando que preferia uma abolição sem barrete phrygio.

Foi ao lado de todas estas coisas um poeta mordaz.

Ainda hoje se fala de produções suas, como por exemplo essa que a seguir publicamos e que é conhecida pelo nome de "A bodarrada":

"Amo o pobre, deixo o rico,
Vivo como o tico-tico;
Não me envolve em torvelinho,
Vivo só no meu cantinho;
Da grandeza sempre longe
Como o vive o pobre monge.
Tenho mui poucos amigos,
Porém bons, que são antigos,
Fujo sempre á hypocrisia,
A' sandice, á fidalguia;
Das manadas de Barões?
Anjo Bento, antes trovões.
Faço versos, não sou vate,
Digo muito disparata.
Mas só rendo obediencia
A' virtude, á intelligencia:

Eis aqui o "Getullino"
Que no plectro anda mofino.
Sei que é louco e que é pateta
Quem se mete a ser poeta;
Que no século das luzes,
Os birbantes mais lapuzes,
Compram negros e commendas,
Têm brazões, não das kalendas,
E, com tretas e com furtos
Vão subindo a passos curtos;
Fazem grossa pepineira,
Só pela arte do Vieira,
E com geito e protecções,
Galgam altas posições!
Mas eu sempre vigiando
Nessa sucia vou malhando
De tratantes, bem ou mal
Com semblante festival.
Dou de rijo no pedante
De pilulas fabricante,
Que blazona arte divina,
Com sulfatos de quinina.

Crocodilos disfarçados,
Que se fazem muito honrados,
Mas que, tendo occasião,
São mais féroes que o leão.
Fujo ao cego lisonjeiro,
Que, qual ramo de salgueiro,
Maleável, sem firmeza,
Vive á lei da natureza;
Que, conforme sopra o vento,
Dá mil voltas num momento.
O que sou, e como penso,
Aqui vae com todo o senso,
Posto que já veja irados
Muitos lorpas enfunados,
Vomitando maldições,
Contra as minhas reflexões.
Eu bem sei que sou qual grillo
De maçante e mau estilo;
E que os homens poderosos
Desta arenga receiosos
Hão de chamar-me — tarello,
Bode, negro, Mongibello;
Porém eu que não me abalo,
Vou tangendo o meu badalo
Com repique impertinente,
Pondo a trote muita gente.

Se negro sou, ou sou bode
Pouco importa. O que isto pode?
Bodes ha de toda casta,
Pois que a especie é muito vasta...
Ha cinzentos, ha rajados,
Baíos, pampas e malhados,
Bodes negros, bodes brancos,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus, e outros nobres,
Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sabios, importantes,
E tambem alguns tratantes...
Aqui, nesta boa terra,
Marram todos, tudo berra;
Nobres, condes e duquezas,
Ricas damas e marquezas,
Deputados, senadores,
Gentis-homens, veadores;
Bellas damas emproadas,
De nobreza empatufadas;
Repimpados principotes,
Orgulhosos fidalgotes,
Frades, bispos, cardeaes,
Fanfarrões imperiaes,
Gentes pobres, nobres gentes,
Em todos ha meus parentes.
Entre a brava militança

Fulge e brilha alta bodança;
Guardas, cabos, furriels,
Brigadeiros, coronels,
Destemidos marechaes,
Rutilantes generaes,
Capitães de mar e guerra
— Tudo marra, tudo berra —
Na sempre eternidade
Onde habita a Divindade,
Bodes ha santificados,
Que por nós são adorados.
Entre o côro dos anjinhos
Tambem ha muitos bodinhos.
O amante de Syrlinga
Tinha pello e má catlinga;
O deus nelles pelas contas,
Na cabeça tinha pontas;
Jove quando foi menino,
Chupitou leite caprino;
E, segundo o antigo mytho,
Tambem Fauno foi cabrito.
Nos dominios de Plutão,
Guarda um bode o Alcorão.
Nos lundu's e nas modinhas
São cantadas as bodinhas;
Pois se todos têm rabicho,
Para que tanto capricho?
Haja paz, haja alegria, Folgue
toda a bodaria;
Cesse pois a matizada,
Porque tudo é bodarrada!"
Do poeta escreveu Coelho Netto:

"A vida do propagandista intemerato é das que exigem paginas largas e o poeta é dos raros que, neste risonho paiz, onde só o homem é triste, riem francamente. O seu verso, se não prima pela belleza da forma, se não scintilla em lavores de arte, se a rima, por vezes, é pauperrima, é leve como a flecha, silva, vae direito ao alvo, crava-se e fica vibrando. Satirico, como Gregorio de Mattos, dando golpes no ridiculo, como Tolentino, Luiz Gama trouxe da poesia a audacia que empregou na sagrada campanha — as cordas de sua lyra foram tomadas a um latêgo".

Homens desta massa só podem ser julgados com justeza muitos annos depois da morte, quando o tempo, na sua missão imperturbavel, já tiver estendido um manto de serenidade sobre as furias desencadeadas pelo seu pensamento. Entretanto, com Luiz Gama, a justiça estava tão limpa e a sua figura era tão grande que São Paulo em peso, onde havia gente de todos os matizes, prestou-lhe reverencia no dia de sua morte, a 24 de Agosto de 1882.

Afim de trazermos para o dia de hoje um pouco da vibração daquellas horas de luto nacional, para aqui transportamos o commentario de Rangel Pestana, um republicano intransigente, na "Provincia de S. Paulo":

"Hontem, á tarde, uma noticia corria a cidade, levando a tristeza a todos os pontos e fazendo rebentar muitas lagrimas sentidas — expressão da verdadeira dor: Luiz Gama expirou! Havia como que uma corrente electrica a chamar todas as atenções para aquella pobre casa onde o homem popular estava frio e inerte.

Luiz Gama, um grande talento, uma grande abnegação, sahira de condições inferiores e chegára a merecer consideração e estima não só em S. Paulo como em todo o paiz. Seu nome alargava sempre o espaço que a popularidade enchia com a fama de seus actos de destemido e benemerito abolicionista e democrata.

Junto do corpo inanimado daquelle negro illustre por seus proprios feitos, que traduziam a energia de uma vontade inabalavel, o esplendor de uma intelligencia vigorosa, os contemporaneos, amigos e adversa-

rios, procuravam hontem lugar para render-lhe preitos de admiração e respeito.

Aquelle qualificativo era para elle uma honra, porque sobre ennobrecel-o por qualidades proprias.

Lucio de Mendonça disse deile: "Faz-se em duas palavras o elogio deste homem verdadeiramente grande, grande neste tempo em que só o podem ser os amigos da humanidade; nascido é criado escravo até a primeira juventude, alcançou depois a liberdade a mais de quinhentos escravos!"

Ao passo que augmentavam os seus rendimentos pelo trabalho, pela illustração e pela confiança que sabia inspirar, vias escoar-se do lar para amparar aos estranhos, auxiliar os amigos e alliviar os afflictos.

E' por isso que em torno do seu leito de morte as lagrimas e os elogios se confundem contragando todas as classes da sociedade paulista.

O homem que, ao aproximar-se do tumulo, com a calma de quem não se arreceia da morte, liquidava os compromissos provenientes de auxilios prestados aos outros, para verificar a sorte de sua esposa e filho, chegára a esta certeza: havia pagado, dentro de poucos annos, mais de vinte contos de réis!

Luiz Gama não era, pois um "vulto negro" que, arvorando a bandeira do abolicionismo ameaçava cobrir de horrores a sociedade; era antes de tudo a imagem viva da caridade que não tem côres nem privilegios de nobreza.

Typo de heroismo nas sociedades modernas, elle apparecia entre nós como o pae dos pobres, dos desprovidos dos favores da fortuna e das graças do poder.

Cahiú tranqullo e sereno, e certo de não ser esquecido. Homens destes não morrem, porque seus feitos não o deixam

sumir-se eternamente no tumulo".

Confirmando e justificando estas palavras, encontramos no mesmo jornal a noticia do enterramento de Luiz Gama. Transporte-se a visão que ahi vae descripta para o scenario da cidade de 1882 e ter-se-á uma vaga idéa do quanto era amado o denodado combatente em prol dos negros:

"Realisou-se hontem o sahimento funebre do notavel cidadão Luiz Gama, sendo o feretro conduzido a mão desde a casa de residencia do illustre morto até o cemiterio municipal.

Jamais esta capital e quicá

muitas outras cidades do nosso paiz viram mais imponente e espontanea manifestação de dôr e profunda saudade de uma população inteira para com um cidadão que tanto mais merecimento tivera no elevar-se até a estima, consideração e respeito de todos os seus concidadãos, quando a ella chegara por esforço proprio, por uma longa vida de arduo trabalho, inquebrantavel honestidade, lutas e sacrificios.

Atrás do corpo inanimado do homem que em vida se chamou Luiz Gama agglomerava-se hontem uma população inteira, que ia prestar a sua ultima homenagem ao incansavel lutador, que deixava após si um rastro de luz que illuminará para sempre as paginas do livro sagrado em que tenhamos de inscrever os nomes dos nossos homens illustres.

Viam-se representadas no prestito todas as classes sociais, desde o humilde escravo, que não sabia nem podia conter as lagrimas de que a saudade e gratidão lhe inundavam os olhos, até as pessoas mais gradadas desta cidade, magistrados, lentes, advogados, commerciantes, toda a imprensa da capital, academicos e o exmo. vice-presidente da provincia, o sr. conde de Tres Rios.

As lojas magonicas fizeram-se representar por commissões assim como o Club Gymnastico Portuguez, cujo estandarte, coberto de crepe, acompanhou sempre o caixão, e diversas outras corporações e sociedades.

Na rua do Carmo, incorporou-se ao prestito a Irmandade de N. S. dos Remedios, que o acompanhou até o cemiterio.

A meio caminho, um grupo, dentre o grande numero de pretos que tomavam parte no acompanhamento, não consentiu



que ninguém mais conduzisse o corpo, e elles, revestendo-se entre si, conduziram-n'o o resto do caminho.

Sobre o caixão, foram depositadas muitas corôas. Entre ellas, vimos a do Centro Abolicionista de S. Paulo, que se fizera representar por uma com-

missão de seis membros, e na qual se via a seguinte inscrição: — "Ao primeiro apostolo da abolição, o Centro Abolicionista de S. Paulo", e uma outra em que se lia: — "Imprensa portugueza. O "Contemporaneo" a Luiz Gama", offerecida pelo sr. Almeida Pinto, de passagem nesta capital.

Ao ser o corpo dado á sepultura, perante um concurso de cerca de tres mil pessoas, tomou a palavra o sr. dr. Climaco Barbosa que, em nome do Centro Abolicionista de S. Paulo, disse em breves e sentidas phrases o ultimo adeus ao grande democrata.

Todas as casas de commercio cerraram suas portas ás 3 horas da tarde, associando-se ao luto de toda a população.

*

Era o homem de quem Raymundo Correia escreveu:

"Tantos triumphos te contando os dias,
Iam-te os dias descontando e os annos,
Quando bramavas, quando combatias
Contra os barbaros, contra os deshumanos;

Quando a alma brava e procellosa abrias
Invergavel ao pulso dos tyrannos,
E ignea, como os desertos africanos,
Dilacerados pelas ventanias...

Contra o inimigo atrás rompestes em guerra,
Grilhões a rebentar por toda a parte,
Por toda a parte a escancarar masmorras.

Morreste! O' captivo! Em vão por terra
Rolou... Morreu por não poder matar-te!
Também não tarda muito, que tu morras!"

*

Nesta capital, o dia de hoje será commemorado de diversas maneiras.

A Academia Paulista de Letras, que tem em Luiz Gama o patrono de uma de suas cadeiras, a que é occupada pelo nosso companheiro de trabalho sr. Sud Mennucci, commemorará o centenario do grande abolicionista no proximo dia 24 de Agosto, em que se recorda o falecimento do illustre abolicionista.

Será hoje distribuido mais um numero do jornal "O Clarim da Alvorada", organ da mocidade negra de São Paulo. Nesse numero ha um bello retrato de Luiz Gama, feito a bico de pena pelo desenhista Olavo Xavier. Nas seis paginas, ha artigos e informações relativas ao grande abolicionista e á raça negra.

Outro jornal, "O Progresso", de que é director o sr. Argentino Celso Wanderley, festejará tambem o primeiro centenario do nascimento de Luiz Gama. Tendo sido transferida para 24 de Agosto a solennidade da inauguração, no largo do Arouche, do bronze cinzelado pela esculptora d. Yolanda Mallozzi, a commissão resolveu manifestar por outros meios a sua admiração pelo grande morto.

A's 8 horas, será celebrada na igreja do Rosario uma missa em accção de graças, devendo a ella comparecer os abolicionistas, associações e pessoas gradadas. O coro estará sob a direcção do sr. Carlos Cruz. Findo o officio religioso, será

feita uma romaria ao cemiterio da Consolação, em visita ao tumulo do illustre abolicionista.

A's 20 horas, terá inicio, no Theatro Apollo, uma sessão solenne na qual falará sobre a personalidade de Luiz Gama o sr. dr. Pedro de Oliveira Ribeiro Netto, segundo promotor publico auxiliar. Em nome da commissão, fará uso da palavra o escriptor sr. Lino Guedes.

Seguir-se-á um acto variado com o concurso da declamadora senhorita Maria Oliva da Silva, dos Serroteiros Paulistas, do barytono Max Cardoso, do Grupo Negro de Revistas, de Luly Malaga, Alonsito e outros numeros apreciados pelo publico. Nos intervallos, a banda da Guarda Civil tocará no saguão do theatro.

Amanhan, num dos intervallos das sessões nocturnas do cinema Odeon, o sr. Lino Guedes fará uma conferencia com o titulo "O escravo libertador".

No dia 24, á noite, no campo de esportes do São Paulo Futebol Club, haverá um encontro entre o C. A. Brasil, composto de atletas pretos, e um combinado branco. Essa festa esportiva dará fim ás commemorações do primeiro centenario do nascimento de Luiz Gama.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

UMA PAGINA ESCRITA HA CINCOENTA ANNOS

Os republicanos brasileiros, á toda hora abocanhados pela recordação injuriosa de meia dúzia de apostasias, das que negrejam na chronica de todos os partidos, se quizessem com um nome só, que é um alto exemplo de honrada perseverança, tapar a bocca aos detractores, podiam lançar-lhes o bello e puro nome que corôa esta pagina.

Quantos outros iguaes offerecem por ventura, desde o começo de sua existencia, os nossos velhos partidos monarchicos?

Faz-se em duas palavras o elogio deste homem verdadeiramente grande neste tempo em que o podem ser os amigos da humanidade; nascido e criado escravo até a primeira juventude tem depois alcançado a liberdade a mais de 500 escravos!

A nobre provincia de São Paulo, que hoje o estima entre os seus melhores cidadãos, e que elle preza com o enthusiasmo que lhe inspiram todas as grandezas democraticas, presumo que hade ser grato ler, em um livro que é particularmente seu, a biographia, já hoje gloriosa deste bom republicano.

Se chegar a cumprir-se, como eu espero e desejo, o seu elevado destino, possam ser estas linhas obscuras fiel subsidio para chronistas de melhores dias!

II

Nasceu Luiz Gonzaga Pinto da Gama na cidade de Salvador da Bahia, á rua do Bangla, em 21 de Junho de 1830, pelas sete horas; e foi baptisado, oito annos depois, na igreja matriz do Sacramento, da cidade de Itaparica.

É filho natural de uma negra, africana livre da Costa de Mina, da nação Nagô, de nome Luiza Mahim, pagã: recusou esta sempre baptisar-se e de modo algum converter-se ao christianismo.

Era mulher baixa de estatura, magra, bonita, de um preto retinto e sem lustro; tinha os dentes alvissimos; era imperiosa, de genio violento, insoffrida e vingativa; de

... olhos negros, altivos, No gesto grave e sombria. Era quitandeira, muito laboriosa.

Mais de uma vez, na Bahia, foi presa, por suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram effeito. Em 1837, depois da revolução do dr. Sabino, naquella provincia, veio ao Rio de Janeiro, e nunca mais voltou. Procurou-a o filho em 1847, em 1856 e em 1861, na Corte, sem que a pudesse encontrar; em 1862, soube, por uns pretos minas, que a conheciam e della deram signaes certos, que apanhada com malungos desordeiros, em uma "casa de dar fortuna", em 1838, fôra posta em prisão, e que tanto ella como os companheiros desappareceram. Era opinião dos informantes que os amotinadores houvessem sido deportados pelo governo, que nesse tempo tratava rigorosamente os africanos livres, tidos como provocadores.

Nada mais, até hoje, pôde Luiz alcançar a respeito de sua mãe. Naquelle mesmo anno de 1861, voltando a São Paulo, e estando em commissão do governo, na então villa de Caçapava, consagrou á mãe perdida os saudosos versos que se lêem, como nota de um sentimentalismo dissonante, no risinho livro das "Trovas burlescas", que deu a lume com o pseudonymo de Gefulino.

Vê-se que é hereditario em Luiz Gama o profundo sentimentalismo de insurreição e liberdade. Abençoado sejas, nobre ventre africano, que deste ao mundo um filho predestinado, em quem transfundistes com o seu sangue selvagem, a energia indomita que havia de libertar centenas de captivos!

O pae de Luiz — outra analogia deste com Spartacus — era nobre, fidalgo, de uma das principaes familias bahianas, de origem portugueza. Foi rico, e, nesse tempo, extremo para o filho: criou-o nos braços. Foi

revolucionario em 1837. Era apaixonado pela pesca e pela caça; gostava de bons cavallos; jogava bem as armas, e melhor as cartas; comprazia-se em folguedos e orgias; esbanjou uma boa herança, havida de uma tia, em 1836. Reduzido á pobreza extrema, em 10 de Novembro de 1840, em companhia de Luiz Candido Quintella, seu amigo inseparavel, que vivia dos pro-

ventos de uma casa de tavelagem na Bahia, vendeu o filho, como seu escravo, a bordo do patacho "Saraiva".

Não sei se o desgraçado ainda vive, nem lhe conheço o nome que Luiz occulta generoso aos amigos mais intimos; mas, ainda que jogador e fidalgo, a recordação da monstruosa infamia deve ter-lhe esbofetado, em todo o resto de seus dias, a velhice deshonrada.

III

Remettido, dias depois, para o Rio de Janeiro, no mesmo navio, que partiu carregado de escravos, foi Luiz, com muitos outros, para casa de um cerejeiro portuguez, de nome Vieira, estabelecido com loja de velas, á rua da Candelaria, esquina da do Sabão. Era negociante de estatura baixa, circumspecto e energico, que recebia escravos da Bahia, a commissão. Tinha além de um filho peralta que estudava em collegio, umas filhas já crescidas, muito compassivas e meigas; a senhora de Vieira era uma perfeita matrona, cheia de piedade. Tinha então Luiz 10 annos. Todas as mulheres da casa se lhe afeiçoaram immediatamente. Eram cinco horas da tarde quando lhes entrou em casa; mandaram-n'o lavar, vestiram-lhe uma camisa e uma saia da filha mais nova, deram-lhe de ceiar, e mandaram-n'o dormir em boa cama.

Ainda hoje Luiz Gama, que é um dos melhores corações que eu conheço, lembra-se commovido daquella boa gente que o recebeu com tanto afago.

Mas foi por poucos dias: dali sahio logo depois chorando amargamente e deixando as suas boas amigas chorosas também de o verem ir.

Era em 1840; foi vendido naquella casa, ao negociante e contrabandista alferes Antonio Pereira Cardoso, o mesmo que, ha oito ou dez annos, sendo fazendeiro no municipio de Lorena, da provincia de São Paulo, no acto de o prenderem, por haver matado a fome, alguns

escravos em carcerees privados, já velho de setenta annos, se suicidou, atravessando o cráneo com uma bala de pistola.

O alferes Cardoso comprou Luiz em um lote de cento e tantos escravos e levou-os todos, pois tal era o seu commercio, a vender para a provincia de São Paulo.

A pé, com dez annos de idade, fez Luiz toda a viagem de Santos até Campinas. Escravo, sahido de uma infancia tragica, descalço, desamparado, faminto, subiu entre um bando de escravos aquella aspera serra do Cubatão, por onde, annos depois, não ha muitos annos, lembra-me que passámos juntos os dois, eu estudante que voltava para as aulas, elle advogado que voltava da Corte, abastado, jovial e forte, com um cesto de frutas para a familia, repletando no assento macio de um dos ricos vagões da Companhia Inglesa.

Foi escolhido por muitos compradores, na Capital Paulista, em Jundiáhy, em Campinas, e por todos rejeitado, como se rejeitam as coisas ruins, pela circumstancia de ser "bahiano".

O ultimo que o enjeitou foi o respeitavel ancião Francisco Egydio de Souza Aranha, pae do sr. conde de Tres Rios. Depois de o haver escolhido afagou-o, dizendo:

— Está um bom pagem para os meus pequenos.

E perguntou-lhe:

— Onde nasceste?

— Na Bahia.
— Bahiano!... exclamou, admirado, o excellentes velho. Nem de graça. Já não foi por bom que o venderam tão pequeno!

O sr. conde de Tres Rios que esteve a ponto de ter Luiz para pagem, tem-no hoje como um dos seus amigos mais considerados.

Enjeitado como "refugio", com outro escravo bahiano, de nome José, sapateiro, voltou para casa de Cardoso, na cidade de S. Paulo, á rua do Commercio n. 2, sobrado, perto da igreja da Misericordia.

Alli aprendeu a copeiro, a sapateiro, a lavar e engommar, e a costurar.

Em 1847, tinha Luiz 17 annos, quando para a casa de Cardoso veio morar como hospede, para estudar humanidades, o menino Antonio Rodrigues do Prado Junior, hoje doutor em direito, o qual já foi magistrado de muito merito, e reside agora em Mogy-Guaçu, onde é fazendeiro.

Travaram amizade estreita, de irmãos, e com o estudante entrou Luiz a aprender as primeiras letras. Em 1848, sabendo ler, escrever e contar alguma coisa, e havendo obtido arditosa e secretamente provas inconcussas de sua liberdade, retirou-se, fugido, da casa do alferes Cardoso, que allás o tinha na maior estima, e foi assentar praça.

Termina aqui o periodo do seu captivado.

IV

Serviu como soldado até 1854 seis annos; chegou a cabo de esquadra graduado, e teve baixa do serviço, depois de responder a conselho por actos de supposta insubordinação, quando limitara-se a ameaçar um official insolente, que o insultara e que soube conter-se.

Esteve preso, o cabo de esquadra Luiz Gama, de 1.º de Julho a 9 de Agosto, trinta e nove dias, que passou em leitura constante.

Durante o seu tempo de praça, nas horas vagas, fez-se copista: escrevia para o cartorio do escrivão major Benedicto Antonio Coelho Netto, que se tornou seu amigo; e dali, sem duvida, lhe nasceu a inclinação para o fóro.

Serviu tambem como amanuense no gabinete do conselheiro Francisco Maria de Souza Furtado de Mendonça, que por longos annos exerceu na capital de São Paulo altos cargos administrativos, e é ainda hoje cathedratico na Faculdade de Direito. Luiz foi sempre seu ordenança, e pelo seu vivo talento, pela sua actividade e

bom proceder, mereceu-lhe toda a estima e protecção, e delle recebeu proveitosas lições de letras.

Em 1856, depois de haver servido como escrivão perante diversas autoridades policiaes, foi nomeado amanuense da secretaria da policia, onde esteve até 1863, época em que, por "turbulento e sedicioso", foi demittido, "a bem do serviço publico", pela reacção conservadora.

A portaria de demissão foi lavrada pelo dr. Antonio Manuel dos Reis, seu dedicado amigo e ainda mais dedicado catholico, então secretario da policia, e assignada pelo dr. Vicente Ferreira da Silva Bueno, que por este e semelhantes actos, foi escolhido desembargador da Relação da Corte.

A turbulencia de Luiz Gama consistia em ser liberal exaltado e militante, em promover pelos meios judiciais a liberdade de pessoas livres reduzidas a criminoso captivado, e auxiliar alforrias de escravos, na medida de suas posses, e, ás vezes, além dellas, na medida de sua dedicação, á causa santa dos opprimidos.

V

Nesse anno de 1868, conheci Luiz Gama. Vi-o, se bem me lembra, a primeira vez na typographia do diario liberal "O Ipiranga", de propriedade e redacção de meu irmão Salva-

ARQUIVO
Gelsa Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

dor de Mendonça e do dr. José Maria de Andrade. Ali era o revisor de provas, e empregava os ocios do estudo em aprender a arte typographica; também Luiz Gama era aprendiz de compositor, praticante do fôro e colaborador da folha, onde assignava com o pseudonymo "Afro".

No anno seguinte, lembro-me delle entre os redactores do "Radical Paulistano", que eram Ruy Barbosa, Bernardino Pamplona de Menezes, o dr. Eloy Ottoni e outros, e entre os oradores do Club Radical. Foi applaudidissima uma sua conferencia no salão Joaquim Elias, á rua Nova de São José.

Os radicaes foram, nos nossos ultimos annos politicos, os precursores dos republicanos. A excepção de meia duzia de estacionarios ou retrogradados, entre os quaes Silveira Martins, Silveira da Motta e Ruy Barbosa, em fins de 1869 e começo de 1871, os radicaes declararam-se abertamente pela Republica.

Por esse tempo, ou proxima-mente, fazia Luiz Gama a todo transe a propaganda abolicionista; a sua advocacia era o terror dos senhores de escravos. Sei que teve a cabeça posta a premio por fazendeiros de S. Paulo, e tempo houve em que não podia ir da capital a Campinas sem risco de vida.

Ha oito ou dez annos, foi Luiz Gama á barra do jury de S. Paulo, processado por crime de injurias contra uma autoridade judiciaria; defendeu-se por si mesmo, brilhantemente; teve de referir grande parte de sua vida passada: a sala do tribunal apinhada de assistentes, onde estava quasi toda a mocidade da Academia de Direito, a todo o momento cobria de applausos a voz do reu, a despeito da campainha do presidente; o jury o absolveu por voto unanime, e foi Luiz levado em triumpho até a casa.

Como defensor de escravos perante o jury, foi mais de uma vez chamado á ordem, pelo presidente do tribunal, por pregar francamente o direito da insurreição: — Todo o escravo que mata o senhor, affirmava Luiz Gama, seja em que circumstancia for, mata em legitima defesa!

Em uma causa celebre no fôro de Santos, em que o advogado contrario era ninguem menos que o seu grande amigo José Bonifacio, ganhou Luiz Gama a liberdade de mais de cem escravos.

Recordo-me, como testemunha presencial, da outra solenne occasião em que o nobre vulto de Luiz Gama se destacou a toda luz. Estava reunido em São Paulo, num palacete da rua Miguel Carlos, em 2 de Junho de 1873, o primeiro Congresso Republicano, da provincia, presidido pelo

austero cidadão dr. Americo Brasiliense.

Era uma assembléa imponente. Verificados os poderes na sessão da vespera, estavam presentes vinte e sete representantes de municipios, agricultores, advogados, jornalistas, um engenheiro, todos os membros do Congresso, moços pela maior parte, competidos da alta significação do mandato que cumpriam, tinham na sobriedade do discurso e na gravidade do aspecto a circumspecção de um Senado Romano.

Lidas, discutidas e approvadas as bases offercidas pela "Convenção de Itu", para a constituição do Congresso, e depois de outros trabalhos, foi por alguns representantes submettido ao Congresso e afinal approvado, um manifesto á provincia, relativamente á eleição do estado servil. No manifesto, em que se attendia mais ás conveniências politicas do partido do que á pureza dos seus principios, annunciava-se que, se tal problema fosse entregue á deliberação dos republicanos, estes resolveriam que cada provincia da União Brasileira realisaria a reforma de accordo com os seus interesses peculiares "mais ou menos lentamente", conforme a maior ou menor facilidade na substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre; e que, "em respeito aos direitos adquiridos" e para conciliar a propriedade, "facto com o principio da liberdade, a reforma se faria tendo por base a indemnisação e o resgate.

Posto em discussão o manifesto, tomou a palavra Luiz Gama, representante do municipio de S. José dos Campos.

Protestou contra as idéas do manifesto, contra as concessões que se fazia á oppressão e ao crime; pronunçava ousadamente pela abolição completa, immediata e incondicional do elemento servil.

Creio na tribuna o vulto do orador: o gesto, a principio frouxo, alargava-se, accentuava-se, energico e inspirado; estava quebrada a calma serenidade da sessão: Os representantes, quasi todos de pé, mas dominados e mudos, ouviam a palavra vitoriosa e formidavel do tribuno negro. Não era já um homem: era um principio que falava... digo mal: não era um principio, era uma paixão absoluta, era a paixão da igualdade

de que rugia! Ali estava na tribuna, envergonhando os tímidos, verberando os prudentes, alli estava, na rude explosão da natureza primitiva, o neto da Africa, o filho de Luiz Mahin!

A sua opinião cahiu vencida e unica: mas não houve também alli um coração que se não alvorocasse de entusiasmo pelo defensor dos escravos.

Dir-te-ei sempre, meu nobre amigo, que não estás isolado, no partido republicano, na absoluta affirmação da liberdade humana. Também como tu, eu proclamo que não ha condições para a reivindicação deste immortal principio, que não ha contra elle nem direitos nem factos que se respeitem. "Pereat mundus, fiat justitia"! E é ignorar essencialmente a natureza das "leis de instituição", querer que ellas respeitem "direitos adquiridos". Não é para Victor Hugo, nem para Castellar que apellamos: é para Savigny, o historico.

VI

Ahi está, em meia duzia de polidos traços, o perfil do grande homem que se chama Luiz Gama.

Filho de uma provincia que, com razão ou sem ella, não é sympathica aos brasileiros do sul; emancipador tenaz, violento, inconciliavel, numa provincia inundada de escravos; sem outra familia a não ser a que constituiu por si; sem outros elementos que não fossem o seu forte caracter e o seu grande talento; atrado só a todas as vicissitudes do destino, ignorante, pobre, perseguido, vendido como escravo por seu proprio paiz, enfeitado pelos proprios compradores de negros, Luiz Gama é hoje em São Paulo um advogado de muito credito e um cidadão estimadissimo. E mais do que isso: é um nome de que se ufana a democracia brasileira.

O seu passado é, como se viu, dos mais interessantes: o futuro, se se der em vida sua o grande momento politico desta terra, ha de ler-se — sem a menor duvida o vaticinio — nas laudas de nossa historia.

Seja como fôr, e ainda que mais não faça, é já um nome que merece um logar na gratidão humana, entre Spartacus e John Brown.

São Gonçalo, Minas, 21 de Agosto de 1880.

Lucio de Mendonça

Morre Gudín, pioneiro da ciência econômica no Brasil

Da Sucursal do Rio

Sem presença de nenhuma autoridade do governo (d. Marly Sarney, mulher do presidente da República, chegou atrasada, quando todos já se retiravam do cemitério), e acompanhado por um grupo de cerca de 70 amigos e familiares, o corpo do engenheiro e economista Eugênio Gudín, 100, foi sepultado no mausoléu da família, no Cemitério São João Batista, em Botafogo, zona sul, às 17 horas de ontem. Muitas corôas de flores de amigos alguns ausentes, como o ex-ministro Mário Simonsen, que está no Japão, e Otávio Gouveia de Bulhões, doente em casa, mas nenhuma da presidência da República, D. Marly chegou a cumprimentar a viúva, d. Violeta, mas demorou-se pouco à porta do cemitério, porque todos já se retiravam.

No momento em que o caixão baixou a sepultura, a família (d. Violeta, duas filhas e netos) chorou discretamente, mas não houve nenhum discurso. Foi uma cerimônia silenciosa, assistida por alguns ilustres amigos do professor, como Roberto Marinho, das Organizações Globo, o senador Roberto Campos, o ex-presidente da Cia, Vale do Rio Doce, Eliezer Baptista, e o presidente nacional do PDS, senador Amaral Peixoto.

Na sede da Fundação Getúlio Vargas, onde Gudín construiu sua vida acadêmica, seu corpo foi velado o dia inteiro por ex-alunos, seguidores, empresários e amigos. Ao todo 270 pessoas assinaram o livro de presenças, colocado à porta de uma sala no 12º andar do prédio da FGV, entre nove da manhã e quatro da tarde, quando a esquife saiu para o cemitério. Partidários e contestadores de suas idéias uniram-se para ver o professor pela última vez. A economista Maria da Conceição Tavares chegou a dar um longo abraço no ex-ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, e deu entrevistas aos jornalistas de elogios a Gudín. Edmar Bacha, presidente do FIGBE, o economista Paulo Nogueira Batista, identificados com a teoria estruturalista, e oposição ao monetarismo de Gudín, também foram velar o professor e igualmente elogiavam sua conduta liberal. O presidente da Academia Brasileira de Letras, Austragesilo de Athayde, o senador Nelson Carneiro, o jurista Afonso Arinos de Melo Franco, a cúpula da Fundação Getúlio Vargas também estiveram no velório.

Às 16 horas, quando o caixão era retirado para o cemitério, o economista Paulo Rabelo de Castro, da FGV, pediu licença à família e leu algumas palavras, onde dizia que

Gudín voava "encantado para a Pátria da Liberdade, o teu País sonhado". O neto de Gudín, o empresário Luis Roberto Cunha, nascido da filha Maria Lucia, tomou todas as providências para o sepultamento e recebia os convidados. Antes da leitura de Rabelo de Castro, cerca de 40 pessoas presentes ao velório rezaram um Pai Nosso e uma Ave Maria "pela alma do professor que serviu ao seu país".

Sarney lamenta

O presidente José Sarney lamentou a morte do economista e ex-ministro da Fazenda Eugênio Gudín com esta declaração:

"Desaparece com Eugênio Gudín uma das inteligências mais fecundas da história do país. Grande pensador, colocou seu talento a serviço do Brasil e, durante sua vida de um século, foi um trabalhador infatigável, estudando, analisando e propondo soluções para os problemas nacionais.

Pioneiro das Ciências Econômicas, homem de convicções, defendia idéias e apontava caminhos. Dele se podia discordar, jamais tergiversar sobre sua integridade, firmeza de caráter e patriotismo. Apaga-se uma vida rica de ensinamentos, brilhante, exemplar e sábio".

Leia na pág. 66 artigo do economista José Julio Senna.

Foto "O Dia"



Família e amigos acompanham o corpo do economista Eugênio Gudín no cemitério São João Batista.

Pneumonia causou agravamento do estado de saúde

Da Sucursal do Rio

O professor Eugênio Gudín, cem anos completados em 12 de julho passado, teve o estado de saúde agravado na última terça-feira, quando seu aparelho respiratório foi tomado por uma pneumonia por aspiração (os alimentos se alojaram no pulmão, causando infecção e asfixia respiratória). Sua família o internou no dia seguinte, à tarde, no Prontocor da Lagoa, e à uma hora da madrugada de ontem ele faleceu.

"Meu avô morreu de velhice. As funções de seu organismo já estavam muito debilitadas e sem reação. Apesar disso, há quinze dias ele sentia-se bem e até conversava", contou o neto, o empresário Luis Roberto Cunha. Gudín não aceitava dietas e sua refeição era a mesma do restante da família. Mas a dificuldade de ingerir os alimentos causou dois engasgos fortes no início da semana. Os alimentos acabaram se

alojando no pulmão, causando a pneumonia por aspiração.

Manuel de Azevedo Leão, 87, seu melhor amigo e engenheiro como Gudín, contou que nos últimos dois meses era difícil conversar com o professor porque sua sala era dificultada pela formação de saliva. "Até o fim ele ficou lúcido e manteve a inteligência viva. A cabeça estava boa, mas o corpo fraquejou", disse Manuel Leão, que Gudín chamava carinhosamente de "menino".

Celso Maria de Mello Pupo

Rua Barreto Leme, 2449

13.020 - Campinas - SP

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Acadêmicos e políticos falam sobre o professor.

Maria da Conceição Tavares, economista e professora: "O professor Gudin e eu tínhamos duas coisas em comum: fomos a vida inteira apaixonais e sempre expressamos nossas idéias abertamente. Sei que ele ficou feliz com o Plano Cruzado, mas ultimamente considerava seu rumo insatisfatório".

Roberto Campos, senador e ex-ministro do Planejamento: "Conheci-o em 1944, na Conferência de Bretton Woods. Ele era porta-voz da delegação brasileira. Quando ministros no governo Castelo Branco, Bulhões e eu o tínhamos como inspirador e guia ao tomar decisões econômicas. Ele nunca teve rigidez dogmática. Foi um eclético nas suas convicções, muito

mais monetaristas do que estruturalistas".

Dilson Funaro, ministro da Fazenda, através de seu representante, Domingos Marques Grello, chefe de gabinete da Fazenda, no Rio, enviou mensagem à família de Gudin: "Foi uma grande perda para o Brasil. Era um homem de invulgar capacidade, utilizada para servir ao seu país".

Nelson Carneiro, candidato ao senado (PMDB-RJ): "Gudin ensinou que a velhice pode ser o tempo mais útil da vida".

Edmar Bacha, presidente da Fundação IBGE: "Gudin não era um monetarista ortodoxo. Ele tinha uma visão aberta e acadêmica da teoria econômica. Tanto que expôs a orto-

doxia em debate, numa reunião na Fundação Getúlio Vargas, em 1949, que deflagrou a discussão sobre teoria econômica latino-americana".

Luís Simões Lopes, presidente da Fundação Getúlio Vargas (FGV): "Foi o homem que melhor sintetizou a problemática econômica nacional. Foi uma perda irreparável para a economia e a cultura brasileiras".

Roberto Marinho, proprietário das Organizações Globo: "Gudin foi um desses homens raros que não se repetem numa geração".

Julian Chacel, diretor do Instituto Brasileiro de Economia da FGV: "Gudin foi responsável pela introdução no Brasil da teoria Keynesiana de equilíbrio geral".

Nascido em 1886, formou-se em engenharia aos 19 anos

Banco de Dados

Considerado o "pai da ciência econômica nacional", Eugênio Gudin, nasceu a 12 de julho de 1886, no Rio de Janeiro. Formou-se em Engenharia aos dezenove anos e logo foi trabalhar na construção de barragens e de estradas de ferro no nordeste.

Foram as primeiras necessidades de seu ofício de engenheiro que o levaram, desde o início da década de vinte, a interessar-se cada vez mais pelas questões ligadas à Economia. Empreendeu seus estudos econômicos por conta própria, uma vez que não havia, à época, cursos superiores na área. Suas leituras incluíam os clássicos ingleses Adam Smith e David Ricardo, além de Alfred Marshall e outros autores contemporâneos, norte-americanos e europeus.

Em 1924 começou a escrever artigos sobre assuntos econômicos em "O Jornal", de propriedade de seu amigo Assis Chateaubriand, atividade que desenvolveria depois no "Correio da Manhã" e em "O Globo".

Confundido muitas vezes com monetaristas na linha de Milton Friedman (Prêmio Nobel de Economia de 1976), Gudin se distancia deste quando adverte para um tipo de inflação imbatível por instrumentos puramente monetários: a "inflação de custos".

Heterodoxo e original, Gudin ascendeu rapidamente no quadro do pensamento econômico brasileiro, influenciando decisivamente a criação de cursos de Economia no país, tendo ocupado a cátedra de Moeda e Crédito na Faculdade de Ciências Econômicas da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, aposentando-se em 1956, ao fazer setenta anos.

Participou de missões oficiais no exterior, tendo integrado a delegação brasileira à Conferência de Bretton Woods (EUA), em julho de 1944, que criou o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Com o suicídio do presidente Getúlio Vargas em agosto de 1954, assumiu o governo o vice-presidente Café Filho, que convidou Gudin para chefiar o Ministério da Fazenda. Durante sua gestão, de sete meses, desenvolveu uma política austera de contenção da inflação para reequilibrar as contas externas e garantir o apoio de entidades financeiras internacionais. A luta antiinflacionária desencadeada por Gudin baseava-se, no plano interno, no corte de despesas públicas e na contenção da expansão monetária e creditícia.

Anticomunista, apoiou a queda de João Goulart em março de 1964 —para ele, o presidente era um "desatinado cercado de comunistas"—, mas criticou os governos militares pela intervenção estatal na economia.

Em julho último, ao completar cem anos, Gudin, através de sua mulher, dona Violeta Gudin, disse ser "contra o descongelamento dos preços, apoiar o Plano Cruzado e a política econômica do presidente José Sarney e do ministro da Fazenda, Dilson Funaro".

Atas, Editais e Avisos

24h
POR DIA

Serviço de
Atendimento
ao Assinante
223-1733

Ministério da Agricultura

cfp

companhia de financiamento

AVISO CFP SUC

a) OBJETO

Venda de aproximadamente
farinha de mandioca
Estado da Bahia

b) DA ENT

1. Nas
2. sede
3. N
4. o

FOLHA



pensador, crítico literário.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Amoroso Lima: 80 anos

NOGUEIRA MOUTINHO

A passagem dos oitenta anos de Alceu Amoroso Lima, hoje comemorados, constitui não apenas uma data no seu calendário pessoal, mas um aniversário que diz intimamente respeito à própria cultura brasileira. Quase dez anos mais velho do que o século, nascido em 1893, trinta anos antes da eclosão do Modernismo, Alceu Amoroso Lima cumpriu um dos raros itinerários de alcance universal executados por um intelectual no Brasil. Certamente o fato de haver viajado à Europa em 1900 e em 1914 retornar já pela quarta vez ao Velho Mundo para assistir aos cursos de Bergson na Sorbonne, pesa poderosamente na definição desse roteiro que abriu extraordinariamente os horizontes do futuro crítico do Modernismo, de uma das maiores figuras de nossa inteligência no século XX.

A segunda data capital desse itinerário, a que marca uma das inflexões definitivas de sua vida, é certamente 1919, ano em que inicia no "O Jornal" do Rio de Janeiro a atividade crítica, investido sob as espécies de Tristão de Ataíde. "Fizeram-se os programas pelo prazer de os mal cumprir" afirmava a primeira frase de seu primeiro artigo, denunciando a intenção assistemática de uma atividade crítica que, pode-se hoje afirmar, só procurou ser sistemática no tocante ao bom-gosto. A obsessão pela liberdade que sempre o preservou e opôs aos totalitarismos constituiu a base sobre a qual se ergueu esse monumento criador consubstanciado nos volumes dos "Estudos" e em milhares de outras páginas divulgadas em jornais.

Ao definir a crítica literária como "apreciação criadora da expressão verbal" Tristão de Ataíde abria a primeira fronteira de um extraordinário trabalho de compreensão que se revelou crucialmente importante nos anos de 20, quando assumiu com todas as suas implicações a renovação Modernista na literatura brasileira num momento em que, desaparecidos os grandes críticos ditos naturalistas, Araripe Junior, Silvio Romero e José Veríssimo, as novas perspectivas criadoras reclamavam o seu exegeta. E esse itinerário crítico iria prolongar-se até

1960, ano em que o lidador se despede enviando ao Congresso de Escritores no Recife uma "Mensagem" que se tornou clássica e na qual afirma: "Que se considere cada vez mais a crítica como uma atividade criadora e não se dividam os críticos em grupos hostis fechados à compreensão recíproca. Que se pratique a apreciação literária com o máximo de preparação cultural, fugindo ao diletantismo, à política estéril e ao compadrio. Que se compreenda a alta responsabilidade dessa magistratura intelectual que exige vocação própria, perseverança, coragem e alto senso de responsabilidade. E, acima de tudo, seja a crítica uma obra de amor."

Se se situa em 1919 a tomada irreversível de posição no universo cultural brasileiro, posição que se caracteriza até hoje por uma profunda impregnação humanística, é em 1928 que se situa a grande mudança existencial da qual iria surgir com admirável coerência que se prolonga há meio século, o Alceu Amoroso Lima que amamos. Refiro-me à sua conversão ao Catolicismo, ato no qual tiveram a mais decisiva e profunda influência duas figuras que rapidamente desertaram a vida: o padre Leonel Franca, e Jackson de Figueiredo, morto este no mesmo ano de 1928 em que o jovem amigo pronunciava o famoso "Adeus à Disponibilidade".

Concomitante à adesão total ao Cristianismo, à entrega ao verdadeiro "apostolado cristão", o mestre dos "Estudos" decidiu igualmente alargar os horizontes de sua missão intelectual e criadora, fato que significou um paulatino abandono da atividade estritamente crítica e literária para dedicar-se à análise e ao debate de problemas que fossem "brasileiros" no sentido lato, ampliando a territórios muito mais urgentes os domínios de seu pensamento e de sua ação. Ao completar oitenta anos Alceu Amoroso Lima pode divisar de uma iminência, de uma sobranceira altitude um conjunto criador de obras, de palavras, de atos, de gestos que dignificam. A qualidade de seu ser certamente se aprimorou nesse longo confronto com as realidades e a ação, mas a sua contribuição pessoal a esse confronto conferiu-lhe, na nossa circunstância, uma elevação rara. É que todas as manifestações de sua personalidade, todas as suas intervenções pessoais distinguiram-se pela procura da Verdade e foram geradas na Liberdade. Nada de turvo, nada de menos digno contamina essa nobre e pura existência, definida insubstituívelmente por Carlos Drummond de Andrade, no poema que finda:

"Tristão e Alceu: a mesma
fiel cristalinidade:
uma criança sorrindo
nó sabio à sombra de Deus."

UM BALANÇO PROVISÓRIO

Nós famosos "Arquivos Implacáveis" de João Condé uma página já antiga, escrita em 1954, ilumina com um "flash" o perfil de Alceu Amoroso Lima, revelando o humor e o desconventionalismo do mestre. Reproduzi-la neste momento é retomar um balanço provisório que indiscutivelmente contém muito mais de definitivo e de estável do que se possa imaginar. Porque o essencial no jovem de oitenta anos de hoje é a fidelidade a si mesmo,

"Que fizeste da vida, Tristão?"

Amei — Tive filhos e netos — Escrevi livros — Fui professor — Tive amigos e inimigos — Rezei — Já tive pior memória e vista melhor do que hoje — Aprendi nos Estados Unidos a ajudar minha mulher nos serviços domésticos — Atravessei a nado da Urca do Morro da Viuva — Conversei dez horas seguidas com Maritain — Fui amigo do cardeal Leme, Jackson de Figueiredo e Wagner Dutra — Gostei de andar a pé — Detestei ouvir rádio — Escrevo a lapis — Gostei muito de musica — Não fumei — Só usei gravata preta — Adorei a Deus — Pequei — Visitei varias vezes a Europa — Fui professor nos Estados Unidos — Tive remorsos — Fui crítico literário — Ensinei na Sorbonne — Detestei meus tempos de Ginasio — Estudei musica com Alberto Nepomuceno — Levantei para o tumulto um vicio inveterado que, em jovem, me fez abandonar a advocacia: não faço uma afirmação sem sentir logo o protesto abafado das negações que ela implica — Fui sempre um aluno mediocre — Nunca fui "profissional" de nada — Sentei-me, provavelmente, ao lado de Péguy nos cursos de Bergson em 1913 e 1914, sem o saber — A grande e grata surpresa da vida: os homens são melhores do que pensamos — Guiei automovel de Quebec à capital do Mexico. Mas hesitei dois meses em guiar no Rio — Entreguei pessoalmente meu livro "Mensagem de Roma" ao Papa — Nunca conversei com meu barbeiro — Discuti com Bernanos — Conversei três horas com Tomas Merton — Atravessei os Andes a cavalo — Fui presidente da Ação Catolica — Nunca estive em escola primaria — Recebi as

VIRE

primeiras letras de minha mãe e desse coxo João Kopke, o maior educador brasileiro — A virtude que mais admiro é a naturalidade — O vício que mais detesto, o farisaísmo — Desde os três anos, tenho horror às roupas apertadas — De tudo quanto tenho escrito só reli, com prazer, a evocação da casa em que nasci — Considero a crítica uma experiência pendular entre a grande dignidade e a grande vaidade literária — A medida que nos aproximamos do fim da vida fatalmente temos de escolher entre a humildade e a estupidéz — Faço, este ano, sessenta anos. Que surpresa, e, olhando para trás, que deserto — Morrerei quando Deus quiser."

SANGUE E LAMA

Tristão de ATAÍDE

O tragico desfecho da era getuliana, em nosso país, suspende naturalmente neste instante toda e qualquer outra consideração e substitui-se a qualquer tema que acaso ocupe a pena de quem quer que viva intensamente os destinos de nossa historia. É um desfecho em que se misturam sangue e lama.

Sangue voluntariamente vertido para a evasão da vida, que pede, portanto, mais do que qualquer outro, as orações de todos aqueles que sabem ser o Desespero o unico pecado irremissível, pois representa a descrença naquilo que é a propria essência de Deus: o amor, o perdão, a misericórdia. Mas sabem, também, que a Misericórdia Divina é infinita e devemos "violentar" o proprio Céu, para tocar o Coração do Pai. Getúlio Vargas, morrendo por suas proprias mãos, não só herdou a sua patria um terrível legado de sangue, que vem subverter de momento um dos traços mais característicos de nossa historia, mas ainda negou a sua confiança à Bondade divina e portanto está pedindo a todos nós que acreditamos aqui na terra, acima de tudo, no poder da oração, que peçamos para a sua alma o perdão de que ele proprio desesperou.

Mas, evadindo-se voluntariamente da vida, Getúlio Vargas não "entrou para a historia", como diz no documento que deixou para a posteridade. Derramando o seu proprio sangue, não se limitou a alimentar postumamente o "mito getuliano", que há quase um quarto de seculo domina grande parte do povo brasileiro. Veio, com isso, negar um dos traços característicos de nossa historia, que tem sido sempre a da solução incruenta dos grandes lances de nossa evolução politica. Da independência à deposição de 29 de outubro de 1945, passando pela Republica e pela Revolução de 30, as grandes curvas de nossa historia se caracterizam precisamente pelo não derramamento de sangue. Há quem considere esse traço como um sinal negativo. Sempre o considerei, ao contrario, como o simbolo de um temperamento nacional marcado pela bondade, pelo bom-senso, pelo amor das soluções pacificas e fraternas. Assim não pensava Getúlio Vargas. Ainda é muito cedo para fazermos o julgamento do seu gesto, que aliás não cabe a nós fazer, pois só a Deus devemos contas de nossa vida, de modo que só perante Ele tem Getúlio Vargas de responder pelo momento de desespero com que, nessa manhã sombria de São Bartolomeu, pôs termo tragicamente à vida e encerrou uma era de nossa historia.

Como teria, entretanto, sido muito mais coerente com os termos de suas declarações postumas, se dedicasse os ultimos anos

de suas existencia a combater por suas idéias, a defender esses "humildes" pelos quais estou certo de que sinceramente se interessava, mas que estão hoje, no fim de 24 anos de era getuliana, em condições de vida geralmente muito mais difíceis do que estavam, quando essa fase historica, dominada por sua figura já hoje lendaria, se descerrou para o Brasil! Por muitos anos será discutida, e até cantada nas "peonadas" em redor do fogo, essa misteriosa figura de gaúcho, que saiu dos seus pagos natais quase obscuro e hoje deixa o cenário politico, descendo de pé do mais alto posto de comando para baixar voluntariamente ao mar revolto da posteridade. Por orgulho ou por amor, seja por que for, o fato é que, longe de trazer ao Brasil a solução para os males presentes, essa morte veio anular ou pelo menos atenuar, de muito, os beneficios que adviriam para o nosso país, de uma renúncia voluntaria e digna, que lhe teria permitido passar o poder, legalmente, ao seu sucessor constitucional, sem quebra de ordem juridica e para o bem da ordem moral, conspurcada pelas tremendas revelações das Cavalariças de Augias, em que se havia transformado o Palacio do Catete.

Pois não nos esqueçamos, na hora em que os nossos corações acabrunhados acompanham ao tumulto os restos mortais de um homem, cujo desespero merece toda a nossa comovida piedade e cujo destino eterno está clamando pelas orações de todos aqueles que não creem apenas na "voz da historia" ou no "juízo da posteridade", como chave do nosso destino, — não nos esqueçamos de que neste tragico desfecho de uma longa era de nossa vida nacional não figura apenas o sangue, sempre respeitavel e doloroso, de um homem, mas também a sanle e a lama que há dias vem jorrando do palacio presidencial, para assombro e revolta de todos os homens de bem. Se dos aposentos altos foi o sangue que desceu, confrangendo os corações de todos os brasileiros, — dos aposentos baixos o que jorrou, nesses ultimos dias, foi a materia mais putrida de que há memoria em toda a nossa historia politica. E essa lama não foi certamente estranha ao sangue que voluntariamente jorrou dos andares superiores do Catete. A prova de que Getúlio Vargas ignorava o conteúdo do já hoje famoso "arquivo gregoriano", é que ele proprio consentiu na apreensão desse tremendo libero contra o seu governo. Mas essa ignorancia, — que possivelmente terá sido até uma das causas do suicídio, embora por ele não mencionadas nos documentos que deixou nos ultimos momentos de

sua vida, essa ignorancia não atenua em nada o significado profundo dessas terríveis revelações do subsolo de um regime.

O respeito que devemos pela morte não nos deve, de modo algum, deixar esquecer a reverencia não menos certa que devemos pela vida. A morte voluntaria de Getúlio Vargas, — por mais que imponha a todos nós brasileiros, a mais sincera compunção, por mais que exija de todos os homens de fé as orações mais ardentes de imploração à piedade divina, não nos deve permitir esquecer os nossos deveres para com os vivos. E o primeiro deles será, desde este primeiro momento, que o sangue não oculte a lama, que o gesto de desespero não atenuie os gestos anteriores de tolerancia, em relação às revelações esmagadoras dos arquivos secretos do mais intimo camareiro do presidente da Republica. Esses arquivos, tintos hoje de sangue, foram possivelmente a gota que fez transbordar a serenidade, até ontem perfeita, do presidente morto. Enfrentou, nesses ultimos tempos, com absoluta tranquillidade, ao menos aparente, a mais implacavel campanha que já fez contra um presidente da Republica. E será esse, de futuro, outro traço positivo na balança do julgamento sereno da historia, à qual Getúlio Vargas entregou, teatralmente, o julgamento dos seus proprios atos. Esse traço favoravel, no juízo da posteridade, — ao lado do seu amor pelos humildes, que souberam aliás amplamente e cegamente retribuir-lhe, — terá sido a liberdade que, nessa ultima fase de sua vida politica, depois de eleito pelo povo, soube garantir sem recorrer, como todos temiamos a cada momento, a um novo golpe de 1937.

Mas nada disso atenuará os erros do seu governo, que arruinou o Brasil, material e moralmente, e cujos indices terão sido — a inflação e as revelações do arquivo secreto do chefe da sua guarda pessoal. Pela inflação tornou-se cada dia mais dura a vida dos pobres, a vida desses "humildes" a que pretendeu explicitamente, e acredito que sinceramente, dedicar as suas melhores inclinações de homem publico. Não soube detê-la, não soube evitá-la, não soube contorná-la, de modo que arruinou materialmente a nação e deixou-nos um legado economico verdadeiramente catastrophico. E, pelas revelações tremendas do arquivo secreto do seu mais intimo "guarda-costas", se verificou que o governo do Brasil possuía uma "éminence grise", que no caso era uma eminencia negra! E que essa asa negra do presidente, presidente que preferiu a confissão do seu malogro, pela morte, à justificação corajosa de suas atividades pela renúncia, como deveria ter feito, — escondia em suas fichas secretas o mais terrível libelo contra um regime de traficanças e favoritismos, que se acobertava com a bandeira dignissima de luta pelos trabalhadores, de partido dos pobres! Eram os bicheiros, os açambarcadores, os multimilionarios, os cavadores de concessões, os aliciadores de privilegios ilegítimos, os tubarões mais conhecidos e desprezíveis, que acudiam a rojar-se aos pés da eminencia negra, para dela

ARQUIVO
Celso Maria Mello Pupo
Campinas - SP

conseguir as mais escusas inter-
ções com o dinheiro do povo, com
o dinheiro das máquinas oficiais
de fazer dinheiro, que não sabiam
o segredo de reduzir o custo da
vida, mas sabiam escoar-se aos
milhões para o bolso dos mais
escusos aproveitadores das influ-
ências secretas, atrás das corti-
nas, no segredo dos aposentos in-
timos presidenciais.

E' por isso que neste momen-
to em que a vida do bravo ma-
jor Rubens Vaz, a campanha
memorável de Carlos Lacerda e
a serena dignidade dos briga-
deiros, almirantes e generais,
quintos ao grande gesto cívico do
sr. Café Filho, poderiam ter tra-
zido para a nossa terra um pou-
co de tranquilidade e de bom-
senso, para resolver a sua difícil
situação, um gesto de desespero
como esse o que nos traz é um
jorro de sangue e de lama e a
criação de um novo sebastianis-
mo "queremista", para agravar
ainda mais estas malaventura-
da terra brasileira. Mas, por is-
so mesmo, neste momento que
é de tragedia quando podia ser
de desafoço, devemos mais do
que nunca unir as forças mo-
rais e cívicas da nação inteira,
sem considerações de partidos
e situações sociais, para que a
nova era que ora desabrocha,
para o nosso país, se coloque
sob novos signos, de honradez
pessoal e justiça social, e não
se venham a repetir, em 1954, os
erros funestos que nos levaram
à tragica manhã de 24 de agos-

Leis do verdadeiro progresso

TRISTÃO DE ATHAYDE

Vejo, na história da humanidade, e portanto das civilizações, três forças invisíveis e supremas, que devem dirigir nossos atos e a realização de nossas obras. As leis: da perfectibilidade moral; da capilaridade social e da imprevisibilidade psicológica.

A lei da perfectibilidade é a própria lei intrínseca da natureza das coisas. Todos os seres criados tendem à perfeição do seu próprio ser. Sua própria plenitude. Seja no plano mineral, como no plano vegetal, ou no plano animal, irracional e humano. Essa lei íntima de todo ser é a sua luta continuada contra tendências contrárias que fazem de todo ser existente uma contínua ambiguidade, mas sempre conduzido pela primazia do esforço para a realização de sua natureza cada vez mais íntegra. Essa lei da perfectibilidade é uma lei natural, tanto no plano material como no plano moral. E é o critério máximo de valor para o juízo que podemos formar de cada ser, no sentido do bem, isto é, de sua perfeição, ou no sentido do mal, isto é, de sua imperfeição. De modo que a própria natureza das coisas nos indica, por si mesma ou pelas forças secretas ou tangíveis, que o Criador colocou no seu âmago, no sentido de realizar plenamente seu destino próprio, no sentido positivo ou negativo. Seu destino autêntico ou seu desvio intrínseco. Essa lei da perfectibilidade é que coloca o Bem como superior ao mal, e nos indica moralmente o caminho a seguir no sentido adequado, pela própria natureza, ou no sentido inadequado. Essa lei natural, no plano dos seres racionais, adquire uma importância suprema, que a coloca no plano moral, isto é, no do confronto (numa concepção integral e não apenas material do universo) entre a Graça e a liberdade.

A lei da perfectibilidade, portanto, é a lei suprema da existência, a que estão submetidos todos os seres criados, pois todos só atingem a sua perfeição, como seres existentes, à custa de seu próprio esforço. Todos eles, inclusive os seres humanos, nascem imperfeitos mas à busca da perfeição. Isto é, com autonomia própria. E à sua custa.

Se isso ocorre no plano moral, deve também realizar-se no plano social, que é propriamente o plano histórico da vida humana no tempo. Daí a segunda lei do universo, a da capilaridade social. Todas as civilizações representam, na vida coletiva, essa perfectibilidade como sendo a tendência imperativa à ascensão no plano da vida coletiva. A ela se pode dar o nome de capilaridade social, como sendo a passagem da lei da perfectibilidade do plano infra-humano não-livre, para o plano da liberdade, em que os riscos da luta pela perfeição aumentam consideravelmente. Os limites e os níveis da perfectibilidade crescem na proporção direta da passagem do plano material dos seres minerais, vegetais e irracionais, ao plano humano.

Daí o risco das civilizações e o confronto contínuo entre o progresso tecnológico, no domínio do homem sobre a natureza irresponsável, e as forças naturais dos seres infra-humanos ou as virtudes naturais dos seres humanos chamados primitivos, em contato mais íntimo com a natureza física. Hoje em dia (com a marcha incessante no domínio da natureza física pela inteligência e pelo poder das civilizações, isto é, no confronto entre o progresso representado pela ciência e pela técnica e o peso da passividade inerente aos

planos pré-humanos do universo), hoje em dia esse confronto se vem tornando cada vez mais radical e até violento. De modo que a vida dita civilizada se vem tornando cada vez mais precária. E exigindo cada vez mais, de todos os homens, a obediência à lei da perfectibilidade, e como consequência lógica e social à essa segunda lei da verdadeira civilização à da capilaridade social, que faz da ascensão das classes um imperativo tanto natural como moral, jurídico, econômico e político, como imperativo intrínseco de toda vida social. Não se trata de um simples conflito de interesses, que divide governos e oposições, conservadores e inovadores, direita e esquerda, tradicionalistas e progressistas, isto é, de simples distinções acidentais, na história das populações, e sim de um imperativo tão categórico como o da perfectibilidade no plano moral de cada indivíduo.

A lei da ascensão das classes sociais é portanto um imperativo moral que se impõe ao plano social como a lei moral se impõe à passagem dos seres criados, da vida pré-humana (mineral, vegetal ou animal) à vida humana. Esta é dominada pelo aparecimento, nessa sinfonia universal dos seres, do conceito de liberdade. E com ele o de imprevisibilidade.

A lei da imprevisibilidade, portanto, é uma consequência natural das outras duas leis naturais e da evolução consequente da humanidade em sua evolução histórica. Uma das tendências mais típicas da chamada civilização moderna, deste fim de século já voltado para o século futuro, é precisamente a chamada futurologia. Dados os impressionantes avanços da ciência, no sentido de desvendar as incógnitas do universo físico, os homens se voltam naturalmente para os dias de amanhã, com muito mais fervor e confiança do que para os dias já vividos pela humanidade. E tendem, naturalmente, como vem acontecendo desde o fim da Idade Média, a conceber tipos ideais de convívio no sentido ideológico e não realista. Voltados para o ideal da perfectibilidade absoluta, sem considerar as experiências práticas das realidades concretas e das experiências do passado. E sem respeitar o conceito de transitoriedade, dos esforços exigidos, dos obstáculos, das surpresas e das decepções nessa concretização dessas duas leis congêntes à própria Criação, representados pelo ideal moral de perfectibilidade e pela realidade social das características próprias de cada tipo de civilização. Daí a importância dessa terceira lei da marcha da humanidade e das civilizações, na busca de sua realização pelo progresso.

A lei da imprevisibilidade é que nos pode e deve salvar dos riscos de uma perfectibilidade moral e de uma capilaridade social, sem realismo. O verdadeiro realismo, que deve presidir todo o nosso pensamento político, como deve reger todo o nosso pensamento filosófico religioso, é o que leva em conta as nossas imperfeições morais, como nossas resistências sociais à elevação das classes oprimidas pelas classes opressoras. Pois a lei da imprevisibilidade é que leva em conta as variedades raciais, psicológicas, históricas, das nações e dos Estados, como partes essenciais da multiplicidade de destinos e de qualificações próprias de cada povo e de cada nacionalidade. Cada povo é um ser coletivo com natureza própria. É um todo e não uma parte apenas da humanidade. Como cada nação não é apenas uma

ARQUIVO
Gêise Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

soma de indivíduos mas de pessoas com suas realidades próprias relativamente (mas não absolutamente) diversas das outras partes desse povo, dessa nação, desse Estado.

★

Acredito que uma meditação séria sobre as coexistências dessas três idéias-força, de tipo filosófico, sociológico e psicológico, seja uma preparação cultural necessária a nos colocarmos em uma posição especulativa e prática sã, no plano social, para ajuizarmos o valor das instituições políticas e econômicas vigentes. Assim como a necessidade de serem alteradas para o bem comum de uma nacionalidade em estado de mutação como o nosso. O imperativo primeiro da lei de perfectibilidade é que não nos deixemos levar pela lei da tentação da impunidade dos erros passados e do convite à inação e ao conformismo, apelando para o elitismo dos fatos consumados ou para o fatalismo populista de um fatalismo, ou para utopias vãs como foi o desenvolvimentismo anterior à "revolução" de 64, ou para o ufanismo do "milagre brasileiro", à custa de um delirante endividamento externo, na ânsia de queimar etapas pela vaidade e precipitação de um falso ou ilusório nacionalismo. Como foi o erro político, à direita, de confundir ordem pública com repressão policial, e à esquerda socialismo com comunismo ou progresso econômico com a concentração de riquezas nas altas camadas e elites sociais à custa da miséria das vastas massas humanas na base urbana e sobretudo rural da sociedade. Confundindo progresso econômico com uma falsa concepção da liberdade econômica. E contra tudo isso, sem dúvida, que se vem processando essa demorada e imperfeita "abertura democrática" através de um legítimo processo preventivo, que nos possa salvar dos desastres das rupturas sociais, cujos sangrentos e dolorosos resultados se estão processando e patenteando na América Central e mesmo em alguns de nossos mais próximos vizinhos. Para o êxito desse processo preventivo que devemos adotar, é imperativo que as "tréguas" ou os "consensos" não sejam apenas máscaras ou boas intenções para legitimar juridicamente situações vigentes inadmissíveis. E para que essas pretendidas reformas, ao contrário, sejam apoiadas em princípios morais e históricos regimes de Justiça e de Paz, não apenas como objetivos mas como instrumentos de ação, como os que ressaltam de modo eloquente das palavras com que João Paulo 2.º acaba de apelar para o bom senso de populações inteiras que se deixaram imprudentemente dominar pelo fanatismo de paixões contraditórias. A meditação, portanto, dessas três leis históricas acima mencionadas, me parece importante, ou mesmo capital, para que não fiquemos surdos à voz de quem fala carismaticamente, com uma autoridade mais que humana e natural, mas também divina e sobrenatural.

A missão universitária

TRISTÃO DE ATHAYDE

A instituição e o espírito universitários, nascidos na Idade Média, assumidos pela Igreja e gradativamente incorporados à civilização industrial moderna, que se prepara para transpor um momento histórico capital, com a passagem do século 20 ao século 21, derivaram de duas instituições grupais da antiguidade clássica, os Liceus e as Academias. Estas, por sua vez, representaram a passagem do fenômeno educativo individualista da relação pessoal de mestre e discípulo, a um sistema grupal de mestres e discípulos. Três centros institucionais do Ocidente cristão representaram o espírito da Idade Média: em Roma, o centro teológico; em Aachen (Aix-la-Chapelle), o centro político imperial; em Paris, o centro cultural universitário. A partir dessa unidade tripartida, teológico-político-cultural, o sistema universitário também se tripartiu, sob a direção do Estado, a partir do período napoleônico; das próprias igrejas, católica ou protestante, ou de instituições particulares. Essa distinção institucional ou administrativa, em sentido pluralístico, não alterou entretanto os sinais típicos da própria instituição universitária, que hoje assenta em três pilares ideológicos, que se podem denominar como: universalidade cultural; especialização científica e participação social.

O princípio de universalidade é a base da instituição universitária. E de sua missão cultural unificadora. Unidade na pluralidade. Essa finalidade primordial faz do ensino da filosofia o tronco da missão universitária e do seu apostolado cultural. Essa extensão teológica é o tronco de sua universalidade, através das ciências e das artes. A universidade visa, primordialmente, a formação do homem integral, como base de uma visão global do universo, e o cultivo das idéias gerais e dos princípios de unidade global e humanístico do ser humano. Daí o seu próprio nome de universidade. Ela deve ser os alicerces e a cúpula da cultura, como síntese e justificativa da unidade da espécie humana acima de todas as variedades raciais ou políticas e de suas raízes ontológicas e transcendentais. O ensino da filosofia, portanto, sua integralidade, desde o conhecimento experimental e intuitivo, integrador da espécie humana, é a base de toda a sua missão cultural. A partir dos rudimentos psicológicos até as grandes intuições metafísicas. Ensinar a pensar bem é portanto o fundamento de toda a missão universitária, como raiz e fronteira da cultura. Tanto no plano da ciência, como conhecimento do que é; como no da moral, como orientação do que deve ser; como no da estética, no plano do que pode ser, eis a grandeza suprema da missão universitária. É precisamente esse espírito de amplitude e de correlação dos conhecimentos que constitui a essência humanística da universidade, como visão do homem todo e de todo o homem, na sentença famosa de Paulo 6.º. Despertar, portanto, no aluno o sentido da generalidade e da interdependência universal (pois o homem não é uma ilha e sim um oceano), tanto no plano especulativo como no plano prático, é a essência da própria função universitária. É nesse sentido que a frase de Terêncio, de que "homem sou e nada do que é humano me é estranho" pode ser inscrita no pórtico de toda instituição universitária que se preze. É o homem todo como síntese do universo que está na base de toda a preparação universitária, visando à inte-

gração do homem inculto com o homem culto em cada ser humano. Pois não é o homem exclusivamente culto nem o homem exclusivamente natural que significa o verdadeiro ser humano como centro e finalidade natural da própria Criação. A cultura geral, meta de toda instituição universitária, não significa a elaboração de uma elite de homens intelectualmente enfatuados de conhecimentos. Na tradição educativa alemã encontramos sempre a unidade de Natur e Kultur. Ou seja, a união da natureza humana em sua espontaneidade, levada ao seu apogeu possível pela aquisição de conhecimentos. Não como simples adição mas como integração do adquirido com o inato. Essa obra de humanização do ser humano, como síntese

do universo, é a missão primordial das instituições universitárias. Essa ligação, no ser humano, do tempo com a eternidade e, na vida social, dos incultos com os cultos, está implicitamente contida nessa prioridade do espírito de universalidade, que começa pela curiosidade infantil e termina pela busca incessante do saber na decifração dos mistérios da natureza e da sobrenaturalidade, como espírito da verdadeira Cultura.

★

A essa função generalista, como sinal supremo do espírito universitário, logo se acrescenta outra finalidade aparentemente contraditória, que é o espírito de especialização.

Longe de se oporem, como frequentemente acontece na semicultura (que confunde qualidade com quantidade), a união entre essas duas faces da formação universitária é a segunda nota característica do espírito universitário. O progresso dos conhecimentos estritamente científicos, na civilização tecnológica e experimental em que vivemos, e como consequência do cientificismo que domina a civilização moderna, é que trouxe consigo essa dissociação entre o espírito de generalidade e o espírito de profundidade. O abuso da especialização se espalhou na base do progresso das ciências e degenerou nessa tendência à mediocrização da cultura em função de sua expansão democrática. Essa hipertrofia da especialização degenerou no aprofundamento de certos ramos do conhecimento, com prejuízo da sua inter-relação, promovendo a criação de cientistas cada vez mais profundos em certos aspectos da realidade e cada vez mais ignorantes da relação universal de todos os conhecimentos. A hipertrofia da generalização é tão perniciosa quanto a hipertrofia da especialização. Uma das metas fundamentais da universidade é precisamente estabelecer a proporcionalidade entre especialização e generalização. O espírito de especialização não é apenas um complemento do espírito de generalização, mas faz parte integrante dele. Como faz parte integrante do espírito universitário, não só a preocupação de não confundir unidade com uniformidade, mas de desenvolver o espírito de proporcionalidade e de impedir que o generalismo se transforme em contraditória ao especialismo. Pelo contrário, a missão universitária é promover o crescimento harmonioso de um e de outro simultaneamente. Cuidar, portanto, que as matérias de tendência generalista, como a Metafísica ou a História, prejudiquem o desenvolvimento simultâneo das matérias de espírito especializante, como as especificamente científicas, deve ser uma das preocupações mais delicadas e difíceis

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

na arte de compor um programa essencialmente universitário. Longe de ser utópico, é uma exigência fundamental à preocupação humanística de promover na prática educativa a comprovação de que *truth is proportion*, na feliz expressão de Hilaire Belloc.

★

Quanto à terceira base da instituição universitária e de seu espírito, isto é, sua participação social, representa a missão político-social da universidade em sua promoção cultural. Cada vez mais o problema da capilaridade social das classes ditas laboriosas se mostra essencialmente ligado à promoção cultural como elemento básico de elitização das massas e de massificação das elites, para a solução não-violenta do choque provável entre os três tipos principais de sistemas econômico-políticos dominantes em nossos dias: o capitalista, o socialista e o comunista.

Assim como a missão essencial da Igreja não visa apenas à vida futura pós morte, a missão da universidade não é a de ser uma instituição consagrada exclusivamente à formação de elites culturais. A missão específica da Igreja é mostrar a unidade essencial entre o tempo e a eternidade. Assim como a missão providencial da universidade é promover a continuidade essencial entre massas e elites. Trata-se de uma instituição, portanto, essencialmente aberta e não fechada, aglutinadora e não contraditora. De modo que o desenvolvimento dos departamentos filosóficos, científicos e sociológicos de uma universidade representam a formação de um todo harmonioso e não a soma de desenvolvimentos paralelos. Toda universidade que se preze precisa estar em contacto permanente com o destino transcendental da humanidade, assim como com a vida política, a vida econômica e a vida estética das populações, a fim de conseguir essa meta de harmonização do espírito generalista em conjugação complementar com o espírito especialista. Essa meta socializante do espírito universitário, no sentido da irradiação social dos conhecimentos humanos, é proporcionalmente tão importante como as duas outras. Representa a união da finalidade sociológica da instituição e de seu espírito, como finalidade intrínseca e não extrínseca à sua missão especulativa. Tanto sofremos hoje de isolamento dos princípios em face dos fatos como vivemos demais assoberbados pela precipitação crescente dos fatos desligados dos princípios. Essa dissociação é um dos males capitais deste fim de século, que, junto à capacidade destruidora da tecnologia isolada da cultura geral é uma ameaça contínua e iminente de um eclipse total da civilização. Essa tripla missão universitária, com seu espírito de generalização cultural, com seu espírito de aprofundamento científico e com seu espírito de conagração sociológico das massas e elites humanas representa a importância fundamental que a universidade bem organizada e bem aplicada pode representar nesta dramática mutação de séculos em que nos encontramos.

TRISTÃO DE ATHAYDE (Alceu Amoroso Lima) é ensaísta, crítico literário e pensador católico, dos mais influentes de sua geração: foi reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia e autor de vasta obra.

Tristão de Athayde

GERARDO MELLO MOURÃO

Em sua famosa carta a meu amigo Jean Beaufret — que com dois outros velhos e queridos amigos franceses, François Fédier e Jean Launay, eram por ele mesmo considerados seus melhores intérpretes estrangeiros —, diz Heidegger que "a palavra é a morada do ser". Com licença do Mestre, pensando na presença de Tristão de Athayde na história de nosso espírito, e servindo-me de uma observação do poeta Godofredo Iommi, em sua admirável aula sobre Linguística e Poética, parece correto inverter a colocação de Heidegger. Pois o ser é que é a morada da palavra. A palavra habita o homem. E ela sim, é que é a vigilante testemunha de sua morada — o homem. O homem propriamente dito, e não aquele objeto de divagações denunciado por Unamuno — o bípode implume da lenda, o "zóon politikon" de Aristóteles, o "homo aeconomicus" dos manchesterianos e dos marxistas, o "homo sapiens" de Linneu, ou, se quiserem, o mamífero vertical — um homem que não é daqui nem dali, nem desta época nem de outra, que não tem sexo nem pátria — uma idéia, enfim. Isto é, um não-homem.

Exatamente há cinco anos, iniciava eu, com estas mesmas palavras, neste mesmo jornal, um artigo em que comemorava as bodas católicas de Tristão de Athayde, as bodas de ouro de sua conversão à Igreja, ocorrida em 1928, num 15 de agosto — dia em que a liturgia celebra a festa da Assunção da Virgem.

Hoje, quando a Providência veio situar, misteriosamente, a data de seus funerais, suas bodas com a eternidade, no mesmo dia 15 de agosto, não encontro outras palavras para lembrar o poderoso humanista cristão, a presença mais viva do pensamento deste País, nos últimos cinquenta e cinco anos. Pois a presença de Tristão de Athayde foi sobretudo uma presença humana — e de um homem no sentido unamuniano da palavra — o homem concreto, de carne e osso, sujeito e objeto de seu tempo e de sua pátria. E isto, paradoxalmente, num mestre que não se engajou nunca em qualquer movimento de ação comprometido com uma situação determinada pelo tempo e pelo espaço histórico, como é o caso, por exemplo, dos partidos políticos. Seu engajamento, lavrado sempre "sub specie aeternitatis", foi com a verdade do ser, no qual a palavra, quer dizer, o pensamento, fez a sua morada.

A velha definição de Ortega, de que o homem é o homem e sua circunstância, tem levado muitos dos melhores espíritos de nosso tempo à catástrofe de um equívoco, em que os compromissos contemplam a circunstância, mas se esquecem do homem. Em Tristão de Athayde, os compromissos só chegaram à circunstância depois de passarem primeiro pelo homem.

E aqui vale a pena relembrar Heidegger, na mesma carta a Jean Beau-

fret, em resposta à pergunta do amigo sobre o modo de restituir um sentido à palavra "Humanismo". Pois, se se entende em geral por humanismo que o homem esteja em liberdade de assumir sua humanidade, e nisto encontrar sua dignidade, o humanismo cristão vai mais além que o de Marx ou de Sartre, por exemplo, pois está colocado em nome de uma "salus aeterna" do homem, situando-se a história da humanidade no marco da história da graça e, pois, da salvação.

Aos que incorrem no frequente engano de que, voltado para as soluções da salvação eterna, o cristão seria um

ser fechado para as exigências do mundo temporal, lembra o próprio Tristão — com sua obra e com sua vida — as palavras de Paulo 6.º na reabertura do Concílio Vaticano 2, que, na verdade, "estamos longe de uma concepção estática da Igreja, como um castelo feudal, cercado de fossos, dentro do qual uma elite de escolhidos se defende intransigentemente do contato com o mundo, segundo aquelas palavras de Felipe 2.º, ao levantar o Escorial: — fortaleza impenetrável às novas doutrinas, na qual o Trono e a Religião podem refugiar-se, confiantes de que nem uma só idéia, das que estão assustando o mundo, há de nela penetrar".

Ao descobrir a Igreja, há 55 anos, Tristão descobriu também, como dizia em discurso na Faculdade Nacional de Filosofia, em 1962, que "o homem é a maior das virtualidades vivas". Esta fé nas virtualidades vivas do homem parece ter sido, de resto, a mais fervorosa constante de sua vida, como resulta claro daquela espécie de "confissões", que são suas "memórias" conversadas com o saudoso Medeiros Lima.

Em recente livro póstumo de Otto Maria Carpeaux, conta ele que Tristão certa vez lhe dissera: "A história de minha vida doméstica terá sido, com a graça de Deus, uma vida sem história." O que pode ser certo para sua vida familiar, porém, está longe de ser verdade com relação à sua vida pública. O homem que, em conferência publicada no Itamarati, em 1939, dizia que "a história de um povo é o produto da combinação de três elementos — finalidade, virtualidade e liberdade" — poderia ter sua vida escrita, segundo o mesmo Carpeaux, conforme a sequência de descobertas sucessivas da realidade brasileira, "assim e exatamente assim como durante sua vida se descobriu e revelou a realidade brasileira às gerações sucessivas de brasileiros".

De Tristão de Athayde se poderá dizer que há cinquenta e cinco anos ninguém se entregou neste País à tarefa de pensar, sem ter cruzado com o dele o próprio pensamento. Mais do que isto: — o pensamento católico brasileiro está dividido em duas fases: antes e depois de Tristão. Se Jackson de Figueiredo permanece como a fronteira dramática da história do catolicismo brasileiro, é forçoso reconhecer que, exercendo o fecundo e infatigável papel de "provocateur", Jackson, morto além disso precocemente, não chegou a dar a obra que dele era justo esperar. Foi um homem maior do que a própria obra, mais ou menos como Mário de Andrade é um poeta e escritor maior do que sua obra. De qualquer forma, o Tristão católico, de 1928, foi a maior obra de Jackson de Figueiredo — "um homem da vertente autoritária em política" — como lembraria Antônio Carlos Vilaça — enquanto seu descendente maior escolheria a vertente da liberdade. Nem é por acaso que, naquele inesquecível 15 de agosto de 1928, dois meses e meio antes da morte de Jackson, e logo ao sucedê-lo na direção do Centro D. Vital e da revista, em novembro de 1928, faz aparecer "uma epígrafe altamente significativa da primeira página de 'A Ordem': — 'L'ordre C'est la loi du monde naturel et du monde surnaturel.'" "Era a presença — diz ainda Vilaça — do elemento filosófico, do elemento cultural, a atenuar a presença política, ou a conotação política da palavra ordem."

Foi naquela "ordo saeculorum", a ordem agostiniana, que ele soube abrir a flor da liberdade, com a qual inaugurou um mundo novo no pensa-

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

mento católico brasileiro. Novo como o futuro, que não é aquilo que vem depois do presente — como explica Berger — mas o que é diferente do presente, e sobretudo o que é aberto. Aberto como a esperança — a esperança que era para Péguy a virtude teológica mais sentida — e a mais presente também no espírito de Alceu Amoroso Lima. É sob o signo dela, da esperança da ressurreição, que acaba de celebrar suas bodas com a eternidade, na pristina adolescência de seus noventa anos de reitor magnífico de nossa inteligência e de nossa cultura.

Dele não de ficar muitas imagens. Mas a maior delas será sempre a do exemplar humano. Foi um homem — o “homo catholicus” por excelência — quer dizer o homem universal e o homem moderno por excelência. Em alguns de seus artigos e no último telegrama que dele recebi, brindava-me ele com o título de “poeta planetário”. Devolvo-lhe a consagração, lembrado até de seu último artigo em vida, publicado na “Folha”, em que glosava o diálogo interior de Thomas Merton com o pensamento de Gandhi, e em que abraçava, no largo abraço do espírito, o Oriente e o Ocidente, com a mesma ternura ontológica com que descrevera o encontro do mesmo Merton com o Dalai Lama — “o maior monge do Ocidente com o maior monge do Oriente” — segundo sua própria expressão. Monge, de certo modo, como aquele São Bento, a quem entregaria sua própria filha, ele teria sido, a um tempo, monge do Oriente e do Ocidente, o homem eterno, o homem moderno, o homem planetário.

GERARDO MELLO MOURÃO, ex-correspondente da “Folha” em Pequim, é poeta, jornalista, ex-deputado federal e presidente do Instituto Municipal de Arte e Cultura (Rioarte).

Arquivo - 25-
Cidade de João Paulo
GERARDO MELLO MOURÃO

Mestre Tristão (1893-1983)

CARLOS A. LIBÂNIO CHRISTO
(FREI BETTO)

Fecham-se os olhos de nosso querido Alceu Amoroso Lima, mais conhecido entre leitores de jornais pelo pseudônimo de Tristão de Athayde. Poucos brasileiros projetaram tanta luz sobre nossas letras e nossa história como este homem que soube multiplicar generosamente os talentos que Deus lhe confiou. Jornalista, crítico literário, ensaísta, filósofo, Mestre Tristão foi sobretudo um peregrino obcecado pelo horizonte histórico de justiça e de liberdade que ele perseguia nutrido por sua irradiante fé cristã e comprometido com a permanente resistência ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão.

Nascido em casa grande, até os vinte anos o jovem Alceu não revelara senão preocupações estéticas, encerrado num cetismo que lhe transmitiam seus autores preferidos, Machado de Assis, Anatole France e Eça de Queiroz. Ao diplomar-se em Direito, em 1913, embarca para a Europa e, no Hotel Daniele, em Veneza, indaga a si mesmo se a vida teria sentido ou seria o suicídio a única alternativa. A guerra entretanto desperta nele a dimensão social da vida e deixa-lhe um legado duradouro: o horror ao militarismo. A chegada das tropas alemãs o obriga a deixar Paris, onde surgira sua simpatia pelo socialismo graças à obra *Le Feu*, de Henri Barbusse. Perdura ainda sua visão de uma Igreja como velha dama da monarquia, marcada pela falta de inteligência, pelo anacronismo e o reacionarismo. Em 1918, Afrânio Peixoto, seu cunhado, o apresenta a Jackson de Figueiredo, recém-convertido ao catolicismo. A amizade é, no início, conflitiva: na literatura, Tristão preferia João Ribeiro e Jackson, Rocha Pombo; na política, o primeiro era liberal, o segundo, autoritário. Estabelecem entre si uma correspondência que durou de 1924 a 1928, quase toda em torno da questão religiosa, pela qual Alceu nutria indiferença, atraído que andava pelo anarquismo de Lima Barreto. Numa dessas cartas — ainda inéditas — ele confessa a Jackson que perdera a crença na razão e se perguntava se a loucura não o levaria a alguma coisa. Foi nesse momento que Jackson deu o empurrão decisivo que permitiria a Alceu dar o salto na fé. Anos mais tarde, numa de nossas conversas, ele compararia sua conversão ao Cristianismo a um passeio de barco que fizera com um amigo, sem conseguir esconder o medo que sentia da água. O amigo indagou de sua inquietação e ele revelou que não sabia nadar. "Então vou ensinar você a nadar", disse o amigo, e o empurrou n'água. Mestre Tristão me disse ao recordar esse episódio: "Se ainda estou vivo é porque, naquele dia, consegui alcançar a praia nadando. Foi um salto como este que dei na esfera da fé."

Péguy, Chesterton, Maritain e Bernanos indicam o caminho pelo qual o neoconvertido chegaria a fazer a síntese entre a fé e a inteligência, mas a práxis cristã ele a encontraria no contato com o padre Leonel Franca, o cardeal Leme e o trabalho na revista *A Ordem*. A partir de 1922, Alceu Amoroso Lima participaria de três momentos revolucionários da história de nosso País: da revolução política com o tenentismo; da revolução cultural, com o Movimento Modernista; e da revolução espiritual deflagrada pe-

las obras Pascal e a *Inquietação do Mundo Moderno*, de Jackson de Figueiredo, e *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, do padre Leonel Franca. Com a morte de Jackson, em 1928, Alceu assume o Centro Dom Vital e, a pedido do cardeal Leme, a Liga Eleitoral Católica que, apesar do nome, defendia um programa eleitoral sem caráter confessional e não indicava candidatos próprios. Essa atividade acentua a importância política da presença de Mestre Tristão, sem jamais vencer sua determinação de não assumir cargos eletivos.

A Segunda Guerra imprime nele a certeza de que o fascismo e o direito representam uma contradição formal com a dimensão social do Evangelho e de que a fé deve encarnar-se concretamente nos problemas sociais. Se seu anterior namoro com o integralismo fora provocado basicamente por ser ele um burguês com espírito antiburguês, a leitura de *Le Grand Cimetière sur la Lune*, de Bernanos, o levava, do horror ao franquismo, a repudiar a idéia de uma "organização política do espiritual". A Guerra o fez perceber que a fé não era algo antitético ou separado da política e nem a Igreja deveria conceder caráter confessional à cristandade ou à neocristandade edificada pelo Estado. Completa-se então a etapa final de sua vida, marcada por três fases: a das formas, na qual predomina a estética; a das idéias, da inte-

ligência iluminada pela fé cristã; e a dos acontecimentos, vistos como "sinais dos tempos" que refletem a presença de Deus. Nos últimos anos, seus artigos semanais buscavam detectar, por trás dos fatos, a vida e a antívida, a graça e o pecado, tornando-o, no sentido mais preciso, também um teólogo, um homem capaz de usar sua inteligência para mergulhar na realidade criada à procura do Nome do Criador.

No início dos anos 70, quando eu me encontrava no cárcere, o apoio de Mestre Tristão me levaria, pouco depois, a convidá-lo para prefaciá-lo meu primeiro livro, *Cartas da Prisão*. Da admiração que eu nutria pelo pensador, nasceu uma amizade tecida de cartas e de inesquecíveis colóquios em seu apartamento no Rio e em sua casa em Petrópolis. A última vez que nos vimos foi no Natal passado, na tranquilidade beneditina do mosteiro paulista dirigido por sua filha, Irmã Maria Tereza, carinhosamente tratada por Tuca. Fui levar Lula para conhecerem-se pessoalmente e certamente foi a única ocasião em que vi o presidente do PT em silenciosa contemplação diante de alguém. Alegre, bem disposto, Mestre Tristão improvisou uma aula de história política do Brasil e disse a Lula: "O PT é o partido do futuro. Meus netos são petistas."

Ao completar 85 anos, perguntei ao Mestre se, naquela idade, ele sentia medo da morte. Com irradiante jovialidade, ele respondeu: "A morte não me preocupa. Só me preocupa a morte dos meus amados. A morte é para mim a paz, a plenitude, o encontro. Diante dela sinto-me inteiramente à vontade."

CARLOS ALBERTO LIBÂNIO CHRISTO (FREI BETTO), frade dominicano, é membro da Pastoral Operária da Arquidiocese de São Paulo e escritor, autor de *"Batismo de Sangue"* e *"Cartas da Prisão"*, entre outros livros.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

O "giornalista" Juó Bananéri e o engenheiro Alexandre Machado



Sede do Clube Araraquarense, de linhas clássicas, projeto de Alexandre Machado, nos anos 20.

FERNANDO CERQUEIRA LEMOS

As gerações mais novas talvez nem desconfiem quem tenha sido Alexandre Ribeiro Marcondes Machado ou simplesmente Alexandre Machado, como assinava.

Ele fez as delícias de nossos avós nas primeiras décadas deste século, com as suas críticas mordazes de fino humor, num puro italo-paulista, "dialeto" que dominava com perfeição.

Alexandre Machado, que se intitulava "barbieri i giornaliste, membro da Gademia Baulista de Leteras, socio du Palestra Intalia", usava o pseudônimo de Juó Bananéri.

Filho de família tradicional do Vale do Paraíba, nasceu em Pindamonhangaba, a 11 de abril de 1892, indo morar ainda criança em Araraquara, onde iniciou seus estudos elementares. Formou-se em 1917 no curso de engenharia civil da circumspecta Escola Politécnica de São Paulo, mesmo ano em que publicou seu primeiro trabalho, o folheto "Galabaro" ("libro di saneamento suciale"), em parceria com Moacir Piza.

Alexandre Marcondes Machado morreu em 22 de agosto de 1933, há portanto, exatamente 46 anos, quando tinha apenas 41 de vida.

Depois de formado, interessou-se pela arquitetura colonial brasileira, tendo feito viagens de estudos por Minas Gerais. Resultou daí ter realizado alguns projetos (Alexandre Machado exercia a arquitetura) dentro do estilo brasileiro que então se buscava, o "neo-colonial". Chegou inclusive, a publicar o volume "Arquitetura Nacional".

Paralelamente, foi jornalista, poeta e escritor. Sua obra principal, "La Divina Incredencia", foi editada em 1924 por Irmãos Marrano Editores.

"La Divina Incredencia", reeditada em 1966 por Folco Masucci, em São Paulo, é prefaciado por Mário Leite, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e colega de turma de Alexandre Machado. Diz ele: "Um conhecedor do idioma italiano, erudito no trato do nosso, aproveitaria essa mescla linguageira formada, a que deu toques mais vivos para criticar fatos e pessoas, assim retratando, com humor, toda uma época do começo do século e seus reflexos em São Paulo".

Esse delicioso linguajar de Juó Bananéri caracterizou toda a sua obra satírico-humorística, desde o início até o fim de sua vida, quer em "U Pirralhu", "Diário do Abaxo Piques" (sempre ilustradas pelo caricaturista Voltolino), quer em "O Queixoso", ou em outras publicações, além de seus dois únicos volumes de sátiras e paródias, os já citados "Galabaro" e "La Divina Incredencia".

Alexandre Machado que deixou razoável obra poética e narrativa, hoje praticamente desconhecida, teve grande presença nos meios intelectuais paulista de então, e seus escritos marcaram época, fazendo rir nossos avós.

Sua obra teve dupla importância: de um lado foi um libelo contra o academismo reinante, com o espírito, portanto, da "Semana de 22", de que, entretanto, não fez parte, apesar de ser amigo de Oswald de Andrade e demais "modernistas". De outro lado criou um estilo, descobrindo um filão literário que exerceria nítidas influências nas décadas seguintes, quer nas publicações humorísticas, quer nos programas de rádio, e mesmo na música popular, a exemplo de "Cadeira de Barbeiro" de Aloísio Silva Araújo e dos sambas de Adoniran Barbosa.

Alexandre Machado, entretanto, nunca saiu da subliteratura, meio "kitsch" como definiu Décio Pignatari. Mas, que merece uma reavaliação.

"Era um cartunista verbal" — acrescenta Décio Pignatari. "Muito lido pela classe média. Lembro-me do pessoal mais velho com quem eu convivia na minha infância, que lia e comentava Juó Bananéri. Ele era o porta-voz do Bexiga, ou melhor, da colônia italiana de São Paulo.

"Oswald de Andrade fez referências a ele. Foi Oswald, na verdade, quem lançou o "poeta i jornalista" Juó Bananéri em "U Pirralhu" e quem deu início a esse linguajar característico. Segundo testemunho de Oswald de Andrade, foi ele próprio que iniciou as crônicas "Diário do Abaxo Piques" em "U Pirralhu", a que Juó Bananéri deu continuidade, entretanto com muito maior sucesso. Verdade seja dita: foi Alexandre Machado quem criou realmente esse dialeto italo-paulista.

O "Diário do Abaxo Piques" ("Diário sema-

nale di grande impurtanza"), Juó Bananéri classificava assim: "Organo ingapotado du fascismo intaliano i oglio di Moscô in Zan Baolo. Giurnale profundamente onesto, pulliticamente afará tutto no impussive para stá sempre du lado d'inzimi".

Os escritos de Alexandre Machado, sob o pseudônimo de Juó Bananéri, constituíram uma literatura menor, mas não sem importância. Ele fazia a paródia do academismo, em cima dos clichês culturais do romantismo e do parnasianismo.

Décio Pignatari prossegue e coloca Juó Bananéri no degrau mais baixo de uma escala de valores, considerando quatro autores brasileiros dentro todos de um mesmo espírito. Em primeiro lugar, portanto, Juó Bananéri, no mundo da sub-literatura. Em seguida Alcântara Machado, um degrau acima, com o seu "Brás, Be-

mente de 1924 e 1928. Alguma coisa da estrutura narrativa de "Grime Rrroso" (em "La Divina Increnca") me fez lembrar Macunaíma, mas só um estudo aprofundado poderia estabelecer ligações eventuais".

Décio Pignatari termina lembrando que há um aspecto interessante em Alexandre Marcondes Machado: "Foi o único com o espírito de 22 que chegou às massas. Talvez por ter sido, antes de tudo, um jornalista, e nunca ter experimentado uma obra mais séria".

Obras em Araraquara

O arquiteto René Antônio Nusdeu, que atualmente prepara dissertação sobre o desenvolvimento urbano de Araraquara (para fins de mestrado), buscando elementos nos arquivos da Prefeitura daquela cidade, encontrou referências ainda inéditas sobre a obra arquitetônica de Alexandre Marcondes Machado, tais como projetos e desenhos, e conseguiu a identificação dos edifícios ainda existentes em Araraquara.

"Fazendo minhas pesquisas — disse René Nusdeu — deparei com o nome de Alexandre Machado, mas ainda não tive tempo de me aprofundar no estudo de sua obra. Só fiz, por enquanto, o levantamento do que deixou em Araraquara, que está comemorando 162 anos de desmembramento político de Piracicaba".

As descobertas do arquiteto Nusdeu encerram uma grande curiosidade, pois que Juó Bananéri foi um intelectual, jornalista e escritor, que se notabilizou exatamente numa área diversa da arquitetura, em cuja prática foi apenas um nome obscuro.

Conta René Nusdeu que três engenheiros tiveram destaque em Araraquara, no campo dos projetos arquitetônicos:

"Um foi o prof. Alexandre Albuquerque que criou o teatro municipal (1915), iniciativa particular depois assumida pela Prefeitura. Teatro que, entre outros detalhes, tinha platéia móvel, permitindo ou a curva de visibilidade para espetáculos teatrais e musicais ou nivelamento platéia-palco, numa só superfície horizontal, para bailes e exposições. Precocemente demolido, compunha com seu vizinho, o Clube Araraquarense, a referência visual e espacial mais importante do "centro" da cidade.

"Outro, o prof. Silva Neves que projetou a Maternidade "Gota de Leite", funcionando há 50 anos no mesmo prédio de estilo neocolonial.

"Por fim — prossegue René Nusdeu — pelo porte de suas obras, destaca-se o engenheiro Alexandre Marcondes Machado, o Juó Bananéri, "pueta i giurnaliste", cronista do "Abaxo Piques", saído da Escola Politécnica, como os seus colegas já citados e como também o compositor Marcelo Tupinambá, que exerciam atividades paralelas sob pseudônimo.

"Marcondes Machado marcaria a paisagem urbana de Araraquara com seus edifícios "ecleticos" e de rigorosa simetria: plantas, fachadas, disposições de ornatos e molduras, como reflexo do ensino ministrado na Escola Politécnica.

"Pode ser identificado — prossegue — como de sua autoria, pois há documentação no arquivo da Prefeitura, o projeto do Clube Araraquarense (anos 20) e jardins laterais e fronteiro, estabelecendo integração espacial com o teatro ao lado, espécie de remanso para o ir e vir constante que se fazia no passeio em frente, nas noites de "footing". São seus ainda os projetos do Hotel Municipal (anos 20), na face da quadra oposta ao clube, hoje parcialmente alterado, mas passível de recomposição; o edifício da Escola Profissional de Araraquara (anos 20), posteriormente ocupada pela Escola de Farmácia, alterado por reformas, mas ainda guardando a simetria da composição e das aberturas; o edifício do internato do Araraquara College (1922), hoje demolido e o projeto da "casa operária" (1923), elaborado para a Câmara Municipal, cuja execução ainda não foi possível precisar. Todos os projetos foram executados em seu escritório em São Paulo.



Alexandre Machado, isto é, Juó Bananéri.



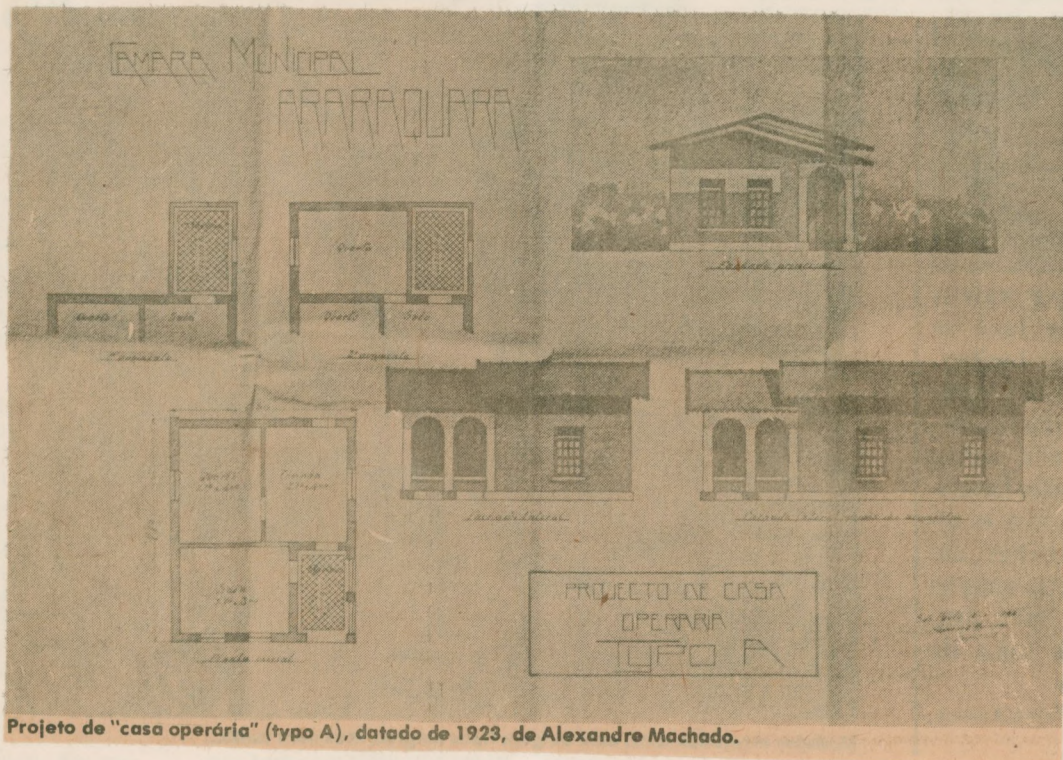
Carranca na fachada do Hotel Municipal de Araraquara.

xiga e Barra Funda", uma obra já mais no âmbito da literatura. "Alcântara Machado — diz Décio — passou a limpo e deu status ao mundo de Juó Bananéri. No terceiro degrau, o Oswald de Andrade de "Marco Zero", onde são mais visíveis essas transcrições da língua falada. "Talvez — prossegue Décio Pignatari — a forma sintética e epigramática da poesia de Oswald, os chamados "poemas minuto", e a sua veia parodística não deixam de ter relação com Juó Bananéri que, afinal, foi lançado por ele. No mais alto e quarto degrau, Décio situa Mário de Andrade de "Macunaíma". Diz: "Numa visão minha, muito específica, não tanto pela linguagem, mais pela paródia e mais ainda pela semelhança das duas personagens, o Semanigno (o menino que "çacinô" a mãe com três facadas) de Juó Bananéri e Macunaíma, respectiva-

Alexandre Machado (enquanto engenheiro), mesmo já conhecido por Juó Bananeri (enquanto "giornalista"), assinava suas plantas de forma solene: "Alexandre Machado Engro. Civil" ou "Sampaio e Machado", sob o carimbo "Escritório Técnico dos Engenheiros Octavio F. Sampaio e Alexandre R. M. Machado".

René Nusdeu informa que também são de sua autoria os projetos dos espaços abertos fronteiriços à Matriz e à antiga "Cadeia Nova", hoje ocupada pelo Museu "Voluntários da Pátria", respectivamente praça da Matriz e praça Pedro de Toledo. A autoria da praça da cadeia, entretanto, não há certeza, pois o original do projeto está assinado por João Dierberger, entretanto, mantém semelhança gráfica com o projeto da praça da Matriz, de cujo desenho consta a assinatura de Marcondes Machado. Ambas sofreram modificações mas a organização paisagística permaneceu.

Em São Paulo — finaliza René Nusdeu — é projeto de Alexandre Machado o edifício "Xavantes", à rua Benjamim Constant e uma antiga residência "neocolonial", à av. Angélica, esquina da av. Higienópolis (ocupada hoje por uma clínica médica). A autoria do projeto desta casa, entretanto, sofre dúvida, havendo referências de ter sido de José Wasth Rodrigues. É um caso a conferir.



Projeto de "casa operária" (tipo A), datado de 1923, de Alexandre Machado.

LUIZ MURAT

SEU FALLECIMENTO HONTEM

A penosa enfermidade que afastara da vida activa das letras e do jornalismo o notavel poeta e escriptor Luiz Murat acabou hontem. O illustre patricio, figura de grande relevo no nosso meio literario, morreu, ás 13 horas, em sua residencia, na rua Conde de Bomfim n. 583.

Filho do Dr. Thomaz Norton Murat, e nascido na provincia do Rio de Janeiro, em Itaguahy, em 4 de Maio de 1861, formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo e, desde então, se dedicou francamente á poesia e aos prelios jornalisticos. Homem de talento acima do vulgar, de larga imaginação, o poeta sobressahiu immediatamente. Seu nome foi considerado entre os primeiros, no culto de uma fórma que era sua, não lembrando precedentes em que elle porventura tivesse encontrado a fonte de seus versos e pensamentos. Luiz Murat fez sua estréa literaria em 1879, no "Ensaio Literario", órgão do club literario "Curso Annexo", redigido por elle e outros estudantes.

Naquella revista e em outras publicações primou seu nome, de tal modo, que, quando veio para o Rio de Janeiro, já o seu valor era conhecido. No *Diario Illustrado*, de Henrique Stepple, rompeu com os literatos de seu tempo, Valentim Magalhães e outros brilhantes espiritos que a curiosidade publica lia e apreciava. Depois, com Arthur Azevedo, fundou o semanario *A Vida Moderna*, onde o poeta e critico levantou mais alto a fama de seu merecimento. Essa attitude de reaccionario teve de seu lado a opinião de Sylvio Romero. Depois, escreveu em varios jornaes, firmando artigos de combate, com a preocupação especial dos assumptos de arte e além delles a da campanha pela abolição dos escravos e da propaganda republicana. Abolidos os escravos e proclamada a Republica, não abandonou a trincheira da imprensa e continuou combatendo. Assim, por ocasião da revolta de 6 de Setembro de 1893, por ter lado publicidade ao Manifesto revolucionario do Almirante Custodio José de Mello, recebeu ordem de prisão e foi obrigado a suspender a folha. Incorporou-se aos revoltosos de Setembro e abandonou-os, para entregar-se á prisão, quando sentiu deturpados os fins do movimento. Foi julgado no Paraná e absolvido.

O poeta era imaginoso, rebuscado e, ás vezes, apocalyptic, segundo um grande critico. Mas, em grande parte de seu trabalho patenteia a simplicidade dos romanticos e lyrismo delicado. Onde o julgavam obscuro era nos themas philosophicos, ou de assumpto historico. Quando o poeta não era lyrico ou sentimental, derramava nos seus versos copiosa erudição.

Nos seus *Quatro Poemas*, accentua-se a predominancia do estilo descriptivo, do culto pantheista, a immensidade dos mares e a amplidão da abobada celeste, a polychromia das auroras, o deslumbramento do sol e a scintillação das estrelas; as fêras, os gigantes, as mumias, para traduzir impressões do horrivel ou do tetrico.

Sua pujante imaginação se revela, entretanto, maior no primeiro volume das *Ondas*, publicado cinco annos mais tarde. Ahi, confundido com os outros generos, onde se alarga a imaginação do poeta e culminam as fantasias e a originalidade, encontra-se o lyrismo agradável e sua indole romantica.

Essas qualidades se incrementaram nos ultimos volumes das *Ondas* e em *Sarah*, onde é mais livre a sua imaginação.

Revolucionario na arte, como se vê na profissão de fé na *Vida Moderna*, em prefacios e notas e no livro sobre Felix Pacheco, em que define a sua esthetica, o seu programma de artista e o seu credo philosophico, foi igualmente revolucionario na vida pratica, como consta da sua carreira politica e das campanhas de jornalismo.

Luiz Murat representou o Estado do Rio na Constituinte da Republica e, portanto, na primeira legislatura, na Camara dos Deputados. A essa Camara voltou para representar o povo fluminense, por ocasião da 7ª legislatura (1909 a 1911).

Exercia, desde ha muitos annos, o cargo de escriptor vitalicio da provedoria nesta Capital.

Além dos já citados, Luiz Murat trabalhou effectivamente na *Cidade do Rio*, que dirigia quando se declarou a revolta de 6 de Setembro: no *Combate* e na *Gazeta da Tarde*. Collaborou em muitos outros, tendo publicado na *Gazeta de Noticias*, em Janeiro de 1890, seu poema *A ultima noite de Tiradentes*. Ultimamente, suspendeu, devido ao seu precario estado de saude, a sua frequente collaboração nesta folha, que publicava os seus artigos nos numeros dos domingos.

Publicou collaboração na *Revista da Academia de Letras* (Fluidez dos corpos espirituales e seus phenomenos luminosos), no *Almanaque Garnier* (Hymno á Paz) e na *Revista Americana* (Solicitudes).

Contractou com a Livraria Francisco Alves a publicação de toda a sua obra, em prosa e verso, constando de 20 volumes.

O grande poeta extinto hontem não só foi intellectualmente forte. Physicamente tambem o foi. Lembra-nos isso o que um literato bohemio, de ha trinta annos, dizia, em sua maledicencia ambulante, depois de alfinetar de epigrammas os homens de letras do tempo. "E o Murat?" O bohemio tomava attitude differente e respondia: "O Murat tem muito talento e muita... força!"

O notavel brasileiro foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e occupava a cadeira n. 1.

E' a seguinte a bibliographia de Luiz Murat:

1 — *Quatro poemas*, com prologo do autor — Rio, Typ. Hamburgueza do Lobão, 34 paginas — 1885.

2 — *A ultima noite de Tiradentes*, poema dramatico — Rio, Typ. Lombaerts & C. — 16 paginas — 1886.

3 — *Ondas*, poesias com prefacio do autor — Rio, Typ. Jeronymo Silva e Adolpho — VII — 285 paginas — 1890.

4 — *Poesias* — VII — 172 paginas, in 8º — Santiago, 1892.

5 *Ondas*, II vol., poesias com prefacio do autor — Rio, Typ. Leuzinger, VIII — 294 paginas, 1895.

6 — *Sarah*, poema com preambulo do autor — Rio, Imprensa Nacional — XX — 198 paginas, 1902.

7 — *Centenario de Bocage*, discurso proferido na Sessão Solenne do Retiro Literario Portuguez, a 21-12-1905. — 27 paginas, Rio, Typ. do *Jornal do Commercio* — 1905.

8 — *A administração do Dr. Nilo Peçanha*, pseudonymo Franklin, com um preambulo — Rio, Typ. do *Jornal do Commercio*, Rodrigues & C., 138 paginas, 1908.

9 — *O Estado do Rio na Camara*, discursos — Rio, Typ. do *Jornal do Commercio* de Rodrigues & C. — 72 paginas, 1909.

10 — *Ondas*, III volume com advertencia do autor — Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão — 338 paginas, 1910.

II — *Felix Pacheco*, estudo critico — Rio, Typ. do *Jornal do Commercio* de Rodrigues & C. — 75 paginas, 1915.

12 — *Poesias escolhidas* — prefacio do autor — Rio, ed. Jacintho Ribeiro dos Santos, typ. do *Jornal do Commercio* — XVII-351 paginas, 1917.

— Luiz Murat deixa quatro filhos: Cordelia, viuva; Thomaz, casado; Luiz e Alcêa, solteiros, além de uma neta, já casada.

— Logo que foi conhecida a noticia do fallecimento do illustre academico, sua residencia encheu-se de amigos do finado que foram apresentar pezames á sua familia.

Os membros da Academia Brasileira, revezando-se, velaram o corpo do seu collega extinto, o qual deixará de ser para ali transportado por estar em obras o edificio daquella instituição.

O enterro realizar-se ha hoje, á 1 hora da tarde, sahindo o feretro da rua Conde de Bomfim n. 583 para o cemiterio de S. João Baptista.

IV
FRANCISCO SOTERO DOS
REIS

São Luiz do Maranhão, 22 de Abril de 1800: São Luiz do Maranhão, 16 de Janeiro de 1871. Não se diplomou; mestre de si mesmo, nunca teve professores e nunca frequentou cursos superiores. Grammatico consagrado pela altíssima autoridade de Ruy Barbosa (*) e literato notável. Toda a sua vida não foi outra coisa senão um grande educador, quer na cathedra do magisterio, quer na tribuna jornalística. O seu conhecido curso de literatura terá defeitos de methodo, de exposição e de doutrina; falta ás vezes, ao autor, o precioso e apurado gosto, para discernir o julgar, mas é, sem duvida, trabalho de homem de vasto saber, e de profundo conhecedor da nossa lingua. Não merece ficar esquecido, e, menos, desprezado.

Jornalista academico, collaborou em muitas folhas do Maranhão, abrilhantando-as com doutos artigos.

Publicou: "Bibliographia do dr. Eduardo Olympio Machado"; "Postillas de Grammatica Geral"; "Grammatica Portuguesa"; "Commentarios de Caio Julio Cesar" — traducção do latim; "Curso de literatura Brasileira e Portugueza", em cinco volumes, e varios folhetos sobre questões de actualidades.

Henrique Coelho.

(*) "Nenhum investigador entre nós mais familiarizado com o classico, nenhum observador mais perspicaz e miudo, nenhum analista mais intelligente e escurpuloso das coisas do nosso idioma, conheço eu que Sotero dos Reis" — Ruy Barbosa "Replica ás defesas da redacção do projecto do codigo civil da Camara dos Deputados". Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904, p. 294.

reparos re
actual da
bre o rio

— Tra
cia para
Carlos Au
por muito
desempenh
publicos.

Imposto
Até o fim
doria de 1
sem multa
renda de p
correndo e
contribuint
o respecti
daquelle

O analp
NAS, 19 -
liminar pa
nha contra
Estado o
cer sume
phabets e
por a
cujo plan
Secretaria

A Cama
mentos pa
assumpto
determina
da 1904

Sobre a
total dos
cipio, 42.68
prindo no
betos 9.69
tro a 1904

Nesse c
tados habi
annos

Se o an
ta-se com
aqui, ta
que encon
localidades
facetas de

A nossa
de 42.68
de 7 a 1904
maiores de

Dos hab
colar de 7
apenas 9.3
phabets.

A porce
escolar en
mais desol

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Prosadores e oradores brasileiros

Estado

20-VI-1920

JULIO RIBEIRO

Sabará, Estado de Minas Geraes, 16 de Abril de 1845: Santos, Estado de S. Paulo, 1.º de Novembro de 1890. Filho legítimo do norte-americano, George Washington Vaughau, e da brasileira, d. Maria Francisca Ribeiro, nascida em Tamandaré, Estado de Minas Geraes. Iniciou os estudos numa aula publica de instrucção primaria, regida pela propria mãe, tendo mais tarde frequentado um collegio particular, em Minas Geraes, e cursado, até 1865, as aulas da antiga escola militar do Rio de Janeiro, onde, porém, não chegou a se diplomar.

Não se pôde dizer que houvesse manifestado precocidade; possuía memoria prompta e fiel, decorando com immensa facilidade, e retendo muita coisa. Das linguas vivas sabia bem o francez e o inglez, que falava regularmente, como ainda o italiano e o hespanhol; das mortas, o grego, o latim, e desta ultima revelou-se profundo conhecedor. Lia avidamente quantos livros de valor lhe vinham ás mãos, quer se tratasse de letras, quer de sciencias.

Entendia um pouco de musica; tendo gosto e sentimento esthetico, era grande como apaixonado colleccionador de moedas, de bronzes e de ilnos objectos de arte. Notavel, na sua vida, pela altivez e independencia de caracter, pela franqueza ás vezes demasiado rude, deu sempre o exemplo de extremo rigor no cumprimento do dever.

Reflectia longamente antes de redigir: preparava-se, passeiava no gabinete de trabalho, onde acontecia permanecer, até alta madrugada, em demorados soliloquios, quando a braços com tarefa de responsabilidade, mas, ao tomar da penna, ia escrevendo sem difficuldade ou esforço e o pensamento lhe sahia completo e definitivo.

O primeiro dos nossos grammaticos, mais talentoso, mais culto, mais adiantado do que **Sotero dos Reis**, com outra, e superior, educação literaria. Romancista que não nos é lícito esquecer, e prosador que nos merece admiração. Era, além de correctissimo, realmente bello o seu vigoroso estylo.

Propagandista republicano, redactor-chefe do "Sorocabano", que se publicou no interior de S. Paulo, de 1870 a 1872, fundou e dirigiu em S. Paulo dois periodicos: a "Procellaria", em 1887, e o "Rebate", em 1888. Collaborou em diversas folhas e revistas, nacionaes e estrangeiras.

São seus trabalhos principaes: "Grammatica Portugueza", "Questões Grammaticaes", "Traços Geraes de Linguistica", "Grammatica da Puericia", adaptação de **Holmes**; "Padre Belchior Pontes", romance historico, "A Carne", romance naturalista; e "Cartas Sertanejas", que appareceram no "Diario Mercantil", de S. Paulo.

Deixou, por concluir, uma "Nova Grammatica de Lingua Latina", de que só restam impressas 122 paginas e que o autor principiou a escrever na época em que estava servindo, após notavel concurso, em 1887 como professor da materia, no extinto curso de preparatorios, anexo á Faculdade de Direito de S. Paulo.

Garcia Redondo, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, escolheu, para sua cadeira, o nome de **Julio Ribeiro**.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Dez Anos de Guimarães Rosa

GERARDO MELLO MOURÃO

"... Minas em mim: Minas comigo. Minas".

— João Guimarães Rosa — 1957 —

João Guimarães Rosa nasceu à margem do ribeirão da Onça. Isto fica no antigo arraial de Cordisburgo, entre Curvelo e Sete Lagoas, Minas Gerais, zona de engorda de boi. O pai era de Caeté, a mãe de Jequitibá, bandas do rio das Velhas, ambos de famílias de fazendeiros de gado. Tenho outras lembranças fáusticas: outras imagens dele. Lá está, em sua sala de mapas, numa Comissão de Limites, no Itamarati. Os olhos do coração o vêem, solícito e generoso, no aeroporto do Galeão, para despedir, com o consolo de sua palavra e os riscos de sua posição de embaixador, a mulher que parte com os filhos, para encontrar o marido exilado no Chile, em 1964. A minha mulher e os meus filhos. Vejo-o, depois, numa litorina entre São Paulo e o Rio, alguns riem, outros se comovem, todos o acham um pouco louco. Porque se ergue, no meio da viagem, e com um terço na mão, pede aos passageiros que rezem com ele, em voz alta, o rosário da Virgem Maria. E começa a recitar, num tom de ladainha, os padrenossos e as ave-Marias, evocando os mistérios dolorosos da Mãe de Deus. Parecia adivinhar que eram seus últimos meses de vida, e dava o testemunho público de sua piedade e de suas intimidades com o sagrado. Vejo-o ainda, já agora na revelação feita por Alvaro Lins, passar noites e noites acordado, de joelhos, rezando em lágrimas, no silêncio de seu quarto de dormir, o mesmo rosário entoado na litorina de São Paulo. Guardo todas essas imagens.

Mas a que resta mais nítida é a do homem do ribeirão da Onça, com pai de Caeté e mãe de Jequitibá, banda do rio das Velhas, zona de gado, chão de vaqueiros. Pois João Guimarães Rosa, médico em Itaquara, depois no 9º Batalhão de Infantaria em Barbacena, diplomata em Hamburgo, em Bogotá, em Paris, na rua Larga, escritor representando os escritores brasileiros num Congresso em Berlim, onde fiquei enfurecido contra ele, por dirigir-se aos congressistas em espanhol, e não em português — seu compromisso ontológico eram os campos das Gerais: "Minas em mim, Minas comigo. Minas" — como ele mesmo diria.

Sabe-se que, menino ainda, descobre a geografia, depois a zoologia, depois a botânica. É difícil entender que tenha sido um ganhador de prêmios literários, conquistando alguns deles, na juventude, com uns contos medíocres publicados em jornais de Belo Horizonte. Ganha até um prêmio da Academia Brasileira de Letras, com um livro de poemas, até hoje inédito, chamado "Magma", e que os que o conhecem consideram, como ele mesmo, abaixo da crítica. Os concursos literários são um equívoco. "Sagarana" é rejeitado por uma comissão da qual fazia parte o próprio Graciliano Ramos. Mas é com "Sagarana" que estoura, em 1946, seguindo-se "Com o Vaqueiro Mariano" (1952) e "Corpo de Baile" e "Grande Sertão: Veredas" (1956). Estoura com tudo o que tem dentro de si: a Geografia, a Zoologia, a Botânica, o prodígio cosmogônico em que o bicho e a planta podem nascer, brotar, existir e florescer, mas sobretudo, senhor dessa cosmogonia, o homem das Gerais, protagonista estupendo, ele se ergue e se abate, senhor e servidor da vida e da morte, do bem e do mal e da caça ao amor e à liberdade.

Aos dez anos de sua morte, será difícil dizer dele alguma coisa que ainda não tenha sido tentada. Não tive, de resto, com ele maiores relações pessoais. Nem sou um conhecedor "hanté" de sua obra, com os compromissos de conhecimento e ternura que têm, por exemplo, Franklin de Oliveira, Mário Palmério ou Ismael Cardim. Muito menos um crítico com a competência de Antônio Cândido. Tenho apenas o sentimento de Guimarães Rosa. Pois seria impossível não ser ferido pela noção de sua grandeza, que me levou, mesmo, a tornar-me o responsável pela melhor de suas edições européias, feita por Hans Curt Werner Meyer-Clason, a quem indiquei e recomendei seus livros, como os de vários outros escritores bra-

sileiros, e que se fascinou pela tentação de traduzi-los. Meyer-Clason, meu amigo e companheiro de longos anos de cárcere, que tinha o hábito de dizer que sabe mal sua própria língua, o alemão, o que não é verdade, mas que sabe mal o português, logrou o milagre de uma transposição excelente de Guimarães Rosa, com uma dedicação ao texto verdadeiramente exemplar e comovedora, que resultou numa longa correspondência com o autor, capaz de hoje constituir uma de suas melhores fontes de interpretação. Trata-se, aliás, da única tradução estrangeira boa, de Guimarães Rosa, que infelizmente não tem na Alemanha o êxito de livraria que aqui se acredita. As outras são péssimas, e também vendem pouco no estrangeiro.

Mas isto não importa. O que importa é que entrei em seu texto, no mundo elementar de sua escritura mágica como na luta de Jacó contra o Anjo. A luta permanece até hoje, vamos continuá-la no reino dos céus, e ainda ali não me renderei à restrição que lhe deve ser feita pelo terrível equívoco em que se envolveu. A grande virtude do escritor é criar sua própria linguagem, falar a linguagem de seu tempo e de seu espaço. A tentação de criar uma língua pode levar-nos ao equívoco de esquecer que o primeiro compromisso do artista ao expressar-se é com a linguagem. Pois a linguagem é uma coisa, e a língua é outra.

E por isso que a escritura nos países da América, que herdaram de outros povos uma língua que lhes foi imposta, o francês, o espanhol, o inglês e o português, traz sempre consigo aquela crispação do tempo denunciada por Edouard Glissant. Temos de escrever contra a corrente do passado, com uma espécie de memória do futuro. Do contrário, estaremos repetindo uma linguagem importada, que não é nossa, falando com a voz impostada. Ao usar uma linguagem que não é a nossa, ao fazer uma impostação da voz, cometemos uma infidelidade. Pois toda impostação é uma impostura, todo impostador é um impostor. Talvez nenhum escritor da América tenha tomado tanta consciência do horror da impostação de voz, como Guimarães Rosa. E foi tão longe seu horror à impostação, que escorregou no equívoco que será talvez seu único pecado, pelo menos o único pecado de sua obra maior — confundiu língua e linguagem e, na ânsia de articular sempre sua própria linguagem, de fundar sua própria linguagem, acabou cedendo à tentação de fundar sua própria língua, de balbuciar sua própria língua.

E certo que cabia a Guimarães Rosa, como a todo escritor da América, lutar contra a língua não brasileira, não americana, contra a língua portuguesa. Trata-se, porém, de um combate incestuoso e amoroso, e não de um combate para colocá-la fora de campo, substituí-la por outra. Pois, como escritores, a língua portuguesa é nossa adversária, nossa adversária mais íntima e mais querida, mas adversária. E preciso lutar contra ela e

uma de suas chances de sobrevivência e grandeza é, exatamente, de nos encontrar como adversários.

Vale a pena insistir: não é uma língua que faz um povo, mas uma linguagem. E é por isso que há, fora das línguas utilizadas, uma linguagem da escritura brasileira e americana, linguagem feita a um tempo de um certo hábito diante das palavras, de uma certa forma de cumplicidade com a palavra, de um conceito de duração, especialmente da duração sintática e, finalmente, de uma ligação fundamental, ao nível da linguagem, entre a escritura e a oralidade. Para os que escrevemos em línguas geradas nas velhas metrópoles, é ainda mais dramaticamente válida aquela tarefa imposta ao escritor — ser o casseur de pierres, o quebrador da pedra da palavra.

Necessária apenas para sublinhar uma velha divergência com Guimarães Rosa, a digressão quase pedante — mas indispensável — sobre a diferença entre a língua e a linguagem não pode levar à levandade de supor qualquer invalidez à obra do homem de "Grande Sertão: Veredas", cuja presença será para sempre um marco na literatura deste país, a cuja língua

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

ele teve medo de servir, mas a cuja linguagem, a cuja voz, há de permanecer como testemunho exemplar de fidelidade e de amor. E até parece um sortilégio, um estratagemas de bruxaria, que tenha conseguido servir-se de nossa linguagem sem se servir de nossa língua.

É mesmo tão importante e tão virginal a coisa da linguagem em Guimarães Rosa, que sua obra pode ser uma chave para o entendimento do que seja "linguagem" — que é sobre ela que há de correr o barco dos que se adentram nos rios de sua escritura. Não para examiná-la com a frieza dos que colocam o texto como um cadáver sobre a mesa de mármore, para o esquartejamento anatômico em que os bisturis não conseguem restituir a vida ao corpo morto. Nem mesmo para uma sociologia da literatura, pois nenhuma sociologia acadêmica logrará jamais colher em sua rede o espantado gnomo do ribeirão da Onça.

A linguagem de Rosa é a redução pan-teística do mundo americano, pressentida por um europeu como D.H. Lawrence, no grande sertão em que o homem, sitiado pela natureza, se situa em fusão ou em decorrência dos elementos, crescendo com os bois e as águas, os troncos e as folhas. E por isso que há um nexo, uma matéria primordial, identificando todos os intérpretes de nossa linguagem americana, de "Don Segundo Sombra" a "Facundo", "Os Sertões" ou "El Aguila Y La Serpiente", como "La Voragine". São todos eles livros tão inaugurais como a própria terra que auguram e inauguram. Efrain Tomás Bó, grande sabedor e peregrino da América, explica que Don Segundo, Pancho Villa, Antônio Conselheiro e Facundo parecem engendrados pela terra que os leva, os circunvala e penetra. Fora dela, seriam como pedras arrancadas de um edifício, que voltam à sua obscuridade mineral. E acrescenta: — "A realidade americana parece surgir de um conúbio entre homens e natureza. Pergunto: Há uma interioridade em Riobaldo? Há uma interioridade em Don Segundo? Na subjetividade aberta, na fusão do homem com as coisas naturais, na abertura das coisas para a consciência subjetiva, estaria a nota essencial da novelística americana. É importante notar que em nossos clássicos — "Grande Sertão: Veredas" — está nessa linha — o homem não pensa, não dialoga senão pelas coisas. Uma substantividade concreta impregna sua linguagem. Riobaldo diz: — "Como não se viu, aqui se vê. Porque, nos gerais, a mesma raça de borboletas, que em outros países é trivial regular, cá cresce, vira muito maior, e com mais brilho, se sabe; acho que é do seco do ar, do limpo, desta luz enorme".

A busca da língua, obcecada e obsessivamente procurada, há de decorrer, talvez, daquela terrível solidão do homem do campo, que pouco se verte em palavras e que cultiva seu mutismo — ou é por ele cultivado — na pauta do ritmo da própria vida: — "Diadorim eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente se diferenciava dos outros — porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si".

Aos dez anos da morte de Guimarães Rosa, estamos também aos vinte de um dos mais claros debates sobre sua obra — a edição especial de novembro de 1957, da antiga revista "Diálogo", do saudoso Vicente Ferreira da Silva, toda ela dedicada ao grande sertão das escrituras do homem do ribeirão da Onça. Escreveram ali, entre outros, Antônio Cândido, Milton Vargas, Dora Ferreira da Silva, Efrain Tomás Bó, numa edição que reúne uma bibliografia de sessenta e três trabalhos sobre Guimarães Rosa. E pena não ter à mão a bela exploração de Franklin de Oliveira, para a qual José Geraldo Vieira chamava a atenção de Antônio Cândido, em que aquele crítico amoroso e sábio da obra rosiana estabelece a genealogia medieval de seus heróis. E através dessa genealogia que Antônio Cândido descobre, de repente, toda a lógica de "Grande Sertão: Veredas". "Isto posto — diz ele — explicam-se as batalhas e duelos, os ritos e práticas, a dama inspiradora, Otacília, no seu retiro, e até o travestimento de Maria Deodorina da Fê Bettancourt Marins no guerreiro Reinado (nome cavaleiresco entre todos), filha que era dum paladino

sem filhos, igual à do romance incluído por Garrett no Romanceliro, e citado, segundo me informaram (a Antônio Cândido), por Franklin de Oliveira: — "Dai-me armas e cavalo — E eu serei filho varão".

Nos três elementos estruturais sobre os quais Euclides armou a epifânia do sertão em seu livro clássico, vê Antônio Cândido montado também o mapa de "Grande Ser-

tão: Veredas": a terra, o homem, a luta. Dentro dessa trilogia elementar, não há como resistir à tentação de um dia identificar também a linhagem homérica dos Odisseus sertanejos, desde o travestimento de Diadorim ao travesti de Aquiles.

Mas, como cavalo de Picasso, a obra de Guimarães Rosa precisa ser mirada de todos os lados, sob todos os ângulos. Inclusive aquele em que o olha, olho a olho, a visão matemática de Milton Vargas, ao considerar a pura temporalidade de sua textura, que "flui ao correr da leitura de tal forma, que, realmente, não se poderia mesmo afirmar que o livro tem um começo ou um fim. O seu fim está no começo e o começo no fim, e ambos poderiam ser encontrados em qualquer parte do livro. A estrutura inteirica da obra, sem divisões em capítulos, sem intercalações explicativas, sem análise entre parênteses, porém, cheia de recorrências rememorativas, confirma ainda mais essa impressão". E é ainda Milton Vargas que fixa dois outros aspectos: a presença, sentida em toda a leitura do livro, de uma potente energia que comove todo o entrecho e que produz a impressão de que todo o fluir do narrado é movido por um impeto vital que anima personagens humanos, animais e a própria natureza. Embora o livro todo esteja imerso em natureza, sente-se que essa energia vital está concentrada na vida humana e que, portanto, é essa a fonte inesgotável de tudo. "Tudo é vida humana, produto ou fragmento de vida humana, exceto Deus, que é o gatilho deflagrador da energia". E mais um terceiro aspecto: o da trama, que não se passa nem fora da subjetividade do autor — como, por exemplo, nos "Sertões" de Euclides da Cunha — nem na pura subjetividade do escritor, projetado ou não nos seus personagens — como no caso de Quincas Borba. No livro de Guimarães Rosa, a realidade do sertão, sendo intuída e não analisada, vista e não descrita, um mínimo de cisão se dá entre sujeito e objeto, de separação entre o eu e o mundo. Tudo se engloba num mesmo englobante, que participa da interioridade e da exterioridade, unindo-as numa só e única realidade".

Na populosa solidão do sertão rosiano entramos numa galáxia cósmica. Mais do que isto: começamos a atravessar o caos dos primórdios, onde tudo pode acontecer como itinerário de William Henry Hudson. Inclusive o encontro com o demônio, que, na observação de Dora Ferreira da Silva, ronda todas as páginas do "Grande Sertão: Veredas". Pois apesar da afirmação tantas vezes ali repetida, de que o diabo não existe, sua presença "se desenha numa conjectura obstinada e se perfaz em todo o livro como uma negatividade positiva que conduz secretamente à ação". E é ainda Dora Ferreira da Silva que assinala ali a presença permanente do diabo, num clima de imprecisão e ambiguidade, como um "poder ser", revelando aquela angústia do mal de que trata Kierkegaard, quando empresta ao demônio as categorias do súbito e inesperado. E coleciona os nomes atribuídos ao Anjo de Perdição no texto de Rosa: o Que-dia, o Cujo, o Tal, o Outro, o Arre-negado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Calhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-preto, o Canho, o Duba-dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-gracejos, o Dado, o Danado e vai por aí. Pois o que se conta é a travessia do homem, nesse contraditório labirinto de monotonias e imprevistos, onde o corpo e o fantasma, o medo e a coragem são a luz de nossos olhos e o pão de cada dia.

Vale a pena encerrar esta pobre contemplação da obra de um escritor que, em que pese ao seu equívoco entre a língua e a linguagem, divide, de certa forma, em duas bandas, a escritura deste país, com a apresentação que dele fazia, há vinte anos, a bela revista de Vicente Ferreira

da Silva: — “A obra de Guimarães Rosa representa, no epicentro desta época dominada pela realeza do objeto, do aparato, da máquina, o descortinar-se de uma vida desataviada e pujante, num cenário em que a epopeia ainda é possível. O sertão é o espaço onde o homem é exposto continuamente a situações extremas e decisivas, não mais encontradas no sistema superprodutivo da civilização urbana, situações donde emergem possibilidades e experiências recobertas em geral na trivialidade da existência pacífica. O sertão é um processo global, com suas exigências, seu código, suas leis, seus valores, suas grandezas e aquele sentido do viver em perigo, no perigo e pelo perigo. Nesse campo de provas do indivíduo, a existência avulta, se heroifica e assume dimensões de lenda prototípica. É necessária aquela liberdade do sertão, aquela ausência de intimações da vida ordenada das cidades, para que compareça outra vez uma criatura digna de tratamento artístico e de rememoração ideal. A cidade mata o sertão — diz Guimarães Rosa — mas através de sua obra o sertão procura o seu reconhecimento e afirma fora do tempo, no plano da realidade artística, o acolhimento que deu à vida”. E conclui acentuando que na obra de Guimarães Rosa parece ser aferida e conferida aquela afirmação de Friedrich Georg Junger, segundo a qual “a selva é a origem”, representando, portanto, algo de intemporal e persistente em nós.

O mais é aquela perplexidade de notário de outro mineiro, Dantas Mota, diante da touceira de escrituras, a touceira de João Guimarães Rosa, hoje com dez anos de eternidade. De lá ainda podendo dizer, como no primeiro dia: “Minas em mim: Minas comigo. Minas”.

Gerardo Mello Mourão é jornalista, escritor, poeta, parlamentar e professor da Pontifícia Universidade Católica do Chile, em Santiago

O Livreiro Saraiva

A grande manifestação academica de hoje — Em Santos — Na estação da Luz — As saudações dos academicos

Os academicos de Direito estão hoje em festa: é o dia da chegada do velho livreiro Joaquim Ignacio da Fonseca Saraiva —, o "conselheiro Saraiva" ou o "jurisconsulto Saraiva", como é tratado pelos estudantes.

A festa de hoje tem grande significado. Nascida nos meios academicos, a idéa, em poucos dias, se tornou victoriosa, alliando-se aos moços da Academia de São Paulo todo o mundo juridico paulista. O seu character, entretanto, é eminentemente academico, não obstante homens de grande projecção nos scenarios politico e juridico tenham se enfileirado ao lado dos academicos para homenagear o grande e devotado amigo da classe dos advogados. A lembrança da homenagem pertence aos alumnos da Faculdade de Direito.

Por isto mesmo tem que ser uma festa academica, eminentemente academica.

Do grande significado da homenagem que se irá prestar ao livreiro Saraiva não precisamos escrever. E' bastante conhecer os nomes dos que adheriram á lembrança dos estudante. Desnecessario se tornar escrever uma palavra sequer.

EM SANTOS

Em carros reservados, ligados ao trem de carreira que parte ás seis horas, seguirão para a vizinha cidade numerosos academicos que vão aguardar a chegada do "Flandria", que deverá entrar ás nove horas, attendendo a companhia ao pedido dos estudantes.

DR. ARMANDO FERREIRA DA ROSA

Na cidade de Santos os moços da Faculdade de Direito serão acompanhados pelo dr. Armando Ferreira da Rosa, delegado regional, que, além de enviar sua adhesão, se promptificou favorecer os estudantes em tudo quanto possa.

O gesto do dr. Armando Ferreira da Rosa, merece um registro especial, pois, de muito valia ser: sua cooperação ao lado dos estudantes. S. s. acompanhado de elementos de destaque da sociedade santista, aguardará a chegada dos academicos na estação da Ingleza, e seguirá, com elles, para os caes.

Na estação, em Santos, uma banda de musica — gentilmente posta á disposição dos academicos pelo dr. Ferreira da Rosa — se incorporará aos moços.

NO "FLANDRIA"

A bordo do "Flandria" o livreiro Saraiva será saudado pelo bacharelado Oscar de Vasconcel-

los Galvão, que discursará em nome de seus collegas.

DEPOIS DO DESEMBARQUE

Os estudantes acompanharão o livreiro Saraiva em passeios pela cidade, em automoveis.

O EMBARQUE PARA S. PAULO

A's 14 horas, em carros reservados, os academicos regressarão a esta Capital.

NA ESTAÇÃO DA LUZ

A's 16 horas o trem chegará a São Paulo. Na "gare" da companhia ingleza aguardarão o livreiro Saraiva lentes da Faculdade de Direito, ministros do Tribunal de Justiça, juizes da capital, representações de diversas associações de classe, advogados e estudantes das escolas superiores.

Em nome dos estudantes discursará o academico Romeu de Andrade Lourenção, que offertará ao livreiro Saraiva um rico e artistico cartão de ouro com os seguintes dizeres:

"Ao grande amigo Conselheiro Saraiva — por ocasião do seu regresso da Europa — homenagem dos academicos de Direito. São Paulo, 30 — 10 — 1929".



O livreiro Saraiva

O CORTEJO

Será assim constituido: banda de musica do 4.º batalhão de Caçadores, estudantes de Direito empunhando vistosos cartazes, carro do livreiro Saraiva, que será acompanhado pelo sr. dr. José Augusto de Magalhães, consul de Portugal. Em seguida virão os outros carros.

O trajecto a ser percorrido é o seguinte: rua José Paulino, rua Florencio de Abreu, largo de São Bento, rua de São Bento, praça Patriarcha, rua Libero Badaró, rua José Bonifacio e Largo do Ouvidor, até a "Livraria Academica".

A' NOITE

A's 22 horas, no bar da Cidade Munchen, os srs. Joaquim Saraiva Filho, Jorge Saraiva e Paulino Saraiva offerecerão uma choppada a todos os estudantes de Direito.

A MUSA ACADEMICA

Muitas poesias já foram escritas pelos academicos em homenagem ao livreiro Saraiva.

E agora — com a sua chegada — os poetas encontraram um copioso motivo para escrever uma infinidade de versos...

E ahi val um de amostra. E' do bacharelado João Alfredo Cataldi — um dos promotores da festa de hoje e dos melhores poetas academicos de nossos dias:

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

"MA'... INFESTAÇÃO"...

A volta do Saraiva, o compa nheiro
De quinze gerações da Academia,
Encerra para nós um grande dia,
Pois de novo nos traz o "Conselheiro".

A turma toda vibra de alegria,
Antevendo a chegada do livreiro!
Val ser um dia alegre e galhofeiro
Ao portuguez que a todo o mundo fia.

Isto entretanto — affirmo — é quasi certo:
A nossa justa manifestação
Algum "penetra" seguirá de perto...

O Livreiro dos Acadêmicos

ARQUIVO

Cal. Maria de Mello Pupo

Campinas - SP.

UM ESTUDANTE PORTUGUEZ

Ma cidade de Veiga, província de Trás-os-Montes, em Portugal em 1890, terminára seus estudos de preparatórios um rapazola, cuja aspiração era matricular-se na Universidade de Coimbra, para fazer o curso de Direito.

No entanto, a morte de sua progenitora veio derribar os sonhos do moço português que — deixando as guitarras e as lindas "cachopas" de seu torrão natal — seguiu para a cidade do Porto, em busca de um emprego. E ali collocou-se na livraria "Leitão e Cia.", onde permaneceu até á idade de vinte e um annos.

O moço chamava-se: Joaquim Ignácio da Fonseca Saraiva.

"Por mares nunca d'antes navegados..."

Espirito irrequieto, dominado pela ansia de independência, o moço não se acostumou á vida a que fôra arrastado pela contingência da sorte que lhe fôra madrastra. E ell-o que deixa sua pátria e vem para o Brasil —, na esperança de melhores dias. Veiu, luctou e venceu.

EM SANTOS

E assim no anno de 1892, chegava, a Santos Joaquim I. da Fonseca Saraiva, trazendo, como unica credencial, a sua vontade de vencer na vida. Sem um conhecimento siquer, e apenas com alguns "réis" no bolso, não desanimou deante da terra em que aportava.

Depois de alguns dias encontrou, — buscando, ali e acolá, um meio de ganhar a vida — sua primeira collocação: cobrador da Cia. City.

JORNALISTA

Antigo estudante conserva-

va ainda a vontade que sempre domina os moços de todos os tempos: fazer nome, apparecer como valor intellectual. Saraiva deixa seu emprego e vai para o Rio de Janeiro, onde, com os recursos que guardára, funda o jornal "União Portuguesa", de sociedade com o jornalista Eugênio da Silveira.

Pouco tempo depois, deixa o seu jornal e funda, em agosto de 1905, um armazem.

"SECCOS E MOLHADOS FINOS"

Escapando de ser padeiro, Saraiva não deixou de ser o commerciante de "seccos e molhados, com vinhos importados directamente do Alto Douro"... E em Santos, por alguns mezes, pesou muitos kilos de bacalhau...

Saraiva não tinha jeito para viver assim. Sua índole era outra e ali a razão por que — embora o novo commercio lhe fosse muito rendoso — resolveu deixal-o e voltar sua actividade para outro ramo.

"EMPRESA DA HISTORIA DO BRASIL"

Era a primeira vez que Saraiva se exercitava no commercio dos editores. Não podia deixar de, um dia, ser padeiro. Tornou-se padeiro, mas padeiro fino que dá, com os seus livros, o pão espiritual... E sob sua responsabilidade foram publicados os tres primeiros volumes da "Historia do Brasil", de Rocha Pombo.

A FASCINAÇÃO DO JORNALISMO

Conseguindo algum capital, Sa-

raiva, voltou ao jornalismo, e na Capital da Republica, adquiriu o jornal que creára. "União Portuguesa", mais uma vez, levou o seu fundador a gastar todo o seu... "pé de meia", tão carinhosamente economizado...

Para dar nova vida, mudou o nome de seu jornal. Passou a se chamar "Diario Portuguez".

De nada lhe valeu o expediente. "Diario Portuguez", teve que suspender sua publicação e o seu proprietario ficou sem o seu rico "pé de meia"...

INTERMEDIARIO DE LIVROS

Desgostoso com o fim de seu jornal, Saraiva veiu, pela primeira vez, a São Paulo, e aqui começou como intermediario de livros juridicos, entre elles a "Revista do Direito", de Bento de Faria. Era o inicio de sua prosperidade.

A sua velha vontade de ser advogado — fraccassada pelos revêzes que soffrera em sua terra — novamente, despertou e Saraiva, para consolo, entregou-se, de corpo e alma, á nova profissão.

Espirito progressista, notou a falta de um editor de livros juridicos em São Paulo. E, desde então, começou a idealizar a fundação de uma empresa editora.

Reunida alguma economia, Saraiva — no mesmo ponto onde hoje ainda se encontra a "Livraria Academica" — abriu o seu "sebo".

Começa, então, Saraiva a conviver com os estudantes. Compreende, em pouco tempo, a alma da mocidade que — em futuro não muito longe — seria a sua preocupação de todos os momentos.

O modesto "sebo" é transformado na "Livraria Academica" —, hoje a maior casa editora de livros juridicos do Brasil. Saraiva nunca mais teve revêzes financeiros... depois que lhe affluu a freguezia de estudantes...

CONSELHEIRO SARAIVA

Pouca gente conhece, como Saraiva, os moços. Privando todos os dias com os academicos, o livreiro do largo do Ouvidor sabe dos seus anseios e das suas aspirações, dos seus desganhos e das suas desillusões...

E é na hora triste das desillusões que surge o "Conselheiro Saraiva", a ministrar os seus sabios conselhos de um experimentado da vida. "Não te apoquentes por teres perdido um anno. O Teixeira de Freitas — o maior de todos os civilistas cá do Brasil — por diversas vezes foi reprovado em Direito Civil. Não dês ao malvado do teu professor o prazer de não te formares. Forma-te e, intelligente que és, e em pouco tempo, serás muito mais que o teu reprovador" —, assim fala o "Conselheiro Saraiva" quando um estudante é reprovado...

UM GRANDE CORAÇÃO

Não tem Saraiva a idéa fixa

de ganhar dinheiro. Sua primeira e maior preocupação é servir á mocidade. Todo o estudante possui na "Livraria Academica" sua conta, com credito illimitado... Tira os livros que precisa e, ás vezes, só alguns annos depois da formatura é que apparece para saldar o velho debito, iniciado quando ainda não passava de coisa insignificante: "calouro" e "calouro" burro como todo "calouro" e nada mais...

Saraiva tem sido para o estudante pobre o factor preponderante de sua fortuna. Além dos livros que dá fiado, ainda em-

prestá dinheiro para a matricula e o registro para a carta de advogado. E mais ainda: empresta uma velha cartola para a solenidade da formatura...

E quando o estudante não quer aceitar o seu offercimento, Saraiva fica zangado e reprehen-de: "Não sejas orgulhoso, ó, seu pirata! Precisas do dinheiro e estás ahí fazendo luxo".

E quando o estudante accelta o favor do "Conselheiro Saraiva", ainda ouve: "Não desanimés por falta de dinheiro. Também eu, na minha mocidade, já comi "pão que o diabo amassou"... Não me formei em Direito, pela gloriosa Universidade de Coimbra, exclusivamente por falta de dinheiro. Forma-te e terás tua recompensa. Irás para o "interiole" e, em pouco tempo,

estarás rico e, talvez, pae de alguns filhinhos..."

"JURISCONSULTO SARAIVA"

Trabalhando ha muitos annos no commercio de livros juridicos, Saraiva hoje conhece, como pouca gente, as necessidades do mercado. E tanto isto é verdade que elle mesmo, em conversa com os publicistas, lembra os temas que servem para novos livros "Tu que és intelligente e preparado, por que não escreves um livro sobre a letra de cambio? E' assumpto pouco explorado e bastante procurado. Escreve o livro e deixa o resto por minha conta". O publicista pensa no que lhe disse Saraiva — como "Conselheiro" e "Jurisconsulto" — e ell-o que, em breve, entrega os originaes de sua obra para ser editada e recebe, passado algum tempo, a prova de que assistia razão ao Saraiva.

E ao estudante que vai em busca de um livro indicado por um professor em aula, o "Jurisconsulto Saraiva" muitas vezes diz: "Não leves esse livro. E' melhor levares outro que também trata do mesmo assumpto e que melhor proveitos dará pela sua leitura. Eu cá entendo bem do riscado... Talvez até melhor que o teu professor..." O estudante folheia os dois livros e, não raro, concorda com o Sa-

raiva, desprezando a opinião abalissada do mestre... E — coisa interessante — quasi sempre sae ganhando em ter accedido o conselho do "Jurisconsulto"...

O POLITICO ACADEMICO

A politica do "Centro Academico XI de Agosto" merece do Saraiva mais attenção que a politica portugueza ou a brasileira. Interessa-o grandemente a lucta que se desenrola, todos os annos, na sociedade representativa dos estudantes de Direito. Discute com os academicos e mostra as razões por que o partido tal precisa ser vencedor...

Torna-se até "cabo eleitoral"... E poucos "cabos" são tão efficientes na "cabala"...

Os mostruarios da "Livraria Academica", nas vesperras das eleições, ficam carregados de cartazes de propaganda de todos os partidos. Entretanto, o de sua preferença merece sempre o logar de destaque...

Proclamado o resultado do pleito, Saraiva esquece o ardor da campanha — e vencedor ou não o grupo de sua sympathia — elle festeja, com os estudantes, o triumpho dos candidatos eleitos.

A GRANDE ALEGRIA DO SARAIVA

Ella se manifesta por occasião

VIRE

da formatura dos novos bachareis.

E' figura obrigatoria em todas as collações de grau. Vai á Faculdade de Direito remocado: de "frack", cravo branco á lapella, uma falscante "lagrima" no seu "plastron", luvas de camurça na mão esquerda, tendo na direita a lustrosa cartola...

E é de ver-se a alegria do Saraiva! Dir-se-ia um pae assistindo o final do curso academi-

co de seu filho. Só uma differença ha: o pae sente mais alegria quando vê o seu filho — como todo bom brasileiro... — recebendo o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, Saraiva, não. A alegria que o invade é extensiva a todos os moços. Não distingue este ou aquelle. Bate palmas a todos, porque todos lhe merecem a mesma amizade, o mesmo carinho.

PREMIANDO O AMIGO

A manifestação de hoje perdeu o character com que a iniciámos. Não é mais dos moços estudantes de Direito. E' a manifestação de quinze gerações academicas. Mais ainda: é a festa do mundo juridico de São Paulo, ao seu maior e dedicado amigo, a quem as letras juridicas devem inestimaveis serviços.

Iniciámos o movimento com character puramente academico. Os "penetras" surgiram immediatamente, aproveitando a oportunidade que se lhes offerecia... "Penetras" que ainda trazem o môdo dos bancos academicos se alliaram aos "penetras" — gente importante aqui, fóra — e nos derrotaram, tirando de nossa festa o cunho eminentemente academico com que nascêra...

Pouco importa. E até podemos acrescentar que esquecemos a sua qualidade de "penetras" e agradecemos a solidariedade de todos elles.

Na Estação da Luz estaremos todos applaudindo o velho e querido "Conselheiro Saraiva" que — nos albores da vida, de todos nós, estudantes e... "penetras" graudos e não graudos — nos deu uma cousa que julgavamos impossivel obter: credito illimitado...

Oscar V. Galvão

PAULO SETUBAL

Raramente a morte de um escriptor de fama terá sido tão funda e sinceramente sentida como a de Paulo Setubal, hontem fallecido nesta capital. Poeta e romancista dos que maior divulgação têm logrado na literatura brasileira, Paulo Setubal contava os seus triumphos pelo numero das obras que escreveu e tinha um admirador entusiasta em cada um dos seus innumeraveis leitores. Mas alem dessa merecida popularidade litteraria, que consagrara o seu renome em todos os recantos do territorio nacional, pois em toda parte delle eram os seus romances lidos e apreciados, contava Paulo Setubal um amplo circulo de amizades que sempre acompanharam com interesse sincero e carinhoso todas as phases da sua brilhante carreira. E' que nesse escriptor que em todos os seus romances deixara um pouco da sua alma de verdadeiro poeta, acima do homem de letras e como marca predominante do seu caracter, havia o homem bom, de

quecido dentre os dos da sua geração. Nesse campo, deve-lhe a historia brasileira e, particularmente a historia de S. Paulo, o grande serviço de haver despertado ou activado o gosto e a curiosidade geral por esse genero de cogitações. Nessa tarefa, em que tantas intelligencias estremeceem, o escriptor paulista se houve com invulgar exito, pondo na sua execução o mais fino tacto de historiador, de pai com um natural e encantador talento descriptivo. Os seus livros fizeram e hão de fazer sempre as delicias de milhares de leitores, que nelles encontram, evocadas com amor e mestria, as mais interessantes figuras do nosso passado, juntamente com os traços mais característicos das épocas em que ellas se produziram e agitaram.

Ha cerca de vinte annos Paulo Setubal, cujo nome já era muito conhecido do publico paulista, através de poesias esparsas em jornaes e revistas, publicava o seu primeiro livro de versos, "Alma Cabocla". Paginas impregnadas de um

gurança pelo romancista. Todos os seus livros foram escriptos num estilo penetrante, e comprehendem paginas opulentas em que a verdade historica resalta nos arabescos da imaginação. Instrumento habilmente utilisado pelo poeta para vestir a nudez dos episodios.

Houve um momento em que o litterato se prendeu nas malhas da politica. Felizmente, porém, esta não o fascinou, e dentro de pouco tempo voltou a dedicar-se exclusivamente á arte, que o acolhia sempre sorridente, coroando de exitos seguidos as suas produções.

Assim, escreveu entre outros mais, os seguintes livros: "A Marquiza de Santos", "O Principe de Nassau", "As maluquices do Imperador", "Os Irmãos Leme", "Ouro de Cuyabá", "O romance da prata", "Sonho das esmeraldas", "A bandeira de Fernão Dias", "Nos bastidores da historia", etc.

Paulo Setubal era natural de Tatuhy, onde nasceu em 1.º de Janeiro de 1893. Era filho do capitão Antonio de Oliveira Leite Setubal, já fallecido, e de d. Maria Thereza Nobre Setubal. Luctando com difficuldades economicas de não pequeno vulto, pois perdera o pae aos cinco annos de idade, tendo ainda nove irmãos, seguiu Paulo Setubal seus estudos primarios na própria cidade natal, onde revelou aptidões litterarias que foram admiradas pelos seus professores.

Mais tarde, tendo a sua familia transferido residencia para esta capital, matriculou-se no Gymnasio do Carmo, onde fez com distincção todo o curso secundario. Dalli sahio para a Faculdade de Direito, onde se matriculou em 1910. Já então ensaiava os seus dotes litterarios, obtendo seguidos exitos. Formado em 1914, exerceu muito pouco a advocacia, voltando-se mais para o cultivo das letras. Entretanto, foi durante algum tempo promotor publico na capital.

Jornalista, revelando cada dia mais um pouco das suas aptidões litterarias, Paulo Setubal subiu então os ultimos degraus da sua carreira, firmando-se definitivamente no scenario nacional com a publicação da "Marquiza de Santos". Successivamente publicou livros, que foram traduzidos em varios idiomas estrangeiros. "A Marquiza", por exemplo, foi vertida em francez, inglez, allemão, russo, arabe, hespanhol e hollandez.

Logrando assim firmar uma reputação de romancista e historiador honesto e brilhante, Paulo Setubal viu abrirem-se-lhes as portas da fama e da fortuna. Pertencendo já á Academia Paulista de Letras, foi escolhido na Academia Brasileira, quando a ella se candidatou, por um expressivo numero de votos.

O grande romancista desaparece aos 44 annos de idade, deixando viuva a sra. d. Francisca de Souza Aranha Setubal, filha do já fallecido dr. Olavo Egydio de Souza Aranha, e tres filhos menores: Olavo, Thereza e Vicentina. Eram seus irmãos, o deputado federal Laerte Setubal e o sr. João Setubal.

O seu sepultamento foi feito hontem, sahindo o feretro da residência do extincto, a rua Carlos Sampaio, 291, sendo grande o numero das pessoas que o acompanharam até o cemiterio S. Paulo — Compareceram ao sepulta-



O ESCRIPTOR PAULO DE SETUBAL

espírito desprevenido e acolhedor, de alma elevada e pura. Assim, todos quantos alguma vez se aproximavam de Paulo Setubal eram seus outros tantos amigos novos, captivos do seu trato lhano e affavel, entusiasta dos seus enthusiasmos de poeta enlevado por todas as emoções e sentimentos nobres.

Poeta desde os seus verdes annos de estudante, tendo collaborado em quasi todas as revistas e jornaes litterarios que se publicaram em São Paulo em certa época, e porém no romance historico que Paulo Setubal deixou a mais solida garantia de que o seu nome jámais será es-

gestos da gente simples da roça, muitos criticos, dentre os que lhe applaudiam essa auspiciosa estrêa, contavam vel-o em breve augmentar a sua bagagem cultivando o mesmo genero em que tão bem se sahira. Não foi, porém, isso o que se verificou, porquanto alguns annos depois Paulo Setubal enfrentava, com grande brilho, o romance historico, editando a "Marquiza de Santos", que passou a constituir um dos livros mais procurados da literatura patria.

O Primeiro Imperio constituiu, juntamente com episodios da historia paulista, filões magníficos aproveitados com excepcional se-

mento do escriptor Paulo Setubal, os srs. tenente Liberato Vianna, ajudante de ordens do sr. dr. J. J. Cardoso de Mello Neto, governador do Estado, representando s. exa.; representante do desembargador Julio de Faria, presidente da Corte de Appellação; dr. Joaquim Alves Feitosa, representando o sr. dr. Sylvio Portugal, secretario da Justiça; dr. Tito Ribeiro de Almeida, representando o sr. dr. Cantídio de Moura Campos, secretario da Educação; Leão Machado, do gabinete do sr. Valentim Gentil, secretario da Agricultura, representando s. exa.; dr. Armando de Abreu Sodré, representante do sr. dr. Clovis Ribeiro, secretario da Fazenda. Tambem o sr. dr. Fabio da Silva Prado, prefeito da capital, fez-se representar nos funeraes.

PALAVRAS DO SR. CASSIANO RICARDO

No cemitério S. Paulo encontravam-se tambem muitas pessoas, que alli foram render sua ultima homenagem ao escriptor desaparecido.

No momento de ser dado o corpo á sepultura falou, em nome da Academia Paulista de Letras, o escriptor Cassiano Ricardo. Depois de accentuar a irreparavel perda que aquelle cenaculo e a litteratura brasileira acabam de soffrer, com o desaparecimento de Paulo Setubal, disse:

"Paulo, a morte apagou a tua alegria, que era muito maior do que ella. Poz a mão de gelo no teu coração, que foi o mais effusivo de todos os corações humanos. Arrebatou-nos o teu espirito sempre matinal como um canto de passaro. Arrancou-nos a tua imagem physica, como se arrancasse um thesouro que era nosso, exclusivamente nosso. Fez emmudecer as tuas palavras, que foram sempre o encantamento, o estimulo generoso, o entusiasmo criador, o rumor communicativo de tua festa interior e da tua riqueza incomparavel de vida affectiva. Roubou-nos a tua bondade de amigo, que foi a mais perfeita de quantas virtudes pudessem florir na terra. Bondade que só se ajusta ao teu caso. E que só existiu no mundo porque existiu Paulo Setubal. Antes de ti, e depois de ti, não posso crer que outro exemplo de bondade chegue a ser o milagre humano que ainda não conheciamos.

Pois bem, a morte levou-nos tudo isso, para o seu prestigio e para o seu mysterio. Não adiantaria qualquer cogitação sobre o problema e o valor da morte. Diga-se apenas que tudo o que era teu, bondade, espirito, gloria, intelligencia, alegria, teriam realmente que ser cobicados por aquella cuja missão foi sempre a de arrebatá-lo, na sua luta millenar e quotidiana com a vida, as coisas mais bellas da vida.

Quando passa o vento, leva primeiro as flores... Quando a morte passa, são justamente as flores humanas que ella arrebatá, de preferencia, para trazê-las a este jardim symetrico que é a sua terra fria e quieta.

Ella, entretanto, não sahíu vencedora.

Nossa saudade, alliada á immortalidade do teu nome, será tambem maior do que ella. As coisas bonitas que só tu soubeste criar, os amigos que só tu soubeste fazer, os livros que só tu soubeste escrever, poderão aceitar o desafio que a morte lhes lançou, na madrugada deste dia.

Este S. Paulo, cuja historia tão vivamente fixaste nos teus romances, e cujos feitos encontraram, na tua penna agíl e nervosa, a expressão colorida e exacta, saberá cumprir, estou certo disso, o compromisso de honra e de saudade que hoje assume perante a tua memoria.

E nós, que ora choramos a tua ausencia irremediavel — e que ficamos para viver este instante dramatico do mundo imperfeito — e

remos sempre: Paulo Setubal, tu foste um homem perfeito".

Depois, falou o escriptor René Thiollier.

ORAÇÃO DO SR. RENE THIOLLIER

Foram as seguintes as palavras proferidas pelo sr. René Thiollier:

"Paulo querido!

O que tinha de acontecer e que todos temíamos — nós, os teus amigos — aconteceu! Tu já não fazes mais parte do nosso convívio!

Contigo desaparece, de envolta com o teu coração, que era de uma magnanimidade inconfundível, um dos espiritos mais brilhantes de S. Paulo e do Brasil!

Para a Academia Paulista de Letras a tua morte é uma perda irreparavel, e para mim, pessoalmente, ella não poderia ser mais cruel!

Tu bem sabes de que modo eu te queria! Como se tu fôras meu irmão! E era assim, tambem, que tu me querias!

Pobre Paulo!

Não obstante a molestia, que te alquebrava e punha o teu rosto de uma lividez de cera, que nos impressionava, quanta intelligencia, quanta alegria a tua pessoa irradiava!

A morte, nós a presentiamos a rondar por ti, e tu tambem a presentias. Mas, enquanto ella nos fazia horror, pelo muito bem que te queríamos — tu a aguardavas com a tranquillidade e a resignação dos bemaventurados, — que, segundo a "Imitação de Christo" — "têm sempre ante os seus olhos a hora da sua morte e cada dia se dispõem para morrer".

Se nós nos sentíamos abatidos com o teu trespasse, imagina a consternação que não terá causado, por ahí afóra, entre os teus innumeraveis leitores e admiradores — tu, que no dizer de Alcantara Machado, "eras o Filho da Victória"; conquistaste de um golpe e consolidaste por meio de successivos triumphos a estima dos entendidos e o favor de um publico fiel e crescente, consumidor insaciavel dos livros com que vinhas enriquecendo as letras nacionaes".

Descansa — amigo querido! Tu elevaste como nenhum o nome da tua Terra! Foste, pela palavra, um dos animadores de 32! Um heróe da nossa Epopéa! Descansa, certo que ha um "immortal", cuja immortalidade jamais se desvanecerá, se não tu!"

HOMENAGEM DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

A Assembléa Legislativa de São Paulo, ao ter conhecimento da dolorosa noticia, rendeu homenagens á memoria do grande escriptor. Falaram nessa occasião sobre a personalidade e a obra de Paulo Setubal, diversos deputados.

Desses discursos damos noticia em outro local desta folha.

— Em virtude do fallecimento de Paulo Setubal, um dos fundadores da "Bandeira", resolveu esta, em reunião da sua commissão executiva, suspender o expediente da sua secretaria; promover uma sessão solenne em homenagem á memoria do illustre escriptor, e fazer-se representar nos funeraes por uma commissão composta dos drs. Enzo Silveira, Osmar Pimentel e Francarlos de Castro Neves.

HOMENAGENS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

RIO, 4 ("Estado") — Assim que recebeu a noticia do fallecimento do escriptor Paulo Setubal, a directoria da Academia Brasileira de Letras telegraphou aos academicos Affonso de Taunay, Alcantara Machado e Guilherme de Almeida, pedindo-lhes que representassem a instituição em todas as homenagens a serem prestadas ao saudoso escriptor, e alem disso collocassem sobre o tumulo uma corôa de flores em nome da Academia e apresentassem condolencias á familia enlutada.

Resolveu ainda hastear a bandeira da Academia em funeral durante tres dias.

Paulo Setubal foi eleito para a Academia em 6 de Dezembro de 1934, succedendo a João Ribeiro na cadeira n. 31 de que é patrono Pedro Luiz e a qual pertencera igualmente a Luiz Guimarães Junior. Tomou posse em sessão solenne realisada em 27 de Julho de 1935, sendo recebido pelo sr. Alcantara Machado.

casar-se de novo, e, o que é mais, a casar-se com uma retreta, uma simples retreta do Paço, que recebia 29\$300 por mês!

* * *

D. Mariana, está visto, aplaudiu logo aquelas nupcias. E o casamento, aquele casamento incrível, realizou-se sem tardança. Mas realizou-se em segredo, na capela do Paço, sem outra testemunha a não ser a Condessa de Belmonte. Que a crônica, donde eu extraio o episódio, conte o

extranho caso. Ela contará melhor do que eu:

“Um certo dia a retreta d. Maria Angelica Beltrão foi ao quarto de d. Maria Antonia e lhe disse: — Venho dar-lhe uma grande novidade. Fui pedida em casamento, agora mesmo, com grande pasmo meu, pelo senhor Marquez de Itanhaen. Será que eu posso unir-me ao senhor Marquez? — Consultada, d. Mariana apoiou favoravelmente. Mais tarde realizou-se o consorcio secretamente. Mas os conjugues continuaram a viver como dantes. Parecia que o Marquez se sentia com falta de coragem para divulgar o seu novo enlace aos 60 anos e com uma retreta, embora fosse bonita senhora”.

Por isso, na tarde do casamento, Maria Angelica veio, como de costume, fazer a obrigação habitual.

— As janelas estão abertas, Marquez!

E o Marquez, alto, magro, com o chinó alourado, poz-se a passear, com o rosário na mão, ao longo das janelas que dão para o parque. Os hábitos de São Cristovam não haviam mudado dum átimo.

* * *

Passaram-se tres meses. Tudo, naquela vida artificial, corra, até aí, em mar de rosas. Mas eis que um dia, o Marquez, agitado, procura com ansia a Condessa de Belmonte. Trancaram-se num quarto. Conversaram longamente.

— V. Excia. está bem certo disso, Marquez?

— Absolutamente certo! Afianço-lhe que a Maria Angelica vai ser mãe. Ora, á vista disto, não podemos mais sustentar esta situação em que vivemos. E' preciso, agora, que toda a gente saiba do casamento. E V. Excia., Condessa, é quem vai me ajudar nisso! Tenha paciência...

Lá narra o cronista:

“Tornou-se, porém, critica a situação de d. Maria Angelica, quando ela se conheceu em estado interessante. O Marquez recorreu a d. Mariana. Esta senhora promptificou-se a auxilia-lo, isto é, a fazer oportunamente a conveniente participação”.

* * *

2 de dezembro. Dia de gala. Aniversario de D. Pedro II. As damas acorrem garridamente ao Paço. Vêm todas beijar a mão do pequerrucho imperial. A Camareira-mór, atufada nos seus gorgorões de seda, toda refulgente de pedrarias, recebe a Côte no salão de honra. Tem a seu lado, numa larga poltrona de espaldar,

uma elegantissima senhora, moça e bela, que traz o pescoço enrolado numa gargantilha de perolas.

Começa o cortejo.

A primeira a entrar é a senhora Condessa de Itapagipe, a antiga Camareira-mór. D. Mariana e a Condessa saudam-se festivamente. Beijam-se. A Condessa repara logo na moça ao lado. E, com surpresa:

— Como? E' você Maria Angelica?

D. Mariana intervem, muito grave:

— Não é mais a Maria Angelica, Condessa: é a senhora Marqueza de Itanhaen.

A antiga camareira ouve. Ouve e não compreende bem.

— Como? Marqueza de Itanhaen?

— Sim, Condessa. O Marquez casou-se com a senhora D. Maria Angelica. Foi um casamento intimo. Não houve festa, nem pompa. O Marquez, naquela idade, já não é homem para banquetes e dansas... Mas isso já é coisa velha. Vamos ás coisas novas. V. Excia. já foi ouvir o Mont'Alverne?

* * *

A noticia tomba como um raio. A Côte ferve. Ha cochichos. Comentarios pelos cantos. Leques tapando risinhos sarcásticos. Toda a gente saudada, com venenosa ironia, a nova Marqueza de Itanhaen...

Mas que importava aquilo? Que importavam aquelas perversidades? A realidade era uma e fatal: a retreta Maria Angelica alçara-se á culminancia de Marqueza de Itanhaen. Carecia recebe-la e respeita-la como tal. A Côte que fazer? — curvou-se, respeitosa e reverente, diante da ultima esposa do tutor de D. Pedro.

* * *

Cinco horas. Tarde afogueada, tropical. Na galeria dos quadros, aconchegados e felizes, estão os Marquezes de Itanhaen.

O Marquez põe na Marqueza os seus olhinhos perscrutadores. E sorri... Sorri com aquele ar de homem ditoso, homem que já vai pelos sessenta, tem um chinó alourado, pigarro, e uma encantadora esposa de vinte e dois anos.

Eis que entra a nova retreta. E com respeito:

— As janelas estão abertas, Marquez!

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

UMA VIDA FEITA DE ALTOS E BAIXOS, MARCADA DE EPISODIOS ROMANTICOS, A DO HISTORIADOR PEDRO TAQUES

COM 24 ANOS, TOMOU CONTA DA FAMÍLIA — FOI TÊS TEMUNHA DO TERREMOTO DE LISBOA — DESDE ENTÃO COMEÇARAM SEUS INFORTUNIOS — CASOU-SE DUAS VEZES E NÃO TEVE SORTE — ENVOLVIDO NUM CRIME DE PECULATO — TENTOU A FELICIDADE NUM TERCEIRO MATRIMÔNIO — A FAMÍLIA TAQUES OPÔS OBSTÁCULOS DE TODA ORDEM — AFINAL DEU CERTO...

Texto de Raimundo de MENESES

O historiador das bandeiras — Pedro Taques de Almeida Pais Leme — o tão citado e tão discutido autor da famosa "Nobiliarquia Paulistana", viveu a sua vida "no meio de formidáveis desiluições, pe-

zares, infelicidades e sofrimentos de toda a espécie e a quem a sorte ainda continuou a perseguir depois de morto, pois se encarniçou em lhe dispersar a enorme obra de que apenas permitiu subsistir uma quarta parte talvez".

O velho Taques, nos começos, como os pais fossem abastados, pouco sofreu: a mocidade decorreu-lhe folgada. Estudou nos patios do Colégio tudo quanto se ensinava na época, e até francês. Nada lhe faltou. O pai, aquele destemido Bartolomeu Pais de Abreu, já se metera em empresas audaciosas, ganhando muito dinheiro, e perdendo-o, depois, facilmente, envolvido num amaranhado de serias complicações.

Tinha Pedro 24 anos incompletos quando o genitor morreu. Em consequência teve que assumir os encargos de família. O finado deixara grandes dívidas. Pois bem, o inteligente rapaz, que nessa época, "era um homem bem amadurecido", não esmoreceu, e, em dez anos, conseguiu pagar 15 mil cruzados de dívida, o que equivale a mais de duzentos mil cruzeiros na moeda atual, isto durante os sete anos em que cuidou dos negócios da casa paterna.

Nesse meio tempo, contraiu nupcias com a paulistana dona Eufrasia de Castro Lomba, que, mais tarde, transformou seu nome, porque era muito religiosa, em Maria Eufrasia de Santa Quitéria. Era ela ligada às melhores famílias da Capitania.

Um belo dia, Pedro Taques resolveu, em má hora, velejar para Lisboa. Começaria, desde então, a maré de desventura que o iria vergastar.

Ali chegou em julho de 1755. Cinco meses depois, no dia de Todos os Santos, Lisboa era abalada por tremendo terremoto. Como morasse no Bairro Alto, o recanto aristocrático da cidade, onde se instalara com o maior conforto, padecia rudemente, pois este foi o ponto mais atingido pela catástrofe. A casa em que morava caiu, "reduzindo-se a cinzas todos os móveis que dela havia, sem escapar nem ainda o dinheiro, que também se consumiu debaixo das mesmas ruínas daquela morada". Perdeu, principalmente, e com grande dor de alma, a enorme papelada que trazia consigo, com o maior carinho, referente em gran-

de parte à "Nobiliarquia Paulistana".

Assistiu o cronista, conta-nos Afonso de E. Taunay, às cenas indescritíveis de 1.º de novembro, aos horrores do maremoto, consequente do terremoto, ao pânico da população lisboeta, tão cruelmente provada pelo cataclisma e fácil presa dos bandos de sicários, ladrões e esturpadores que se espalharam pela cidade, cometendo hediondos crimes.

Refugiou-se em casa da rica viúva, dona Inês Pires Monteiro, sua prima, que o acolheu prazerosamente, cumulando-o das maiores gentilezas. Foi, nesse interim, Pedro Taques atacado de pertinaz molestia: um "defluxo hepático", que o martirizou durante longos oito meses de cama.

Quando Taques deixou Lisboa, rumo ao Brasil, trazia a nomeação

de tesoureiro da Bula da Cruzada, um emprego remunerador, e por isso muito ambicionado. Para tal teve que apresentar dois fiadores idôneos.

DOIS CASAMENTOS E UMA AMANTE...

De repente, mal chegara Pedro Taques ao Rio de Janeiro, e eis que desastrosa notícia lhe vinha de São Paulo: a mulher estava passando muito mal! Partiu a toda a pressa e, devido às dificuldades de transportes e comunicações, quando aqui desembarcou já estava a esposa morta e enterrada "debaixo do arco da capela dos Terceiros de S. Francisco". Ficava assim o linhagista viúvo com três filhos e duas filhas. O mais velho tinha 10 anos apenas.

Feito o inventário, sua fortuna atingia a importância de 1:011\$732, que, em comparação com o valor aquisitivo de hoje, representaria cerca de 40 mil cruzeiros.

Taunay fala-nos nos bens deixados e que foram estes: dezoito escravos, dos quais dois fugidos e cinco menores; pares de brincos, cordões, fios de contas, uma Senhora da Conceição, de ouro, seis colheres e garfos de prata, uma saia de gorgorão preto, um manto e uma camisa de cambraia... Além disso, várias dívidas: medicamentos ao padre boticário do Colégio e a conta do cirurgião que a medicara.

Devido às suas precárias finanças, achou melhor mandar os filhos menores para a casa de sua mãe e irmãs.

Mal eram passados quatro anos, e nova figura feminina surgia no caminho do genealogista. Numa viagem ao Rio, encontrou-a. Chamava-se Ana Felizarda Xavier da Silva. Aqueles amores foram rápidos. A 1.º de maio de 1761, voltava casado pela segunda vez a São Paulo, onde fixava residência. Assim como foram rápidas as nupcias, pouco duradoura foi aquela união. A 25 de dezembro do ano seguinte, falecia inesperadamente dona Ana, em consequência do primeiro parto: "a criança se lhe tirara morta aos pedaços".

Foi, durante a sua viuvez, que Pedro Taques, à procura de um carinho, reencontrou sua velha conhecida de infância, a formosa viúva Maria Angela Eufrasia da Silva, oito anos mais moça do que ele, no fulgor dos seus quarenta anos, e que, apesar de dez maternidades, trazia no rosto "apreciáveis reminiscências estéticas, que ao terno coração do linhagista — tão apreciador dos "belos rostos, claros e juízos e excelentes advertências" — seduziram".

Taunay assevera-nos que Taques, pelos seus escritos, sempre revelou "pendor acentuado pelo cultivo do belo sexo, apesar do tom gravibundo que lhe impunha a sizudez dos tempos. E era hereditário, este pendor, pois, segundo uma inscrição do biógrafo do padre Belchior de Pontes, seu pai fora esposo bastante infiel, obrigando dona Leonor de Siqueira a recorrer aos conselhos do asceta para que lhe fossem restituídos os afetos conjugais. E na época era comum, segundo o mesmo autor, a má conduta dos homens casados. Viviam numerosas mulheres "desconsoladas, ou porque os maridos asperos por natureza, as mortificavam, ou porque as ocasiões em que se achavam enlaçados, de tal forma lhes roubavam os afetos que só punham os olhos em suas consortes como fiscais dos seus vícios".

A bela viúva, que empolgara e

satisfizera os devaneios de Pedro Taques, vivia metida em brigas judiciais com Deus e todo o mundo, recorreu aos préstimos do amante: pediu-lhe emprestada a quantia de 757\$640. Depois, Taques lhe deu, ainda por empréstimo,

mais outras importâncias para identico fim. Aquilo foi subindo e chegou a 1:906\$750! Bem vultosa para a epoca tal divida. E onde arranjar tal dinheiro o linhagista, se tão precarias eram suas finanças... Onde? É o que se viria a saber, em pouco tempo.

UM DESFALQUE NA TESOURARIA

Grande foi o pasmo dos paulistanos em geral quando souberam daquela noticia bem espaventosa: Pedro Taques dera um desfalque na Tesouraria da Bula da Cruzada, da qual era o responsavel! Logo se ficou sabendo de tudo. A coisa tinha um sabor de escandalo — e que escandalo! Coisa verdadeiramente beliscante.

O comissario da Bula, o arcediogo Mateus Lourenço de Carvalho, consultara antes a respeito ao capito general e ao ouvidor da comarca, e ambos foram de opinião que Pedro Taques devia ser suspenso das funções. Imediatamente foi feito rigoroso exame na contabilidade e apurado um alcance de 13:426\$886, o que representaria hoje, na opinião de Taunay, quatro ou cinco centenas de milhares de cruzeiros!

Em consequencia, os fiadores foram intimados a cobrir o desfalque, enquanto o acusado protestava a sua inocencia e garantia que a sua arrecadação estava em perfeita ordem, solicitando apenas que lhe dessem prazo para cobri-lo.

O comentario continuava maligno, Paulicéia afora. E todos, sem exceção, sabiam que a causadora, em parte, daquilo tudo fora a viuva Maria Angela, a quem emprestara varias parcelas, para ajudá-la, e que ao final, nada lhe restituiu.

O arcediogo, enquanto rolava o processo, solicitou que fosse o facto comunicado às capitánias vizinhas — Goiás e Mato Grosso — as quais obedeciam à jurisdição do deposedo tesoureiro-mor, e lá seguiu o officio nestes termos:

"Ilmo. e exmo. sr.

"Do comissario da Bula da Santa Cruzada desta Capitania vai, para essa, que v. excia. governa, um Precatorio para efeito de se cobrarem todos os dinheiros que das Tesourarias particulares se deverem a esta Tesouraria Geral, e rogo a v. excia. que por serviço de S. Magestade e por caridade queira favorecer a esta cobrança, não só pelo zelo com v. excia. se emprega na boa arrecadação das reais rendas, mas porque, tendo o tesoureiro actual, Pedro Taques de Almeida Paes Leme, dissipado todos os dinheiros pertencentes à mesma Bula, ficam inteiramente perdidas cinco ou seis familias daqueles que o fiaram, e para que o alcance não seja tão avultado como se supõem, se espera muito do patrocínio e autoridade de v. excia. a favor do sobreredito Precatorio, para que se lhe dê com brevidade a sua inteira execução e se remetam para esta Tesouraria os dinheiros que se arrematem aos seus fiadores todos os seus bens. Deus guarde a v. excia. — S. Paulo, 27 de janeiro de 1769".

O TERCEIRO CASAMENTO

Não houve outro jeito senão levar a efeito o sequestro dos bens

dos fiadores e do acusado, para cobrir o desfalque. O proprio Taques conta-nos como foi:

"Cumpridos estes sequestros, se passou segunda precatória incontinente para os meus bens serem arrematados em praça publica, arderam como em fogueira, que por isso sendo eles tantos e de tal natureza, como se vê dos autos do sequestro, não renderam nem a decima parte do seu valor. Todo este dinheiro se pôs em deposito, indo também as barras de ouro que eu

entreguei e a remessa que fez o ouvidor de Goiás e tudo importa em 3.940\$549".

Viuvo desde 1762, decepcionado com a aventura infeliz com a desmiolada viuva Maria Angela, o desventurado Pedro Taques pensou num terceiro casamento. E' bem verdade que já contava ele 50 e poucos anos de idade. Considerava-se forte e rijo, entretanto.

Como sucede, geralmente, nesses casos, em homens de sua idade, "em avelhantados viuvos e solteiros: agadar-se, apaixonar-se por uma rapariga na primeira mocidade", o mesmo aconteceu ao velho Pedro Taques. Apaixonou-se também perdidamente por uma moçoila que tinha idade de ser neta. Não chegara a meninota à casa dos 20 anos. Chamava-se Inácia Maria da Anunciação e Silva e era filha de uma viuva muito falada, de quem se contavam coisas muito pouco recomendáveis...

A familia do grande genealogista, como se pode prever, opôs-se tenazmente a tão desigual união. Além dessa desigualdade tão flagrante, sendo ele quase quarenta anos mais velho do que a futura esposa, existia ainda a má fama de que gozava a mãe da moça, que tinha sido obrigada a comparecer no juizo eclesiastico porque, desde a morte do marido, vivia irregularmente com um primo carnal, "habitando a mesma casa, com perene escandalo da vizinhança, apresentavam-se juntos em publico, constantemente; tinham até assistido à festa de N. S. da Conceição de Araçiguama, fazendo-se passar nesta localidade por casados..." Acontecera ainda facto policial bem escandaloso: por causa da tal dona Apolonia o primo recebera uma punhalada!

Nada disso, porem, demoveu as intenções do apaixonado Pedro Taques de consorciar-se com a jovem Inácia. A familia do linhagista não se deu por achada. Criou um empecilho, que lhe pareceu que podia dar certo. "Alegou que da. Inácia, no Rio de Janeiro, fora noiva de um official português da primeira linha, certo ajudante Manuel da Cunha Gamito, de quem ainda não obtivera recibo do desquite de esponsais."

Foi expedida uma precatória para Iguape, onde se encontrava o rapaz. A resposta que veio foi desconcertante. O tal official respondeu isto: "que nunca vira, nem conhecera a dita Inácia; e sendo assim, como poderia prometer casamento a pessoa que nunca vira, nem conhecera, e menos ainda ouvira nomear? Podia, portanto, a dita senhora casar-se com quem quisesse, que tinha a sua vontade livre".

O vigario geral, todavia, mancomunado naturalmente com a familia Taques, entrou a fazer mil e uma outras exigencias: "que se fizessem correr proclamas nas quatro igrejas paroquiais do Rio de Janeiro, durante quatro domingos, para evitar escandalo". A noivi-

nha compareceu, depois disso, à presença do vigario capitular de S. Paulo e queixou-se: "recejava violencias por parte da familia do noivo; maiormente o poderem os parentes do supliciado fazer-lhe algum mal, pela má vontade à supplicante. E alegava que já sua mãe fora, em certa ocasião, publicamente desacatada nos Quatro Cantos, a mandado dos Taques".

UM MATRIMONIO DESIGUAL QUE DEU CERTO

Esgotados todos os recursos legais, após tantas peripecias, não houve outro recurso senão ceder ao desejo do velho Taques e da menina Inácia. Assim é que a 6 de julho de 1769, realizava o Cura da Sé, dr. Gaspar de Sousa Leal, o tão combatido casamento. O noivo não compareceu ao ato, no qual foi representado por seu amigo intimo, o alferes Francisco Antonio de Sá, a quem passou procuração.

Não foi esse um casamento por interesse, senão vejamos. O velho Taques estava "reduzido à miséria e ao desespero, alquebrado, enfermo, vivendo sob a mais pungente opressão moral e financeira, quicá na iminencia de infamante condenação". A jovem Inácia não ignorava nada disto. Ela o amava desinteressadamente, no fulgor dos seus 19 anos. Do contrario, não haveria de explicar-se a sua coragem, a sua dedicação, entregando-se de corpo e alma àquele amor outonico, na perspectiva de um futuro dos menos risonhos e promissores, com um homem sem elra nem beira, falido, tendo apenas a seu favor o grande talento de historiador. E nada mais, na ocasião.

Casando-se pela terceira vez, em idade tão avançada, piores se tornaram, em consequencia, bem piores, as tristes condições de vida do pobre Pedro Taques. Os credores continuavam-lhe no encalço. Exigiam-lhe o pagamento da divida de seiscentos e tantos cruzeiros, e ele não tinha vintem para pagar-lhes.

Enquanto isso, de matrimonio tão desigual, vieram para a vida quatro lindas meninas: Catarina Angelica, Ana Leonor, Matilde Aurelia e Rita Marcelina. Ao mesmo tempo, como numa descompensação, morriam-lhe os dois unicos filhos homens: "moços, robustos, no viço dos vinte anos".

Tal era a miséria na casa do velho Taques, que nem dinheiro existia para enterro do filho, conforme se depreende do seguinte bilhete, rascunhado a um amigo:

"Meu muito venerando sr. compadre Agostinho Delgado Arouche. Depois que o amor, a compaixão de V. Mercê se dignou segurar-me que de algumas patacas do seu gosto valeria a minha aflicção quando foi da morte do meu prezado Balduino, assentei comigo pagar breve esse empréstimo e que se me assiste fiado para o caixão, visto que para a cera me tinha já socorrido o M. R. Con. Faustino Xavier. Agora pedem o mercador José Antonio Rodrigues e Domingos Fernandes Lima o que lhes devo: falta-me para ajustar a conta dez patacas, e fico sem real para amanhã mandar ao açougue, até que os negros venham no fim de maio, com o que der a cata, que agora principiam a abrir, porem V. Mercê dará o pão pela sua oculta Providencia. Socorra-me V. Mercê com 3.200; e fique esta para lembrança de que lhe há de pagar quem é de V. Mercê, Com-

padre muito obrigado e particular amigo PEDRO TAQUES. Casa, em 23 de abril de 1773".

UMA VIUVA MOÇA COMO POUCAS

As dez patacas foram emprestadas no mesmo dia. A melancolia do historiador continuava, porém, cada dia pior. As vezes, tinha vontade de queimar toda a enorme papelada da genealogia paulistana, que vinha escrevendo há que tempo, por achá-la inútil. "Por minha morte não de ter os rapazes, nas noites de São João, papel para traques, se antes disto não produzirem as melancolias da minha pobre vida a resolução de reduzir tudo a cinzas, desenganando assim aos meus inimigos que eu mesmo reconheço que meus escritos são mais dignos de fogo que de luz".

Empreendeu, apesar de tudo, com imensos sacrifícios, mais uma viagem a Lisboa. Ia tentar, perante o marquês de Pombal, a concessão de um subsídio para pagamento de suas dívidas. E assim mesmo paraltico, "deixando a mulher, já com 24 anos, os quatro filhinhos, a filha moça por casar, as irmãs velhas solteironas, o irmão, simples, infantil...", embarcou para Portugal, naquele julho de 1774. Ali sua saúde piorou bastante. Retornou, em fins de 1776, mais morto do que vivo, com a promessa muito vaga da concessão de 15 mil cruzados!

Penosíssima foi a viagem de volta. Quando aportou em Santos, sua travessia serra-acima, foi feita numa rede. E assim chegou em sua casa, que ficava na "rua que vai do Palácio para o Carmo e Tabatinguera, onde a família deixara". A mulher, os filhos, e o resto da parentela sofreram rudes dissabores e passaram até necessidades. Em fevereiro de 1777, sentindo-se tão mal, Pedro Taques resolveu elaborar o seu testamento. No documento de última vontade, não se encontra nem uma palavra aze-

da contra os seus inimigos. Pelo contrário: "Vejo-me nas portas da morte para não ocultar coisa alguma. Como católico, esperando a morte todas as horas pelo meu deplorável estado, perdoo aos que se empenharam a me insultar na honra e na fama".

Oito dias depois, a 3 de março daquele ano, entregava serenamente sua alma ao Criador, depois de existência tão atribulada. "Todo o seu funeral foi feito por esmola, até o mesmo habito da mortalha".

A jovem viuva do genealogista não desanimou: cuidou da educação das filhas e procurou pagar as dívidas do marido. "Pobre e a vi-

ver de suas costuras, então ajudada do amor de muitas pessoas caridosas, em sua viuvez, procedeu dona Inácia com toda a honestidade e decência, a honrar a memória do esposo ilustre, a quem tanto quisera e coerente com o seu passado, pois em companhia de seu marido vivera com estimação e gravidade".

Era voz corrente, naquele tempo, em São Paulo, que na casa do finado Pedro Taques havia escondidas muitas vultosas importâncias secretamente recebidas e com as quais chegara a comprar escravos. Como dona Inácia estivesse ausente no Rio, foram-lhe os bens sequestrados: "uma escrava de 16 anos, uma cadeira de telhadilha, com cortinas de algodão, meia dúzia de pratos e tigelas, uma panela e um contador de jacarandá". Quando ela voltou, compareceu perante o ouvidor e explicou tudo tão claramente, que lhe foi dado ganho de causa. Os autores da causa desistiram da demanda.

E assim foram-se acabando um por um, até que chegou a vez da viuva, que em 1795 faleceu. Faleceu pauperrima, sem herança, sem nada, pois todos os bens lhe tinham sido sequestrados pelo Comissário da Bula, "logo depois do falecimento do seu marido, ficando a viuva reduzida a total pobreza até a sua morte".

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.



Pedro Taques na cela de frei Gaspar. Reconstituição da cena executada sob a direção do sr. Afonso de E. Taunay

UMA FAMÍLIA PATRÍCIA

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

OS TAUNAY

I

Quando Le Breton, secretario perpetuo do Instituto de França, e famoso pelas guerrilhas que entreteve contra o predomínio da escola de J. Luis David, aceitou a incumbência, proposta pelo Marquez de Marialva, de accordo com Humboldt, de constituir a missão franceza, em satisfação á encomenda de D. João VI, por intermedio do seu Ministro Conde da Barca, longe estaria de suspeitar que, ao lado da influencia puramente artistica, destinada a academizar as vocações espontaneas dos seus futuros alumnos, outra mais perduravel pudesse desenvolver alguma das individualidade arroladas pela sua escolha perspicaz. Entre os demais, avantajava-se, pelo renome conquistado, Nicolas Antoine Taunay, que os desgostos politicos arremeteram para o Brasil, em circumstancias accordes com a transplantação da corte bragançina, que o chamara para o Novo Mundo.

Ao Principe Regente e ao sequito de 15.000 pessoas, que lhe imitaram o exemplo, as tropas de Junot não permittiram a continuação da vida ingloria, á sombra das instituições envelhecidas, em que se desfibrava a energia lusitana.

A travessia, pelo Atlantico, livre, oxygenou-lhe o cerebro, que se fez permeavel ás idéas renovadoras, desconhecidas no ambiente acanhado do absolutismo lisbonense.

Ainda que não fossem de sua iniciativa, poz em pratica resoluções de amplos objectivos, de character politico, esthetico, scientifico, e industrial, que lhe patentearam o descortino de benemerito organizador de um imperio. Pelos empreendimentos, creditou-se á gratidão brasileira, e não foi com prazer que se viu obrigado a tornar ao scenario das suas contrariedades doutora, que o fez perder de novo, com a alegria de viver, as ousadias governativas, experimentadas no vice-reino, onde por influxo das suas proprias inclinações, não teve duvida em instituir uma Escola de Sciencias, Artes e Officios.

Da missão que a devia orientar participara, pois, entre os primeiros, N. A. Taunay, que mal agourara das consequencias de Waterloo, e não desejava assistir aos funeraes de sua patria, que se lhe figuravam inevitavelmente proximos.

Não o tangia da Europa a ancia de libertar-se do jugo militar de um sargento, com que a invasão ameaçou o governo bragançino, mas o desconsolo de ver a impotencia, napoleonica, causada pela colligação dos vizinhos mais afortunados.

Não obstante já estabelecido na vida, acceitou, alvoroçado, a offerta de Le Breton, consoante a qual se dispoz a meter o oceano de perneio entre a sua França, ameaçada de espoliamento, pelo que lhe fantasiara o patriotismo vibratil e o paiz desconhecido, em cujo seio hospitaleiro iria esquecer as afflicções, que a punham rudemente.

Apressurado na fuga salvadora, quando já se ouvia approximar o estrupido apavorador da vanguarda inimiga, o Principe cortara, decidido, as amarras, que o prendiam ao throno secular dos seus avós, e deixou, acephalo, o povo lisboeta, que não ponde acompanhar-o na mudança. Partiu, de animo aba-

tido pelos successos, que iriam para sempre marear-lhe a fama de regente lusitano mas, ao sol brasileiro, transposto o Atlantico, recuperou a brava energia, com que firmou, no Brasil, a primeira declaração, reivindicatoria dos seus direitos. Transfigurou-se, varonilmente.

E os actos subsequentes, de represalias marciaes, de organização economica e intellectual do povo, que o acolhera carinhosamente, evidenciaram que do manto do inerte governante d'outrora, sempre irresoluto entre as imposições do imperialismo napoleonico e as ligações dynasticas e tradicionais com a Inglaterra, rompera um estadista capaz de compreender as extraordinarias possibilidades da grande colonia, que escolhera para sede segura do seu governo, enquanto a Europa se afogueasse nas batalhas carnicelhas, com que Bonaparte sangrava as monarchias desprezadoras da sua improvisada autoridade imperial.

Era outra personalidade, que surgia dos escombros do throno lusitano, robustecida pela energia da terra nova, que lhe penetrou o organismo.

Influencia, não equivalente, mas algo semelhante, experimentou N. A. Taunay, no exilio, a que se atirou para também não presenciar os soffrimentos da sua patria. Não o rodeava nenhuma corte numerosa, que bastasse para occupar uma flotilha de transportes, mas a familia, que o tinha como chefe querido, avultou-lhe a comitiva, cujo desembarque no port. carioca se iniciou em 26 de Fevereiro de 1816.

Acompanharam-no o irmão Augusto Maria Taunay, escultor, fadado a perecer fulminado, em attitude do pensador, os filhos Carlos, Hippolyto, Felix, Emilio, Theodoro e

Adriano, que lhe aproveitariam os ensinamentos de mestre de pintura.

Não dispunha de nenhum reino, que pudesse abandonar, indefeso, ao inimigo, mas possuia uma casa em Montmorency, que vendeu por tuta-e-meia, para se desligar materialmente dos laços de immoveis mais agarrativos.

Conservou, todavia, o titulo do Instituto de França, que lhe satisfazia a ambição de pintor, cuja fama se alicerçava em telas innumeradas, sem preferencia de genero.

Varios tentaram o seu pincel, antes que a mudança da vida lhe indicasse o motivo mais accorde com o seu temperamento artistico.

Angustiado no ambiente reaccionario de Paris, o Rio de 1816 deparou-lhe condições excellentes á plena expansão dos seus talentos. Fugindo ao centro urbano, que não lhe offerceria nenhuma das vantagens das grandes cidades europeas, pelas quaes passára, eri moço, o espirito curioso, da França á Italia, refugiou-se no recesso da mata, proximo á Cascatinha da Tijuca, onde pudesse admirar as magnificencias da natureza tropical, que lhe punha em vibração os sentidos acostumados aos panoramas europeus.

Ahi embebeu-se-lhe o espirito de harmonia, diversa da que lhe era familiar no velho mundo, com outras cores mais vivas e impressionantes e sons, que animavam a densa flores-

ta circumjacente.

Não precisaria afastar-se de casa para contemplar bizarros quadros naturaes, como jámais sonhára a sua fantasia, que os canones consagrados sofriam.

Egresso do ambiente constrictivo das academias, sentira-se outro, como se o libertassem da tyrannia artistica dos velhos mestres.

Rejuvenesceu-se-lhe a inspiração, a que as paizagens proporcionavam motivos empolgantes.

Fez-se paizagista, com a palheta enriquecida de tons brasileiros, que puzeram em reboliço os criticos parisienses, quando lhes expoz, aos collegas antigos, a prova da sua actividade esthetica, estimulada pelo que observava em torno de sua choupana.

Já não seria o melancolico exilado, que via a sua patria a rolar pela empinada ladeira do esphacelamento, mas um verdadeiro artista, enamorado da natureza, cujos primores forcejava por fixar em telas, que lhe augmentaram a nomeada.

A mesma paixão pantheista conseguiu transmittir aos seus mais proximos discipulos, um dos quaes lhe herdaria o titulo fidalgo, Felix Emilio, sobrevivendo ao mais moço, Adriano, que as aguas do Guaporé tragaram, em plena exuberancia de talento e mocidade, aos 5 de Janeiro de 1828.

E' de crer que não pretendesse deixar o refugio bucolico, onde continuava, feito chefe acatado da tribu artistica, se não a desfalcasse inesperadamente, em 1824, o colapso que lhe arrebatou o irmão Augusto.

Sumiu-lhe, ao golpe fatal, a costumeira alegria. Afigurou-se-lhe demasiado o martyrio de permanecer no mesmo sitio, que só lhe trazia á memoria reminiscencias do suave convívio fraternal.

E, para fugir ao soffrimento, que a delicada sensibilidade sobremaneira aguçava, tornou de regresso á terra natal, que já havia transposto a phase critica de adaptação ao novo regime.

Mas, ainda ahí, segundo o exemplo de D. João VI, que legou ao novo paiz descendentes capazes de propagar-lhe a nomeada, honrando-lhe a memoria, tambem o emigrado, ao retirar-se, malferido pelo golpe fatal, deixou na terra opulenta, que o maravilhára com os seus encantos naturaes, desconhecidos á arte europea, a progenie illustré, que viria dignificar-lhe o nome por mais de uma centuria até os dias da actualidade.

Da missão organizada por Le Breton, nenhum se aquinhoou, como o primeiro barão de Taunay, com o privilegio de perpetuar-se, pela descendencia, tanto quanto pelas obras, no galarim da fama, a que se elevaram o filho, Felix Taunay, pintor, como o pae, director da Escola de Bellas Artes, e preceptor de Pedro II, o neto Alfredo de E. Taunay, mais tarde afidalgado com o titulo de visconde, e o bisneto Affonso de E. Taunay, que veio revelar os seus talentos já na vigencia da Republica.

Outros, ainda que não inferiores em merecimento, apenas se distinguiram pelas contribuições, com que se tornaram colaboradores do progresso artistico do Brasil, a que serviu Grandjean de Montigny, architecto de nome gravado em varios edificios e empreendimentos curiosos, J. B. Debret, o pintor de historia, que nos legou, em seu trabalho classico *Voyage pittoresque et historique au Brésil* (1834), as feições do Rio do seu tempo;

Pradier, iniciador aqui do ensino da gravura; além dos companheiros, incumbidos de artes diversas.

Taunay, porém, immediato de Le Breton, singularizou-se entre os demais collegas pela transplantação, feita por sua iniciativa, da familia de artistas, que deitou vergontees no solo brasileiro, onde medrou, com viço, como quem encontrasse *habitat* mais propicio á expansão racial.

Os primeiros rebentos ainda conservam a mentalidade européa, bem que alterada pela reacção do novo ambiente, de tal maneira accentuada, que até o patriarcha experimenta o influxo modificador, patente em suas paizagens, mais coloridas, mais quentes, mais vivas, depois que estanciou na Tijuca.

O filho mais moço, Adriano, apenas esboça o que seria, se a fatalidade não lhe atalhasse a vida, nas extremas occidentaes do Brasil, cujo territorio ansiou por esquadriñar e surpreender nas suas belezas ineditas.

Quando era ainda fatigante a simples viagem de Cascatinha ao Centro urbano, aventurou-se a participar dos perigos da Comissão Langsdorff, que o tomara, instante, para seu d'senhista, mercê da habilidade que revelara nos desenhos scientificos da expedição Freycinet.

E, feito sertanista destemeroso, investiu por S. Paulo e Ti'té, enveggou pelo Rio Parão até Camapuã, cruzou o divisor de aguas desceu pelo Taquary, transmontou o Paraguay e tributarios até Cuiabá, onde teria debuxado um retrato de Pedro I, que se extraviou.

Musicista, pintor, poeta, alegrava, com a sua presença, e maneiras gentis, as reuniões a que comparecia.

Naturalizava-se, pelo trato ameno, cidação dos lugares onde estanciasse, com a mais aguda curiosidade e sympathia, reacçada pela bella presença de joven candidato á immortalidade.

Posto se expressasse, de preferencia, no idioma dos seus paes, a sensibilidade aproximava-o, todavia, da terra adoptiva.

Vede-lhe, por exemplo, a derradeira carta, escripta 15 dias antes do desastre, do velho palacio dos capitães generaes, de Villa Bella, abandonado depois que se mudou a capital da Provincia para Cuiabá.

"Nous sommes logés, Riedel et moi, en attendant qu'une maison qui nous est destinée se trouve vide dans des salles, qui font partie de l'enceinte du palais. Une des portes ouvre sur la cour et c'est par là que je suis entré par l'intérieur."

Rien n'était ouvert; il existait une odeur de renfermé, qui jointe à l'obscurité produisait une sensation tout à fait singulière et poétique, celle de l'héritier qui vient prendre possession de la demeure de ses aïeux."

Só herdeiros, enlaçados pela identidade natural do parentesco, sentem sympathia pelas tradições dos antepassados e velharias, entre as quaes viveram nos dias de esplendor.

Os bemnecarios da ultima hora, quando lhes aproveite algum legado, só tem sentidos para apreender-o e conduzir para longe das paragens entristecidas pelo despovoamento.

Neste lance, Adriano evidenciou quanto lhe tocavam a alma as peculiaridades da provincia rainha, entre cujos admiradores o excerpto da carta nos habilita a incluí-lo.

A imagem, destinada a occultar-se no archivo do destinatario fraterno com voz do além tumulo, ouvida, quando havia muito

sumira na sepultura, a mente que a gerára, vale por expressiva confissão acaso imposta pelo subconsciente.

Da família predestinada, não foi, porém, somente Adriano — o mancebo tragicamente eliminado, no rio mysterioso, do concurso á gloria — que diante das antiguidades, reveladeras do passado fastig'io da primeira Capital da Capitania de Mato Grosso, experimentou impressão a dos descendentes daquela gente, que soube dilatar a base physica do paiz até as aguas guaporeanas.

O mesmo sentimento de quinhoeiro no legado das tradições nacionaes, levou o seu irmão Hippolito, já em Paris, para onde volveu, com o paé, a collaborar com F. Denis em *Le Brésil, e Notice historique et explication du panorama de Rio de Janeiro*, além das telas impregnadas de scenas e quadros do Novo Mundo.

Maior ainda se verificou a afeição do outro irmão, Felix Emilio, continuador do paé na mestrança e que não mais deixou o Brasil. Ao cabo de longa existência, consagrada á pintura e á Academia de Bellas Artes, já se apresentava mais brasileiro do que francez pelas ideias e tendências. E como provar a perfeita identificação da família Taunay com a patria nova, lobrigada por Adriano, em lance de vidente, as seguintes gerações que lhe herdaram o sobrenome, trouxeram até o presente sô os pendores artisticos que lhe facilitaram a emigração ha mais de um seculo, como ainda crescente amor ás tradições e fastos da terra brasileira e da sua gente. E' o que se tentará examinar nos artigos a seguir, em que se considerará, primeiramente, a personalidade do Visconde e após, a do seu filho, A. de Taunay, ambos definidos pelas suas obras literarias.

V. Corrêa Filho.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

a bagagem literaria, topará a cada passo com factos e coisas de Mato Grosso, que lhe constituem a parte mais relevante da sua aliás volumosa bibliographia.

Assim em qualidade, como ainda em quantidade.

No limiar dos sertões, quando apenas deixaram após si os povoados mineiros, onde a guerra não se tinha revelado pelas suas verdadeiras acções macabras, destruidoras de vidas e bemfeitorias, ainda se conservava o mesmo joven, bem comportado, cujas manieiras trahiam a fina educação, que mais se ajustaria a outros ambientes estranhos á rudeza da actividade militar naquellas circumstancias.

Nutrição escassa e humidade em excesso geraram morbos aniquilladores, sem respeitar patentes, nem galões.

E a columna, que deveria enfrentar os audazes invasores do sul da Provincia, e expulsal-os para além do Apa linceiro, estacava, desfallecida, sem poder appproximar-se do campo de luta, como se já tivesse experimentado medonhos revezes.

Póde-se facilmente imaginar a acção de taes factores deprimentes no animo impressionavel do sonhador engenheiro, incumbido, com os collegas, de facilitar a marcha dos expedicionarias.

No desempenho de tal encargo, coube-lhe seguir, em companhia do Capitão Antonio Florencio Pereira do Lago, para reconhecer o terreno, e indicar o itinerario mais conveniente ao avanço até região menos insalubre.

A' margem do Rio Negro, chegara, agou-tado pelo temporal, em que parecia despejar-se todo o ceu, desfeito em aguaceiro, quando se lembrou da festiva data, que lhe recordava a dogura do viver d'outora no lar, onde se focalizavam em sua pessoa todos os carinhos e cuidados.

"Que tristeza se apoderou de mim ao pensar que fazia 23 annos naquella ermo, tão longe de todos, do mundo, dos meus, destinado, talvez, a morte bem proxima.

Puz-me a chorar silenciosamente, enquanto escrevia, a lapis, aquellas impressões de momento.

De que servia o trabalho insano que haviam tido meus extremos pães, dedicando-se exclusivamente a uma educação, que, por vezes, os encheria de doce ufania? (3)

Não seria o medo que lhe inspirava as reflexões, mais tarde postas em letras de forma, quando já ninguem lhe poderia attribuir semelhante fraqueza.

Mas o desencanto de ver a plique de malograrem-se os grandes sonhos, que alimentou em sua juventude radiosa.

A disillusão, naquellas paragens, engravescer-lhe-ia os padecimentos inevitaveis, so não o fustigasse a voz do chefe, em termos es-

timulantes de prompta reacção.

Deixe-se de asneiras, censurou-me elle com certa acrimonia. Seja homem; deixe-se de criançadas.

Que póde acontecer-lhe de peor? Morrer, não é?

Mas que tem que morra? Tanta gente não morre? Não é a coisa mais natural do mundo? Para que é que o Estado paga a você? Não é exactamente para ter o direito de lhe exigir a vida?

Pois, então? E' uma divida que contrahiu e divida de honra. Portanto, trate de salda-la, como homem de dignidade e deixe-se de lamurias. Morrer, no nosso caso, é obrigação restricta, a que não ha a fugir".

As suas obras primas — *A Retirada da Laguna*, narrativa de feitos militares, e a *Innocencia* idyllic caboclo, ahí estão para comprovar a influencia de Mato Grosso na inspiração do prosador.

E quanto ao numero, dos ensaios que deixou, publicados, ou ineditos, muitos versam materia matogrossense, exclusiva, ou em grande parte, como em *Mato Grosso Invasido* — *Marcha das forças* — *Dias de guerra e de sertão* — *cartas da campanha* — *A cidade de ouro e das ruínas* — *Visões do sertão* — *Ceos e terras do Brasil* — *Viagens doutrota* — *Bio-graphia de Leverger*.

Outros, embora consagrados a diferentes assumptos, de quando em quando, abrem as suas paginas á aragem provinciana, que lhes vem das collinas maracajuanas.

Assim, o capitulo XX dos *Trechos da Minha Vida*, o IV de *Homens e Cousas do Imperio* e, além de algumas passagens, a inesperada referencia, que se lê á pagina 60 da *Philologia e Critica*, livro em que não seria de esperar o nome de Mato Grosso e menos ainda o estudo de suas peculiaridades dialectaes tão escassamente conhecidas ao opinar acerca de *"O Portuguez de Portugal e o de Brasil"*.

Mato Grosso despertou-lhe a vocação literaria, e apurou-a, ennobrecedo-a, com os primores da realidade ignorada, como tambem occorrera com o avô, em cuja palheta de pintor sexagenario a natureza tropical despejára novas côres, de mais brilho e vida, que lhe distinguiram as paisagens do seu refugio na Tojuca.

A comparação de Taunay por assim dizer Mato Grossense com o outro, politico cidadão dos salões fidalgos, importará no reconhecimento do precioso auxilio com que a remota Provincia lhe contribuiu para a gloria, mais do que outro qualquer thema por ventura desenvolvido pela sua arguta intelligencia.

E' o que se verá, por miúdo, nos capitulos e seguir.

V. Corrêa Filho.

3) — V. de Taunay — Em Mato Grosso Invalido.

Celso Maria de Mello Pupo
Rua Barreto Leme, 2449
13.020 - Campinas - SP

UMA FAMÍLIA PATRÍCIA

OS TAUNAY

III

Mato Grosso, em verdade, valeu, para Taunay, como o estalo miraculoso da cabeça a que a lenda atribuiu a trajetória luminosa de Vieira.

Antes de palmilhar os rincões matogrossenses, apenas seria um adolescente bem apessoado, cuja cultura mental como que vagueava à procura de assumpto condigno.

Tactava pela encruzilhada enganadora da glória, que lhe satisfizesse a validade innata, sem atinar com o caminho mais certo.

Final, desvendou-se-lhe o mysterio, graças aos scenarios empolgantes naquellas paragens, que se dilatam além do Paraná, pelo planalto de formação antiga e declinam até os pantanaes, onde se processa aos olhos contemporaneos a moldagem do terreno trabalhado incessantemente pelos agentes naturaes, que lhe remodelam as feições, de anno para anno, ou de alagação para alagação, e a tragedia da vida humana, então combatida não só pelos elementos que adversam os desbravadores dos sertões, mas ainda pelo inimigo impiedoso, que invadira a provincia, e lhe talara os campos destruíra as sementeiras, ensaguentara os povoados, e os ermara ao tropel da cavallaria de Urbietá.

Para expulsal-o, aprestou-se imponente expedição, cuja marcha aventureira poz de manifesto o contraste da superioridade notavel dos individuos, que a constituíam, e a carencia lamentavel de recursos de toda ordem, que lhes reduziam a efficiencia.

Serviços de abastecimento regular por longas semanas falharam, deixando á mercê de expedientes de occasião os milhares de combatentes, que ardiam por enterreirar o provocador distante, e viam-se impedidos pelo cerco das aguas, no acampamento de Coxim, e pelas doenças fataes em outros sitios, de onde não avançavam, á mingua dos mais simples meios de acção.

"A 17 de Dezembro de 1865 as forças expedicionarias acamparam no lugar denominado Bellago, ou mais vulgarmente Coxim..."

"Na verdade perto de tres mil homens se achavam insulados num ponto firme, cercado a S. e N. por pantanaes intransitaveis, a L. por extensos arcaes de penoso transito, ficando-lhe a O. um territorio immenso e inculto, que se entende ao longo das margens do rio Paraguay (1)."

Em desesperado arranco, para se libertarem do inglorio fim ameaçador, coube á commissão de engenheiros facilitar a travessia do Rio Negro, por adequado processo, em condições taes, que inspiraram ao mais graduado dos seus officiaes, as observações enviadas ao Commandante Geral.

"Chamo a attenção de V. S. para a ferra-menta com que aqui trabalhamos: sem uma enxada curva, com poucos machados, mesmo na deficiencia de outros meios, são empregadas as picaretas."

"Das praças que aqui tenho, muitas são doentes, uma d'ellas moribunda, não temos recursos medicos, além das pilulas que me foram

adadas, e que com consciencia não posso saber como e quando devem ser applicadas".

Quanto ao fornecimento de viveres, ainda mais grave se revelava a situação.

"Neste tempo achava-se a columna a braços com as mais atrozes necessidades. A carne faltava de todo, e os soldados quasi que exclusivamente se sustentavam da fructa do jatobá e de outras arvores silvestres. (2)"

Tal o espectaculo, de que participou, como personagem de primeira ordem, o guapo alferes, que inesperadamente se viu envolvido no horrivel drama, que constituiu a famosa expedição á fronteira meridional do Mato Grosso.

A increpação do Capitão Lago, pela rudeza das suas expressões, produziu o almejado effeito, pois que o official chorão soube dahi por diante suffocar as suas lagrimas, e proceder como digno descendente dos bravos Beaurepaire.

Verificou-se o despertar da energia hereditaria, que a educação acaso preciosa em demasia havia desviado para outras finalidades, mais pacificas.

Mas a transfiguração do maneiroso frequentador de salões elegantes em lutador destemeroso não seria tamanha que o tornasse insensível ás maravilhas naturaes das paragens, por onde passeasse os olhos educados na apreciação do bello artistico, e muito menos aos soffrimentos que lhe deram a impressão tragica da realidade.

Avultou-lhe, então, a personalidade, com a experiencia propria da vida, adquirida em poucos mezes, no decurso dos quaes se enriqueceu de impressões, idéas, e sentimentos, que se fizeram preponderantes em toda a sua existencia.

Sem o pretender, e talvez contra a sua vontade, Taunay naturalizou-se matogrossense, não para gosar os problemáticos direitos de qualquer filho daquela Provincia, embebida e martyrisada, mais do que nenhuma outra, pelas devastações da guerra, mas para lhe estudar as condições dramaticas naquella quinquennio sinistro, a trabalhosa occupação, pelo homem, da região sulina, e, afinal participar das alegrias, perigos e tristezas, que lhe rodavam em torno.

Como esponja, cuja porosidade as circumstancias augmentassem, do mesmo passo que lhes fortalecia a capacidade fixadora, o subconsciente embebeu-se-lhe de ambiente Matogrossense, e o reteve, de tal maneira que o phenomeno resalta á vista do mais descuidado observador.

Quem lhe considera, ainda que pela rama,

(1) A. de Taunay — Relatório Commentado da Comissão de Engenheiros.

(2) — A. de Taunay — Relatório.

OS TAUNAY

IV

UMA FAMILIA PATRICIA

ARQUIVO
Celso Maria de Mello
Campinas - SP.

ão deixar a Corte, onde a vida lhe correria suave e mimosa, como de um pupilo da fortuna, para investir contra o desconhecido, no início de uma carreira, que se arraiava de radiosas esperanças, teria Taunay presenciado as mortificações, angustias, e perigos de varia espécie, com que a "Expedição a Mato Grosso" lhe poria á prova as qualidades raciaes (1)?

Ainda que não os pudesse prever, é certo que a consciencia do dever o impelliria para o posto, que lhe competisse, fossem, ou não, verdadeiras as prophcias optimistas dos mais experientes.

Bem me lembro que, annunciando a um velho e autorizado militar, conhecedor do Paraguay — verdade é, uns 20 annos atraz — a minha partida para Mato Grosso, como membro da commissão de engenheiros daquella malfadada expedição, um tanto impressionado com as enormes distancias a percorrer e a falta de recursos em todos esses sertões, observou-me elle: "Antes de vocês chegarem a meio caminho, já estará a guerra terminada" (2).

Pouco mais seria, pois, que uma vistosa passeiata militar, alongada por centenas de leguas, é certo, mas, em compensação, golpeada de aventuras inesquecíveis, através das paragens que raros viajantes devassaram.

E por ser assim, na sua bagagem de expedicionario recolheu, ao lado dos provaveis apetrechos bellicos, por lembrança do velho pintor, cuja ambição de pae queria vel-o utilizar-se da sua habilitade no desenho, um album, em cujas brancas folhas deveria fixar paizagens e curiosidades, observadas em marcha.

Não se distinguiria o lutador, que iria sentir de perto os horrores da guerra, do curioso excursionista, que vara os sertões, como o fizera o seu inditoso tio Adriano, apenas para lhe surpreender os encantos ignorados, e copial-os em quadros, que lhe dessem nomeada.

Que me importava, porem dinheiro?

O meu objectivo era a gloria, gloria em todos os sentidos, militar, literaria!... Pensava, então poder subir, subir muito, tornando-me conhecido em todo o Brasil". (3)

1) — No artigo anterior, a paginação alterou a ordem de varios periodos, e consequentemente, a successão dos conceitos.

Todavia, parece que, ainda assim, não prejudicou a idéa principal do escripto, pois mereceu cabal confirmação do Dr. Affonso de Taunay, o mais autorizado interprete dos sentimentos do Visconde, cuja mentalidade se imprégnou fortemente de Mato Grosso.

Em apoio do que a proposito affirmamos, citou-nos tambem as NARRATIVAS MILITARES como aliás, ainda poderia mencionar outras obras, em que se reflectem as paizagens matogrossenses.

Difficil é justamente descobrir alguma, em que o autor não tenha deixado escapar nenhuma referencia á Provincia, onde se lhe afluorou a individualidade, ao calor das refregas marciaes, e das attribulações que lhe deu a tempera dos heroes.

Até ao versar assumptos de arte, para explicar o surto genial de Raphael, após a noite medieval, feito o desponstar de um dia glorioso, annunciado pelo o rosicler promissor, que arraija de luz suave, gradativamente mais viva, os horizontes dos sertões brasileiros, embora não o diga, pôde se affirmar sem receio que tinha, então, na memoria, para modelo, um dos espectaculos do desmaio do crepusculo matutino em Mato Grosso.

Tão forte se lhe manifestou a impregnação matogrossense, que o douto missivista, com piedade filial, nos lembrou uma das manifestações derradeiras, quando o Visconde soffreu a intervenção cirurgica, em que debalde procurou allivio aos seus padecimentos.

Durante a operação, julgou-se transportado ás paragens do Aquidauana, cujos encantos o empolgaram, ainda uma vez. Era a victoriado subconsciente, que, no senho narcotico, rompia as prisões, para proclamar a efficiencia da terra matogrossense na formação mental do suave paizagista da penna.

2) — Visconde de Taunay — Cartas da Campanha.

3) Visconde de Taunay — Recordações da Guerra e de Viagem.

Confessada por elle proprio, constituiu a ambição de gloria a força indomavel que levou Taunay não somente ao Sul de Matto Grosso, como ás Cordilheiras do Paraguay, e a todos os postos em que revelou a mesma ancia de engrandecer-se no conceito dos contemporaneos e da posteridade.

Para alcançá-la, ingressou na columna que seguiu de S. Paulo com o fim de libertar dos invasores grande parte da Provincia de Matto Grosso.

INVESTIDA IMPRUDENTE

Não iremos recordar os desfallecimentos e falhas da marcha morosa, com que se arrastou a expedição, cuja commissão de engenheiros partiu desta Capital, a 1º de Abril de 65, levando, feito seu elemento mais moderno, o 2º tenente de artilharia, predestinado a immortalizá-la.

Ronceou pelos sertões interjacentes, zigzagueando ao som das ordens, modificadoras de rumo, até que, ao findar o anno, alcançou Coxim, onde lhe começaram as afflicções e padecimentos.

Já palmilhára, pela estimativa dos seus engenheiros, 264 leguas, ou cerca de 1742 kilometros, que se distendiam, de Santos por S. Paulo, Campinas, Casa Branca, Franca, Uberaba, Sta. Rita do Paranahyba, Abobora, e Taquary.

Ali, avolumou-se com o contingente goyano, que lhe augmentava o numero de condemnados á fome, pela difficuldade insuperavel de fornecimento regular de viveres.

Em torno, o deserto, que a isolava dos centros possiveis de abastecimento.

Em frente, para o Sul, as taperas de antigas fazendas, arruinadas pelos invasores, que lhes rondavam pelas circumvisinhanças, em algaras perigosas.

Cumpria-lhe expulsal-os, a todo o transe.

Como, porém, fazel-o, quando a tropa se enfraquecia, á meia razão, e os pantanaes, peçados pelos aguaceiros diluvianos, e pelo transbordamento das aguas do Taquary, Rio Negro, Taboco, confundidas na planura immensa, lembravam, pela amplidão da area coberta, a lendaria lagôa dos Xarayés, da cartographia setecentista?

Para transpol-a, havia mister de embarcações apropriadas, que lhe faltavam, ou de animaes resistentes, que, levassem os vehicujos e cargas pelas lombadas das cordilheiras, e monchões mais firmes, dispersos pela baixada.

A peste de cadeiras, porem, desfalcára os rebanhos, antes que os paraguayos arrebanhassem os sobreviventes, acaso encontrados em suas algáras.

Neste estado penoso, a força expedicionaria achou-se dentro em pouco a braços com a mais completa mingua. Reduzida por espaço de mais de mez e meio á simples carne verde, e essa mesma de pessima qualidade, com carencia de sal, muitas vezes lhe faltou aquella alimentação exclusiva, que deu em resultado a apparição e desenvolvimento de varias molestias (4)

Primeiro que lhe visse qualquer indício de

aproximação, a columna padecia tormentos, como se já a constringisse o cerco inexorável do inimigo.

Urgia, pois, afastar-se do sítio, onde ingloriamente esmorecia, sem esperanças de melhorar.

Afinal, esclarecida pelos engenheiros, investiu para diante, rumo ao Rio Negro, onde lhe succumbiu o commandante, brigadeiro José Antonio da Fonseca Galvão, e Taboco, termo da jornada do 1º Tenente Chicorro da Gama, conceituado como o bacharel mais distincto da commissão de engenheiros.

(4) Visconde Taunay — Relatorio commentado.

Foi medonha esta travessia tendo as forças que vencer trechos longos de lama.

Muitas centenas de pessoas, mulheres, crianças carroceiros, camaradas e não poucos soldados morreram atolados no lodo, pois as fazinas de macega e ervas que se faziam para dar um fundo momentaneo a esses vales ou corixas de tijuco inconsistente só serviam para a passagem do estado maior e de alguns batalhões. (5)

Alcançada, ao Sul, a borda do terreno mais firme, prosegue até Miranda, onde o Coronel J. J. de Carvalho, seu novo chefe, a retem, com intenção de operar por agua, até Corumbá e Forte de Coimbra, como se dispuzesse de flotilha capaz de enfrentar os navios paraguayos, que policiavam o rio, de que se tinham assenhoreado.

A posição de Miranda não tem significação alguma sob o ponto de vista militar; Considerado quanto á razão sanitaria, o local é o peor possível, por isso que é foco de febres intermitentes e perigosas.

Debaixo, pois da influencia climaterica a que tem sido sujeita a expedição desde o Rio Negro, a epidemia ali adquirida e que já tantas victimas tem feito nas fileiras dos officiaes, recrudesce presentemente com grande intensidade, fallecendo della no primeiro mez de estadia quatro officiaes, e começando a atacar, com violencia a soldadesca, que se conservára até o presente mais ou menos preservada.

Já sob a direcção do Coronel Carlos de Moraes Camisão, que lhe assumiu o commando, ao ralar o anno de 67, avançou para Nioac, deixando pelo caminho mais de quatrocentos companheiros (6).

Em tais condicções de penuria, que se lhe reflectiam no moral, a tropa achava-se, a 25 de Fevereiro, em Nioac, a salvo do motho fatal, quando o commando resolveu levá-la aonde pudesse bater o inimigo, até então esquivo, ainda que fosse necessario transpôr a fronteira.

Curioso o conselho de guerra, de 23 de Março, que justificou a aventura militar do commandante.

Como official mais moderno da Commissão de Engenheiros, coube-me o desagradavel dever, de tomar a palavra em primeiro lugar, relembraria Taunay. Lealmente expuz todas as razões que contrariavam o passo a que pretendia o Coronel Camisão abalançar-se, decisaõ cujas consequencias nem sequer podiam ser calculadas, a menos que se não tomasse logo o objectivo de irremediavel desastre e destruição, proporcionando-se assim ao inimigo occasião de facéis triumphos e gloria. Era verdadeiro salto nas trevas o que se pretendia fazer.

Abundaram o Catão e o Eduardo Barbosa nas mesmas idéas, mas o Cantuaria, vivamente apoiado pelo Lago, começou a refutal-as,

apoiando-se na hypothese meramente fortuita de que a guerra já devia estar tocando ao fim.

Mas, objectou o Juvencio, que se mostrava muito attento a tudo, se não estiver? Devemos usar de prudencia não para nós mas por causa dos outros".

— Ora, observou o Lago com ironia, alras da prudencia costuma acocorar-se o medo!

Foi bastante para que o resultado da conferencia tomasse rumo totalmente outro do que todos esperavamos, nós, o Coronel Camisão e, em geral, a officialidade.

Trocaram-se palavras quasi asperas e retirei logo tudo quanto dissera...

Até o Juvencio (Tenente-Coronel) exclamou exaltado:

"Officie, Sr. Taunay, hoje mesmo ao Sr. Coronel Camisão, que toda a commissão acha possível e conveniente que sem demora marchem as forças para o Apá" (6).

Em seguida, exclamou como um homem que se vota ao sacrificio: "deixarei viuva e seis orphãos; mas elles herdarão um nome honrado".

Assim rompeu a decisão, aconselhada pelo capricho passageiro, e desprezo aos mais cotriqueiros dictames garantidores de exito.

E a avançada foi resolvida, sem que ninguém pudesse traçar-lhe objectivo efficiente, pois que os invasores se tinham recolhido ao seu territorio, além do rio lindeiro, de onde mal deitavam inculcas para conhecer a marcha da columna Camisão, que, sem maiores difficuldades, desalajou do forte de Bella Vista, e de Machorra, os destacamentos, que os guardavam.

A 21 de Abril, tremulava, enfim, na divisa, bafejada pela brisa, que vibrara aos sons do linguaajar guarany, desde o fatidico Dezembro de 64, a bandeira nacional, festivamente desaggravada dos ultrajes que soffrera, com a inesperada invasão.

Estava cumprida a missão principal da columna, que deveria reconquistar a região sulina de Matto Grosso.

Poderia regressar, triumphante, para a base de operações, de onde partira, como em rapida sortida.

Preferiu, porém, estacionar naquella ponto fronteirico, onde permaneceria, aguardando os recursos requisitados, para sua manutenção.

Passaram-se entretanto, dias, sem que providencia alguma lhe correspondesse de Nioac aos instantes pedidos.

Mas o entusiasmo empolgara os exaltados.

Porque não se iria desafiar o inimigo no proprio acampamento de Concepcion, já que elle se negava aos recontros na fronteira?

Para lá seguíram, apressurados, os expeditionarios, convictos de completa victoria.

Investiram, pelo territorio inimigo a dentro, cerca de quatro leguas até a Invernada de Laguna, onde a realidade lhes renovou o esquecida cautela.

Minguara a provisão de viveres, sem que fosse possível qualquer caçada do gado bravo, impedida pelos piquetes velozes de cavalaria paraguaya, contra os quaes nada conseguia a infantaria, nem a artilharia da columna.

Afinal, a fome entrou a rondar-lhe as fileiras.

Para evital-a, o commandante ordenou o recuo estrategico.

Antes, todavia, quiz fazer uma demonstração de força.

E, escalados para a accommetida ao acampamento inimigo, o 21º de linha e o cor-

po desmontado de caçadores, avançaram pela madrugada e antes que o rosicler da aurora

5) — Visconde de Taunay — Em Mato-Grosso invadido.
6) — Assim estimou Taunay as perdas sofridas, em marcha, pela expedição:

Effectivo em Coxim	2.003
Contingente de voluntarios goyanos, annexado no Rio Negro	505
Total	2.503
Mappa de 1º de Outubro	2.203
Mappa de 1º de Dezembro	300
Mortos por molestias e desaparecidos	2.081
Mortos por molestias e desaparecidos	422

V. de Taunay — Em Mato-Grosso invadido.

dourasse aquelle scenario em que iria começar o acto por ventura mais tragico de toda a campanha do quinquennio, tomaram o reducto fortificado, cujos defensores não tiveram tempo de utilizar-se de suas baterias. (7)

A RETIRADA FAMOSA

Punha-se de manifesto a superioridade militar da columna sobre o inimigo, que, em compensação, dispunha da cavalaria, com que poderia atormental-a, difficultando-lhe qualquer possibilidade de abastecimento.

Urgia a retirada, para salvar a expedição.

Pela manhã de 8 de Maio, em ordem para qualquer eventualidade, iniciou-se a marcha para traz, para onde houvesse generos alimenticios.

Iriam os combatentes desandar ao menos em parte, as 364 leguas, que haviam palmilhado, em condições precarissimas.

Os cavallarianos compreenderam a manobra que lhes contrariava os planos de aniquillamento total da expedição no seio do seu paiz para onde pretenderam attrahil-a.

Tentaram golpeal-a em cargas audazes, que se chofravam, impotentes, nas baionetas e canhões dos retirantes.

Como teimoso ariete, bravamente se atiravam, em doido arremesso, que rechassado com galhardia, não tardava em repetir-se.

A investida mallograda de 8 de Maio, contra a vanguarda expedicionaria ainda se renovaria, com igual insucesso, a 9, a 11, alem dos tiroteios incommoativos que lhe mantinham a tensão nervosa dos combatentes em plena refrega.

Pelas armas, verificaram, por fim, que não a subjugariam, nem pela fome.

Recorreram ao auxiliar prestimoso dos indios: o fogo.

E as macegas, de gramíneas altas, que lourejavam, ao sol festivo de Maio, abraçaram-se em fogareos, que os cavallarianos provocavam, auxiliados pelo vento, para envolver a columna. E quando, por ventura, a queimada alcançava algum tabocal e o lambia com a sua lingua flamante, aos rumores communs, que alagavam o ambiente, ajuntava-se o caracteristico espoucar dos colmos aquecidos. Era como se repentinamente o canhoneio rompesse das touceiras, que antes verdejavam balouçando o pennacho á feição da aragem.

Para mais engravescer a situação dos expedicionarios, suplicados pela deficiência de alimentação, pelas investidas do inimigo, pelo fogo, que os suffocava, quando não pudesse completar a cremação, surgiu, a meio caminho, o espectro sinistro da peste, socia inseparavel da guerra.

De colera morbus, começaram a perecer

os mais destemidos lutadores, arbitrariamente seleccionados.

Camisão, o coronel commandante, Juvenio, o chefe estoico dos engenheiros, e o guia Lopes, em cujo tino de vaqueano daquellas paragens confiava a columna, não demoraram em succumbir, com centenas de companheiros.

Avultou-lhes tamanho o numero dos que derreavam, fulminados pelo morbo sinistro, que ás vesperras de perecer, Camisão alliviou os vivos da obrigação de conduzir os moribundos.

Aos desenganados pela medicina, escolheu sitio propicio, onde pudessem descansar dos incommodos da jornada, e á sombra de um capão os deixou, recommendados á piedade do inimigo.

Não tardou que lhe ouvissem a fuzilaria de misericordia, com que punham termo aos padecimentos dos infelizes.

Foi, por ventura, o unico acto de fraqueza da columna, que o praticou, para salvar-se.

Não dispunha de vehiculos, nem de animaes para conduzir os doentes, que só por espirito de solidariedade humana teimou em transportar, emquanto lhe foi possivel.

Depois, o dever de cuidar dos vivos sobrepuzou as razões sentimentaes, e os que ainda podiam marchar por seus proprios pés alijaram as padiolas, em que penavam os colericos.

Já se avizinhavam, todavia, da fazenda "Jardim", do guia Lopes, que para lá os encaminhou, até o ultimo instante de vida.

Os pomares salvadores, que lhe rodeavam a hospitaleira vivenda, atalharam, com o succo dos seus frutos de ouro, o mal que a fatalidade desencadeara contra os expedicionarios, cuja resistencia foi posta á prova, de maneiras surpreendentes.

Primeiramente, a marcha por centenas de leguas de regiões invias, que aos fracos aconselhava a desistencia de proseguir.

Do Coxim a Miranda, os longos mezes de mesmice de luta ingloria contra as aguas indomaveis, contra a carencia de generos alimenticios, contra o beri-beri devastador.

Após, a investida triumphante a Laguna, sem objectivo tactico, nem meios de manter as posições conquistadas, por falta de cavalaria, que pudesse neutralizar o cerco á distancia, armado pelo inimigo, empenhado em afastar para longe com os seus habeis vaqueiros, todas as manadas de gado existentes naquellas paragens.

Para remate da expiatoria via crucis, a retirada inexoravel daquella cohorte de bravos, em cujo convívio a morte penetrou, implacavel, na trabalhosa caminhada de 35 dias, sem descanso physico, e muito menos moral, que lhes não permittiam os tiroteios incessantes do perseguidor bem montado, contra a columna a pé, a queimada aniquiladora de vidas, em qualquer das suas multifarias manifestações, a ronda sinistra da cholera, que só a deixou nos laranjaes acolhedores.

Refeitos, ainda continuaram os expedicionarios, atanzados pelos piquetes volantes, até o Porto de Canuto, no rio Aquidauana, onde, a 12 de Junho, a ordem do dia do commandante José Thomaz Gonçalves, lhes proclamou a bravura inexcédível, a disciplina, temperada ao fogo dos flagellos, os direitos aos louros promettidos aos heroes.

Dos 1680 combatentes, que, em Abril, transpuzeram o Apa, mais de novecentos tinham balizado, com os seus corpos, a estrada, onde iam ficando, fulminados pela fuzila-

Cal. AROTHIVO
Campinas - SP.
Mello Pupo

VIRE

ria inimiga, pelos incendios avassaladores, ou pela peste voraz.

Os sobreviventes, escapos da conjura, que lhes desfechava o golpe de extinção, pela trindade funebre, puderam então seguir os destinos, que lhes competissem.

Ao mais joven dos engenheiros, coube recolheu-se á Côte, onde se propagara o boato de sua morte.

Cruzou de retorno, os sertões de Sant'Anna do Parahyba, varou o Sul de Goyaz, e ao fim de 45 dias de viagem, que lhe completaram a transfiguração da pessoa, tomou, em Santos, o navio, que o reconduziu ao porto, de onde partira, dois annos antes.

Perdera o quer que lhe restasse de effeminado na physionomia. Era um homem, que a lucta recente nimbava de gloria. Todos que-

(7) — Eram 525 atacantes, que dispersaram cerca de 780 soldados de Lopez.

riam vê-lo, e escutar-lhe a narrativa da tragedia, de que participara.

Primeiro que outro qualquer curioso, o proprio Imperador ouviu-lhe a exposição quente e colorida dos successos, sobre os quaes discorria como eloquente conferencia em assumpto com que se identificou.

Tambem ao principe Conde d'Eu, agradou a palavra viva do narrador, que maravilhava um por um dos seus escolhidos ouvintes.

Por fim, em satisfação ao maior numero, o "Jornal do Commercio", estampou o ar-

tigo, que trouxe a data de 8 de Agosto e a assignatura predestinada: "Alfredo de Escagnolle Taunay, 1º Tenente-engenheiro das forças".

Era, em linguagem mathematica, a primeira approximação cujo exito animou o seu autor a desenvolver a synthese apresentada.

Não lhe faltavam estímulos de toda ordem, que lhe acariciavam a justificavel vaidade, como veremos a seguir.

V. Corrêa Filho.

UMA FAMÍLIA PATRÍCIA

OS TAUNAY

V

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Nas alleluias de uma resurreição, festejada pelo carinho materno, e nobre orgulho do velho pintor, que se enlevava em admirar o heroísmo do filho, Taunay despicou-se das privações e aperturas do biennio anterior, durante cujo decurso a Morte se lhe avisinhou da pessoa mais de uma vez. Trazia entre mãos um manuscripto tecido nos vagares permitidos pela calmaria nos acampamentos distantes do inimigo.

Vem a ponto recordar-lhe a causa geradora.

"Em 1868 foi que appareceu o meu primeiro livro. Começado no Corim e continuado nos Morros, em Miranda e Nioac, lêra algumas paginas e varios trechos ao bom Dr. Quintana, que me dispensára grandes gabos, incitandome a imprimir esse trabalho, apenas tivesse qualquer ensejo favoravel.

Ao partirmos da Colonia de Miranda para a marcha á fronteira do Apa, metti o original numa das minhas canastras, bem como o Album de vistas, que meu Pae me dera á sahida do Rio de Janeiro, encarregando-me de trazer-o todo cheio de paizagens e dos melhores pontos de vista, que fosse encontrando em viagem.

Ao regressarmos a Nioac, após os horrores da retirada de Laguna, foi das primeiras coisas que vi, junto ao barranco do correjo Urumbêva, aquella minha canastra, estripada, e ao lado, espalhadas, sujas de barro, maculadas pelas chuvas, muitas das paginas do meu manuscripto e os desenhos do album.

Cuidadosamente recolhi o que não estava lá muito estragado e, com effeito, uma vez no Rio de Janeiro, pude recompor quasi tudo quanto escrevera, perdendo, entretanto, não pouco do vocabulario chané, por mim organizado com particular cautela e zelo.

Quanto aos restos do album, que meu Pae assim mesmo muito appreciou, mandou-se-lhe pôr encadernação luxuosa de marroquim verde e ainda nesse estado se conserva, tendo figurado com certa vantagem na Exposição Geral da Bibliotheca Nacional, em cujo valioso catalogo mereceu varias referencias lisonjeiras.

Intitulei o meu livro "Scenas de Viagem" e tirei copia bem limpa, que meu Pae levou ao Imperador.

Nem este deixou de lê-lo todo, ainda que manuscripto, pois o annotou, fazendo varias correcções, sobretudo de gallicismos e locuções que não me pareceram de bom cunho portuguez".

Submettido ao exame do maximo censor official, poderia aflorar á publicidade a primeira manifestação da componente matogrossense na formação de Taunay, que, á mingua de editores, teve de custear ás suas expensas a publicação do volume. (1).

Confirmava-se a promessa de pendores litterarios, que o estudante havia muito entre-mostrára.

Não lhe conquistaria, porém, os louros promettidos aos grandes escriptores, que augmentem o patrimonio intellectual de sua

gente. Muito menos o artigo que o Jornal do Commercio divulgou.

"Daquillo, porém, ao livro que devia ser escripto, havia um mundo. E eu me sentia com tão pouca disposição, preso pela preguiça brasileira que inutiliza tantas bellas intelligencias da nossa mocidade e dos nossos mais illustres homens, rebeldes ao uso da penna.

Não era, contudo, falta de meu Pae causar-me deveras.

"Tu perdes, Alfredo, o melhor ensejo de te cobrir de gloria!"

Ou, então, appellando para outra ordem de idéas igualmente elevadas e suggestivas:

"Faltas ao teu dever, meu filho, e ao que deves aos teus companheiros mortos, de quem jamais se falará!"

Tocado no impulso, que mais lhe falava á alma, sedenta de honrarias, e dedicada á amisade leal, dispoz-se ao trabalho, que se lhe afigurou, á primeira tentativa, sobremaneira impraticavel. Falhava-lhe a cada passo a memoria, ou confundiam-se datas e successos, precipitados em desordem chronologica, difficil de sanar.

Já desistia da tarefa, quando o subconsciente, na opulencia de impressões colhidas em Mato-Grosso, lhe veio em soccorro.

"Certa noite, acordei a horas mortas, perdi de todo o somno, e na vigilia todos os factos da retirada se me reproduziram de modo tão claro e tão terrivel que tive violentos calafrios e tremi de emoção e positivo medo.

Não perdi, porém, o momento de subila

1) — A impressão do volume de estreia — Scenas de Viagem, — custou-lhe 600\$000. Vide Taunay — Trechos de minha vida.

inspiração. Accendi a vela, saltei da cama e durante mais de duas horas seguidas tomei febrilmente nota de toda a minha tetrica historia.

E houve trechos em que experimentei os arrepios e o pavor da morte, a rememorar, por modo tão vivo e inesperado, as scenas e os horrores que eu presenciara e tão depressa me iam fugindo da lembrança. (2)

Dentro daquella semana terminei as duas primeiras partes, que meu Pae levou logo a S. Christovão, para que o Imperador as lesse.

Creio que escrevi Retirada da Laguna em 20 e poucos dias.

Tinha, então, de 24 para 25 annos.

Explicada a origem da famosa narrativa, offerecida ao Imperador, em dedicatória escripta pelo Barão de Taunay, já é tempo de attentar mais minuciosamente na obra prima do militar, em que se lhe alicergou a nomeada de escriptor.

Primeiramente é de notar-lhe a apresentação, em lingua extranha, que lembrava a suggestiva pergunta do candidato ao Collegio Pedro II no exame de admissão.

Voulez-vous, monsieur que je passe mon

examen en français ou en portugais?

Porque A. de Escagnolle Taunay que já trazia indícios de influências européas, no proprio nome, ainda teimou em dar ao producto do seu engenho a roupagem vistosa, mas peregrina, que o desnacionalizava?

Por que se valeu da lingua franceza, desprezando o idioma nacional, para historiar LA RETRAITE DE LAGUNE?

Empuxos antagonicos

Não erraria quem lhe attribuisse a decisão á vaidade justificavel de querer fazer-se entendido de maior numero de leitores, como o seu contemporaneo Joaquim Nabuco, tambem estreado com um livro de poesias francezas que o approximaram de Renan. Outros factores, todavia, actuariam no seu animo para leva-lo a desprezar a lingua nativa, superada pela outra, de universal divulgação.

Nesse lance, começou a patentear-se o antagonismo de pendores, entre os quaes deveria decorrer a vida intellectual e emotiva de Taunay, que jungido, pelo atavismo, á Gallia immortal, se viu de repente apanhado por um drama brutal dos sertões.

Indole pacifista e inclinada ás letras e artes, abraça com entusiasmo a carreira das armas.

Militar de uma expedição, que resultou em fracasso pelos erros dos governos, do commando e dos proprios engenheiros, cujo parecer lhe preconizou a empreza fatal, ao primeiro leitor, que lhe delatreou o rascunho, do alto do throno imperial, não lhe ficaria bem apresentar ás expressões menos respeitadas ás autoridades culpadas.

Havia mister de suavizar a critica aos desacertos verificados para não maguar o monarcha.

Mais tarde, ingressando na politica pela mão de Silva Paranhos, sustenta o partido conservador, mas os ideaes em que se abraza pendem de preferencia para a corrente liberal.

Agita, em seguida, a propaganda da naturalização ampla, do casamento civil, do desquite da Igreja e do Estado, mas assim que a Republica lhe aceita o programma renovador, e adopta as reformas do seu agrado, a dedicação reconhecida ao regime sossobrado o leva a increpar de prematuras as medidas decretadas.

Não que houvesse incoherencia nas suas attitudes, mas percebe-se o latejar de impulsos desencontrados, que o levariam, no livro grangeador de sua fama literaria, a relatar, para francezes, a epopéa desdobrada nos sertões bravios de Mato-Grosso.

Confronto suggestivo

Sem duvida, era-lhe brasileiro o sentimento, mas o molde em que se lhe vasasse a primor a expressão, vinha-lhe das fontes ancestraes em que se abeberara.

Mais correcta lhe brotava a redacção no idioma em que poetou o pae, autor de tragedias ineditas, de odes, de *La bataille de Poitiers* e os tios apresentaram, traduzidas, as comedias de Terencio, *Jerusalem libertada*, *Eneida* e *Divina Comedia*, quando não preferiam manejar a propria concisão latina, de

Lacio, como fez Theodoro Taunay com os

(2) V. de Taunay — Trecho da minha vida.

seus latinos versos, traduzidos pelo irmão, em *Les idylles brésiliennes*.

Si a roupagem do pensamento se tecia com locuções francezas, brotava-lhe fluente e escoreito o frasear, que dispensava retoques do conselheiro de casa.

Quando, porém, pretendia valer-se da linguagem brasileira, esbarrava, não raro, nos peregrinismos, que lhe incavam os escriptos dos vícios annotados por Pedro II.

Entretanto, nenhum assumpto merecia, como o escolhido, ser tratado á brasileira, na forma, tanto como pela essencia. Embora divergencias pronunciadas os separem um do outro, muitas analogias estabelecem pontos de semelhança com o escriptor, cujo livro de estréa, narrativa de um episodio de guerra, lhe franqueou tambem as portas da immortalidade.

Como Taunay, Euclides da Cunha robustecera a intelligencia na Escola Militar, em convivio com as mathematicas. Sabedores de sciencias naturaes, ambos o foram, pois que ao primeiro coube até leccionar a classe de geologia e mineralogia no mesmo instituto de ensino, onde pouco antes se graduara.

Militares, conheciam a arte de destruição, embora lhes repugnasse aos dois a applicação do engenho humano e da actividade em perturbar, com a tropeada guerreira, a marcha pacifica dos povos.

E, por isso, ambos desquitaram-se da farda, em meio da carreira, que os levou a presenciar as lutas, de que seriam os gloriosos historiadores.

Mas Euclides da Cunha, caboclo — mixto de celta, de tapuya e grego, — assistindo, feito espectador curioso, á explosão de uma rebeldia, que espelhava a propria tortura da raça, embatida por forças antagonicas, do litoral cosmopolita e dos sertões archaicos, enquadrando a campanha de Canudos no panorama geral do paiz, e como lhe minguassee adequado modelo literario, a que afeiçãoasse o proprio sentir, fundiu os elementos proporcionados pela erudição, pelo manuseio attento dos mestres no bem dizer, pelo vivo linguajar do povo, ao calor do seu talent criador, e insculpo nos *Sertões* o monumento da sua gloria.

O livro aflorou á publicidade, barbaro como pedia o drama sertanejo, que lhe estava nas paginas de um realismo inequalavel. Dahi, a increpação de nephelibatismo scientifico, á primeira hora disparada contra o autor, que invadiava espectacularmente o dominio dos escriptores contemporaneos.

Mal se poderá imaginar o que a Invasão de Mato-Grosso, com a epopéa da Retirada da Laguna, inspiraria a Euclides da Cunha, se a tivesse visto de perto.

A sua tendencia para se aprofundar nas pesquisas, teria, sem duvida, como a proposito do Conselheiro considerado,

A terra — O homem — A luta

Amostra da maneira porque descreveria o ambiente, basta-lhe a synthese, colorida e evocativa, como forte miniatura insculpida por mão de mestre.

"Com effeito, a natureza em Mato-Grosso balanceia os exaggeros de Buckle. E' excepcional e nitidamente destacada. Nenhuma se lhe assemelha. Toda a imponencia selvagem, toda a exuberancia inconceitual, aliada, á brutalidade maxima dos elementos, que o preeminente pensador, em precepitada generalização, ideou no Brasil, ali estão francas, rompentos em scenarios portentosos. Contemplando-as, mesmo através da frieza das observações de naturalistas pouco azeados a effeitos descriptivos, vê-se que aquelle regime climatologico-anomalo é o mais fundo traço da nossa variabilidade mesologica. Nenhum se lhe equipara, no jogar das antitheses. A sua feição apparente é a da benignidade extrema: — a terra affeçoada á vida; a natureza fecunda aliada na apothese triumphal dos dias deslumbrantes e calmos; e o solo abrolhando em agitação fantastica — farto, irrigado de rios que irradiam pelos quatro pontos cardaes. Mas esta placidez, opulenta escande, paradoxalmente, germes de cataclysmos, que irrompendo, sempre com um rythmo inquebravel, no estio, rodeados dos mesmos prenuncios infalliveis ali tombam com a finalidade irresistivel de uma lei. Mal poderemos traçal-os. Esboçemol-os.

Depois de soporem por alguns dias as rajadas quentes e humidas do N. E., os ares immobilizam-se, por algum tempo, estagnados...

O firmamento limpido arqueia-se allumiado por um sol obscurecido de eclipse.

A pressão, entretanto, decai vagarosamente, numa descensão continua, afogando a vida.

Por momento um cumulus compacto, de bordas acobreado-escuras, negreja no horizonte, ao sul.

Deste ponto sopra, logo depois, uma viração, cuja velocidade cresce rapida, em lufadas fortes.

A temperatura cae em minutos, e minutos depois, os tufões sacodem violentamente a terra.

Fulguram relampagos; estrugem trovoadas nos céos já de todo nublados e um aguaceiro torrencial desce logo sobre aquellas vastas superficies, apagando, numa inundação unica, o divortium aquarum indeciso que as atravessa, adunando as nascentes dos rios e embaralhando-lhes os leitos em alagados indefinidos.

E' um assalto subitaneo. O cataclysmo irrompe arrebatado na espiral vibrante de um cyclone. Descolman-se as casas, dobram-se, rangendo, e partem-se, estalando, os carandás seculares; ilham-se os morros; alagam-se os planos...

E uma hora depois o sol irradia triumphalmente no céu purissimo! A passerada irrequieta descanta pelas frondes gottejantes; sulcam os ares virações suaves — e o homem deixando os refugios a que se acolhera, contempla os estragos entre a revivescência universal da vida.

Os troncos e galhos das arvores rachadas pelos raios, lascadas pelos ventos; as choupanas estruidas, colmos por terra; as ultimas ondas barrentas dos ribeirões, transbordantes; a herva arrancada pelos campos, como se sobre elles passassem bufalos ás manadas — mal relembram a investida fulminante do flagello. (3).

Certo, a imaginação contribuiu, mais do

que a realidade, para a visão dantesca desta pagina, baseada em um episodio descripto por Severiano da Fonseca.

(3) Euclides da Cunha — Os Sertões.

Embora lhe seja discutivel a generalização para todo o Estado, o facto, verdadeiro, sem duvida, que Euclides conheceu de segunda mão, sem observal-o pessoalmente, proporcionou-lhe azo de esboçar uma paizagem matogrossense, em seu estilo nervoso e trepidante, que o singularizou.

Mas Taunay estaria em condições de romper, como Euclides, ao arripio dos canones literarios em moda?

Não lhe mingua talento, afinado pela educação esmeradissima, que o approximou da tradição academica, ao influxo do Pae humanista.

Todavia, no limiar da carreira, a vida lhe sorria nos esplendores dos triumphos prometidos aos capazes e nenhum grave pesar lhe tinha amargurado o espirito.

Os proprios soffrimentos que provou na campanha, não lhe passaram da epiderme, encontraram-no impenetravel e disposto a esquecer-os, como, de facto, occorreu, consoante sua propria declaração.

Onde outros tombariam, por varias causas, conseguiu elle sobreviver, com garbo.

Continuava, pois, a ter a preferencia da sorte, e para conserval-a, não iria afastar-se das pegadas classicas dos mestres, em cujo convivio lhe madrugara o entendimento. Jamais seria o revolucionario consciente das letras, em cujo cultivo não se descuidou de perseverar nos vagares da profissão exhaustiva.

Por isso não reponhou, na literatura brasileira contemporanea, o livro tragico e estonteante que pintasse o ambiente selvagem, e a luta feroz, com os seus odios implacaveis, com as côres vivas e sanguineas do poema euclideano.

Mas o patrimonio intellectual do paiz avolumou-se com outra obra prima, que, posto escripta em francez, é brasileira pelo assumpto, que versa, pelas scenas debuxadas em suas paginas, pelo sentimento que a anima, do principio ao fim.

La Retraite de Lagune, semelhantemente ao que, volvidas tres decadas, ocorreria a Os Sertões, em beneficio de Euclides da Cunha, alçou Taunay ás alturas luminosas da fama. Comparado logo a Xenophonte, mais de um critico lhe proclamou a superioridade em relação ao classico autor da Retirada dos Dez Mil.

O thema empolgava, e fôra desenvolvido em linguagem clara e simples a que prodigalizzaria os mais rasgados gabos o julgador capaz de comparar, no original, os dois poemas de retiradas estrategicas.

Este livro, opinou Ramiz Galvão, ao dar vestimenta vernacula á obra franceza do militar brasileiro, é talvez sem igual nas letras antigas e modernas; a Anabase do famoso atheniense que se lhe compara sempre, ainda lida no original grego, não tem nem o colorido descriptivo, nem a emoção que palpita a cada pagina do nosso Xenophonte. A simplicidade encantadora do seu estilo, a nobreza dos sentimentos, o commedimento dos juizos, a bondade, a resignação e a meiguice da alma

que transpiram de toda essa dolorosa e sincera narração de infortunios, são predicados que elevam Taunay á primeira linha dos escriptores.

As virtudes, que o sabio hellenista lobrigou nas paginas de *La Retraite de Lagune*, caracterizam a maneira do estilista, accentuadamente inclinada para os modelos classicos, que lhe apuraram o gosto literario.

Emquanto a linguagem de Euclides fustiga-nos a attenção, para nol-a empolgar, com as suas imagens offuscantes, e meneio inedito da phrase, turbilhonante, como um ribeirão, que se despenha bravio, por leito ingreme e encrespado de abrolhos, a de Taunay, ao contrario, flue serenamente, feito manso regato, canalizado entre paredes afeioadas ao movimento uniforme, que lhe imprime harmoniosa cadencia.

Não ha como destacar-lhe as paginas, intimamente unidas, com o cunho do mesmo surto de inspiração.

Patentea-se-lhe a cohesão dos capitulos, elaborados de um folego, ao passo que outra epopéa, sertaneja, fundida aos bocados, em situações varias, psychicas, de tempo e espaço, quando Euclides, em plena virilidade, já se aquinhoara de intoxicante dose de soffrimentos inolvidaveis, figura-se-nos grandioso mosaico, artisticamente composto, sem duvida, e travado de maneira que mal se percebem as inserções dos segmentos, mais tarde enxertados pelo autor em ensaios de natureza diversa, onde affloram com analogia propriedade.

A uniformidade melodiosa da narrativa de Taunay mal permite a colheita, a esmo, de algumas passagens

La nuit était venue; il faisait un clair de lune magnifique, dont le calme contrastait avec les lueurs sinistres de quelques restes d'incendie errants dans la campagne. Lorsque nos clairons donnèrent enfin le signal du repos, ceux des Paragüéens en firent autant de loin, comme un écho moqueur. Tout nous

semblait insulter à nos maux: la faim était parmi nous avec toutes ses tortures; le triste prélude en est une défaillance qui anéantit courage et volonté. Nous manquions de tout, le dénuement était complet; à peine étions-nous vêtus, officiers et soldats; mais la privation de chassures était, par l'habitude, beaucoup moins sensible à ceux-ci qu'aux premiers, dont les pieds étaient tout gonflés et saignants.

Celle nuit-là, un vent du nord nous glaça, exposées que nous fûmes en même temps à une de ces rosées qui nous avaient déjà tant fait souffrir, alors que nous pouvions nous en défendre sous quelques tissus de laine.

E, assim, no mesmo rythmo suave, ainda quando se ufana, ao lembrar as cargas victoriosas contra o inimigo, ou, resignado, canta em tom plangente, o estoico heroismo dos expeditionarios, rematou o poema, que lhe grangeou gloriosa nomeada.

Dos mais insignes apreciadores, a quem o submeteu, ouviu os mais calorosos elogios.

O Pae, cujo gosto apurado nas humanidades classicas, o habilitava a aquilatar os meritos do estreante, foi dos mais apressados em festejar-lhe a prova da vocação literaria.

Louvado, com sympathica benevolencia, pelo Imperador e pelo Conde d'Eu, que lhe instou pela publicação da 2ª parte, mal conheceu a primeira, recebeu mais efficiente amparo do Visconde do Rio Branco, o seu decidido admirador, que a fez publicar, sem onus ao autor.

E assim ingressou Taunay, como *LA RETRAITE DE LA LAGUNE*, ultimada aos 25 annos, na ordem dos grandes escriptores brasileiros, em que o conservariam outras obras a breve prazo elaboradas.

V. Corrêa Filho.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

UMA FAMÍLIA PATRÍCIA

OS TAUNAY

VI

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Frula o joven militar as delicias de umas férias, penosamente obtidas, quando o commando superior do exercito brasileiro no Paraguay soffreu abalos de seria crise.

Caxias, victorioso nas derradeiras grandes campanhas de Itororó, Avahy, e Lomas Valentinas, em que uestroçou as forças lopezinas, ao findar o anno de 68, julgou-se desproporcionado para perseguir o marechal nos esconderijos, que as cordilheiras, sombreadas de florestas imponentes, lhe proporcionavam á celere fuga.

Não queria transformar a sua espada heroica de arguto cabo de guerra em facão de capitão do mato, destro nas caçadas aos fujões criminosos.

Dimittiu-se, pois, do posto, em que se havia laureado de glórias, e deixou, como substituto, um valeturinario, veterano heroico de lutas anteriores, que lhe haviam damnificado o organismo, a ponto de inutilizal-o para a chefia de um exercito nas condições daquelle, em territorio estrangeiro, e aliado a forças de outros paizes.

Manifestou-se, breve, o effeito da ausencia do Duque, bem como a urgencia de substitui-lo por quem possuísse habilidades diplomaticas, mais talvez do que propriamente guerreiras, com que se notabilizara uma legião de generaes temperados ao fogo de canhoneio inimigo.

Pela eminencia da situação a que o alçara o consorcio com a Princeza, estava o Conde d'Eu em condições de merecer a escolha imperial para continuar a guerra, sem provocar melindres de candidatos á vaga aberta pelo voluntario afastamento de Caxias. Nomeado por decreto de 22 de Março de 1869, iria o Príncipe chefiar os aliados, na ultima arrancada contra Lopez, e, conhecedor dos trabalhos literarios de Taunay, escolheu-o para seu chronista.

A carta em que dava sciencia ao velho pintor da sua preferencia valia por um diploma de louvor: "O seu Alfredo me é indispensavel. Tenho pois que leval-o commigo".

E assim, escolheu-o para seu estado maior, no Paraguay, onde o encarregou do "*Diario do Exército*", lembrado, naturalmente, da *Re-traité de Lagune*, que lhe mereceu rasgados encomios.

Não pormenorizaremos as peripecias em que se envolveram, por Peribebuy, Campo Grande, Curuguaty, nem os esforços desenvolvidos nessa phase derradeira da campanha, ultimada, á margem do Aquidaban, quando a Solano Lopez alcançou a vanguarda do General Camara.

A synthese dos episodios, que lhe interessaram á pessoa, ficou registada no autographo expressivo do marechal fidalgo, que, depois de enumerar os feitos do "Capitão de artilharia Bacharel Alfredo d'Escragnolle Taunay", nessa expedição, rematou, a 22 de Agosto de 1870, e por fim — attesto — que o considera não só um official muito intelligente e muito cumpridor de seus deveres mas ainda com habilitações literarias e scientificas bastante excecptionaes". (1)

Mais do que o conselheiro certificado do Commandante geral do exercito aliado, a Taunay valeu a sua estima, bem como a de Silva Paranhos, plenipotenciario brasileiro despachado para reconstituir o governo paraguayo acephalo, após a fuga do Solano Lopez, além da amistosa convivencia com a heroica elite de 4 officiaes brasileiros.

Tratou ue perto o insigne estadista, que, tambem engenheiro, e dado ás letras, soube apreciar-lhe o idealismo sadio e as nobres aspirações de gloria.

As duas maiores amizades, que trouxe do Paraguay, não tardaram em exercer na carreira do escriptor marcada influencia, patente assim na actividade literaria, como em outros sectores.

Pelas mãos do Conde d'Eu, avizinhou-se mais do throno, onde lhe foi sempre affavel o acolhimento dispensado ao filho do venerando preceptor de Pedro II.

Para uma pessoa faminta de honrarias, e sobremaneira vaidosa, a admiração, que lhe tributava o Príncipe, era das que mais o poderiam contentar.

Quanto ao enviado especial, que o governo agradeceu, a 20 de Junho de 1870, em paga dos assignalados servicos no Prata, com o titulo de Visconde do Rio Branco, menor não foi a sympathia com que distinguio o bacharel da caserna.

Conhecedor sagaz de homens, pescou-o das fileiras, onde vivia por força do juramento, para lhe confiar o cargo de official do gabinete no grande ministerio, que se notabilizaria pela emancipadora lei de 23 de Setembro.

Dahi á regencia da cadeira de Mineralogia e Geologia na Escola Militar, onde ultimára o seu curso de engenheiro militar e á tribuna parlamentar, era um passo, que Taunay venceu, feito Deputado por Goyaz, na legislatura de 1872.

Silva Paranhos, antigo professor da Escola Central e collaborador do "Jornal do Commercio", em cuja redacção recebeu o convite de Honório Hermeto para a sua primeira missão diplomatica, lobrigou, de relance, o concurso, que lhe poderia trazer a intelligencia do ensaista e escolheu-o para uma das vagas na bancada goyana.

Vem a ponto a pilheria de Joaquim Serra, para accentuar a extranheza, que deveria causar ao eleitorado local o nome do candidato official do partido.

"Chegam noticias frescas de Goyaz; os povos de lá andam entusiasmados com o Senhor Escragnolle Taunay, mas pedem instantemente ao Sr. do Rio Branco que mande traduzir esse nome em portuguez".

Não obstante, foi homologada a escolha do Presidente do gabinete que teve no joven deputado ardente correligionario e defensor.

Quando estreou na Camara, já podia allicerçar a sua nomeada em mais de uma obra literaria definidora dos seus talentos, cuja serie proseguiu sem damno aos seus deveres parlamentares. (2).

Ao divulgar as obras de ficção, preferiu substituir o verdadeiro por um nome de empréstimo, de feição brasileira.

(1) — V. de Taunay, — Recordações de guerra e de viagem.

(2) — Com o proprio nome, deu á publicidade, enquanto se agitava, na caserna, ou no parlamento, *Scenas de viagem* (1868); *Viagem de regresso de Mato Grosso á Corte* (1869); *Diário do Exército* (1870); *Relatório Geral da comissão de engenheiros junto ás forças em expedição para a provincia de Mato Grosso* (1874). *Vocabulário da lingua chané* (1874). — (Estes tres ensaios foram estampados na Revista do Inst. Hist. Geographico Brasileiro); *Questões politicas e sociaes* (1877); *Questões militares* (1880); *Carlos Gomes*, (1880); *Estados criticos* (1881); *Classificação de comarcas* (1882); e *casamento civil* (1883).

Assim foi que, sob a mascara de Sylvio Dinarte, entregou aos prelos, *A mocidade do Trajano* (1871); *Innocencia*, 1872; *Lágrimas do coração* (1873); *Ouro sobre azul* (1874); *Historias Brasileiras* (1874); *Narrativas militares* (1878); *Ceus e terras do Brasil* (1882).

Seguia as pegadas de Alencar, sem lhe recejar o sossobro da carreira politica, iniciada sob os mais radiosos auspícios com as "Cartas do Erasmo", que o levaram ao Ministerio reaccionario de 68.

Quando, porém, coube a Presidencia do Gabinete a Rio Branco, já a desillusão acidulava a palavra do cearense, contra os seus correligionarios doutrinarios, a cujo soldo se collocou um visitante ultramarino.

As "Cartas de Cincinnati", que visavam apequenar a autoridade e prestigio do formidavel opposicionista ao situacionismo que autorara por bandeira a emancipação do ventre escravo, esquadrihavam aggressivamente a bagagem literaria do romancista, para lhe catar senões e vícios de linguagem porque assim o exigiam as injuncções politicas.

Era a brutal paixão partidaria transportada para a literatura, onde custeava as despesas da feroz campanha demolidora de maior escriptor brasileiro contemporaneo.

Ligado pela admiração literaria a Alencar, e pela gratidão e amizade a Paranhos, acompanhava Taunay os successos cujo ensinamento não lhe aproveitou. E quiz, á imitação do mestre associar a politica ás boas letras.

O IDYLLIO CABOCLO

Dentre as obras, com que se creditou á immortalidade, sobreelevam duas, que o ambiente matogrossense lhe inspirou, *La retraite de Lagune* e *Innocencia*, a epopeia da retirada, e a suave pastoral, que nacionalizou o ingenuo sentimentalismo de Bernardin de Saint Pierre.

Aquella, apresentada em francez, appoz o nome affidalgado, que lhe revelava a origem nobre, enquanto á ultima cabia obscuro pseudonymo, em que ninguem prestaria maior attenção.

No anno anterior, *A mocidade de Trajano* já revelára o surto de mais um romancista, Sylvio Dinarte, cuja estréa passára praticamente desapercibida.

O escriptor ensaiava nova applicação aos seus talentos, sem encontrar variante mais apropriada.

Quando porém, em 1872, a sertaneja de Mato Grosso afflorou ao mundo literario, com os seus encantos rusticos, emmoldurados em paisagens, opulentas de luz e colorido, que lhe explicavam a psyche simples e primitiva, o acolhimento que a surpreendeu, irmanou-a, sem demora, á narrativa militar, a que Taunay já devia expressiva nomeada.

A linguagem nacionalizara-se.

O bilingue fazia praça dos conhecimentos do seu idioma, e das particularidades dialectaes, observadas em longo jornamear.

Já não era o francelho, a quem se depa-

rava mais facilmente a expressão na lingua dos ancestraes, mas o regionalista arguto, de olhos abertos para os esplendores da natureza, que se lhe espelhavam nas paginas do idyllio caboclo.

Leve, a urdidura do enredo, que aproxima de uma noiva sertaneja, affectada de maleitas, a dupla do naturalista, allemão e do curandeiro patricio.

Modalidades da sua propria actuação naquellas paragens, por onde passeou o espirito curioso, a quem as sciencias naturaes abriam horizontes desmedidos, e humanitario, capaz de transfigurar-se em esculapio da roça para attender ás sollicitações dos soffredores, o autor attribue ao viajante da Sociedade geral Entomologica de Magdeburgo, Meyer, a descoberta de uma borboleta, que iria dignificar, nos annaes scientificos, o nome da sertaneja, em cuja homenagem a baptizou de *Papilio Innocencia*.

Ao segundo, que levava de cór o Chernoviz, — biblia do charlata —, embotou as arestas aggressivas dos exploradores da credulidade sertaneja, e dotou-o de ambulancia curativa e da prosa animadora do citadino, que produzia por ventura maiores beneficios que as mesinhas do seu formulario.

Não é o charlatanismo, criação espontanea do ermo. Medra com igual viço nas cidades. Mas é nos sertões, maltratados de *espinhela caída, de feridas brabas, de mão olhada, de seções, de ventre virado, de engasgues, onde fallece a assistencia medica de todo, que se arraiga, floresce e prospera, como planta bemfictora, embora, as mais das vezes, não passe de pretexto para as ousadias mercantis dos intrujões.*

Ao heroe, que imaginou, Taunay attribuiu as melhores qualidades da classe. Não o livrou, todavia, dos encantos da donzella, que, por elle, esqueceu os compromissos do noivado imposto pela autoridade paterna.

E o desfecho, que se prepara, desde o primeiro lance não tarda a atalhar em uma encruzilhada, a vida andeja do curandeiro, ao mesmo tempo que na sua cabana, desfallece a mimosa apaixonada, cuja formosura não brotou espontanea da fantasia do escriptor. O sertão offereceu-lhe modelo vivo, que a sua habilidade no desenho transportou facilmente para a collecção dos typos aproveitaveis a enredos românticos.

De mais a mais, a novela em que a saudade resuscita personagens fœas, observados durante a peregrinação, Taunay confiou toda a colheita de idiotismos, crendices lendas, superstições e tudo quanto pudesse explicar a vida simples daquelles desbravadores de sertões além do Paranahyba.

A' palheta de paisagista, que jámais deixa de ser, ainda quando se vale da penna para reproduzir os quadros naturaes, vai buscar as tintas com que debuxa o ambiente apropriado á existencia da protagonista.

E' Taunay essencialmente um descriptivo, que na *Innocencia*, photographa as paisagens matogrossenses conservadas em sua memoria visual. Colorido delicado, posto em tons verdadeiros. Nem as tragedias lhe perturbam a serenidade, sobranceira até ás devastações da queimada, que tanto o amofinaram em conjunturas dramaticas.

Nesses campos, tão diversos pelo matiz das côres, o capim crescido e resecado pelo ardor do sol, transforma-se em vicejante tapete de relva, quando larva o incendio que algum tropeiro, por acaso ou mero desenfado,

atêa com uma faulha do seu isqueiro

Minando á surda na touceira queda a vida soentelha. Corra dahi a instantes qualquer aragem, por debil que seja, e levanta-se a lingua de fogo esgêa e tremula, como que a contemplar madrosa e vacillante as espaços immensos que se alongam diante della. Soprem então as auras com mais força, e de mil pontos a um tempo rebentam soffregas labaredas que se entrosam uma nas outras, de subito se dividem, deslisam, lambem vastas superficies, despedem ao ceo rolos de negrejante fumo e vôam, roncando pelos matagaes de tabocas e taquaras, até esbarrarem de encontro a alguma margem do rio, que não possam transpôr, caso não as tanja para além o vento, ajudando com valente folego a larga obra de destruição.

Acalmado aquelle impeto por falta de alimento, fica tudo debaixo de espessa camada de cinza. O fogo, detido em pontos aqui, ali, a consumir com mais lentidão algum estorvo, vai aos poucos morrendo até se extinguir de todo, deixando como signal da avassaladora passagem o alvaceito lençol, que lhe foi seguindo os rebores passos. Através da atmosphera enublada mal pôde então coar a luz do sol. A incineração é completa, o calor intenso e nos ares revoltos voltam palhinhas carbonetadas, detricios, argueiros e grãos de carvão que redemoinham, sobem, descem e emmaranham nos sorrelouros e adelhagada trombas, caprichosamente formadas pelas aragens ao embaterem umas de encontro á outras.

Por toda a parte melancolia; de todos os lados telhas per-petidas. E' cahir, porém dahi a dias cojiosa chura, e parece que uma varinha de jada andou por aquelles sombrio recantos a tragar ás pressas jardins encantados e nunca vistos.

Entra tudo em trabalho intimo de espantosa actividade. Transborda a vida. Não ha ponto em que não brote o capim, em que não desbrochem rebentos com o olhar soffregos de quem espreita azada occasião para buscar a liberdade, despedagando as prisões de penosas clausuras. Aquella instantanea resurreição nada, nada pôde pôr peias. Basta uma noite, para que formosa alfombra verde-verde-claro, verde-gaio, asselinado, cubra

todas as tristezas de ha pouco. Aprimoram-se depois os esforços; rompem as flores do campo, que desabrocham ás caricias da brisa as delicadas corollas e lhe entregam as primicias dos seus candidos perfumes. (3).

O chromo, em que se espelha uma occurrencia trivial naquellas regiões, define o estilo de Taunay.

Sobrio nos tons, traça as linhas precisas do quadro, sem carregar a mão nas côres, nem nos episodios secundarios.

Outro observador, que possuísse vocabulario mais copioso, ou maior tendencia á dra-

maticidade, teria enquadrado o incendio em moldura mais luxuosa, ou posto em realce a luta angustiante dos seres vivos, que o fogo martyrisasse com as suas chammas envolventes.

Taunay, não.

Surpreende, em flagrante, a Natureza. Annota-lhe as mutações repentinas como que brigidas por fantasi co scenographo. Accentua-lhes, com firmeza, as caracteristicas, e prosegue em busca de novas impressões, que a realidade lhe possa deparar. El, no meio do cenário incomparavel, põe a mover-se, com uma occupada naturalidade, no seu viver reatado e humilde, a cabocla simples, com que topou em rustica morada, á beira da estrada de S. Anna do Paranahyba.

Não lhe atera as feições harmoniosas o linguajar peculiar, nem as predilecções espontaneas que a transformaram em heroína de uma aventura sentimental.

Por exotica dos sertões, trazida para os ventros litoraneos, despertou assignaladas sympathias.

Em retribuição á notoriedade que lhe even, Innocencia proporcionou ao novellista do seu idyllio, tragicamente interrompido, a gloria de uma consagração litteraria, mais festejada do que a obtida pela *Retraite de Laure*.

V. Corrêa Filho.

(3) — Vid. Taunay. Innocencia.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

UMA FAMÍLIA PATRÍCIA

OS TAUNAY

VII

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

As boas letras de Taunay levaram-no ao parlamento, ao tempo em que o seu modelo, a quem poderia repetir as palavras de Dante — *tu duco, tu signore e tu maestro* — já era presa da mais pungente desillusão, consequência da preterição, mediante a qual D. Pedro lhe desprezou a maioria de votos na eleição senatorial de Dezembro de 1869, para galardão com a escolha imperial a Jaguarete, de inferior votação.

Offendido em seu amor próprio, Alencar, que se revelara capaz de enfrentar e dominar pelo talento a hostilidade mordaz de Zacharias, e aliados na campanha demolidora do ministério, de que era aquelle o vulto mais alvejado, esqueceu as "Cartas de Erasmo", e afastou-se do throno, que já não lhe merecia deferencia.

Viu contra si conjurar-se a politica odiada, de mãos dadas com a literatura subvencionada, que se infernou em demolir-lhe o principado das letras, a que o tinha elevado o seu estilo primoroso, a serviço de opulenta imaginação.

A Taunay, porém, a fortuna, até então raiosa, reservara trajetória differente. Premiado com uma cadeira na Camara, quando apenas lhe abotoara a fama literaria, rapidamente galgou outras posições, a que o impellia a escolha dos correligionarios, approvada calorosamente por Pedro II.

Deputado por Goyaz, em 1872, presidente de S. Catharina, por nomeação do Gabinete Caxias, de 25 de Junho de 1875, reeleito, na legislatura immediata por aquella provincia, acerca da qual publicára recentemente uma memoria descriptiva (1), só deixou o posto de representação, quando a situação liberal, de 75, lhe fechou as portas da Camara.

Em férias forçadas, gozou-as no Velho Mundo, de onde escreveu para o *Jornal do Commercio*, as *Impressões da Europa* (1878-1879), synthese do que viu e analysou em longa peregrinação pelos palacios, cathedraes e museus de França, da Alemanha, da Italia, em cujas pinacothecas se extasiou, como verdadeiro descendente de uma familia de artistas do pincer.

Tornou, por ventura, mais brasileiro do que ao partir.

Viajar é em extremo cansativo, como que uma obrigação penosa, fadiga continua do corpo e obsessão constante do espirito, a querer tirar-se algum proveito de muito dinheir, que se despende e do tempo que se gasta...

Não sei se com todos acontece o mesmo, mas na minha opinião o Brasil, assim mesmo como elle é, ganha aos olhos do brasileiro que viuja esta Europa...

Deveras a Europa é interessantissima, Paris espendido, mas já estou farto de tudo isso. A menos de querer entregar-me de corpo e alma ao estudo, cousa que não fiz, nem podia fazer, bastou de sobra esta digressão de oito mezes, para que eu ficasse sabendo o que é o velho mundo, e em mim se robustecesse a crença de que o Brasil, com a organização e os elementos que tem, pôde vir a ser uma nação importante e feliz, sem as tradições e espiendores de cá, mas também sem os seus grandes

infortúnios moraes e materijs (2).

Não obstante adversario do ministério Saraiva, conseguiu fazer-se eleger, em 81, pela Provincia, que beneficiára, com o seu programma de governo progressista. Presidente, em seguida, do Paraná, cuja administração Cotegepe lhe confiou em 85, de lá saí, como deputado por Santa Catharina, antes de decorrido um anno do exercicio.

Mal se apossara do posto, de onde poderia continuar a interrompida propaganda de suas idéas reformadoras, abre-se a vaga senatorial do Barão da Laguna, cujo nome por coincidência lhe recordava o inicio da retirada, causadora da sua fama.

Como successor bem acceito do bravo marinheiro, que, prevendo o proximo fim, lhe recommendara tratasse de recolher a herança, que não tardaria a despertar ambições nos arcaes politicos, a eleição nesse mesmo anno, 1886, homologada pela escolha imperial, transferiu-o para outra Camara, onde ingressou

(1) A. de Taunay — A Provincia de Goyaz na exposição nacional de 1875.

(2) — A. de Taunay — Recordações de guerra e de viagem.

aos 43 annos de idade, prestigiado pelo Barão de Cotegepe, que, em reunião intima, de homenagem á promoção consagradora do seu correligionario, saudemos, disse, o novo e joven senador, só lhe acho um defeito... mocidade de mais. Tem a idade da lei, mas não parece.

O espiituoso bahiano synthetisou em rapido conceito a impressão dos velhos politicos, a quem se afigurava o Senado vitalicio feito confortavel remanso, incompativel com os ardores, em que ainda se abrazava Taunay, na defesa dos seus projectos de reforma social.

Chegára, triumphante, ao pinaculo da carreira representativa, debalde pretendido por Alencar, onde seria cortejado pelos proprios adversarios, para lhes prestar o concurso de seu prestigio na composição do derradeiro ministério imperial.

Quando o Visconde de Ouro Preto lhe disparou o convite, envolto em gentilezas de expressões, que o faziam consequencia natural da pregação de idéas adiantadas, cuja execução pretendia o seu gabinete iniciar, bem inclinado se mostrava Taunay a acceder, caso não lhe impedisse a lealdade partidaria.

Preferiu, porém, ceder a outrem a realização das reformas, pelas quaes se batia, com todo o ardor, na tribuna e imprensa, a parecer de qualquer maneira egresso do seu partido, por ambição de posto de commando.

Não era, aliás, a primeira vez, que abria mão de vantagens, que se lhe offereciam, ou já possuisse, como occorrera, em 1835, quando se exonerou do magisterio da Escola Militar e do proprio Exercito, por julgá-los incompativeis com a actividade a que se entregára de corpo e alma, como politico.

ACTIVIDADE

Nessas duas décadas de acção notavel, raramente interrompida por breves periodos de repouso, patenteava, Taunay a permeabilidade de seu espirito ás iniciativas de alcan-

ce mais elevado que a média das pretensões dos seus contemporâneos, e principalmente correligionários.

Filiara-se ao Partido Conservador, levado por Silva Paranhos, mas constituia motivo de preocupação para os seus chefes, que o viram, por vezes, reforçar os adversários, quando em discussão algum projecto merecedor do seu apoio.

Votava de consciencia, e jamais seria, pois, capaz de sacrificar as suas idéas, o seu nome, a sua dignidade, sómente para attender á disciplina partidária.

Parco em promessas, preferiu perder a eleição em um collegio, cujo resultado daria victoria ao seu competidor de 84, a aceitar as exigencias do chefe local, que lhe impuzera o dilemma de promover a expulsão de colonos, collocados em suas terras, ou ser substituído pelo candidato adverso, que se mostrara disposto a realizal-a.

Negou-se Taunay á imposição, que lhe daria maioria de votos, em eleição disputadissima, com sacrificio, porém, de sua diretriz em prol do encitamento da colonização que pleiteava, com a mesma dedicação intelligente, applicada em outras questões de interesse geral, cuja propaganda ampliava de continuo, em discursos e artigos de imprensa, alguns dos quaes enfeixou em volume.

Em *Questões politicas e sociaes* (1877), *Questões militares* (1879), *Casamento civil*, *Nacionalização* (1886) versou assumptos, que lhe mereciam minuciosa attenção, ao mesmo tempo que, ao lado de Nabuco e André Rebana, participava da campanha abolicionista.

Emancipação dos captivos, immigração e grande naturalização constituíram a trempe, sobre a qual Taunay queria ver instituido o verdadeiro regime de trabalho, livre e productivo, no Brasil.

Eram medidas que se completavam.

Colonos que substituíssem o braço escravo, e pudessem, com facilidade, nacionalizar-se na patria, que lhes offerecia condições magnificas de manutenção e progresso.

A sua actuação de propagandista não paralisou, todavia, a penna do escriptor, que, após o romance da sertaneja de S. Anna de Parahyba, ainda estampou, nesse periodo de lutas politicas e sociaes, *Lágrimas do Coração*, *Ouro sobre azul*, *Historias brasileiras*, *Nôvas paginas militares*.

Contribuirao os apusculos de combate e essas obras de ficção para engrandecer os titulos do autor á immortalidade?

Certo, nestas duas ultimas, perpassa, por vezes, o mesmo sopro vivificador, que, oriundo do plano de Maracaju', vibrou nas melhores paginas da *Retirada da Laguna*.

Nas outras, despresando os sertões matogrossenses, o autor preferiu analysar a sociedade carioca, em cujo seio era acolhido como personagem de relevo.

Mas os tipos modelados pelos seus predecessores, que expioravam á larga as mesmas regiões, perturbaram-lhe o trabalho criador, que ora se aproximava de Alencar, ora pendia para a maneira de Macedo.

Ha, sem duvida, em *Ouro sobre azul*, por exemplo, lances de empolgante realismo, tal o capitulo descriptivo de um desembarque de passageiros no porto antigo do Rio, com que se abre o livro, porém, mingua ao conjunto a penetração psychologica, sem a qual as personagens só se movem por artificios. A carta de summa gravidade, que decidiria da sorte da protagonista, colla-se mysteriosamente, por effeito de gomma arabica, por acaso derramada, á papelada commercial, que o destinatario examinava no momento de recebê-la.

Desappareceu-lhe da vista, para reapparecer, quinze annos após, nas mãos do ex-socio, que a utiliza, como recurso para lhe extorquir dinheiro e condescendencia.

Final, quando a crise moral, provocada pelo documento, abeira-se de dramatico desenlace, o chantageista, ao saltar do trem, cáe fulminado por uma syncope cardiaca, ou qualquer outra doença atalhadora das vidas inconvenientes.

Taes escriptos evidenciam, todavia, a exuberancia productiva do polygrapho, que a 6 de Setembro de 89, recebeu o titulo de "Visconde Taunay", pouco antes de sossobrar a Monarchia, a cujo destino mais o ligou a mercê nobilitante.

Dedicado ao Imperador, que lhe patenteára as mais captivantes manifestações de estima, considerou encerrada, a 15 de Novembro, a luminosa trajetoria pelo scenario politico, em plena maturidade intellectual, que não poderia permanecer ociosa.

Voltou-se inteiramente para as letras.

Dahi, a nova serie, que elaborou, com olhos voltidos para o passado, como quem vivia de recordações dos tempos idos, mais do que de impressões contemporaneas, que lhe excitavam as investidas de polemista.

V. Corrêa Filho.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

UMA FAMÍLIA PATRÍCIA

OS TAUNAY

VIII

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Quando a imponente parada de Quinze de Novembro apontou a Pedro II o caminho do exílio, Taunay timbrou em patentear-lhe sympathia e dedicação, agradecido às mercês, com que fôra galardoado.

Logo ao primeiro momento, definiu, em um lance expressivo, a directriz que iria seguir dahi por diante.

"Nos difficeis transe dessa grande convulsão politica, registou o mais autorizado dos seus biographos, procurou immediatamente acercar-se do Imperador, e dirigir-se ao Paço da Cidade; bem poucos o imitaram então.

Convidando a prestigioso collega do Senado, seu vizinho, a que o acompanhasse disse-lhe o Senador que não podia seguir-o pois estava vestido de claro.

Faz você, retrucou-lhe Taunay indignado, como o individuo que por occasião de um terremoto procurava o chapéu para poder fugir da casa que sobre elle ruia.

A 17 de Novembro avistava-se Taunay, pela ultima vez, sabe Deus com que aperto de coração, com o magnanimo e desthronado Monarcha... (1)"

Com o sossobro da Monarchia, considerou encerrada a sua trajetoria politica, e, mero espectador, nem sempre conseguiu silenciar diante das experiencias por vezes perigosas com que o novo regime pretendia remodelar a estrutura economica, social, financeira e administrativa do paiz, em cujas instituições enxertou as mais ousadas reformas.

Não obstante responsavel por algumas, que pleiteara com o fervor de catechista, por lhes attribuir á adopção virtudes milagreas, mostrou-se de vel-as acceitas, com enthusiasmo, pelos inexperientes governantes, criminosos, em seu parecer, do feio delicto de desrespeito á autoridade augusta do Imperador.

Em defesa propria, para afastar de si a increpação de monarchista inconvicto, de rotulo apenas, lembrou as campanhas parlamentares em que se empenhara.

"Programma radical, subversivo e demolidor por prégar eu, annos e annos, com tenacidade e profunda convicção, a urgencia inclinavel do povoamento do Brasil pela immigração européa, constituindo na minha patria um centro poderoso, um foco quasi irresistivel, da attracção e sympathia?

Immigração européa, isto é, appropriação das raças superiores do globo e chamamento co-relato dos seus capitães — casamento civil, secularização de cemiterios, liberdade de cultos, grande naturalização, leis Torrens e do "homestead", revogação do vetatorio rescripto prussiano Von der Heydt e dos iniquos contractos de locação de serviços, que tanto mal nos fizeram, parcelamento de grandes fazendas, incessantemente adquiridas pelo Estado...

Ah! esse bello, fecundo, promissor programma!

Quando nelle ainda penso e falo, sinto nas veias um fremito de enthusiasmo, á maneira de leal guerreiro que, fatalmente arre-
dado do combate ouve, longe, longe, o clarim dos esforçados entereveros!"

A saudade dos tempos idos impediu-lhe

todavia de applaudir a decisão dos novos dirigentes, cuja audacia acolheu a maior parte das soluções precorizadas por Taunay, que não podendo combatel-as, increpou-lhes de erronea a maneira de execução.

"Não poucos, entretanto, dos politicos que me consideravam tão pernicioso, mal proclamada a Republica, acceitaram gostosamente as reformas impostas a grandes e successivos decretos dictatorias pelo Governo Provisorio quando eu quizera tel-os obtido da nação pelo esforço da propaganda e influxo da convicção. (2)

Nessa e em outras passagens analogas, eurgia o publicista, lembrado das refregas antigas, de que participára, em prol de principios politicos, economicos, ou sociaes, de acentuado liberalismo, discordante da sua filiação ao partido conservador.

Mas, já era apenas uma voz, que vinha de outro periodo, de que se mostrava saudosso, e defensor cada vez mais intransigente.

Ao tempo em que se multiplicavam as adhesões, até de conceituados conselheiros da monarchia á nova Republica, Taunay conservou-se o mesmo apologista de Pedro II, cujos meritos não cessou de proclamar.

A defesa do Imperador, contra o qual não faltavam invectivas de vario cilibre acolchetou-se naturalmente a accusação ao regime que o exilara.

Sem possuir a mesma vibração pamphle-

1) — V. de Taunay — Homens e Coisas do Imperio — Prefacio de Affonso de Taunay.

2) — V. de Taunay — Homens e Coisas do Imperio — O meu liberalismo.

taria de Eduardo Prado, dos "Fastos de Dictadura republicana", preferiu romancear a allucinação collectiva, que escaldou a fantasia dos promotores e victimas das transacções alimentadas pelas emissões, a grandes jactos, autorizadas pelo Governo Provisorio.

E' o "Encilhamento" mais uma chronica da orgia financeira, que transformou os costumes prudentes, e patriarchaes do segundo reinado em desatinada corrida ao ganho facil, do que propriamente uma obra literaria de ficção.

O enredo sentimental mal se tece para que possam apparecer personagens de caracteristicos diversos, adoidados em torno das explorações bolsistas, que deram fama aquella anormalidade.

Ao influxo de papel, timbrado de moeda, sem garantia alguma real, movimentaram-se artificialmente os industriaes, os incorporadores de companhias, os exploradores da boa fé alheia.

Titulos pomposos encobriam por vezes os mais audazes assaltos á ingenuidade dos clientes, que facilmente se deixavam colher pelas promessas falazes dos prospectos.

Raros deixaram de embarcar na aventura náu, que não tardou em sossobrar, com os haveres dos incautos ainda conservados em seu bojo.

Expectador do alvoroçar de esperanças, com que foi festejado o inicio do encilhamento, e das phases ultteriores, até o desfecho tragico, de desmoroamento dos castelos

maravilhosos alicerçados em frágeis emissões inconversíveis, Taunay quiz experimentar um genero, em que não se exercitara ainda a sua penna.

E compoz o romance *As Cief*, cujos figurantes mal encobriam com os nomes suppositicios as individualidades reaes, que mobilizaram os valores da época, á maneira de habeis prestimanos, capazes de extrahir libras esterlinas de qualquer refugio atirado ao canto como objecto inutil.

Reduzido o trabalho da sua inventiva, substituida pela exacta observação dos homens e successos, em que eram figuras de relevo.

Ahi, exercitava-se a faculdade critica do polemista, á vontade para esmiuçar os vicios e desregramento fomentados pela mudança politica e amplitude extraordinaria de credito, gerada pela inflação do meio circulante.

Que nos conste, ninguém fixou com tamanha fidelidade, como Taunay, os aspectos sinistros daquella formidavel crise de bom senso, em que se improvisavam reputações, com facilidade espantosa.

A prosa romantica de *Innocencia* perdera a sua ingenua expressão, em troca de outro rythmo, de maior opulencia e firmeza de conceitos, mais cabíveis em pamphletos de polemicas. "*Era o encilhamento — especie de redemoinho fatal, de Maclstrom oceanico, abysmo insondavel, vortice de indomita possança e inominavel empuzo a que iam convergir em desastrosa e poderosa carreira, presas, avassalladas, inconscientes no repentino arroubo, as forças vivas do Brasil, representadas por economias quasi seculares e de todo o tempo cautelosas, hesitantes.*"

Dir-se ia um desses pharoes immensos, deslumbrantes, de encontro a cujos vidros inquietos convexos se atiram nas sombras da noite e nos vai-vens da tempestade, grandes e mysteriosas aves do oceano, para logo cahirem malferidas, moribundas, ou sem vida e fulminadas sobre asperos rochedos, na base das torres agigantadas." (3) A imagem synthetizava o perigo do jogo desenfreado, que empolgou os contemporaneos, e os fez desprezar os conselhos dos mais avisados.

A quem poderia, na opinião de Taunay, caber a culpa, senão aos dirigentes, responsaveis pelo desprezo das tradições de segurança nos negocios e seriedade? Por isso o romancista, abrindo mão de personagens, no momento dispensaveis, pormenoriza, com as tintas de polemista.

"Do alto descia, senão bem ás claras o exemplo, pelo menos o incitamento. O governo, na entontecedora ansia de tudo destruir, tudo derribar, mettido nos escombros da demolição, coberto de calça e de poeira, anhelante das glórias da reconstrução no menor prazo, ás carretras, sem demora, olhando pouco para a natureza e probidade dos elementos materiaes de que se ia servindo, visando effeitos immediatos como que esquecido do futuro e do rigor da logica a amontoar promessas de que deviam fatalmente decorrer as mais perigosas consequências, o governo, com a faca e o queijo na mão, promulgava decretos sobre decretos, expedía avisos e mais avisos, concessões de todas as especies, garantias de juros, subvenções, privilegios, favores sem fim, sem conta, sem ne-

3) — V. Taunay — O encilhamento.

zo, sem plano, e dahi, outros tantos contra-choques na bolsa, poderosissima pilha transbordando de electricidade e letal preguiça, madeiras enormes, impregnadas de resina, promptas para chammajem, atiradas á fogueira immensa, colossal.

Pullulavam os bancos de emissão e quasi diariamente se viam na circulação monetaria notas de todos os typos, algumas novinhas, facetas, artisticas, com figuras de boxitas mulheres e symbolos elegantes, outras sarapinhadas ás pressas, emplastradas de largos e noventos borões (4)

O quadro palpita, exuberante de vida, como se o chronista nada mais pretendesse do que pintar a face má das directrizes governativas, que lhe iam contra as predilecções pessoais. Destarte, por innumeradas paginas, enxerta digressões criticas de publicista a quem pouco importaria o destino dos typos sobre os quaes tramou o escasso enredo.

Emmudecera, fóra do Senado, mas a sua penna continuava a sustentar as mesmas preferencias, em diversos ambientes, que lhe estranhavam o apego ás convicções. Temperamento combativo, e ambicioso de gloria, ser-lhe-ia penosa a inacção, quando ainda sentia em si o tumultuar de energias criadoras.

Via, em politica, realizado o programma, pelo qual se batera, mas de modo differente. As artes, porém, e as letras, deparavam-lhe clareiras attrahentes, por onde pudesse enveredar, em fuga das provações contemporaneas. Lembrado das beneficas emoções, que lhe causaram as composições de um caboclo desconhecido — tomou a si o encargo de lembrar-lhe a vida genial, e de tal maneira procedeu que, em breve prazo, ao Instituto de Musica se recolhia o legado musical do esquecido compositor, cujos meritos Leopoldo Miguez proclamou, secundado por Alberto Nepomuceno.

Com o sentimento de artista, que jamais deixaria de ser, e o entusiasmo de paladino das nobres cruzadas, foi Taunay o principal promotor da glorificação de Nunes Garcia, que nelle encontrou o seu mais caloroso biographo.

Alías, constituíram as biographias o genero a que se applicou o talento do escriptor com mais propriedade do que em outro, relativo á philologia, tentado nos ultimos tempos.

Sobremaneira emotivo e sensível ás manifestações de valor alheio, aprazia-se em proclamar-as, á menor oportunidade. Era natural que não esquecesse os ancestraes, modeladores da sua individualidade bizarra a que dedicou grande parte do livro de titulo significativo "*Guaporé e a sua mais illustre victima*".

Às margens do rio lendario, por onde perpassam as sombras do passado colonial de Mato Grosso, ao tempo em que andavam ás testilhas os dois imperialismos peninsulares, sumiu, tragado pelas ondas encapeladas, o apollíneo Adriano, seu tio, com quem teria por ventura assignalada pareença.

Não o conheceu, mas as tradições de familia conservaram-no tão vivo na memoria e estima dos irmãos, que poude Taunay esboçar-lhe o perfil, em mimosa miniatura, transbordante de sympathia.

Apreciador da musica, ao tratar de Nunes Garcia e Carlos Gomes, de pintura, quando se occupa de Adriano, ou dos museus italianos, volve-se ás actividades militares, para relembrar as vidas varonis de Pereira do Lago, seu companheiro da retirada de Laguna, Beaurepaire Rohan, com quem era apparentado, Augusto Leverger, o bretão

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

cuíabanizado, que cedo lhe descobriu a inteligência peregrina, cultivada por educação primorosa, mas lhe estranhava a insopitável vaidade. Eram, neste particular, dois temperamentos oppostos, que, todavia, se harmonizariam pela identidade de sympathia ás idéas elevadas.

Leverger sempre teve em alta estima o official de engenheiros, desde quando lhe recebeu os trabalhos de exploração do Tapary e Rio Negro, cuja valia lhe era dado aquilatar.

Por seu lado, Taunay, admirador dos homens em quem lobrigasse alguma superioridade, como Couty, além dos referidos e outros, não podia esquecer o homem representativo, no segundo Imperio, da Provincia, que tanto lhe influira na formação da personalidade peregrina.

V. Corrêa Filho

Leão Nikolaievitch Tolstoi

(O ESPIRITO RELIGIOSO)

lustregesilo de ATHAYDE

(Para O JORNAL)

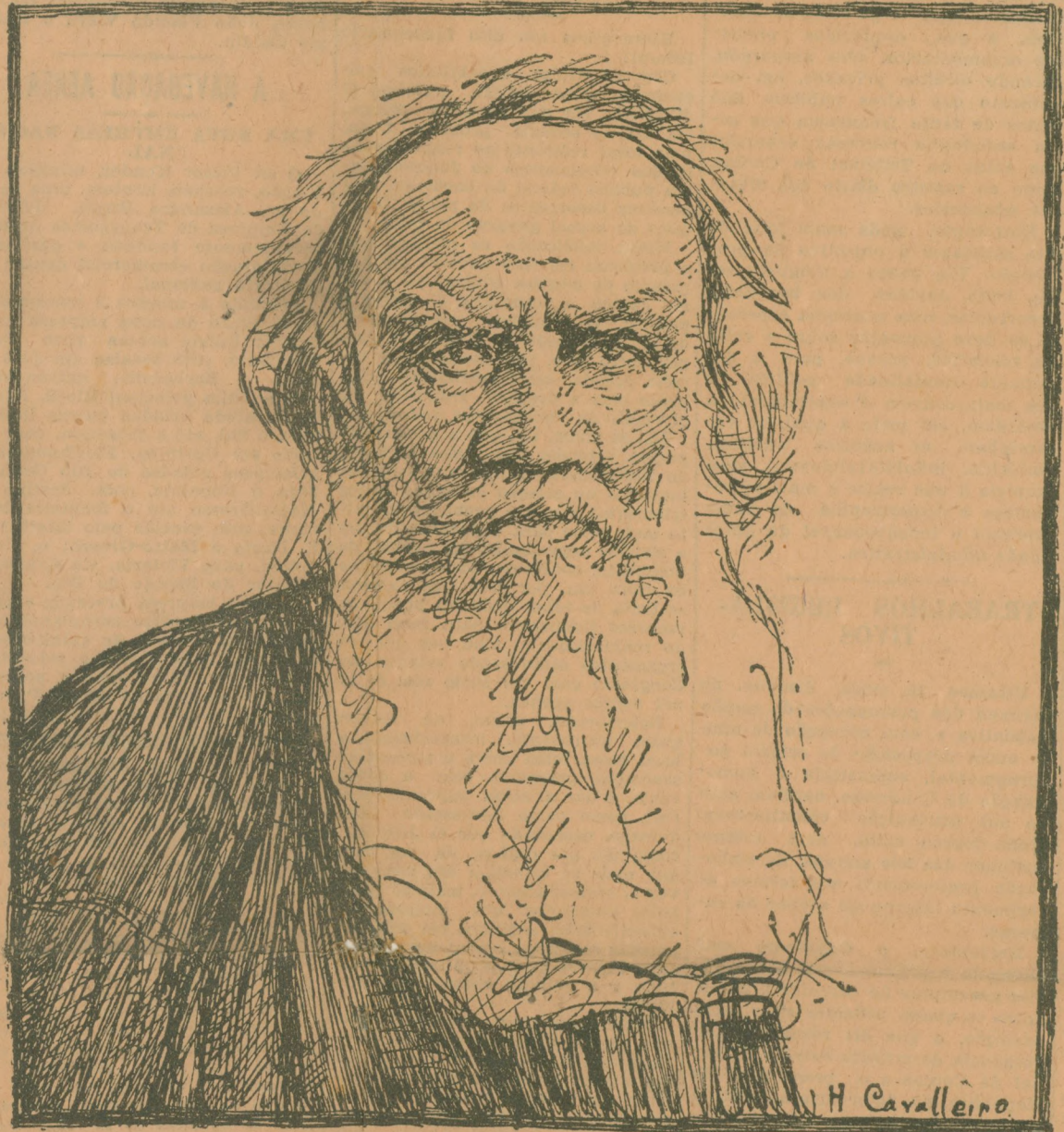
Grandes idealistas russos acalentaram os sonhos da Humanidade, no derradeiro quartel do século dezoito, nenhum, porém, como Tolstoi, soube falar com maior eloquência a linguagem dos simples, que em todos os tempos consegue arrastar as multidões. Elle dava aos humildes o espectáculo de uma vida exaltadamente christã e impressionava as imaginações caracterizando-se com os attributos phisicos dos illuminados. Encarnou o "homem providencial", aquelle que vem ao mundo com a missão do pastor para reconduzir os rebanhos tresmalhados ao redil do bem, aquelle que despreza as vaidades, que annuncia a Justiça, que traz a Verdade no coração desde o dia do nascimento. O seu apostolado exerce-se pela Arte, que só é verdadeira, quando tem por objectivo o aperfeiçoamento moral dos homens. E' de novo a voz do Mystério, que se eleva no Oriente e os accents das suas palavras repetem o Evangelho da renuncia, açoitam com vehemencia os vícios que apodrecem os corações e deixam comprehender a proximidade de uma segunda redempção. Iassnala Poliana era o termo da peregrinação das intelligencias

sequiosas de mysticismo; as almas fatigadas de racionalismo e impledade, nos quatro cantos da terra, voltavam-se para as vozes messianicas: prophetas barbaros e imprescrutaveis como Thomas Carlyle ou grandes declamadores do Liberalismo como Victor Hugo. Os opprimidos, as massas operarias em eternos propósitos de reivindicação de direitos humanos, os desilludidos da grande Revolução, cujos deuses desapareciam com o rumor longinquo das suas catastrophes, os iconoclastas da razão e os insaciáveis da Fé, a turba innumeravel dos soffredores do espirito, que não têm tranquillidade para comprehender que o Mal e o Bem são forças igualmente criadoras e necessarias, formaram a igreja de Tolstoi, elegeram-no mestre, apegaram-se ao artificialismo das suas concepções ethicas como a dogmas de salvação de um mundo em naufragio. E quando em 1910, refugiado num convento, em extrema velhice, a sua alma forte consentia em separar-se da vida para o "undiscovered country", pensou-se que se fechava com a sua sepultura um novo cyclo da revolução christã. Com a sua morte surgiram os interpretes

os explicadores, os apostolos. As grandes transformações sociaes da Russia, advindas com a queda do Imperio, seguida pouco depois pela implantação do "bolchevismo", na opinião de não poucos, attestaram a presença de Tolstoi em acção, as suas doutrinas applicadas na reconstrução moral e politica do povo russo. Nenhum outro ideologista teria, então, em prazo mais curto, conquistado o triumpho das suas ideologias.

ESPIRITO DE CONVICÇÃO

No entanto, o genio de Tolstoi era feito de impetos indomáveis. Travou-se no seu coração, até o ultimo suspiro, um formidavel conflicto de aspirações; paixões brutaes animaram-lhe os dias da mocidade; o caracter fraquejava-lhe, a luxuria e o vicio do jogo, apesar das juras e promessas intimas feitas a Deus com tanta frequencia, commandavam o seu senso moral. Mas sobrenadava-lhe na consciencia a convicção inabalavel da existencia de um Sér Supremo, senhor das recompensas e dos castigos de um outro mundo. Os problemas iniciaes já estavam resolvidos pela fé. A religião ensinara-lhe o principio e o fim das coisas. Não lutou para a consecução



Conde Leon Tolstoi

(Desenho do prof. H. Cavalleiro)

da Verdade. Era senhor della pela graça de Deus. Com essa alma forrada de convicções, Tolstoi estava naturalmente armado para o cumprimento da sua missão apostólica. Para elle "a fé era a força da vida" e as suas respostas á Esphynge da vida "contêm a sabedoria mais profunda da humanidade". Com vinte e cinco annos dá início ao "Jornal Intimo", passa a registrar dia a dia as oscillações do temperamento, annota como um sismographo sensível os movimentos mais subteis da alma na direcção do bem ou do mal. E' inflexível consigo mesmo e entra nos recantos mais obscuros da consciencia, para sur-

prender a bestialidade dos instinctos victoriando sobre os mais fortes desejos de perfeição. Como um seminarista atacado de escrúpulos, escreve o caderno dos progressos e descidas no caminho da virtude, tem crises de arrependimento, escolhe entre os demonios que o arrastam aquelle que deve combater de preferencia; sente levantar-se, a cada momento, deante de si a grande sombra da morte. As resoluções são subitas e inconsistentes. Sómente a fé não se abala. Concebeu animado por ella o horror dos ricos, dos poderosos, dos oppressores, dos que a possuíam como uma "consolação epicurista da vida". Acompanhando o "Jornal Intimo", o analysista como que vê a evolução lenta, mas sempre segura, do seu espirito para a philosophia rudimentar, que lhe deu grandeza entre o povo. Não ha um instante de duvida. Tolstoi não sorria dos homens: condemnava os vícios e fraquezas da carne como um juiz inacessível á piedade do peccador. Mas a vontade não correspondia á fortaleza das convicções, que encorajavam o seu espirito. Toda a pratica da sua existencia é um desmentido das doutrinas que

pregava. Vestindo de "moujik", indo humildemente de pés descalços e bordão em peregrinação a um convento entre mendigos e miseravel gente do povo, ensinando nas escolas dos filhos dos camponeses, dividindo o patrimonio Tolstoi não conseguiu fazer da fé a norma da vida. Havia em tudo o secreto desejo de impressionar. Todo elle era um abysmo de orgulho, de ambições de gloria e de poder sobre os homens para guial-os á felfeidade. Hostilizava a aristocracia, mas não se desfez jamais dos privilegios da familia e só para morrer abandonou Iassnaia Poliana, num gesto inutil de derradeiro exhibicionismo ao mundo, que se voltava para elle como um patriarcha do christianismo restabelecido na pureza das suas origens.

O ARTISTA EDUCADOR

Leão Nicolaeievitch foi um grande artista pelos dons naturaes do espirito, mas a idéa que o conduzia ao labor da obra de arte era sobretudo educadora. Não comprehendia a criação pelo prazer de illuminar a vida com a Belleza; recusava a investigação paciente das almas, se a finalidade não fosse arrastal-as ao Bem; não entendia a obra de arte pura, despida de propositos immediatistas sobre a sociedade a que se destinava. Os seus romances são verdadeiras parobolas, em que se reflectem as tragedias da vida russa, com o fim de corrigir e melhorar o povo.

"Anna Kharenine", "Guerra e Paz", "Sonata de Kreutzer" visam evangelizar e convencer. As suas personagens têm as mesmas visões de Deus, que tantas crises provocaram na vida de Tolstoi. Ha o esforço constante de chamar o homem á reflexão, ao exercicio das virtudes simples, ao convívio do povo soffredor, com a distribuição de premios e castigos aos bons e aos maus. Contudo não era dogmatico. Por alguns annos submetteu-se á pratica da religião nos moldes systematizados da Igreja. Mas isso durou pouco. A insubordinação do temperamento não lhe permitteria aceitar sem protestos uma norma de procedimento estabelecida secularmente para a conquista

da felicidade. Repugnavam-lhe os sacramentos. A intolerancia do clero e a approvação da Igreja á guerra e á pena de morte acabaram por separal-os definitivamente. Tolstoi passou então a adoptar um christianismo individual, baseado no amor do proximo, na igualdade dos homens, no desprezo pelos bens materiaes. Para affirmar o rompimento insophismavel com a Igreja, publicou a "Critica da Theologia Dogmatica", em que a trata de "mentira consciente e interessada", a "Concordancia e Traducção dos Quatro Evangelhos" e o "Em que consiste a minha fé". Pretendeu deduzir das palavras de Christo regras novas para a Humanidade. Não considerava Jesus como Deus. Filiava-o á familia dos grandes sabios que têm doutrinado a humanidade para o bem, desde seculos immemoriaes.

Pertence á linhagem de Budha, de Lao-Tse, de Confucio, Socrates, Platão, Rousseau, Pascal, Kant e Emerson.

Naturalmente o oraculo de Iassnaia Poliana se acreditava o ultimo elo dessa cadeia de mestres da moral revelada. A convicção de ter atingido á Verdade na plenitude, a consciencia do dever de defendel-a, levam-na ao desprezo da sciencia que pretende contrariar-o. O "philosophismo scientifico" erica-lhe a alma. Só admite a razão sentimental e affirma que a principal actividade dessa razão é o Amor: "O amor é a unica actividade razoavel do homem e o estado de alma mais racional e luminoso".

E' a plena ascése. Tolstoi, excomungado pelo Synodo, responde-lhe com uma carta famosa, enunciando as bases da sua fé. Passa a considerar o clero uma casta privilegiada e envolve na mesma accusação os artistas e os scientistas. Todos são supersticiosos, ridiculos e corruptos.

Musicos, pintores, poetas e romancistas apenas trabalham para dividir os homens. Despreza Wagner, não comprehendendo Shakespeare e conde-

mina irremissivelmente toda obra de arte, que não esteja tocada da "verdade" que elle e poucos outros apenas possuiram.

A CRISE FINAL

Os ultimos quinze annos de existencia de Tolstoi assistiram á culminancia da crise religiosa.

O apostolo tem a alma requeimada no amor do povo, investe contra a politica liberal, que é uma forma nova de oppressão, dilata o campo da sua actividade, desbordando francamente para a evangelização revolucionaria.

Essa revolução será feita pela Russia, eleita entre as nações para pioneira da reforma definitiva. Será uma revolução formidavel, mas cujos lineamentos não estão claros nos seus ultimos livros de polemica e combate.

Tolstoi quer destruir o mundo com o cataclysmo de uma Verdade, cuja physionomia se perde na bruma de um anarchismo indefinido. A sua palavra tem um eco retumbante no universo; a sua pregação conclama os revoltados de todos os continentes a dar começo á arrancada suprema contra os bastiões do despotismo religioso, social, moral e scientifico. E' um ataque cerrado aos preconceitos de toda a ordem, aos privilegios, que dividem os homens em classes de senhores e escravos. A sua revolução viria substituir o "christianismo corrompido".

O verdadeiro Christianismo "é a base da igualdade entre os homens e da verdadeira liberdade, á qual aspiram todos os seres dotados de razão".

A Russia entra no periodo amargo do começo do seculo. A revolução social, a guerra japoneza, a derrota e a humilhação internacional abalando os fundamentos do Imperio. Tolstoi chega ao paroxismo messianico. Torna-se pamphletario, mas dorme no fundo do seu espirito, um respeito supersticioso pelas instituições do Estado. Escreve ao Imperador, acon-

selha os chefes do governo. Desatendido, tonitrua ameaças, rebôa no céu convulso da Russia os pregões de uma transformação absoluta. Ouvem-se nas suas phrases homericas as imprecções dos prophetas mosaicos; rolam nos seus amplos periodos os rumores, que annunciam a vizinhança das calamidades inelutaveis.

"Guerra e Revolução", "O Grande Crime" e "O fim do mundo" eram o pão do povo nas mais diferentes latitudes da terra. O apostolo triumphava nos corações simples, impunha-se aos mysticos, iniciando a era da redempção, feita pelo amor, no espirito de Jesus Christo.

A extrema simplicidade dessa conclusão marca o termo de uma grande luta espirital intima que é a essencia da obra literaria e da acção social e politica de Tolstoi.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

LEON TOLSTOI

ASSIM COMO GOETHE, QUE É UMA PROECÇÃO DO RACIONALISMO DO SÉCULO XVIII E CUJO OCCASO SE CONFUNDE COM A ALVORADA ROMÂNTICA E O REPRESENTATIVO DO TYPPO APOLLINICO, TOLSTOI, QUE ATRAVESSA AS GERAÇÕES DO SEU TEMPO PARA DESAPARECER NO INICIO DA PHASE ACTUAL, É O EXPOENTE MAIS CARACTERISTICO DA EXALTAÇÃO DYONISIACA

ARQUIVO

Celeo Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

(Para O JORNAL)

AZEVEDO AMARAL

Nenhuma das figuras de suprema significação no movimento artistico e literario do século XIX é tão discutida como Tolstoy e nenhum outro caso como o seu é realmente tão perturbador pela rica complexidade de forças e de tendencias que se debatiam na integração da mesma personalidade. Apesar da sua longa vida, o grande russo, cujo centenario ora se comemora, comprimiu no breve espaço de uma existência humana, aspectos tão diversos e, por vezes, tão contradictorios de uma mentalidade e de uma sensibilidade altamente desenvolvidas, que a critica, em face desse estranho phenomeno literario e psychologico, fica embaraçada pela vertiginosa precipitação de estado d'alma quasi irreconciliaveis que se deveriam ter dividido por successivas gerações, em vez de se concentrarem no circulo limitado da vida de um unico homem.

UMA VASTA E PERTURBADORA PERSONALIDADE

A obra de Tolstoy apresenta assim aspectos tão variados e mesmo tão oppostos que o julgamento sobre ella pronunciado depende do ponto de vista em que se colloque o analysta. Qualquer tentativa de uma critica global da personalidade de Tolstoy, da sua actuação e da sua influencia na literatura moderna, bem como do effeito da sua orientação sobre os destinos do proprio povo a que pertencia, tem necessariamente de vencer difficuldades tão grandes, que o exito do empreendimento é muito problemático. Um dos signaes mais característicos e, ao mesmo tempo, mais curiosos, da complexidade perturbadora do problema tolstoyano é a irritação que o formidavel escriptor tem provocado em tantos temperamentos artisticos, embora tivesse sido a mais alta expressão do genio criador da arte entre os escriptores do seu tempo. Poucos homens de letras têm na sua carreira formado e destruido como Tolstoy, legiões de entusiastas que acabaram desertando e apedrejando o seu idolo da vespera.

Nessas fluctuações do culto ao lhe foi prestado pelos seus contemporaneos reflecte-se, melhor do que em qualquer traço da sua vida, a celeridade e a impetuosidade irresistivel da capacidade criadora de Tolstoy. O traço mais expressivo do exito da acção criadora é o esquecimento desdenhoso e, mesmo, o repudio, de todas as produções anteriores do espirito. Entre a imaginação que suscita valores novos e esboça formas ineditas e a memoria que registra os vestigios dessa actividade criadora estabelecendo entre as etapas do desenvolvimento espirital o nexo coordenador da personalidade, ha um irreductivel antagonismo. O artista, que é a suprema manifestação humana da acção criadora, na medida da sua potencialidade soffre a incapacidade de manter-se vinculado ás phases anteriores da sua consciencia e não pode, assim, apresentar o quadro de coherencia mental ethica que constitue o ideal da perfeição para o homem commum.

UMA CAPACIDADE CRIADORA TORRENCIAL

Em Tolstoy a tumultuaria aptidão de transformar em novas formas de concretização esthetica as impressões ambientes, chegou a um grão tão excepcional de desenvolvimento, que nem mesmo as mais vivas organizações artisticas e os mais sagazes e flexiveis criticos do seu tempo, conseguiram acompanhar o rythmo do seu rapido deslocamento. A difficuldade de ser comprehendido, que em qualquer phase da historia do pensamento humano o teria collocado em desvantagem perante os seus contemporaneos, assumiu proporções de verdadeira tragedia, porque o destino fizera Tolstoy viver em uma época na qual, a celeridade do progresso material, contrastava com a repugnancia a aceitar mutações precipitadas e profundas dos valores intellectuales. A segunda metade do século XIX, observada agora da perspectiva em que nos achamos collocados, apresenta-se como uma phase de estagnação das aptidões superiores do espirito. Nos homens das gerações que enchem aquellas decadas se desenvolvera a satisfação esterilizante dos que julgam ter descoberto as chaves de todos os segredos. O proprio bem estar sem precedente que a technica scientifica trouxera aos povos civilizados, inspirara o fanatismo supersticioso na omnipotencia da razão e aquella humanidade feliz acreditava que todos os problemas seriam resolvidos e todas as difficuldades eliminadas, pelo simples desdobramento logico das idéas que vinham substituir as divindades antigas.

No meio dessa confiança universal na logica e na evolução continua de toda a ordem phenomenol Tolstoy com as mutações successivas do seu espirito, renovando-se nas periodicas primaveras, em que não floresciam nenhuma das sementes do seu estado anterior de consciencia, tinha forçosamente de dar a impressão penosa de um genio em eterno desequilibrio, de uma força essencialmente negativista, de um iconoclasta que precisava ser cuidadosamente vigiado, afim de que, nas suas crises perigosas, elle não destruisse primores inextinguíveis do patrimonio de belleza da humanidade.

O FIO CONDUCTOR DA PERSONALIDADE DE TOLSTOY

Ha, entretanto, por entre as metamorphoses profundas que se trazem nas successivas attitúdes literarias e philosophicas de Tolstoy um fio conductor que, uma vez apanhado pela critica, permite seguir em trajetoria continua, a fundamental unidade psychologica do gigante moscovita. Não me parece que tenha sido até hoje encontrado melhor distribuição dos tipos espirituales humanos do que nas duas categorías em que Nietzsche dividiu o genio artistico na expressão apollinica e na manifestação dionysiacal. A fascinação pela forma e a ansia da sua expressão no symbolismo geometrico do sonho artistico, oppõe-se a attitudo de arrebatamento e de abandono ao curso delirante do impulso vital.

Na historia intellectual da Europa do século XIX duas figuras personificam melhor do que quaesquer outras as categorías nietzschenianas. Goethe que é uma projecção do racionalismo do século XVIII, cujo occaso se confunde com a alvorada romantica é tão representativo do typpo apollinico, como Tolstoy que atravessa as gerações do seu tempo para desaparecer no inicio da phase actual, é o expoente mais característico da exaltação dionysiacal.

O traço essencial da obra tolstoiana é a fidelidade com que a criação artistica reproduz as reacções do ambiente sobre o espirito do escriptor, sem que este revele a minima preocupação de restringir os quadros da realidade que apprehende ás limitações de formas dictadas por uma preocupação esthetica ou intellectual. Tolstoy não, apenas, como artista mas, nas proprias manifestações da sua ideologia sociologica e ethica, é essencialmente um realista. Entre os artistas de todos os tempos elle occupa um dos primeiros, senão o mais proeminente lugar, entre os realizadores de uma obra de sinceridade, cujo corajoso character affirmativo, chega, por vezes, a assumir aspecto irritante de positiva brutalidade.

A PREPONDERANCIA DO INSTINCTO NA ACTIVIDADE CRIADORA

Os artistas russos e, entre elles, particularmente os escriptores, notabilizam-se por uma preponderancia da intervenção constante do instincto na sua actividade criadora. Esse traço que se estende de um modo geral a todos os homens da raça slava, attinge, talvez, em Tolstoy o seu ponto culminante. Apesar do refinamento espirital que lhe modera a tonalidade de alguns dos mais fortes dos seus quadros, Tolstoy tanto na representação objectiva do meio social, como nas revelações da intimidade psychologica em que a dureza da sua analyse implacavel chega a ser inextinguivel, attinge e, por vezes mesmo ultrapassa, a sinceridade cruel que torna outros escriptores russos tão fascinantes e, ao mesmo tempo, deixa nos seus livros uma impressão penosa e depressiva. Em Tolstoy esse ambiente inspirador de pessimismo que irradia, por exemplo, dos livros de Dostoevski, é neutralizado pela propria energia da vitalidade instinctiva que nelle, irrompe, por entre as situações mais sombrias com a pujança da vegetação primaveril com que abrindo as paginas da "Resurreição", em uma das passagens mais caracteristicas do seu genio peculiar, elle proclama o triumpho das forças da natureza sobrepujando os artificios da civilização.

O MYSTICISMO TOLSTOIANO

O apego á inspiração instinctiva a fidelidade ás impressões da realidade ambiente, a tendencia invariavel a submeter todos os padrones intellectuales e logicos ao criterio dos factos concretos que a experiencia lhe proporciona, parecem-me constituir não, apenas, os factores dominantes no determinismo criativo da obra literaria de Tolstoy, como a chave interpretativa da philosophia social e ethica em que

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

elle pouco a pouco se mergulhou no ultimo quarto de seculo da sua existencia. Tem-se procurado representar a phase final de Tolstoi como uma manifestação de progressivo mysticismo que o teria levado a attitudes extremas de negativismo social em que, mais de um critico, não hesitou em assinalar inequívocos indícios de decadencia.

A diagnose do valor intrinseco das idéas que formam o conjunto da philosophia final de Tolstoi, sae do terreno a que deve ficar adestricta a analyse da psychologia fascinante do seu genio de artista e da sua originalidade de pensador. Collocada a questão neste plano objectivo e positivo, a ideologia do periodo tão discutido da carreira do grande russo, não passa de um desdobramento no terreno sociológico, ethico e religioso das mesmas tendencias que haviam sido as directrizes da phase exclusivamente artistica da sua actividade.

Considerar Tolstoi um mystico envolve a definição exacta da accepção em que o termo é tomado. Aos mysticos, sem duvida, elle se vincula como todos os grandes artistas do seu tipo que têm na propria exuberancia instinctiva o ponto de contacto com as forças sub-conscientes que, no mystico, predominam sobre a acção disciplinadora e limitadora da razão. Mas, enquanto os mysticos geralmente associados aos movimentos religiosos são casos de extremo subjectivismo, em que das proprias reservas intimas da personalidade o individuo tira todos os elementos da ideologia que vae intuitivamente elaborando, Tolstoi é um mystico de categoria diametralmente oposta; é um objectivista que se integra com o ambiente natural e identifica a sua consciencia, não com o sub-consciente como o fazem os mysticos do outro tipo, mas com o conjunto da realidade que o cerca. Na sua doutrina da não-resistencia, em que elle attingiu a supremo radicalismo do paradoxo sociológico, exprimiu Tolstoi pela forma mais completa essa rendição integral da personalidade a acção das forças ambientes na preferencia de uma identificação com a vida commum á affirmação da existencia pessoal. Entre a não-resistencia tolstoyana e o conceito do renunciamiento asiatico, ha evidentemente pontos de contacto que justificam a opinião dos criticos, que qualificam o pensador russo como um expoente occidental do buddhismo.

Comtudo, ha entre a philosophia da grande religião hindostanica e a doutrina do apostolo dos mujiks, um traço differencial que as separa em categorias nitidamente divergentes.

O buddhismo assume, em face da vida, uma attitude pessimista e logica, preconizando a libertação do soffrimento, considerado como inherente a existencia pessoal, pelo abandono da acção e pelo renunciamiento da individualidade na quietação progressiva das paixões e da actividade. Tolstoi aceita o methodo asiatico, mas impõe a sua philosophia finalidade diferente. A vida não se lhe afigura como essencialmente má e, longe disso, elle acredita na possibilidade da sua perfeição immediata, desde que sejam eliminadas as influencias perturbadoras da civilização a que attribue a corrupção dos homens pela perversão dos instinctos e pelo proprio desvirtuamento das condições naturaes do ambiente physico. Além disso, Tolstoi não é um collectivista na accepção asiatica desse conceito, tal qual elle é hoje adoptado como base politica e social da organização do Estado bolchevista. O individuo representa no pensamento tolstoyano o elemento irreductivel a cujos interesses e finalidades deve servir o ro-

gimen de organização da sociedade.

O seu communismo agrario é apenas, uma questão de ordem pratica em que se reflecte a influencia das condições peculiares da vida rural russa. Mais alto do que esse aspecto da sua ideologia social está a sua doutrina basica da não-resistencia que é, em ultima analyse, o desenvolvimento paradoxal do conceito individualista ao extremo absurdo, sob a forma apparente do renunciamiento da unidade ao todo.

TOLSTOI E A REVOLUÇÃO RUSSA

Um dos problemas mais curiosos a investigar nesta passagem do centenário de Tolstoi, é a determinação da influencia que a sua obra e, sobretudo, o apostolado que, durante mais de vinte annos, elle exerceu entre as massas rurais russas, poderiam ter tido sobre a marcha dos acontecimentos que criaram a actual situação politica, social e economica do antigo imperio dos tzares. Por certo, a obra tolstoyana não foi um factor constructivo do presente regimen russo. As considerações que acima tracei, parecem-me bastar para tornar bem claro que entre o idealismo individualista de Tolstoi e o rígido systema do néo-marxianismo communista da organização sovietica, ha o mesmo e, talvez, ainda maior antagonismo do que entre a doutrina do solitario de Ysnala-Polkana e as instituições politicas e religiosas da autocracia que elle enfrentou. Mas, se Tolstoi não coooperou com elementos positivos para a realização revolucionaria, a influencia dissolvente do seu negativismo politico e social contribuiu de modo decisivo para facilitar a victoria do bolchevismo.

Tolstoy não teve actuação apreciavel sobre a mentalidade das massas proletarias das cidades russas e apenas uma muito insignificante minoria das classes intellectuaes do seu paiz aceitou a sua orientação doutrinar. Differentemente, foi, entretanto, a influencia das suas idéas sobre as populações rurais que, mesmo quando não lhes pudessem assimilar a essencia do pensamento philosophico, sentiam que nellas reappareciam sob uma forma attrahente os seus instinctos, as suas aspirações intimas e o vago idealismo dormente no sub-consciente do seu legado atavico. A doutrina da não-resistencia e o preconio do communismo agrario que correspondia as tradições do "mir" slavo, criaram nas populações rurais da Russia o novo estado de espirito em relação a autocracia, ao mesmo tempo que levavam ao exercito com as novas turmas dos camponeses conscriptos, tendencias pacifistas que foram permeando as fileiras e acabaram por produzir o epilogo dramatico da impotencia militar do tzarismo.

Tolstoi anecdótico e pittoresco

Agrippino GRIECO

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

(Para O JORNAL)

A' ultima hora, pedem-me um artigo sobre o centenario do nascimento de Tolstoi. E é bom que seja á ultima hora. Porque, em se tratando de homens como o escriptor de Tuula, não ha meio termo: ou se elaboram lentamente dois grossos volumes, ou se rabiscam ás pressas duas columnas de jornal. E sempre é mais agradável, para o critico e tambem para o leitor, ficar nas duas columnas... Nas duas columnas que ahí vão.

ENTRE O GENIO E O CHARLATANISMO

O Tolstoi escriptor? Não. Como tornar a percorrer, assim em menos de vinte e quatro horas, as obras essenciaes do mestre slavo: "A guerra e a paz", "Anna Karenine", "A sonata de Kreutzer", "Resurreição"? Existe, naturalmente, n' sacco de reminiscencias das velhas leituras, muita coisa a aproveitar... Mas seria fragmentario, inconcluso e pouco adeantaria.

Bem melhor é lembrar o Tolstoi anecdótico e pittoresco, o Tolstoi das attitudes de pope leigo, o grande velho, o ultimo da raça dos apostolos verbalistas, o neto de Rousseau que, durante mais de trinta annos, extincta a sonora voz de Hugo, tanto preocupou o mundo.

Aliás, sempre com uma boa publicidade que não tiveram Ibsen e Ruskin, outras duas bellas cabeças barbaçadas, — publicidade explicavel no prazer com que o patriarcha de Iasnaia-Poliana, o Platão-mujik acolhia os reporteres á Bourdon que fossem entrevistá-lo, não mostrando nenhuma rebeldia á objectiva dos photographos. Manteve elle tambem ao seu lado uma senhora, Anna Seuron, que, de resto, se constituiu a memorialista ironica de cinco annos de vida do romancista, sem as lisonjas da testemunha, de saias que nos fizera ver, decennios antes, o Victor Hugo intimo.

Com a barba asymetrica, as sobrelhas em espinheiro bravo, o nariz achatado de tartaro e a blusa q' não deixava de ser um plágio da tunica de Christo, esse escriptor de genio, em quem sempre persistiu muito de didactico, de conselheiro, parece ter pendido do apostolado messianico para uma involuntaria charlatanice de cabotino algo escandaloso, descendo mesmo a confissões ingenuamente cynicas, que recordam as de Jean-Jacques, um dos seus modelos, desde os tempos de adolescente, quando lhe trazia o retrato numa medalhinha de ouro, de encontro ao peito.

Se, em escolas nocturnas, lecionava a camponios e filhos de camponios pobres, se conduzia a charúa e ceifava o trigo de lavradores enfermos, se organizava refeitorios para mendigos famelicos, se contava apologos ás mulheres, com o gosto bem oriental da parabola, — esteve longe de nutrir-se, como o propheta biblico, de detritos bovinos ou de passar, como o annunciador de Christo, a gafanhotos e mel sylvestre. Comia bem e, mádo as suas prédicas de vegetariano, foi um dia encontrado a roer uma costeletta de porco debaixo da escada. Não obstante os conselhos de temperança em que fazia prever os partidarios da lei secca, não dispensava um pouco de vinho nas refeições, pretextando obedecer á prescrição medica. Atacava o tabagismo, mas a criada, todas as manhãs, era obrigada a remover com a vassoura, do seu gabinete de trabalho, muitas pontas de cigarro.

Assim, o seu gosto da publicida-

de não deixou de compromettel-o, porque, penetrando-lhe na casa de campo, os jornalistas achavam indícios de conforto que nada tinham a ver com a sobriedade dos primeiros catechumenos christãos.

Em que pese aos furores igualitarios do polemista religioso, esse conde, de uma velha estirpe de guerreiros e senhores ruraes, trazia

— dizem — uma cariciosa camisa de secca sob a blusa de algodão grosseiro. O artista sensual repon-tava no pretenso Esposo da Pobreza e a palma de martyrio acabava em corbelha d' frutos.

Redigindo i-recos para collegiaes primarios ou folhetos de propaganda moral, dava idéa de um Polyphemo batendo, desageitadamente, omelettes. Improvisandose sapateiro, presentava os cam-ponezes com botinas detestaveis, que estes lhe devolviam resmungando e aconselhando-o a regressar á litteratura.

Dividiu rumorosamente a fortuna pelos farrroupilhas da região; reteve, todavia, a melhor parte para a respectiva prole, mediante allegação de não poder forçar os parentes a referendarem o seu philanthropismo.

O QUINTO EVANGELISTA

Isto lá pelas alturas de 1882, quando uma visita ao asylo de Lapinsk lhe deu o golpe de graça, levando-o a sonhar o communismo evangelico, com aquella frenetica exaltação da alma slava, bem asiatica e quasi sempre desconcertante para a maioria dos occidentaes. Foi como se descobrisse Christo, depois — segundo ensinou — de dezenove centurias de falso christianismo, christianismo ritual e sem caridade, e gabou-se dessa descoberta, não sem alguma valdade litteraria.

Mas o caso é que elle, tão devasso em mogo, no periodo em que, envergando a farda de soldado de Sebastopol, amava as orgias sybariticas que o levaram ás portas da tuberculose (não eram raros os casos de tísica na sua familia e um seu irmão pereceu entre horribes hemoptyses), veiu a transmutar-se em mestre de virtude, renegando seus livres passados, por attentatorios á dignidade christã, e abrindo mão dos direitos autores, por julgar, prouidhonescamente, a propriedade um roubo.

Podendo continuar a série de maravilhas iniciada em seu romance épico (haue quem enxergasse nelle um dos maiores épicos do seculo), entrou a dispersar-se em pamphletos contra o militarismo, o patriotismo, a má educação domestica e os abusos da união sexual. O ficcionista que descreveu como ninguem a guerra, a tempestade e a morte, o descriptivo das grandes massas, bem superior como artista plastico ao theorista abstracto, começou a investir contra o Santo Synodo, do que lhe resultou a excommunhão e que um celebre thaumaturgo o classificasse de filho do Diabo, de producto bestial que só abria os labios para blasphemar contra os Evangelhos.

Arbitro da paz em sua aldeia, o ex-gozador da corte moscovita, o ex-jogador e femeieiro tornou-se, como o Gogol dos ultimos annos, mystico, e todas as extravagancias do visionarismo russo começaram a reflectir-se nesse espelho de augmento, tantas vezes espelho deformador.

O utopista que era contra a barbaria scientifica, vindo, em nossa civilização, apenas Gengiskhan com telegrapho, seria, aliás, in-offensivo, dada a sua theoria de não resistencia ao mal, hoje reposta

em circulação por Gandhi, e, apesar dos seus ataques á cobrança de impostos, nunca o Czar o mandou para a Siberia, ao contrario do pobre Dostoiewsky, obrigado a uma penosa estadia na chamada casa dos mortos.

UMA NOVA RELIGIÃO

Preocupado com as causas finaeas, com a pesquisa do Absoluto, soffregio de saber o que é a vida, o que é a morte, sempre com um grande consumo de pontos de interrogação, Tolstoi não ia sem contraditar-se, vestindo o seu raciocinio de um tecido de incoherencias sendo bem o Paradoxo apostolico e mostrando-se, não raro, mais complicado que esse complicado Sten-

dhal que lhe ensinou a pintura das batalhas.

Tolstoi é bom; máo é o tolstoismo. Máo é que elle, resistindo ao bom senso da esposa, dessa Sophia Andreievna que tanto o intimidava, fundasse uma religião, despovoando o altar para metter-se lá em cima, entre os tocheiros.

Falava muito em alegria de viver, mas, no fundo, variava das suas conclusões redundam num certo buddhismo pessimista que o põe entre o nihilismo philosophico de Schopenhauer e a desolação lyrica do Leopardi que proclamava a infinita vaidade de tudo.

Muito interessado na melhoria da raça dos porcos brancos (a aristocracia suínica enlevava esse gentilhomen que desejava parecer plebeu), teria sido Tolstoi um dilettante da prégacao evangelica, preferindo certo succo vermelho á cicuta do Socrates...

O MORALISTA E O ARTISTA

Vacillando entre o puritanismo dos cabeças-redondas da Escocsia e a voluptuosidade esthetica dos homens do Mediterraneo, o evocador de Napoleão foi, como philosopho, de uma pobreza que confiava com a indigencia, mas, como artista do Verbo, máo grado o seu horror á arte pela arte, ás prosas de Flaubert e aos versos de Baudelaire, fica entre os grandes fixadores de almas do seculo, ao lado de Balzac, Dostoiewsky, Traceray e Meredith.

Fazia sorrir nos instantes em que, á maneira de soldado do Exército da Salvação, defendia os Doukhorbors e a tribu refractaria dos "Ebedores do leite". No omtanto, ao descrever o incendio de Moscou, o degelo do Neva, a missa de Natal, o processo de Maslowa, o desfile do prisioneiros siberianos, falou bem alto para todas as criaturas, com uma voz que não se calará tão cedo.

Ruim professor de ethica, era exactamente aquillo que mais detestava: um homem de letras. Crendo-se espiritualista, foi, a rigor, um simples pantheista, dos que sonham dissolver-se no seio do Kosmos. Sabendo falar ás crianças e ás mulheres, escreveu especialmente para os homens, se bem que a estes encante de preferencia quando fala das crianças e das mulheres.

Na "Sonata de Kreutzer" prégou a abstinencia carnal entre os conjuges, isto quando já velho e pae de doze filhos, quasi desejando o desapparecimento da especie pela renunha á geração e chegando a parecer pornographico na sua honesta obsessão dos contactos carnaes.

CONTRA A SCIENCIA E A ARTE

Revolucionario verbal, sempre rico em explosivos de tintelro, Tolstoi execrava as estradas de ferro, a electricidade, a telephonia e os raios X, denunciando um senso critico ainda mais obtuso na occasião, em que, após investir contra a sciencia (mesmo contra a sciencia applicada, elle que se cria um utilitarista), investiu contra a arte, evidenciando ser o grande criador um julgador deploravel e que nelle imaginação e logica não caminhavam paralelas.

Esse Savonarola de gabinete, re-passando pela moenda o bagaço de Guyau, Proudhon e Ruskin, doutrina-dores absorvidos com a destina-ção social da arte e com a sua fi-

nalidade de aperfeiçoamento inte-rior, desandou a rugir que todo quadro ou estatua que não encerre sentimentos altruísticos é nefasto. Condenhava assim o individualis-mo da Renascença e a arte desinte-ressada dos gregos, com fúrias de terrorista da esthetica, capaz de preferir a "Salammbô" a "Cabana do Pae Thomaz", porque philanthro-pica, e de achar que um decorador de templos e palacios florentinos vale menos que o constructor de um sanatorio. Cossaco da critica, Tolstoi rotulava Miguel Angelo de absurdo, taxava Shakespeare de parvalhão e não comprehendia que se pudesse tratar seriamente de Wagner e Berlioz.

Ruminando velhos conceitos de Hugo contra o direito de punir e traspassando á sociedade a respon-sabilidade dos crimes, extraviou-se em digressões superfluamente uti-litaristas, ao invés de compôr ma-uma meia dúzia de obras primas, onde retratos e scenas maravilho-sas, mesmo sem symetria classica explorassem, em mil personagens, a personagem sempre nova e estra-nha que é a Russia.

BALANÇO FINAL

Ah! se, ao invés de realizar pere-grinações a pé aos conventos, de bastão e sacco ás costas, o typo sin-gular que poz o Sermão da Monta-nha na steppe seguisse o conselho de Turgueneff e só fizesse roman-cas! Se elle pudesse ouvir o Flau-berth que, em 1877, lendo-o por in-termedio do mesmo Turgueneff o achava prodigioso como pintor e psychologo, com coisas só compa-raveis a Shakespeare, achando-o, porém, detestavel quando se punha a philosophar!

O propheta bem accommodad: que procurou fazer de Iasnaia-Po-liana uma Guernesey em terra firme e era um solitario de Port-Ro-yal sem jejuns e cilícios, andava á caça do Bem, mas só nos interessa quando, a procurar o Bem, acha talvez sem querer, o Bello.

Elle, que projectava um christia-nismo com mais Tolstoi que Christo e invejava os edenicolas, refa-zendo mal o Padre Nosso, só nos fascina, dezoito annos depois da sua morte, graças a obras qual "A guerra e a paz", que, apesar das mil e quinhentas paginas, finos de-gustadores de livros como Maucclair confessam ter lido cinco ou sei-vezes.

George Sand, uma das padroe-ras moraes do novellista de "Ka-tia", estará meio eclipsada, mas esta pequena novella, continua a provar quanto o prisioneiro de inu-tels ideologias dominava em chelo, nos seus bons momentos, o acto feliz da criação intellectual.

Tanto melhor quanto mais obje-ctivo e menos symbolico, mais hu-mano e menos escravizado a arche-typos de casta ideaes, Leão Tolstoi, insupportavel como sermonista se-cu-batina, tem a eternidade assegura-da, em quatro ou cinco romances que já agora se incorporaram para sempre á vida dos espiritos.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Oliveira Viana, mestre injustiçado

1. João de S. Paulo. 18-VI-1983

ERNANI SILVA BRUNO

Poucos intelectuais terão contribuído tanto para o desenvolvimento dos chamados "estudos brasileiros" — o que passou a ocorrer aproximadamente a partir de 1930 — quanto esse fluminense de Saquarema cujo centenário de nascimento transcorre nesta segunda-feira: Francisco José de Oliveira Viana.

Antes da publicação de seus livros, apenas Silvio Romero e Fausto Cardoso — além de Euclides da Cunha em uma das partes de "Os Sertões" — haviam tentado algo que se pudesse definir como "estudos sociais" aplicados à realidade brasileira. A partir de seu primeiro livro, "Populações Meridionais do Brasil", publicado em 1920 pela editora de Monteiro Lobato, foi muito além daqueles pioneiros e se tornou quase um modelo e uma inspiração para os pesquisadores que vieram depois.

Ratificando a tese de Alberto Torres, que na década anterior denunciara a inadequação das instituições políticas às condições sociais do Brasil, Oliveira Viana foi além, discutindo as condições e suas raízes históricas, tarefa para a qual estava equipado por seus conhecimentos de antropogeografia, sociologia e psicologia social.

E bem conhecida também sua crítica à historiografia tradicional, embora lhe reconhecesse os méritos. Nas obras dos nossos antigos historiadores — escreveu —, não aparecia, senão furtivamente, o povo,

a massa humana "sobre que atuavam os criadores aparentes da história — vice-reis, governadores-gerais, tenentes-gerais, funcionários de gradação diretamente despachados da Metrópole". Procurou corrigir essa visão histórica, notadamente em "Populações Meridionais do Brasil" e em "Evolução do Povo Brasileiro" (1924), e sua contribuição significou um passo à frente.

Mas talvez ele próprio não tenha chegado ao desdobramento final de suas premissas. Incorporou aos "criadores da História", ao lado dos governadores e vice-reis, apenas os bandeirantes, os donos de terras, os chefes de clãs. O povo continuou marginalizado. Tanto que, ao se referir aos potentados rurais de São Paulo — notadamente aos que se fizeram sertanistas —, referiu-se, em um de seus livros, às "fortes e sóbrias virtudes dos nossos antepassados, caçadores de índios..." Para uma historiografia que ele pretendia não elitista, os "índios caçados" e não apenas os "caçadores de índios" deveriam também ser vistos como agentes da história e como "nossos antepassados". O descendente de um bugre apesado pelas bandeiras do século 16 é tão paulista de 400 anos quanto um herdeiro daquelas famílias reinóis que aqui aportaram com Martin Afonso de Sousa...

Na verdade, o preconceito de cor e a crença na superioridade da raça branca e na necessidade de arianização do Brasil comprometeram, em certa medida, o notável esforço de pesquisa do escritor fluminense. Nada mais subjetivo — em um in-

telectual que foi considerado um mestre do realismo e da objetividade — que aquele seu ponto de vista de que o nosso tipo étnico era oriundo "do cruzamento do ariano com duas raças feias"...

Na segunda edição de "Evolução do Povo Brasileiro", o escritor confessou que estudos posteriores modificaram a fundo suas idéias sobre problemas de etnologia. E diante das críticas de Afonso de E. Taunay e de Ellis Júnior a propósito da presença do elemento dólico-loiro na aristocracia das bandeiras, observou que essa havia sido apenas uma conjectura e não uma afirmação definitiva. Seu livro tinha outros objetivos e foi surpresa para ele acabar sendo visto como autor que escreveu uma obra volumosa para defender, no Brasil, a tese da superioridade da raça germânica.

Mas, com todas as restrições que lhes foram feitas, "Populações Meridionais" e "Evolução do Povo Brasileiro" constituem, sem qualquer dúvida, dois monumentos bibliográficos da sócio-história brasileira.

Até pelas altas e indiscutíveis virtudes de Oliveira Viana como escritor, no mais rigoroso sentido dessa palavra. Dispunha daquele talento que não resulta de cursos universitários e de pós-graduações.

E o fato de estarem hoje suas obras um tanto esquecidas ou marginalizadas corresponde apenas a uma constatação, a mais, da precariedade da memória literária e historiográfica no Brasil.

Sermões de padre Vieira

Sua análise das obras do padre jesuíta português está reunida no livro *Teatro do Sacramento*, co-edição USP/Unicamp

M ALESSANDRO SOARES

Mais do que teológico, o prazer da leitura de *Sermões*, do padre jesuíta português Antonio Vieira, é literário. Seus famosos 206 sermões eram alegorias dos sacramentos católicos, convertidos em discursos sobre a modernização da relação Estado-Igreja Católica diante da Reforma Protestante. O projeto era da Companhia de Jesus e nele, o Estado Moderno não viveria sob influência da Santa Sé. Nesse quadro, o pesquisador Antonio Alcir Bernárdez Pécora formulou sua tese de doutorado *Teatro do Sacramento*, uma análise do discurso dos sermões do padre Vieira que agora é lançado em livro numa co-edição Unicamp/USP.

Esta tese começou a ser elaborada em 1980, foi defendida na USP em 1991 e considerada a melhor do ano, com o prêmio Abraliv-Vitae. Pécora é professor de Teoria Literária da Unicamp e coordenador do Centro de Documentação Alexandre Eulálio.

Pécora relê os sermões, estabelecendo relações numa perspectiva de unidade teológica-retórica-política (assim mesmo, com hífen). "No século 17, havia um enorme esforço em conciliar o humano com o divino. Chamei de *Teatro do Sacramento* a exposição multiplicada de gestos e palavras daquilo que se esconde na matéria, onde se manifesta o divino. Acontecimentos políticos, por exemplo". O texto de Vieira, segundo Pécora, associa o bom governo à observação dos determinantes morais. "Por isso, ele não pode ser considerado um autor maquiavélico, ao contrário".

Para Pécora, o texto do padre Vieira não tem o mesmo impac-

to dos modernistas, a grande preferência entre os estudiosos de linguística. "Vieira mantém uma linha de pensamento constante, mas cada sermão tem uma variedade sintática espantosa. As alegorias explicativas a partir dos sacramentos são perfeitas e não se repetem. A língua portuguesa não é a mesma depois do padre Vieira. Ele é considerado um dos nomes mais importantes ao lado de Luís de Camões e Fernando Pessoa, e um dos maiores oradores do século 17. Foi convidado a ser o pregador do Papa".

Alcir Pécora não tem interesse religioso pelos jesuítas e sua tese não é uma obra de introdu-

Reprodução



Capa de *Teatro do Sacramento*

ção. "Tenho um interesse cultural pelo século 17 e um gosto passional pelo texto de Vieira, um dos maiores artistas da língua portuguesa. *Teatro do Sacramento* é um estudo de questões nucleares da obra de Vieira".

Vieira pregou seus sermões no momento histórico em que a Igreja Católica contra-atacava a Reforma Protes-

tante. A Companhia de Jesus foi criada para minimizar o impacto desse cisma religioso. A ação internacional jesuíta nessa época visava efetivar um "império" baseado em Estados cristãos. Seria o 5º Império, depois de assírios, persas, gregos e romanos. "Vieira estava imbuído nesse projeto, que hoje não tem nenhum interesse para o nosso século". A obra de Vieira reserva um interesse estético pela língua portuguesa e pelo pensamento colonial do século 17. Mas dá para encontrar algumas analogias que servem ao Brasil contemporâneo, como corrupção de ministros e burocracia.

Teatro do Sacramento - Ed. da Unicamp e Edusp, 288 pág., R\$ 29,90, na Livraria Pontes

O padre Vieira foi uma das figuras mais ilustres do século 17; seus famosos sermões somam um total de 206

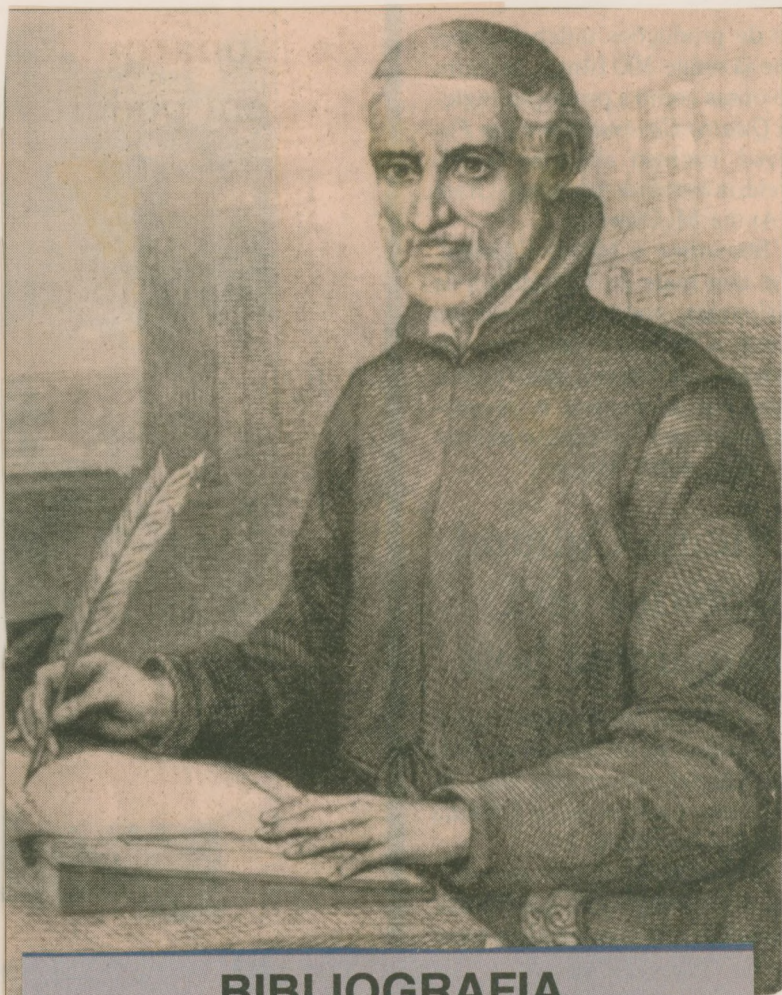
Jesuíta nasceu em Portugal

O padre Antônio Vieira foi um jesuíta português que passou metade de sua vida no Brasil. Pregador missionário e diplomata, sua inteligência globalizante e participação nos assuntos de Estado fizeram dele uma das principais figuras intelectuais luso-brasileiras no século 17.

Vieira nasceu em Lisboa em 6 de fevereiro de 1608 e veio para o Brasil com 6 anos de idade. Seu pai era funcionário da administração colonial na Bahia. Ingressou na Companhia de Jesus em 1623, foi ordenado sacerdote em 1624 e formou-se jesuíta em 1626. Seu primeiro êxito como pregador foi o sermão festejando a vitória contra Maurício de Nassau, obrigado a se retirar de Pernambuco em 1638 após 40 dias de cerco.

A Restauração (volta do domínio português sobre o trono luso ocupado pela Espanha) levou-o a Portugal, com a estima de D. João IV. Vieira atuou como diplomata, posto fixo com papel decisivo na reabilitação de cristãos-novos (ex-judeus portugueses convertidos). Suas idéias de misturar dinheiro católico ao judeu e a tentativa frustrada de conciliar Portugal e Holanda sacrificando Pernambuco geraram forte oposição.

Em 1653, iniciou intensa atividade missionária nas selvas amazônicas, catequizando índios e pleiteando contra sua escravidão. A morte de D. João IV favoreceu sua condenação como herege pelo Santo Ofício (1665-67). Anistiado, fracassou no empenho de criar uma companhia comercial com capital cristão-novo, para favorecer os jesuítas no Oriente. Voltou para o Brasil em 1681, onde se dedicou à revisão e publicação de seus sermões. Faleceu na Bahia, em 18 de setembro de 1697. (AS)



BIBLIOGRAFIA

OBRAS DE VIEIRA

- Sermões*, 24 volumes. Editora da Américas, São Paulo, 1957-59
- Sermões*, 16 volumes. Editora Anchieta, São Paulo, 1943-45 (edição fac-similada da Editio Princeps, Lisboa, 1679-1745)
- História do Futuro*, atualizada por M.L. Carvalhão Buescu, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1982
- Cartas*, coordenadas e anotadas por J. Lúcio de Azevedo, Imprensa da Universidade, Coimbra, três volumes, 1925-28
- Voz Sagrada, Política, Rhetorica e Metrica ou Suplemento às vozes Saudosas da Eloquencia do Espírito do Zelo e Eminente Sabedoria do Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus Pregador de sua Magestade e Principe dos Oradores.* Organizado por André de Barros, S. J. Lisboa, Off. de Francisco Luiz Ameno 1748

OBRAS SOBRE VIEIRA

- História de Antonio Vieira*, João Lúcio de Azevedo, dois volumes, Editora Lisboa, clássica 1931
- Arte de Morrer*, Alcir Pécora, Editora Nova Alexandria
- Escritos Históricos e Políticos do Padre Vieira*, Alcir Pécora, Editora Martins Fontes (no prelo)
- Os Sermões de Vieira* (coletânea), de Jamil Almansur Haddad, São Paulo, Melhoramentos, 1963
- Vida do Padre Antonio Vieira*, João Francisco Lisboa, Jackson, São Paulo, 1952